

A NATUREZA DOS SONHOS



Prefácio

(Tradução: Amadeu António)

Ambres esteve connosco durante mais de quarenta anos, mediado por Sture Johansson. Agora Ambres deixou-nos para nunca mais regressar. Este livro surgiu por insistência de Ambres e foi por ele aprovado. A sua mediação permanece viva. O objetivo da mediação de Ambres é elevar o ser humano a uma nova consciência, a uma nova compreensão e transformar a personalidade que foi criada através da impressão e do atrito da vida.

Ambres diz: A vida é um sonho, o vosso sonho de vida! A Natureza do Sonhar não trata apenas de interpretar sonhos noturnos. Não trata apenas de interpretar sonhos diurnos. A Natureza do Sonhar é a vossa visão clara de quem realmente são.

A mediação de Ambres parte do ensinamento esotérico e contém várias partes. Ambres deu-nos, entre outras coisas, as Bases Esotéricas, a Terapia do Fluxo dos Chakras, a Visão Interior e a Natureza do Sonhar. Ambres considera a Natureza do Sonhar o “saco” que contém toda a mediação.

A Fundação Nya Ram foi criada para preservar a mediação de Ambres e permitir que as pessoas tenham acesso a ela. No site da fundação, www.nyaramstiftelsen.se, há mais informações sobre as várias partes do ensinamento esotérico, bem como contactos, cursos, filmes, literatura, etc. A Natureza do Sonhar concentra-se nos conceitos fundamentais da Natureza do Sonhar, não em como interpretar os diferentes tipos de sonhos.

O livro pode ser vantajosamente combinado com Encontro com Ambres, escrito por Sture Johansson. Todo o texto deste livro consiste em citações diretas transcritas de sessões de ensino gravadas com Ambres. Foi feita uma edição gramatical mínima. O texto manteve a forma de linguagem falada para preservar a autenticidade da maneira como Ambres se expressa. Assim, temos acesso ao tom especial e ao modo

único de ensinar de Ambres, muitas vezes em diálogo com os participantes.

Ambres diz: Não devem acreditar no que eu digo, mas testar o que eu digo. Se sentirem que vale a pena seguir, acompanhem-me um pouco, mas nunca se comprometam a vossa liberdade comigo, mantenham a vossa liberdade pessoal. Tenham as vossas opiniões pessoais. Não permitam que eu vos transforme em lacaios! Devem manter a vossa personalidade intacta. Devem ser livres! Não devem ter medo. Posso indicar diferentes caminhos, mas são vocês que os devem percorrer. São vocês que os devem testar. Se descobrirem que não vale a pena percorrê-los, assim deixem-me, porque haverá outro mestre à vossa espera.

Se eu não dissesse isto, seria totalmente inadequado como mestre. Se eu dissesse que este é o único caminho verdadeiro, fujam com todas as pernas que têm, porque nesse caso eu seria um charlatão! Seja quem for que diga: «Este é o único caminho verdadeiro», é um charlatão que encontraram no caminho! Alguém que procura poder através dos seus discípulos. Sejam livres e respeitemo-nos mutuamente. Caminhemos um pouco juntos! O que é a Natureza do Sonhar? Vamos falar da Natureza do Sonhar. O que é afinal? A Natureza do Sonhar não trata apenas de interpretar sonhos noturnos. Não trata apenas de interpretar sonhos diurnos: A Natureza do Sonhar é a tua visão clara de quem realmente és!

A Natureza do Sonhar trata de encontrar uma parte completamente diferente do ser humano. Uma calma completamente diferente, uma existência completamente diferente – na qual um dia existiram. Os seres humanos são criados. Os seres humanos são moldados. Vocês são moldados no mundo de Maya. Uma vida é um sonho! A vida é um sonho, o vosso sonho de vida. O sonho de vida pode dividir-se em sonho noturno e sonho diurno. Toda a vossa vida é um tear de sonhos. Caminham como se numa tapeçaria de sonhos que teceram. A tapeçaria tem três campos, três teares de sonhos. Têm um sonhar subjetivo.

Têm um sonhar coletivo e têm um sonhar universal. Um mundo de sonho! Sonhos diurnos, sonhos noturnos – a vossa vida é uma tecelagem fantástica que veem. A própria vida é um sonho! Na filosofia esotérica

chama-se-lhe o mundo de Maya, o mundo da ilusão. Um mundo cheio de ódio, guerra, pobreza, fome, epidemias de todos os tipos é um sonho! — toda Os seres humanos sonham com riquezas, com felicidade, com tornar-se profeta e sentar-se num pedestal a ser admirado. É um mundo de sonho que se constrói. Alguns conseguem consolidar esse mundo de sonho, entram nele e sentem-se perfeitamente à vontade. É um mundo de sonho que têm de defender constantemente.

Esse mundo de sonho pode ser facilmente alterado se apenas mudarem o tipo de sonhar. Mas estão presos num sonho coletivo que pintou esse mundo de sonho como algo fixo e inalterável que só pode ser mudado com violência armada, coação, prepotência ou métodos ditatoriais. Precisam começar a ver o mundo de Maya, ver que ele pode ser mudado, mas para isso têm de mudar o tipo de sonhar. São moldados no mundo de Maya a partir do sistema de raízes, o sonho coletivo, que vos formou através da religião, da cultura e da tradição. Esse é o sonho coletivo, o sonho do sistema de raízes.

Aí estão vigiados, moldados, adaptados, cheios de angústia, cheios de amor. Aí têm o amor subjetivo, a agressão subjetiva, as delimitações, as valorizações, o pensamento de pedestal. Aí têm o poder: vencedores e vencidos. No entanto, é um mundo encantador, sedutor, que cria pessoas a partir daqueles que antes traziam todo o conhecimento dentro de si. O sonho coletivo cria pessoas que encerram o conhecimento e depois passam pela vida à procura dele fora de si mesmas em vez de virarem o rosto para dentro e perguntarem: O que existia antes de o mundo ser criado para mim? Ouso afirmar: Vocês nunca dormem! Quando vão descansar é que o grande processo começa! Fala-se em passar da vigília para o sonho e depois do sonho para a vigília. Na minha opinião, ou na nossa opinião, vocês não vão nem vêm. Mudam de posição no sonho. Tudo é um sonho! É um sonho que decorre continuamente. Até aquilo que estão a viver neste momento. É um estado sonhado e algo aprendido.

Pode aprender-se um sonho e dar-lhe vida. Pode instalar-se nesse mundo de sonho, obter uma posição e enchê-la de pensamentos, sentimentos, acontecimentos, experiências de amor, perdas – sim, de

tudo. Será autoinfligido? Criaram-no vocês mesmos? É as duas coisas. São ao mesmo tempo o sonho e o sonhado e encham cada instante com isso. Quando falo que “o sonho decorre continuamente” é um pouco difícil compreender que tudo o que veem à volta são imagens de sonho. Ali está uma chávena, ali está um copo, ali está uma taça, ali está uma mesa, um tapete, um chão. Têm consciência de que houve um tempo em que não faziam ideia do que aquilo era?

Têm consciência de que tudo isto faz parte de um processo de aprendizagem? Estão programados para um mundo de sonho! Para quem nunca viu uma chávena, quem nunca viu uma mesa, quem nunca viu uma taça não faz ideia da sua utilidade nem do que representam, o que são. Aqui temos um processo de aprendizagem em que alguém vos explicou. Antes de saberem para que serviam, nem sequer eram objetos, eram apenas algo que lá estava. Não faziam ideia do que eram e também não se importavam.

Podiam passar ao lado. Nem sequer tinham consciência de que caminhavam. Talvez tropeçassem em algo e partissem-no. E depois? Nem sequer tinham consciência de que se tinha partido. O que eram então? Estavam sem consciência? Não, não estavam. Tinham consciência, mas não no plano subjetivo. Não no mundo subjetivo do sonho, porque esse ainda não tinha sido construído à vossa volta. Para poder ter e preencher um amanhã precisam de algo que já tenham processado, nomeadamente o dia anterior. No dia anterior têm o material com que moldam o que está para vir. Chama-se tempo passado. Chama-se também sonho passado.

Vocês representam, exatamente onde estão, tanto o passado como o futuro. Então o que existe? Existe o passado? Sim, como imagem de sonho. Existe o futuro? Sim, quando já foi sonhado. Nunca se pode parar o sonho e dizer: Aqui, este instante quero vivê-lo. O sonho não é assim que se pode parar. Se tentarem parar uma imagem de sonho, perdem o que está para vir e perdem também o contacto com o passado. Ficam parados. Perdem o sonho. Os vossos sonhos trouxeram-vos até este instante.

O que foi que vos despertou, que vos fez tentar compreender o vosso mundo de sonho e a vossa vida de sonho? É algo em vós que reagiu e sente: – Basta, agora quero sonhar de forma independente sem estar preso ao coletivo que me vigia, que me conduz por caminhos que não quero, por exemplo em relações externas. Dizem que têm uma relação com fulano, beltrano e sicrano. Pode haver muitas formas de os ver. Podem dizer: – Amo esta pessoa e detesto aquela pessoa. Tolerar esta pessoa. Temos muito em comum. Fazemos coisas diferentes juntos e divertimo-nos juntos. Aborrecemo-nos juntos.

Tudo isso são mundos de sonho em que se encontram e que aceitaram, em vez de verem que é preciso tão pouco para mudar o sonho. Mas trancam-se em posições e dizem: – Sim, mas esta é a minha vida e o meu dia a dia, é assim que a minha vida é. Então já não sonham por vós próprios, de modo que são controlados. São sonhadores passivos. Um sonhador ativo procura constantes mudanças e caminhos de desenvolvimento. Não para se compreender a si próprio, mas para ir além de si próprio. Começam a olhar para as vossas reações, para a forma como agem, para os amigos que têm. Assim começam a compreender-te.

Porque se sentem tão mal? Descubrem que estão presos! Estão presos na vossa imagem de quem são. Detestam estar nessa imagem! Porque não mudaram então o vosso sonhar para saírem da imagem que não querem ter de vós próprios? Para em vez disso se envolverem e não atacarem de forma a violar alguém. O que atacam é na verdade a imagem em que se colocaram. Podem sair dela e sentir: – Sou livre no meu sonhar. Não estou preso a ninguém. Nem sequer estou preso a mim próprio!

Segundo as lendas, temos o Mestre a quem fazem uma pergunta:

– Mestre, o que devo fazer para me encontrar a mim próprio, aquele que realmente sou?

O Mestre responde: – Vira o teu rosto para ti próprio e interroga-te quem és. Quem te criou? Quem te moldou? Quem moldou o teu pensamento, o teu mundo emocional, os teus valores, o teu ser exterior?

Então o discípulo pergunta: – Se eu descobrir quem me criou, o que me moldou e criou o meu ser exterior – quem serrei eu então?

O Mestre diz: – És tu.

– Isso não é resposta, diz o discípulo. Preciso de saber o que sou.

O Mestre diz: – Tu és e não és!

– Isso não é resposta! Não posso ser e não ser ao mesmo tempo.

– Sim, diz o Mestre, és uma parte de algo muito maior do que tu próprio. És como uma célula num imenso corpo cósmico, mas manténs o teu pensamento. Esse pensamento não é subjetivo. És algo e vais experimentar que toda a criação lá existe. Até os teus amigos, os teus inimigos ou o que quer que queiras ter. Não os vês em imagem, não os vês em forma física. Não há cisão entre vós, no fundo tudo é uma experiência cósmica, fantástica de amor que não podemos traduzir em amor físico.

Assim, a Natureza do Sonhar é a vossa visão clara de quem realmente são. Quando falamos da Natureza do Sonhar, falamos também de como o sonho pode transformar e desenvolver. Existem quatro níveis de sonho: sonhos diurnos, sonhos diurnos profundos, sonhos noturnos subjetivos e os sonhos da Voz Interior. Todos os tipos de sonhos neste mundo de sonho mostram caminhos em diferentes situações da vida. Mostram aberturas. Tratam da vossa vida atual, de como a podem gerir, absorver experiências e de que têm consciência de que são vistos.

Alguém vos vê. Não apenas as vossas próprias personagens, mas existe uma consciência que faz a ponte e que está constantemente convosco. É coletiva, universal e todos a partilhamos. Não pode ser dividida. No entanto, está dividida. O interessante é que é una, mas na multiplicidade. Todos os sonhos são orientadores. O sonho diurno que tens orienta para o sonho diurno profundo, o sonho diurno profundo orienta para o sonho noturno. Os sonhos noturnos são subjetivos ou orientadores. O Voz Interior, mensageiro de Deus Mãe/Pai, começa a dar-lhes informações sobre como devem gerir a vossa vida.

Todos os sonhos orientam para quem são e para como sair da vossa própria prisão. – Estou preso? Estais, sim. Estais presos num mundo de representações, numa existência sonhada que muda constantemente. Já pensastes nisso? A existência sonhada nunca está fixa e imóvel. É sempre fluida, está em constante movimento, para a frente e para trás. Seguem tendências. Seguem o desenvolvimento. Dizem que fazem progressos. São investigadores. Constroem novos mundos. Têm novas ideias. Tudo isso é o que foi sonhado para a frente.

Alguém diz: – Mas então o sonho também é algo que pensamos! Sim, mas pode dizer-se que o sonho vem antes. Ele mostra o caminho, enquanto vocês são arrastados atrás. Depois olham para o sonho para interpretar: – Onde estou na minha vida? O que é que o sonho me diz que tenho de fazer para me sentir melhor? Fazer mudanças? O que é que a Voz Interior me quer dizer que eu não veja? Assim podem receber os sinais ou ignorá-los. Continuam, presos no sonho coletivo. Mas dizem: – Sim, mas Ambres, é exatamente isso que é a vida é. O encanto da vida, tudo ser mudança. Pois...

Alguém dirá: – Não encontro nenhum encanto no envelhecimento, quando a gravidade faz com que tudo comece a pender. Tudo balança aqui e ali. Então procuram a juventude eterna e já a encontraram, pelo que vi. Basta esticar as rugas do rosto, das mãos, do pescoço, dos seios, das nádegas. Tudo isso é uma mania que atravessa todas as camadas. O paradoxal nisto é que um dia desejaram: – Quando for adulto, aí sim é que vou fazer o que quiser! Depois tornaram-se adultos e ficaram profundamente dececionados por não poderem fazer o que querem, por o sonho coletivo os vigiar! Ele diz: – Ordem nas fileiras! Entrem na fila! Não sejam insolentes connosco porque somos nós quem tem o poder! Se achas que tens poder, encerramos-te até voltares à ordem!

É um mundo encantador, maravilhoso! Mas podem sonhá-lo! Tornarem-se livres no vosso sonhar. Ficar um passo à frente, onde têm visão global sem vigiar. Quando começam a vigiar, analisar, planejar, estão em apuros. O que é no vosso sonho que os trouxe até onde estão agora? Em que sonho devem entrar para se libertares daquilo que são agora? Querem sair dos padrões ou querem consolidá-los? Depende

inteiramente do que sonham! Depende inteiramente do vosso sonhar! Têm de quebrar os vossos padrões para ter lugar no mundo! Para se tornarem visíveis têm de começar a sonhar o vosso sonho e talvez mudar a vossa atitude face à vida. Porque se entrarem e disserem: «Agora vou mudar» mas mantiverem a vossa antiga atitude face à vida e o antigo sonho, nada acontecerá. Ficam dececionados e dizem: – Fiz o que pude. Não, não fizeram nada, apenas disseram: Agora vou mudar-me. E esperam que outro faça a mudança por vós.

Só através da vossa própria mudança é que algo acontece fora. Só através da mudança da vossa atitude é que algo acontece fora. É o vosso mundo de sonho, aquilo que sonham para a frente. Só quando mudarem a imagem que têm desse sonho é que recebem outro espelho de volta. Vós próprios tornais-vos vivos. Os sonhos não são tão simples como pensam! Isto vai ser a coisa mais difícil em que já se meteram. Mas dou-lhes as boas-vindas ao caos! Digo que vai ficar pior, mais complicado, dependendo de como o encararem.

Ou talvez se torne esclarecedor e experimentem o sonho como uma iluminação interior. Oxalá consigam ver através desta existência, começar um sonhar ativo e abrir outros caminhos para a compreensão. Pode tornar-se o “ouro” que vos conduz à vossa própria libertação. Exige empenho para libertar isso dentro de vós próprios!

A CRIAÇÃO

Vamos começar a contemplar a criação e a história da criação. Fico sempre surpreendido quando observo as vossas Sagradas Escrituras. Aí encontramos algo completamente diferente do que realmente existiu no

princípio. No ensinamento esotérico isso está completamente aberto. Agora falo dos estados originais de Deus Mãe/Pai. Fala-se do estado de quietude que certa vez existiu. Então alguém diz: – Então, Ambres, estás a falar do estado antes do Big Bang? Se quiserem ver assim, assim será. – Ah, que interessante, agora começo a perceber.

Assim se vê como os pensamentos começam a girar em vez de a sensação ver.

Não havia sonhar. O primeiro símbolo foi uma taça. Chamo-lhe o Nada. Essa taça continha todo o conhecimento. Continha também a dualidade, ou seja o masculino e o feminino, o polo positivo e o polo negativo. A energia básica masculina e a energia básica feminina. Yin e Yang, se preferirem. Estavam em repouso. Estavam em quietude. Os dois elementos básicos representam algo absolutamente permanente, nomeadamente Deus Mãe/Pai.

Alguém me perguntou: – Quem criou a taça, essa consciência? Digo-vos: não sabemos. Também nós procuramos a resposta. Será que existe uma fonte de força ainda maior, mais abrangente? Começamos a suspeitar que sim. Porque o pulsar do universo não tem lugar apenas neste sistema em que vocês se encontram. Existe como uma grande respiração cósmica de entrada e saída, em que o desenvolvimento segue sempre o seu tom. Tudo colapsa, renasce numa nova forma, onde o primeiro símbolo também aparece muito cedo. Depois vem a expansão. A expansão é o sonho do início de todos os teares de sonhos.

Dizemos, pois, que acontece como um impulso cósmico, que a própria taça, de certa forma, ganha alma, é fecundada. Deus Mãe/Pai acorda de alguma maneira do seu sono cósmico profundo, espelham-se um no outro e temos a imagem do Olho Divino que Tudo Vê. O seu despertar cria movimento, ou seja, o primeiro tear de sonho dentro de um sonho.

A ordem nasce do caos. Se não houver caos, também não haverá ordem. Tudo é dualista. Tudo tem um oposto. É assim mesmo. É como dois polos. Um único polo não tem movimento. Tem sempre de haver

uma força masculina e uma força feminina para que haja movimento, e o movimento gera desenvolvimento.

Disse há pouco tempo que antes de o tempo ser formado não existia tempo. Alguém dirá:

– Mas então também não havia movimento? Então não podia haver polaridade porque não havia ninguém que criasse o movimento. Enganaram-se, porque o pensamento de Deus Mãe/Pai também é um movimento, mas eles não são observadores dele. Não observam o tempo. São vocês que criam o movimento na vossa vida. Vocês observam o tempo como parte das vossas vidas. Quando olham para o movimento, começam a colocar-se nos diferentes compartimentos do sonho: fui criança, fui adolescente, adulto, meia-idade, idoso. Esse movimento que então criam só existe na vossa consciência. Se olharem de outro ângulo diferente, veem: a criança está aqui. Todas as partes do período adulto estão aqui. De certa forma não há movimento. São vocês que criaram e moldaram isso para que a vida seja um movimento: “afastar-se de”, “ir para” em vez de verem: eu expando! Na expansão não se deixa nada para trás, é-se sempre o ponto central.

Reflexo. O movimento, a Espiral de Desenvolvimento O Nada A taça e o Olho Divino que Tudo Vê. Aqui em baixo temos a taça. Aqui temos o despertar de Deus Mãe/Pai. Espelham-se um no outro e aqui temos o primeiro Movimento, ou seja, o sonho divino, o primeiro tear de sonho. Chamo-lhe a Espiral de Desenvolvimento.

Humano - Animal - Vegetal - Mineral - Gasoso - Forma plástica

O movimento.

A ESPIRAL DE DESENVOLVIMENTO

A espiral deve ser dupla. Devem ser catorze formas em espiral. Um movimento à volta e de volta à meridiana perfaz um ciclo cósmico. O que é um ciclo cósmico? Muitos dizem que se pode medir um ciclo cósmico no concreto e dizem que um ciclo cósmico corresponde a tantos e tantos milhares de anos. Não se pode aferir, porque o tempo não existe da

mesma maneira nessa situação como existe para vocês. Por isso não podem aferir o tempo da mesma forma de todo.

A Espiral de Desenvolvimento contém toda a história da criação. Falamos então de que Deus Mãe/Pai criou sete seres, ou seja, sete deuses, sete sub-deuses, que os ajudariam a construir o cosmos. Têm um nome comum. Não foi Deus Mãe/Pai que lhes deu o nome, mas no esoterismo temos simplesmente de encontrar um nome para eles. Isso ajuda os buscadores. Deram-lhes o nome de Eloim ou Elohim. Deus Mãe/Pai criou assim sete deuses, cada um com uma tarefa na criação. Receberam poder ilimitado para criar e moldar. Criaram muitos sub-deuses. Esses sete seres receberam a tarefa de criar a matéria primordial, o prana primordial, e criar e transformar essa matéria nas diferentes fases de desenvolvimento.

Podemos dividir esses deuses e perguntar: que tarefas receberam? Receberam poder sobre: Plasma, Forma Gasosa, Mineral, Reino Vegetal, Reino Animal e o Humano.

O único realmente conhecido, verdadeiramente conhecido, é o sexto deus que recebeu poder sobre o ser humano. O sexto deus é algo que deu o seu nome aos antigos esoteristas e chamaram-no Jahve ou Javé. Se dissermos "ele" a Javé fica errado. É uma força. É o sexto deus, Javé, que ainda hoje é o governante absoluto no que toca às formas religiosas. Aquele que conseguiu ligar as pessoas a si e vigia de forma ciumenta o seu território. Na grande tecelagem cósmica do sonho, é ele que causa a maior inquietação.

Mas temos sete deuses. O Sétimo Deus, para onde foi? O Sétimo Deus só teve a tarefa de acompanhar toda a criação. Absorver cada pequeno detalhe no seu ser. Foi desde a primeira forma de plasma até ao humano. Seguiu a criação. Pode ver-se o Sétimo Deus como um imenso mar primordial que se evapora com calor intenso. Cada pequena gota que flutua nas nuvens por cima do mar traz consigo a memória do mar. Vemos como são levadas pelo vento por cima das montanhas. Vemos como caem em chuva. Como são bebidas por animais e pessoas e fazem uma viagem imensa. Aos poucos voltam a reunir-se no mar. Cada gota seguiu o seu caminho e traz experiências de todos os aspetos: do reino

animal, do reino vegetal, do reino humano. Sim, de toda a criação traz essas experiências como um conhecimento fantástico.

Os deuses disseram: – Façamos o homem. Moldemo-lo à nossa imagem. Criaram o homem e ele tornou-se a imagem dos deuses. Tornou-se uma cópia dos deuses, mas não é uma forma física. O ser humano é um fluido etérico. Ele/ela não tem forma. É um fluido etérico. O ser humano não tem propriamente forma. O ser humano não é corpo físico.

No ser humano também foram moldadas as duas energias básicas, os elementos básicos, o aspeto masculino e o aspeto feminino que estavam em equilíbrio total. São coletivos e universais. Aquilo que todos os seres humanos trazem consigo desde o início. Não estão impressos. Estão lá, absolutamente em repouso e sem resistência um ao outro. Não há luta nenhuma entre os dois. Caminham lado a lado sem luta. São parte de Deus Mãe/Pai. Um equilíbrio que se traz desde o início. Todos vocês trazem as duas energias básicas. Assim que menciono Deus Mãe/Pai, vocês têm uma imagem, uma representação, algo. É masculino e feminino. Sim, mas também são os dois elementos básicos.

O princípio divino masculino e o princípio divino feminino estão em equilíbrio total. Estão tão próximos um do outro que até trocam de lugar. Não se sabe quem é quem. O feminino pode subitamente expressar-se como masculino, o masculino como feminino. Estão tão fortemente ligados um ao outro. Ninguém pode escapar deles. Todos os trazem. Nasceram com eles. Não é algo que adquiriram durante a vida, estiveram sempre lá como um presente maravilhoso. Quando estão aqui sentados, trazem apesar de tudo esses ingredientes na carne. Como mulher também têm aspetos masculinos. Como homem também têm aspetos femininos. São na verdade bissexuados, embora um costuma sobrepor-se ao outro. Na filosofia esotérica esses valores não existem. São ambos. Mas ambos é um. Quando falo de Deus Mãe/Pai falo de uma consciência, mas que se pode manifestar de muitas maneiras diferentes.

Mas a armadilha da impressão, a educação como Ihe chamam, dá-vos outro aspeto desses dois. Quando a impressão entra, surge o

desequilíbrio no psiquismo humano. É então que surgem os símbolos de Adão e Eva. Surgem através da impressão, através de diferentes papéis. O princípio Adão/Eva cria um lado masculino e um lado feminino a que se adaptam. Em cada sistema de raízes, em cada cultura, em cada tradição, em cada religião, esses dois símbolos estão impressos em cada ser humano.

O aspeto masculino e o aspeto feminino, que se chamam as duas energias básicas, ficam escondidos atrás das figuras Adão/Eva que se constroem na impressão. O princípio Adão/Eva contém luta. Eva pendura-se na garganta de Adão ou lambe-lhe os pés. Adão põe o calcanhar no pescoço de Eva e impede-a de ficar ao mesmo nível. Quando se fala da consciência subjetiva, ela está presa ou ao masculino ou ao feminino. Enquanto for só masculino ou só feminino há luta.

O interessante é que o masculino, mesmo o feminino, entra em luta consigo mesmo! Fazem-no mesmo. Lutam. Combatem. Podem ver isso em muitos aspetos diferentes das vossas vidas. Descobri no banco de memória do Instrumento como há diferença de salários. Se homens e mulheres fazem o mesmo trabalho, a mulher tem salário mais baixo. Não faz muito tempo que a religião questionava se a mulher tinha sequer alma! As mulheres reconhecem-se em todo o lado. São constantemente postas de lado e constituem uma ameaça enorme ao aspeto masculino, Adão.

Podem suspeitar que por trás dos conflitos entre Adão e Eva existe uma calma, algo que flui ao lado e que não está em conflito um com o outro. São as duas energias básicas. Se o princípio masculino impresso pudesse passar por si mesmo e descobrir: – Mas eu também sou uma ligação de Deus Mãe/Pai, portanto também tenho o princípio feminino. O feminino veria o masculino. Talvez então vissem a natureza da luta. Aprenderiam a colaborar com a mulher interior, a colaborar com o homem interior e assim também teriam equilíbrio no mundo exterior.

O que se chama a Árvore do Conhecimento é o conhecimento da vossa origem. Quem sou eu, de onde venho, quem me moldou, quem me criou, o que trago comigo? Que conhecimento trago? A Árvore do

Conhecimento é na verdade a Árvore do Cavaleiro. O Cavaleiro, a alma, traz o conhecimento e coloca-o em cada pessoa, no lótus do coração. Trazem experiências desde o início da criação, do plasma, da forma gasosa, mineral, vegetal, animal, todo o caminho até agora.

Depois temos a Árvore da Vida, que trata da outra parte do vosso ser. Não é subjetiva. É aquilo de que tenho tentado falar, nomeadamente o estado em que se está antes de o ego ser criado. Ou seja, o fundo de tudo o que se manifesta. É a Árvore da Vida. Quando olhamos para trás na criação, descobrimos que existe um pensamento, uma consciência que não podemos catalogar como subjetiva, apenas está lá. Somos parte dela. A Árvore da Vida mostra que somos um com tudo o que foi criado. Não nos podemos separar de nada na natureza. Como diz o Mestre: – Levanta uma pedra e encontrar-me-ás lá, mas também na pedra. Toca numa árvore e encontrar-me-ás lá. Acaricia o musgo e acaricias a minha cabeça.

A ÁRVORE DA VIDA É TUDO O QUE SE MANIFESTA.

Os deuses criaram, pois, o ser humano à sua imagem. O ser humano pôde começar a comunicar com os deuses. O que os deuses não sabiam era que o Sétimo Deus, que acompanhara toda a fase de desenvolvimento, encheu o ser humano com todo o conhecimento desde o início da criação.

A mulher era a que estava desperta. Pensava com outra parte de si. Era a que tinha sentimento. A que escutava de outra maneira. A que seguia o coração, não a cabeça. Segundo as Sagradas Escrituras, foi a mulher que encontrou a Árvore do Conhecimento e estava prestes a encontrar a Árvore da Vida. Quando os deuses falaram com o ser humano, ficaram horrorizados e com medo do seu conhecimento. Disseram: Se o ser humano continuar a desenvolver-se ao nosso lado, os humanos serão os nossos senhores. Se a mulher encontrasse a Árvore da Vida – o que aconteceria connosco? Passariam à nossa frente na criação! Tornar-se-iam mais do que nós somos. Tornar-se-iam os nossos senhores. Vamos prender o ser humano e prender o seu conhecimento para que nunca mais saia.

Nas vossas Sagradas Escrituras há uma passagem que muitos saltam e dizem: Isso é fantasia. Digo-vos: isso pertence ao sonho.

Os deuses reuniram-se em conselho. Os deuses não estavam de acordo quanto ao ser humano. Uma facção dos deuses disse: O ser humano tem de poder caminhar connosco. Temos de andar lado a lado, porque é parte da nossa criação. É também parte de uma ideia que Deus Mãe/Pai tem. Demos-lhe então esse lugar. Se assim tivesse acontecido, o mundo não seria hoje como é. Javé e alguns mais recusaram e surgiu o que se chama a luta dos deuses, em que lutaram uns contra os outros. Javé e a sua facção venceram essa luta. Então o aspeto feminino original e o aspeto masculino original foram deslocados, porque questionaram a supremacia dos deuses. Os antigos deuses, e especialmente Javé, viram-nos como uma ameaça.

O que aconteceu depois? A filosofia esotérica diz: «Modelaram um corpo do pó da terra para que o ser humano tomasse nele a sua morada.»

Os deuses disseram: – Vamos prender o ser humano num corpo físico, assim também perde a memória da sua origem. Vamos criá-lo de maneira a que tenha consciência de si como ser físico. Assim não constitui ameaça para nós. Assim podemos governá-lo como quisermos.

Foi assim que foi moldado o corpo físico em que o ser humano pôde instalar-se. Os deuses isolaram o ser humano do seu conhecimento. Plantaram também a semente do poder no ser humano. O ser humano foi escravizado e perdeu a sua herança. Perdeu-a porque os seus sentidos bloquearam o caminho. O seu ego cresceu. Ficou preso a um corpo. Mas os deuses não conseguiram tirar o que uma vez tinha sido dado ao ser humano. Ele traz isso consigo.

O corpo físico do ser humano é um corpo animal. O ser humano em si não é corpo. Então o que é? É tão difícil compreender. A pessoa toca-se e diz: – Isto sou eu. Não sois aquilo que tocais, mas identificaram-se com aquilo que tocam. Não são o vosso corpo! Existem à volta do vosso corpo físico como um fluido etérico. Ao se prenderem- ao corpo físico com fios etéricos de raízes, por assim dizer, baixaram a vossa frequência e de

repente o sonho torna-se algo completamente diferente do que deveria ser. Perde-se o contacto com as energias básicas e com Deus Mãe/Pai, onde temos a totalidade.

O fluido etérico atrai conhecimento e o ser humano é criado a partir da impressão que o meio dá à criança. Os princípios Adão e Eva, que têm a ver com o sonhar coletivo e subjetivo, começam a surgir. Quando a criança está condicionada, o ego condicionado toma o comando e cria a ilusão.

Na impressão constroem-se o princípio feminino e o princípio masculino, aquele a que chamam aspeto Adão e Eva. É uma imagem de sonho. Mas o que deveriam observar são os dois elementos básicos que também são um aspeto masculino/feminino mas que não têm oposição um ao outro. Com esses nascem. Esses trazem, embora sejam desconhecidos para vocês durante toda a vida porque o processo de impressão toma o poder. Surge assim o desequilíbrio entre feminino e masculino.

Os deuses elevaram o aspeto masculino aos céus e «a mulher cale-se na assembleia». O poder que a religião teve começou a ser usado para fins de poder. Então o homem tomou o poder. O interessante é que os dois elementos básicos nem sequer têm consciência de quem é o quê, num momento um exprime-se como masculino e o outro como feminino mas de repente trocam de lugar. Não têm oposição. Mas na impressão temos as oposições e aí veem as oposições como quase inconciliáveis. És mulher. És homem. Criaram uma imagem do que “mulher” deve conter e como deve comportar-se. Em toda a impressão também criaram uma imagem de como o homem deve ser, como deve comportar-se dentro do seu clã masculino. A mulher dentro do seu clã feminino. Surgem assim oposições entre eles. A parte masculina que pode invocar que é o eleito de Deus, enquanto a mulher nem sequer tem alma. Foi assim. Não faz muito tempo. E ainda é assim em grandes partes deste planeta.

OS DEUSES E O PODER

Interrogámo-nos se os deuses podem ser tão calculistas e maquiavélicos que procuram poder sobre o ser humano? Sim, fazem-no. Os sete deuses não têm alma, nada está encarnado neles. Não têm sonhos. Criam por diretiva. Os deuses procuram o poder, então não terão um sonho de dominar? O ser humano é governado pelos deuses e os deuses não podem sonhar. Quem realiza os sonhos dos deuses é o ser humano. O ser humano sonha por outro que não ele próprio. O Sétimo Deus não está contaminado pelo sonhar humano.

O Sétimo Deus tenta trazer o ser humano a ver-se a si mesmo e a elevar-se a um nível completamente novo. Mas porque o ser humano sonha pelos deuses, os deuses também escolhem o caminho do ser humano. Criam também padrões em que o ser humano ultrapassa o seu equilíbrio. Surge o desequilíbrio. Foi aí que começou o sonhar subjetivo. Aí se formam as figuras Eva e Adão. Aí o ser humano está com um chicote na mão a fustigar as costas até sangrar e diz: – Faço o que não quero fazer, mas o que quero fazer, isso não faço.

O ser humano é governado no seu sonho. Por quem? Ainda pelos deuses.

Têm de compreender uma coisa. Aqueles a quem chamam deuses não são bondosos e amorosos. Javé faz isto com má intenção? Não, não sabe o que é bom ou mau. Só quer controlo sobre a criação. Só procura poder sobre a criação. Só procura poder sobre o ser humano. O ser humano ainda constitui uma ameaça. Vocês também são uma ameaça para os deuses porque em grande parte já perceberam a existência deles e a sua influência em todo este mundo!

Procurei, através do Instrumento, o que se chama confissão de pecados e profissão de fé. O Instrumento leu na sua Bíblia, mas não as encontrou. Quando perguntou a um padre, este disse que não estavam lá. Porquê? Bem, não quis responder mesmo, mas pediu-lhe que olhasse no livro de salmos. Aí as encontrou. Então compreendeu porque não estavam nas Sagradas Escrituras. Tanto a profissão de fé como a confissão de pecados eram demasiado horríveis para estarem nas Sagradas Escrituras. Aí encontramos um Deus despótico, doente, que castiga e

prende as pessoas e com promessas e ameaças as faz escolher lado. Isso cria monstros. É também um tear de sonho que vos envolve. Um punhado de deuses governa os humanos. Diriam: Até agora tudo nos corre bem. Não nos podemos queixar. O ser humano sonha maravilhosamente por nós. Semeamos as nossas sementes e elas desenvolvem-se tão bem. Através do ser humano obtemos uma identidade.

Os deuses isolaram o ser humano do seu conhecimento. Se nada acontecer, acontecerá exatamente o que os deuses desejam: que os seres humanos se destruam a si mesmos. À medida que avançam, verificam que os mesmos padrões se repetem vezes sem conta. Não é a primeira vez que o ser humano está prestes a varrer-se da superfície deste planeta. Também agora estão bem encaminhados para isso. O ser humano tem de ser devolvido ao grande tear cósmico do sonho, para que este se possa completar. O ser humano tem de começar a aprender a colocar os deuses na perspetiva correta.

Muitos dizem-me: – Ambres, tu odeias as religiões! São palavras um pouco fortes. Não as odeio. Quero que vejam o que vos governa. Que vejam que continuam a dar a esses antigos deuses poder sobre vós, para que eles governem as vossas vidas, para que vos mantenham afastados da experiência do amor.

Quando falamos dos diferentes mestres que surgiram em várias épocas, encontramos muitos desses grandes e fantásticos mestres esotéricos. Encontramos também os opostos que eles carregam. Encontramos, por exemplo, a figura de Cristo. Cristo nunca disse que se devia construir uma igreja à volta da sua mediação. São os seguidores posteriores que procuram poder através da sua mediação. Ele falou de liberdade, de igualdade entre os sexos. Falou do princípio original do amor.

Opôs-se ao clero e tentou fazer com que as pessoas vissem. Mas ele próprio apresentou-se, tal como o Instrumento também escreveu no seu livro sobre Cristo, como uma figura habitada por dois senhores. Um era Deus Mãe/Pai que eleva as pessoas, dá-lhes calma, harmonia, amor e conhecimento universal. O outro que o possuía era Javé, que através de

ameaças, promessas e milagres tenta fazer com que as pessoas o sigam. Cristo opôs-se a Javé. Nas Sagradas Escrituras, Javé aparece descrito como o Diabo, aquele que Cristo encontrou no deserto. Não era nenhum diabo, era Javé que exigia obediência. Cristo ousou opor-se. Então veio a ameaça de Javé: Morrerás mil mortes, mas eu também criarei um mártir que as pessoas seguirão, por causa do martírio, e caminharão pelo meu caminho através de ti.

A coisa mais astuta que um deus pode fazer é criar um mártir, e foi o que Javé fez. Quando Javé já não precisava de Cristo, quando a missão de Javé estava cumprida, quando Cristo podia simplesmente ser invocado como "aquele que foi crucificado", então Javé criou esse martírio: a culpa é do ser humano. Foi assim que aconteceu. Vocês carregam uma culpa hereditária através das Sagradas Escrituras. É culpa vossa que Cristo tenha morrido na cruz. Carregam uma culpa coletiva milhares de anos depois. A grande maioria sente-se uma potencial figura de Judas. Não ousam opor-se. – Se quisermos fazer algo para mudar o mundo, por exemplo opormo-nos ao clero, Javé tomará conta de nós? Tentem! Encontrarão resistência. Ele invocará o seu poder sobre o ser humano. É simplesmente Javé que trabalha através dos criadores de religiões. O interessante é que Javé pode representar vários tipos diferentes de religiões. Poder-se-ia pensar que Javé se contraria a si mesmo, mas usa o ser humano como instrumento para se contrariar mutuamente. Tudo corre a favor de Javé!

– Se alguém se opuser ao clero, corre o risco de as forças de Javé o possuírem? Como impedir que nos possuam? Infelizmente... infelizmente. É preciso tornar-se clarividente. É preciso questionar, perguntar quem me governa? Quem me governa realmente? Javé é uma força que é como uma criança perdida. Javé não vê que está a fazer algo errado. Procura apenas o seu poder sobre o ser humano. Com isso castiga e faz promessas. Acaricia e bate com a mesma intensidade fantástica e acredita que está a fazer o bem, mas apenas para si mesmo.

Esse poder também é delegado às pessoas porque Javé plantou a semente do poder no ser humano. Assim as pessoas também procuram o poder que Javé procura. Vocês foram "contaminados" por Javé. Isso existe há milénios e milénios. Deveriam observar-vos a vós mesmos, perguntar:

– Como ajo, como reajo na minha vida? Até que ponto estou influenciado por essa força que Javé tem?

Vocês têm uma vantagem em relação aos deuses, aqueles que foram criados a partir de Deus Mãe/Pai. Falo agora dos sete deuses. Vocês têm algo que eles não têm. Eles não podem sonhar. Os deuses disseram: – Façamos um corpo para o ser humano ter nele a sua sede. É extremamente astuto. Porque assim também podiam governar o ser humano para que se sente um ser limitado. Os deuses fecharam o caminho para dentro ao tornarem o ser humano subjetivo no seu pensamento e no seu sentimento. Mas o ser humano traz consigo algo que os deuses não têm: é um sonhador. Os deuses não podem sonhar.

Não têm capacidade de sonhadora. Portanto: o sonhar é um dom dado ao ser humano. Para que vocês, através do sonhar, possam ver a natureza irreal desta existência. Alguém diz: Eles procuram poder, tu próprio o disseste! Sim, os deuses procuram poder mas através do ser humano, do ser humano subjetivo, que sonha o deus subjetivo que recompensa e castiga. Eles têm acesso ao mundo do pensamento humano e reagem e agem a partir dele. Mas os próprios deuses não têm um sonho a que recorrer. O que acontece quando o ser humano deixa de sonhar pelos deuses? Então fica livre. O que acontece então à influência dos deuses? Ironicamente, poder-se-ia dizer que vocês os libertaram. Libertaram-nos da sua influência sobre as pessoas. Vingam-se deles? Não. Apenas retomaram aquilo para que estavam destinados: uma manifestação, uma manifestação consciente de Deus Mãe/Pai.

Alguém diz: – Ambres, com tudo isto sou maior do que pensava! Sim, são maiores do que pensam, mas a fricção é necessária para a experiência. Têm de ser humanos. Têm também de integrar a vossa própria grandeza! Têm de conseguir integrar para que, sem medo, possam sentir alegria e compaixão. Cada ser humano neste planeta tem exatamente o mesmo valor. Se virem um mendigo caído na sarjeta, esse também é um divino. No sistema de raízes têm outros valores. Valores que falam dos bem-sucedidos. Fala-se dos menos bem-sucedidos. Fala-se dos caídos. Quando valorizam, seguem as intenções dos deuses, do sexto deus, por exemplo.

Vocês são parte do Sétimo Deus! Juntos são uma parte maior dele. Toda a criação traz o Sétimo Deus consigo. Têm exatamente o mesmo conhecimento que todos os chamados mestres que dizem: – Eu trago-o, vocês não o têm. Têm exatamente o mesmo conhecimento que eles! A única diferença é que alguém está no caminho: o ego está no caminho.

O CAVALEIRO

O que é o Cavaleiro? Chamo-lhe o Cavaleiro. Entra num ser humano e muitos chamam-lhe alma. É a força motriz da vida, mas o próprio Cavaleiro é parte de uma divindade maior. O Cavaleiro, a compreensão divina, aquele que encarna vezes e vezes sem conta se reveste de carne após carne, procura conhecimento. Tem um mundo de sonho? Tem um sonho? Poder-se-ia dizer que o sonho do Cavaleiro está ancorado no mundo universal do sonho. Através do Cavaleiro, Deus Mãe/Pai sonha-se até à matéria. Através do Cavaleiro obtêm experiências de cada acontecimento, de cada vida.

Vocês trazem uma massa de conhecimento absolutamente formidável. É a iluminação que se traz consigo. É tua? Sim, partilham-na com outra parte dentro de ti, nomeadamente o Sétimo Deus. Partilham-na com o Cavaleiro porque foi o Cavaleiro que lá colocou o conhecimento. É o Cavaleiro que o traz consigo. Não valoriza nada em nenhum sentido.

A criança recém-nascida não está ancorada num corpo físico. No corpo físico, porém, podem ver-se o que se chamam os assentos do cavaleiro. São o chakra da testa ancorado no triângulo dourado, o chakra do plexo solar ancorado no pâncreas, e o chakra do coração ancorado na câmara esquerda do coração, o lótus do coração. São os três principais assentos que o Cavaleiro toma quando encarna. Além disso, o Cavaleiro coloca o fluido etérico à volta do corpo físico e é aí que o ser humano se formará. Assim, quando o ego começa a formar-se e a criar-se, o ser humano ancora-se no corpo físico. Aprende a andar. Aprende a ver, a ouvir. Aprende o que é o quê, ou seja, absorve as cinco dimensões e

torna-se prisioneiro do seu próprio consciência. O conhecimento que trazia da criação, que é o sonho, é, por assim dizer, afastado.

O Cavaleiro, ou seja, o aspeto que encarna, é na verdade aquele a quem deveriam dar mais atenção, mas não podem fazê-lo porque está de certa forma escondido. Porque o ser humano criado está no caminho, também não conseguem compreender a natureza do Cavaleiro.

O ser humano diz: – Eu sou a forma mais elevada! Não, isso é exagerar. São uma forma que recolhe experiências! Muitos ficam muito revoltados quando digo que tu és o instrumento de que o Cavaleiro se serve para procurar experiências. Além disso, não tens carma. Então muitos desmoronam! Não tens carma! Nunca terás carma! Tens experiências da vida. É outra coisa. São as experiências do ser humano limitado. Se puseres a mão numa chapa quente, queimam-na. Portanto, daqui em diante não o fazes. Se alguém então disser: – Foi o meu carma que me fez pôr a mão na chapa. Não, nada disso. Depois da experiência que tiraste, depois desse dia, não pões a mão lá, nem no fogo. A isso não se chama carma. Não tens carma. O Cavaleiro é que traz carma. É ele que cria a fricção.

Podemos seguir a criação do plasma, forma gasosa, reino mineral, reino vegetal, reino animal até ao ser humano. Observamos o caminho do Cavaleiro, como o Cavaleiro que vocês trazem acompanhou toda a criação. Nas suas últimas encarnações no reino animal, quando os animais se individualizam cada vez mais e adquirem uma forma de ego, é surpreendentemente dos predadores que o Cavaleiro encarna em diante. Dos predadores para o ser humano.

– Cada Cavaleiro encarnou em todos os tipos de animais? Não. Nem todos os Cavaleiros encarnaram em todos os tipos de animais. Nem em todas as plantas. Aderiu a grupos de plantas e animais. Na verdade, não há caminho escolhido. A única vez em que há um caminho escolhido é quando o Cavaleiro encarna no ser humano. Não há caminho cármico nem no reino vegetal nem no animal. No ser humano o Cavaleiro encarna em corpo. É só quando o Cavaleiro encarna no ser humano que o carma se constrói. É então que faz encarnações curtas e duras exatamente para

que o carma se construa. O Cavaleiro procura fricção. O Cavaleiro em si não tem fricção. Procura fricção. A fricção desperta e dá experiência. Mas não procura fricção por força própria. Falamos da lei do carma. O ser humano não tem carma!

Lembrem-se: o carma não é nem mau nem bom! Apenas é. Quando começam a falar de carma como mau ou bom, então dividiram-no. Carma são experiências. Mas reparem bem: é só no mundo subjetivo que começam a falar de experiências boas ou más. O Cavaleiro não fala assim. Essa consciência, ou essa presença, não tem imagem de mau ou bom. Apenas vê as experiências. É o ser humano que as interpreta, que fala a partir das suas experiências subjetivas. O carma não é teu, é do Cavaleiro que o traz. Vocês são os instrumentos através dos quais o carma se trabalha para fora e dos quais o Cavaleiro obtém informações. Procura experiência através de vida após vida após vida. Para quem? Para quê? Para Deus Mãe/Pai. Vocês são parte de todo este processo fantástico.

Akasha, os Livros das Crônicas, são as encarnações anteriores que o Cavaleiro traz desde a forma de plasma, desde o primeiro movimento na construção do cosmos. Akasha traz as suas memórias, traz o seu cativeiro, traz a sua imagem religiosa e a sua imagem cultural, etc. O interessante é que no vosso corpo está guardada cada encarnação. Falo então da câmara esquerda do coração. Aí temos, por assim dizer, a sede do eu: talentos, características de encarnações anteriores que o Cavaleiro teve, mas não vocês. Vocês nunca estiveram em mais lado nenhum senão aqui! São a ponta da lança de todas as encarnações anteriores. Trazem-nas convosco, mas nenhum de vós lá esteve. São criados, moldados a partir do sistema de raízes que têm aqui e agora, nesta vida.

Se olharmos para uma encarnação anterior. Digo: então, qual era a tua religião? – O quê? Religião? Eu era cristão, claro. Não, podes ter sido muçulmano. Talvez um crente fanático que até lutava contra os cristãos. – Não, isso não é possível, eu lembro-me de mim mesmo. Digo-te: és vítima! És vítima do autoengano. É o Cavaleiro que tem todas essas encarnações. Tu não tens nenhuma.

Imagina que morres e tens a possibilidade de te equipares com a tua consciência atual, como avaliarias então a próxima encarnação? Sei o que fariam. Escolheriam primeiro ricos pais, bom clima, corpo fantástico que não tivesse doenças. Nenhum de vós escolheria encarnar em guerra, pobreza, coxo ou disforme, mas procurariam encarnações boas, fantásticas. É igual quando se pede às pessoas que contem as suas vidas passadas. São vítimas da própria fantasia!

Dizem: – Oh, fui faraó naquela altura. Fui dançarina de templo ali e ali. Fui alto funcionário naquela e naquela época. Digo-vos: Espera lá! Para onde foram todos os escravos? Para onde foram todos os ditadores? Para onde foi a infantaria? Os que lutaram. Os que combateram. Os que trabalharam. Os que sofreram. Essas encarnações não querem ver. Vocês nunca estiveram em mais lado nenhum senão aqui. São criados e moldados neste ambiente, neste sistema de raízes, nesta cultura, tradição e religião. Trazem convosco as encarnações anteriores que o Cavaleiro teve. Há uma grande diferença. Trazem uma riqueza.

Nunca humanizem o Cavaleiro! Nunca humanizem a vossa alma! É tão mau como humanizar os vossos animais e dizer que o vosso cão é tão inteligente como um ser humano. Isso é rebaixar o cão! O cão é cão. O Cavaleiro é o Cavaleiro e nunca poderão compreender os caminhos que ele segue. Não lhe podem dar emoções humanas nem nada parecido. Ele traz carma. Quando o Cavaleiro encarna, traz também experiências de existências anteriores. Aí há também uma sementeira. Foi semeada numa encarnação anterior. Agora vem o tempo da colheita, mas também uma nova sementeira nesta encarnação. Em que campo semeia o Cavaleiro? No ser humano. Através do ser humano semeia no campo da vida.

Ficam presos no mundo de Maya. Herdam, por assim dizer, o mundo dos vossos pais que têm os seus sonhos, os seus desejos sobre como vocês devem desenvolver-se. São colocados em escolas. É traçado um padrão à vossa volta. Muitas vezes pensam que escolhem sozinhos. Entram no que os pais e o sistema de raízes vos apresentam. Quando se sentem inseguros, vão a um consultor com quem conversam. Esse indica possíveis caminhos e soluções com base nas características que adquiriram através das escolas, etc.

Na vossa personalidade de base também pode estar um talento fantástico talento que está escondido, que não pôde vir à tona porque a impressão está no meio. A personalidade de base é a herança, ou seja, a síntese de talentos e características que o Cavaleiro adquiriu ao longo de todas as encarnações que teve. Talvez tragas talento para pintar. Pode então imaginar-se o que se chama um acidente. Não precisa de ser tão dramático como perder todo o braço, mas talvez se perca uma parte dele.

De repente já não se tem. Já não se consegue fazer o trabalho. Pergunta-se: – É o carma que cria isso? Nada acontece por acaso, dizem vocês. Há sempre algo por trás. Não precisa de ser o carma que o cria. De repente têm de quebrar o padrão que construíram. Então pode fluir exatamente aquelas características de base que o Cavaleiro esperava que utilizassem e desenvolvessem durante este período de vida. De repente descobrem que sempre desejaram pintar e então fazem-no.

Não podem questionar o caminho do Cavaleiro. Não podem tentar humanizá-lo de forma alguma.

Como pensa o Cavaleiro? Porque segue exatamente aquele caminho? Só podem aceitar: segue o caminho que vê ser o melhor. O Cavaleiro não discute consigo mesmo nem com mais ninguém. Não diz: – Agora vamos seguir o caminho da arte ou o caminho dos que ajudam ou agora vamos desenvolver este ofício. As experiências que o Cavaleiro obteve talvez nem sequer consigam compreender.

Não é que o Cavaleiro decida diariamente, a cada instante, como devem agir. Vocês também têm uma vida. São vocês que criam o sonho subjetivo. Nesse sonho também criam acontecimentos que o Cavaleiro pode absorver como experiências da vida. É a nova colheita que o Cavaleiro obtém, mas também cria uma nova sementeira para futuras encarnações. Talvez desenvolvam um lado em que se tornam ditador e começam a torturar pessoas física e psicologicamente. Ficam tão presos numa seita, numa ideia ou num movimento político que começam a torturar pessoas para que sigam o caminho do poder. Então o Cavaleiro absorve isso e numa próxima encarnação cria condições para o oposto. Só tinha uma experiência, a da tortura como torturador. Agora a imagem

também tem de conhecer o oposto. Então talvez o próximo corpo, a próxima consciência, encarne num mundo em que a pessoa seja justamente submetida a tortura. É sementeira e colheita.

Dizemos que o Cavaleiro, a divindade interior, encarna. Mas ao mesmo tempo todas as suas encarnações continuam presentes no seu tempo. E o Cavaleiro continua a encarnar. Assim, se nos deslocássemos para trás, descobriríamos que no grande armazém de Deus Mãe/Pai nada se deita fora. Portanto trazem todo esse conhecimento aqui. Não está atrás de vós!

– Temos alguma utilidade em trabalhar sobre nós mesmos? A utilidade é que se tornam mais soltos. Começam a questionar um pouco a vossa existência física. Processam muitos dos vossos medos, angústia pela transição, pela morte. Quando o Cavaleiro voltar a encarnar em carne, vocês estarão lá como um embrião na biblioteca cósmica, Akasha. O Cavaleiro vive agora uma nova vida, outra pessoa. Pode ser um ambiente completamente diferente.

Pode ser uma religião completamente diferente. Através da massa de conhecimento que têm agora, estão de certa forma conscientes. São um observador de dentro. Não posso dizer que possam influenciar diretamente a nova encarnação, mas aquele que cresce sentirá que há algo lá dentro que influencia. Alguém que observa. Também se pode interpretar mal e pensar que é alguém lá em cima que vos vê! Se dissermos que isto se processa ao longo de várias encarnações, de repente um dia uma criança abre os olhos. É uma nova era. É um novo mundo. Algo aconteceu. Há harmonia. A criança é educada de dois lados, tanto de dentro porque é receptiva a “vós”. Não só a “ti” mas a muitos, muitos mais em Akasha.

Agora podem participar e trabalhar para fora através dessa criança, que à medida que cresce desenvolve uma consciência colossal, presente e consciente. É educada de dois lados. O lado interior é talvez o mais educativo. O lado exterior continua a ser o sistema de raízes e os pais. Diz-se: Mas Ambres, tem de levar tantas encarnações, tanto tempo? Não vemos o tempo dessa maneira. Continua a ser o mesmo Cavaleiro.

Continuam a ser os mesmos indivíduos. "Tu" não desapareceste. Mas "tu" entraste em simbiose, de certa forma integraste-te com toda essa consciência. A criança que nasceu está integrada com a consciência cósmica, se é que se pode usar essa expressão.

Alguém me perguntou: Conseguiremos chegar ao nível do Cavaleiro, compreender? Sim, há uma parte em que o ser humano se integra com a sua divindade interior. O que acontece então? Continua a existir o ser humano? Sim, continua. Mas os seus valores transformam-se. Ou seja, não pensa como pensava antes. Vê um contexto maior. Vê uma maior relação de causa. Se então lhe perguntassem se pensa da mesma maneira agora, quando vê um contexto maior nesta evolução: – Tenho agora outra imagem. Compreendo agora o caminho do Cavaleiro. Antes questionava constantemente. Tentava dominar a evolução. Agora vejo quão necessária ela foi e é.

Neste estágio, aqui e agora, podem questionar e questionar e não recebem resposta. Achrom que podem obter respostas, mas nunca ficam satisfeitos com a resposta. Por isso têm de aceitar e dizer: «Desisto!» Em vez de procurarem as respostas fora de vós, deixem-se antes desenvolver até compreenderem quem realmente são. O que estão a fazer agora é passar ao lado e tentar compreender o Cavaleiro. Na verdade, deveriam tentar compreender o vosso maior obstáculo: vós próprios. Vós, que quereis dominar a criação dentro do vosso padrão humano subjetivo. Não é possível! Não é possível. Têm de evoluir no nível em que estão. Não devem saltar por cima da vossa evolução aqui, da vossa limpeza interior. Alguém perguntou:

– Ambres, porque não podemos avançar diretamente?

Digo-vos: não podem avançar. Têm de remover o entulho que vos impede de ver. O autoconhecimento é o caminho para a viagem interior.

Alguém dirá:

– Não quero viajar para dentro, quero viajar para fora.

Então estão na rua errada. Não podem procurar o conhecimento fora de vós, têm de o procurar dentro de vós. Tens de se livrar do entulho

exterior que jaz como um lastro em vós. Que entulho? As ideias que têm sobre como deve ser o ensinamento esotérico, que têm da compreensão de Deus, que têm da compreensão do Cavaleiro. Querem compreender cada passagem, o mundo dos anjos, os diferentes planos de desenvolvimento. Intellectualizam. Analisam. Esquecem tudo isso e começamos onde vós estais! Começam a libertar-se aqui, agora.

Oxalá possam aqui e agora ver através dessa existência lamentável e começar um sonhar ativo juntamente com o Voz Interior e abrir outros caminhos para a compreensão. O Voz Interior tenta libertá-los para que possam regressar ao lugar onde um dia estiveram. Quando chegarem à compreensão, o que acontece? Conseguem descrever o que veem? Não. Conseguem descrever o que experimentam? Não. Conseguem senti-lo? SIM!

Deus Mãe/Pai sente a criação. Sente também os deuses, mas não pode entrar em luta contra a sua própria criação. O que Deus Mãe/Pai faz é enviar o seu mensageiro, a Voz Interior, para que, através do sonho – sonho diurno e sonho noturno –, tente alcançar-vos em cada fase da vida. Incessantemente está aí esse fantástico libertador, a Voz Interior. A voz tranquila de Deus Mãe/Pai, tão calma, tão presente, tão maravilhosamente boa e agradável de ouvir e de poder encostar a cabeça. Quase se pode ouvir o seu coração bater. Tenta fazer-vos ver, ter uma vida leve, ver através da maravilhosa ilusão da existência e descobrir o que trazem dentro de vós. Ao Voz Interior podem escutar para ver através e mudar, para seguir com ele.

A VOZ INTERIOR

A única forma que Deus Mãe/Pai tem de vos alcançar é através do sonho. Temos um nome para o mensageiro. O nome do mensageiro das duas energias básicas chamamos-lhe a Voz Interior. É a Voz Interior que, através do sonho, tenta fazer-vos ver como devem ver através do vosso comportamento. Como devem agir de outra maneira. Como podem libertar problemas em todos os planos. Podem ser problemas económicos, problemas de doença ou problemas relacionais. Sobretudo,

a Voz Interior quer fazer-vos virar o olhar para uma direção completamente diferente da anterior, nomeadamente começar a ver-vos a vós mesmos na perspetiva correta. A Voz Interior é o dedo estendido de Deus no sonho, que tenta constantemente, quando tem oportunidade, corrigir-vos, fazer-vos começar a procurar outra direção no sonho para despertar o vosso conhecimento.

Não é assim tão fácil! Tens uma imagem de ti mesmo e essa imagem não corresponde à realidade. Achas que te mostras como uma pessoa muito amorosa, presente, prática, ativa, enquanto outros podem achar que és um arrivista de muitas maneiras, que só olhas para a tua própria casa, que não te importas com mais ninguém, que trepas para um pedestal. Ou seja: têm uma imagem distorcida de vós próprios. A Voz Interior tenta levá-los a ver o que precisam realizar convosco próprios para obterem uma força e um tom mais estáveis na vida e, sobretudo, para sentirem harmonia. Tenta faze-los ver através das vossas tensões, daquilo que os impede de ser aquilo para que estão destinados. Tenta faze-los ver toda a armadilha do condicionamento, ver o cativeiro, as ações, as reações. Para a Voz Interior não existe moldura, nem interior nem exterior. Para Deus Mãe/Pai também não existe moldura interior ou exterior. Só o ser humano vê assim.

Quando costumo dizer que a Voz Interior é a voz de Deus Mãe/Pai, falo das duas energias básicas que existem no ser humano: o princípio masculino e o princípio feminino. Não quero afirmar que elas em si mesmas sejam a Voz Interior, mas ligam a Voz Interior para baixo como uma voz, como uma imagem. A Voz Interior dá-lhes a possibilidade de agir, se lhe derem atenção e começarem a perguntar:

– O que me quer dizer realmente?

Quer torna-los verdadeiros. Quer deixá-los em equilíbrio. Quer torna-los autênticos, para que possam tornar-se um canal para outra força que trazem dentro de vós.

A Voz Interior não é uma figura, é uma força que está em todo o lado, que está constantemente presente em vós, à vossa volta. Está em tudo! Será isso que chamam espírito? Não, não é espírito. A força é

consciente e permeia toda a vida. É individual, coletiva e universal e tem uma visão completamente diferente da vossa. Não pensa nem sente como os humanos. A Voz Interior está aí como uma substância, como uma essência, na respiração, na vossa inspiração e expiração. Não podem dizer que está ali ou ali ou ali. Existe e participa do padrão de pensamento e do padrão emocional de cada pessoa. É uma força coesiva no universo. Poder-se-ia chamar-lhe a consciência de Deus Mãe/Pai. Fará parte da vossa consciência? Não, não da vossa consciência subjetiva. Não falo da consciência subjetiva, mas também a permeia. Através da Natureza do Sonhar entram em contacto com a Voz Interior.

Essa consciência não é humana. Será desumana? Sim, se quiserem ver assim, talvez se possa chamar desumana porque não pensa, não sente, não experimenta como vocês. Não lhe podem atribuir consciência subjetiva, é uma força que também vos permeia. Fará parte de vós? Não. Não faz parte do ego subjetivo, mas mesmo assim está aí à vossa volta, em vós. Dá constantemente sinais, tenta conduzi-los.

Quando falo do caminho de Deus Mãe/Pai para a matéria, digo que todos esses milhares de milhões de pessoas que existem neste planeta, todos têm acesso à Voz Interior! Todos escutam a Voz Interior em algum momento. A Voz Interior não é o subjetivo no ser humano, mas mesmo assim existe em cada um. Existe subjetiva, coletiva e universalmente, em todo o lado. Se pensarem assim: têm o éter em que se encontram, inspiram oxigénio, ar. Libertam oxigénio no vosso corpo, etc. Está disponível para cada um de vós. Assim é, de certa forma, uma fonte de força que partilham com toda a vida, com insetos, animais, árvores, com tudo. Poder-se-ia comparar a Voz Interior a algo tão fugidio, mas tão necessário quanto o ar. No entanto, tão necessário para a vossa sobrevivência.

Portanto, a Voz Interior existe, sim. De que maneira se manifesta? Envia sinais. Fala constantemente connosco. O que vos impede de a ouvir é a cacofonia interior de vozes que a excluem. Só quando se calam é que podem ouvir a sua voz suave. Não como uma fala direta, mas como uma sensação, uma experiência intuitiva sobre o caminho que devem seguir, o que devem fazer, o que devem evitar, o que devem construir. Sim.

Muitas vezes acontece esta coisa maravilhosa: procuram atribuir à Voz Interior características humanas, mas não a podem comparar dessa maneira. A Voz Interior não tem propriamente sentimento. Não favorece ninguém em relação a outro. Não diz: Tu és o meu melhor amigo. Tu és o meu melhor companheiro.

Não, dá sonhos e tem um imenso repertório de onde tirar. A Voz Interior também é, quase ia dizer, uma fantasia, dependendo de como a encarmos. Quando procedem da vossa base subjetiva, dizem:

– Não podemos acreditar em algo que não possamos tocar e que não possamos testar vezes e vezes sem conta.

A vossa ciência diz que, se uma descoberta puder ser repetida suficientes vezes, então estará cientificamente provada. É tão estranho! A vossa ciência terá de repetir as suas descobertas vezes e vezes e mais vezes sem conta. Ficará cada vez mais confusa, mais e mais frustrada, porque verá que os resultados dos testes que talvez tenha feito vinte, trinta, talvez cem vezes de repente mudam! Isso acontecerá vezes e vezes sem conta. Não podem repetir a Voz Interior e dizer:

– Repete isso cem vezes e acreditaremos que ela existe, ou que essa força existe.

A Voz Interior não se repete a si mesma! Entra no vosso fluxo, no vosso sonho, e indica onde devem dar meia-volta para encontrar a segurança pessoal, subjetiva, nas vossas vidas. Talvez voltar o olhar para dentro e começar a perguntar:

– Quem sou eu realmente? De que surgi? O que represento? O que trago dentro de mim que não alcanço, embora sinta que existe?

Na vossa pequena consciência subjetiva há algo que diz:

– Nada pode existir sem um “eu”. Não há nada que possa existir que eu não possa tocar ou sentir.

Então a Voz Interior diz:

– Quero voltar-te para outro lado, onde possas ver outra parte de ti como ser humano. Há um patamar onde trazem todo o conhecimento.

– Como o manifesto? perguntais vós.

A Voz Interior provavelmente diria que não podeis manifestar o conhecimento dizendo que ele está fora de vós. Tendes de voltar o olhar para dentro e ver que o trazem. Mas não o viram porque estava demasiado perto! Aprenderam a procurar “lá longe” em vez de “aqui dentro”. Todo o conhecimento que têm procuraram lá fora em vez de se voltarem e verem que trazem esse conhecimento. Mas então caem noutro engano. Têm uma espécie de exigência de que o conhecimento que trazem deva poder ser traduzido para o mundo de Maya. O mundo de Maya é o mundo do conhecimento fechado. É o que vai de teste em teste e mais teste. O conhecimento interior não parte de nenhum teste. O conhecimento interior não procura provas. O conhecimento exterior procura provas de que existe. O conhecimento interior não procura provas da sua existência.

Para se aproximarem do conhecimento, para compreenderem o que o conhecimento realmente é, primeiro têm de se construir como personalidade. Porque sem a fricção que o ego constitui, não podem compreender o conhecimento que existia antes. O problema é que o ego só constrói o conhecimento que está no mundo para o qual foi programado. Quando encontra o que existia antes, experimenta-o como um vazio. E vazio para o ego é – vazio. Todos trazem essa fonte de conhecimento, mas não se pode falar dela, porque então trancam-se na análise: “Como chego lá?”

– Não têm de chegar lá! Já lá estão! Digo que têm o mesmo conhecimento que eu tenho. Porque não o alcançam? Porque o ego é como uma película, um filtro através do qual o conhecimento tem de se filtrar e esse filtro contamina porque o eu valoriza o conhecimento. O filtro do eu valoriza e o que sai fica tingido pelo eu. Têm de tentar passar por esses filtros que têm. Têm de deslocar o vosso ego, têm de se pôr de lado para deixar passar o conhecimento. Quando a Voz Interior lhes dá um sonho, vós dizeis:

Meu Deus! Que sonho estranho tive esta noite. Fiquei inquieto quando o tive.

E eu digo: Ótimo! Então sentiram que o sonho tinha pulso. O sonho criou inquietação. Talvez tenha avisado de algo. Quis chamar a vossa atenção. Quis levá-los a ver algo que precisam resolver, ou olhar. Talvez tenha sido um sonho de aviso de algum tipo. Então começam a contar o sonho, e o sonho é completamente absurdo. E dizem:

Como raio se pode sonhar assim? É uma linguagem completamente diferente! É um ritmo completamente diferente que agora têm de aprender a interpretar. A Voz Interior não fala da mesma maneira que vós. Se por acaso o fizer, será exceção que confirma a regra. Porque isso também acontece. A Voz Interior envolve. Não a podes acusar por isso, porque vós próprios sois iguais! Se forem verdadeiros convosco próprios, a Voz Interior será verdadeira convosco! Então falará claro. Se vir que conseguem receber isso, que ousam desafiar-se a vós próprios, então a Voz Interior será verdadeira convosco.

Falo muitas vezes de sonhos orientadores. Disse muitas vezes que a voz de Deus Mãe/Pai se mostra no sonho. O que lhes quer dizer? Que mudança têm de fazer! Para que é que a Voz Interior aponta que devem fazer? Tudo está impregnado pela Voz Interior. Se começassem a ver isso como um mundo de sonho, também poderiam ver como a Voz Interior na verdade tentou indicar, talvez já muito cedo na vida, que estão no caminho errado, no trilho errado. Não desenvolvem aquilo para que estão destinados a desenvolver, mas ficaram presos num mundo, numa descrição do mundo que na verdade não devia ser. Precisam desenvolver os vossos próprios talentos e as vossas próprias características que têm nesta vida.

Disse que um sonho subjetivo também pode conter uma parte orientadora e que a própria Voz Interior pode entrar num sonho subjetivo. Sim, porque têm de ver a Voz Interior de uma maneira um pouco diferente do que pensam. Quando falam da Voz Interior, tentam muitas vezes humanizá-la como se tivesse um aspeto, uma voz, como se tivesse sexo, etc. Não tem sexo, apenas é. É uma fonte de força que permeia tudo. Digo que é subjetiva, é coletiva, é universal ou o que quer que seja. Permeia toda a vossa existência! No sonho diurno como no sonho noturno têm a Voz Interior presente. Pode entrar em qualquer

lado. No meio da vida, no meio do vosso dia a dia dá-se um acontecimento e interrogam-se:

“Este acontecimento é tão improvável. Não devia ter acontecido. O que me querará dizer realmente?”

Descobrem então que foi a Voz Interior que criou um cenário em que se encontram cara a cara com vós próprios e têm de tomar uma decisão profunda na vossa vida. É assim que a Voz Interior trabalha! Apenas indica calma e tranquilamente as questões que precisam tratar. São como pequenas mensagens. O vosso diálogo interior, os vossos pensamentos, os vossos sentimentos, tudo isso é como uma cacofonia de vozes que abafa as pequenas mensagens afinadas que a Voz Interior transmite durante o dia.

A Voz Interior não dá mais do que aquilo que trazem na vossa experiência de vida. Por isso duas pessoas da mesma idade não podem ter o mesmo sonho. Porque podem ter experiências de vida completamente diferentes. Por isso a Voz Interior muda a direção nos vossos sonhos com base no vosso conhecimento, no vosso mundo emocional, relações, etc. É absolutamente flexível.

A Voz Interior não entra se não quiser indicar algo. Mas muitas vezes entram em conflito com a Voz Interior. Podem então ter esse “pensamento circular”: mesmo que a Voz Interior vos fale numa linguagem clara, vocês decidiram seguir o vosso próprio caminho. Essa decisão pode deixá-los fechados, presos. Talvez existam outros caminhos para a vossa situação, mas trabalham freneticamente para seguir o vosso próprio caminho e deitam fora o que está ao vosso dispor. Seguem os vossos próprios impulsos emocionais, ou seja: “vão atrás do touro”. O que quero dizer com “ir atrás do touro”?

Conta-se a história de um lavrador que lavrava o seu campo. À frente do arado atrelou um touro enorme. O lavrador só via a anca do touro e nada mais. Não via o seu campo. O touro seguia os seus próprios caminhos, para aqui e para ali, por isso os sulcos ficavam tortos e cruzavam-se uns com os outros. O touro representa as vossas emoções. São o touro/as emoções que determinam o caminho. Se, pelo contrário, o

lavrador andasse à frente do touro e o tomasse pelo anel do nariz e lhe mostrasse por onde devia ir, teria melhor visão do seu campo e controlo sobre as suas emoções. O touro é terrivelmente bom para se esconder atrás. Assim evitam assumir responsabilidade pela vossa vida emocional. Podem chorar à vontade na vossa solidão e dizer:

– Bem que o sabia. Não vejo nada. Só vejo a miserável anca do touro. É tudo o que vejo na minha vida.

Seguem os vossos próprios impulsos emocionais! Assim também são seduzidos pelas vossas próprias emoções. Por isso também são presos pelas emoções. É quando se deslocam e andas à frente das vossas emoções, à frente do touro, que obtêm melhor controlo sobre a vossa vida. As vossas emoções já não os conduzem.

Alguém dirá:

– Ambres, isso é completamente impossível. Não percebo como se faz.

Não há caminho simples para compreender como se faz. Também não se trata de vigilância, mas de autocontrolo. De estar completamente presente, desperto, em cada instante da vida. De poderem observar-vos a vós próprios e ver quando ultrapassam essa fronteira, quando se colocam “atrás do touro” e se deixam seduzir pelas vossas emoções. Pode acontecer, por exemplo, ficarem muito agressivos ou perderem o controlo numa história de amor, ou quando se trata de posse. Um exemplo pode ser se virem um veículo fantástico e se ouvirem um grito como de uma gaivota:

– Quero, quero, quero...

Ou seja, deixam-se seduzir pelas vossas emoções. Não há mal nenhum em deixar-se seduzir um pouco, desde que se tenha força para sair. Para se tornar sóbrio. A paixão também é uma daquelas coisas maravilhosas em que se “vai completamente atrás do touro”. Aí poderão perder-se por completo! Quando se torna sóbrio da paixão, descobre-se que tudo o que se fez foi ser-se enganado.

Alguém me perguntou certa vez se se pode negociar com a Voz Interior. Não, não se pode negociar com a Voz Interior, porque ela é teimosa. Podem ter sonhos noturnos intensos em que a Voz Interior indicou uma direção que deviam tomar. Se não aceitarem a correção que a Voz Interior dá ou desconfiarem da interpretação porque não ser o que desejam subjetivamente, então encontram isso no sonho de outra maneira, de uma terceira maneira, de uma quarta maneira. Assim, a Voz Interior vê que não aceitem os sonhos. Se for importante, muito importante, então a Voz Interior desiste desse caminho e cria um sonho diurno que não poderão evitar. O sonho diurno pode dar sinais claros sobre que direção precisam tomar. Podem ignorá-lo, claro que podem, e continuar no vosso sonhar pessoal sem escutar a Voz Interior. Então às vezes encontram resistências com que não contavas. Então amaldiçoam o mundo:

– Porque me acontece isto agora, quando tudo parecia tão promissor? Porque ninguém me avisou disto?

Quando olham para trás, veem que foram avisados, mas não aceitaram o aviso porque estavam como que cegos. Por isso têm de estar atentos a cada passo que dão sem se vigiarem a vós próprios. É uma arte! Quando surge uma resistência, têm de ter consciência de que não deslizam para o sofrimento, mas ver que isso também é uma fase da vida que talvez seja educativa e que também encaminha o sonho noutra direção. Têm de libertar isso vós próprios, porque são ao mesmo tempo o sonhador e os sonhos.

A Voz Interior tem uma visão diferente e intervém em todo o lado. A Voz Interior desce. Segue Deus Mãe/Pai, que mencionei como uma instância superior, segue-vos. É. Somos. São. Vê, é consciente, presente. Através da Natureza do Sonhar procura conduzir-vos à compreensão de que devem soltar o vosso dia a dia, soltar as vossas vidas e entrar em sulcos que vos levem a uma compreensão mais elevada. Quando a Voz Interior dá direções na vossa vida, manifesta-se em sonhos noturnos ou sonhos diurnos ou de muitas outras maneiras diferentes. No sonho diurno pode estar aí como um consolo ou uma consciência que está presente convosco, num livro, ou nas pessoas que encontram na rua que

proferem palavras que sentem ser dirigidas a vós. Dizeis: "Fantástico! Era exatamente do que precisava neste momento."

Depois não pensam mais nisso, mas foi o Voz Interior que o deu. O problema é que vivem a tua vida sem a observar. O risco é que, quando começarem a procurar essas informações, se tornem demasiado atentos. No fim ficam apenas parados e não ousam mexer-se porque esperam pela Voz Interior. Têm de se mexer! Têm de viver!

Cada dia é um novo dia com novas experiências, novas vivências, novas compreensões. Nenhuma compreensão é colocada ali por acaso, há sempre um fundo para serem conduzidos a padrões que ou vos fazem ver ou vos limitam a percepção. Em cada instante são governados pelo que chamam impulsos. Os impulsos não são como pensam, alguém dá-vos um leve empurrão e quer mostrar-vos outro lado da vida diferente daquele em que estão. No meio do dia dá informação. No meio do passo endireita o caminho em que andam.

Encontram pessoas que vos condicionam, ou que não vos impressionam. É como se cada dia fosse um sonho fantástico em que se encontram e do qual também vós próprios criam grandes partes. Quando olham para trás para o dia e para os vossos encontros, também podem sentir que é verdade que encheram o dia com as vossas vivências, mas que certas partes já lá estavam e tiveram de as encontrar. Tinham algo a dizer-vos. O caminho até esses encontros também tenha sido guiado e pensavam que caminhavam sozinhos. Há em muitas histórias uma base maravilhosa que diz:

Deus Mãe/Pai caminha ao meu lado, guia os meus passos, protegeme, dá-me impulsos, vela. Sim, fá-lo, mas não toma decisões. São vocês que tomam as decisões! Não é certo que tomem decisões com base em acontecimentos que vos condicionam fortemente, apenas os veem como uma curiosidade da vida. Aconteceu algo ali. Algo vos tocou. Foi agradável vê-lo. Mas há algo lá dentro que reagiu. Se tivessem seguido esse sentimento, talvez a vossa vida tivesse tomado uma forma completamente diferente daquela que tomou!

Seguiram conselheiros exteriores em vez dos vossos conselheiros interiores. Seguiram os diferentes “especialistas de sonhos” do mundo exterior do sonho. A elite que colocam num pedestal, o que faz com que percam a liberdade para os vossos sonhos. Adaptam-se ao mundo de sonho dos outros para os enriquecer, em vez de entrarem no vosso próprio mundo de sonho e encontrarem a vossa liberdade.

A Voz Interior é quem molda os vossos sonhos. A Voz Interior tem uma visão muito mais ampla da vossa vida do que vós próprios. Vós viveis no mundo limitado. Sim, a própria palavra não é agradável, mas tenho de usá-la: ninguém gosta de ouvir que é limitado! Ao mesmo tempo, têm de saber que também sois ilimitados e divinos, mas escolheste permanecer no mundo do sonho coletivo que vos torna cegos. Por isso não veem os caminhos que deveriam seguir; seguem antes uma massa que se desloca a cada passo que dão. São avaliados por essa massa. Quando são avaliados, escolhem acompanhar. Tornam-se anónimos dentro de uma multidão de pessoas. Mas nessa anonimidade sentem, apesar de tudo, que ganham valor porque representam a massa, o sonho de massa, o mundo do sonho coletivo que devora as pessoas.

O único que Deus Mãe/Pai possui é o seu corpo inimaginável. A criação é o corpo deles, a sua consciência, o seu pensamento, o seu pensamento de amor. Para poder chegar à matéria, para poder chegar a cada indivíduo, servem-se dos adereços que lá existem. Não falo apenas de seres humanos, porque se manifesta em todo o lado, também fora das pessoas. Tenta conduzir as pessoas à sua iluminação interior, à sua grandeza interior. É aí que entra a Voz Interior, aquela voz que está constantemente presente, que vos rodeia.

Trata-se das diferentes áreas da vida. Podem ser problemas de relacionamento. Falámos de parcerias, filhos, problemas relacionais dentro do sistema, autoridades, impostos, por exemplo. Pode ser sentirem-se presos ou sem liberdade. São vigiados. Não têm espaço para se desenvolver. Sim, é assim. Mas isso pertence ao sistema de raízes! A Voz Interior vê-o. Deus Mãe/Pai vê-o. Nunca podem entrar e dominar. Nesse caso estariam a dominar-se a si mesmos. Podem entrar e curar-se a

si mesmos. A Voz Interior é o pensamento comum de Deus Mãe/Pai, a sua voz comum.

As mensagens que a Voz Interior vos dá manifestam-se em forma de símbolos. Pode dá-las em ordens diretas nos sonhos diurnos, mas nos sonhos noturnos temos as formas simbólicas. No mais profundo desespero, a Voz Interior pode estar presente como uma criaturinha doce, fantástica. No sonho diurno pode aparecer quase de qualquer maneira: como uma criança pequena que encontramos na rua e que acena alegremente, os olhos brilham, o sorriso encher-lhe todo o rosto.

A Voz Interior dá ao ser humano uma possibilidade. Dá-lhe a possibilidade de sonhar, mas o ser humano desperdiçou o dom que recebeu. Começou a sonhar subjetivamente, os seus próprios sonhos, a sonhar o seu próprio egoísmo e o seu desejo. Assim vemos um mundo que estava destinado a ser o paraíso que um dia foi, mas que o ser humano mutilou. Não tomem isto como uma acusação. É simplesmente assim. Pode fazer-se algo a respeito, mas exige muitos passos nos quais avaliem os vossos motivos, os vossos motivos sonhados.

Na verdade, têm um pouco de medo de ser desmascarados! Têm uma quantidade de figuras, de papéis, que vos veem e vos conhecem. Veem quando estão em fuga. Veem certas partes de vós. O ego é constituído por uma multitude de papéis que normalmente colaboram entre si. Então diz-se que se está em equilíbrio. Os papéis também veem que às vezes mentem. Não apenas às vezes. Talvez noventa por cento do que dizem seja mentira. Os papéis habituaram-se. Desistiram. Desistiram porque dizem: – Ele vive na falsidade. Já não nos ouve. Quem vive na falsidade? Também são papéis que carregam. Papéis que têm medo de ser desmascarados na sua falsidade. Mas há outra parte de vós que aponta constantemente para isso. Que diz: – Não tens medo de ser descoberto? Porque não és verdadeiro contigo mesmo e com os outros?

Têm essa divisão interior e isso pertence ao tear do sonho, ao mundo do sonho. Porque havia a Voz Interior de estar presente e apontar isto? Não ousam ir contra. Fazem ações compulsivas profundamente ancoradas pela vossa impressão. Agem contra um saber melhor. Podem

ouvir a Voz Interior como uma voz interior que diz: – Porque te maltratas a ti próprio? Porque ages dessa maneira em vez de elevar alguém, empurras para baixo.

Nas ações da vida às vezes sentem as perguntas dentro de si: – Porque fazes assim? Porque não fazes antes assim?

Alguns chamam-lhe consciência, ou será que estão a ouvir a pequena voz de Deus Mãe/Pai através da Voz Interior? Deveriam escutar essa voz interior serena em vez daquela que brada alto e bom som. Então a vossa existência seria completamente diferente. Tornar-se-iam pessoas mais harmoniosas. Começariam a sentir força dentro de vós: – Na verdade, estou de pé nas minhas próprias pernas. Não preciso de ser confirmado pelo sistema de raízes. Confirmo-me a mim próprio!

É importante chegarem aí, agir a partir da vossa voz mais profunda e não a partir daquilo para que foram condicionados.

Digo-vos: não vos conheceis a vós próprios. Não quereis conhecer-vos a vós próprios. Porque se se conhecerem, então também terão de agir para fora. Mas é tão cómodo esconder-se atrás dos próprios escudos, assim evitam ter responsabilidade fora. – Eu só estou aqui dentro. Não lá fora. Assim isolam-se do mundo, sentem-se inseguros, não presentes. Não sentem que têm um porto seguro acolhedor. Travam de alguma forma o vosso crescimento.

Na Natureza do Sonhar são desafiados. Na Natureza do Sonhar têm de enfrentar os vossos demónios interiores, assim como os escudos que erguem. Porque a Voz Interior pode parecer implacável. Faz sonhos com má vontade? Não é isso que faz. Mas podem senti-la como implacável. O único que quer é que acordem. Que aproveitem a capacidade que têm. Que entrem em luta com os vossos próprios medos. Que entrem em luta com a ideia de que é o mundo lá fora que é mau. – Eu sou bom. Quero o bem de todos. Não. Não quereis o vosso próprio bem. Vigiais-vos a vós próprios. Fechais-vos dentro de vós próprios. Tornais-vos o próprio guarda. Tornais-vos o vosso próprio guarda!

– “Eu funciono.” Sim, claro que funcionais. Funcionais, mas de que maneira funcionais? Tornas-te vigilante. Tornais-vos vigilantes, sensíveis, como se diz. Tornais-vos sensíveis a tons, a ambientes. Entrais numa sala e não vos sentis bem-vindo. Já antes tinham criado a imagem de que não eram bem-vindos, porque vós próprio não vos acolhestes lá. Já ao entrar, colocastes-vos de fora.

A Voz Interior “implacável” é quem mais vos ama. A Voz Interior é quem quer levar-vos a ver que são algo mais do que vós próprios compreendeis. Mas têm de se desafiar a vós próprios. Têm de se agarrar a vós próprios. Têm de ultrapassar a vossa própria vigilância. Mas saibam que isso está profundamente enraizado. Não é algo que se destrua facilmente! Mas têm de começar por algum lado.

AS DIMENSÕES

Disse vezes sem conta: o tempo não existe. Não existe, e isto é difícil de compreender com a ajuda da lógica. Quando olhamos para as dimensões, digo: – São vocês que criam o tempo, são vocês que criam o movimento. Sem uma testemunha de um processo, vocês não existem.

Trata-se das dimensões. Quando digo que são vocês que sonham tudo isto, digo-o literalmente. São vocês que criam o mundo. É fantástica a força que têm sem o saberem!

Quando falamos das dimensões, falamos naturalmente da primeira dimensão que é a linha. A segunda dimensão é a superfície. A terceira dimensão é o espaço. Estas três dimensões são onde vocês existem. Este é o vosso espaço de vida. Também veem que isso vos limita? Imaginemos agora uma galinha colocada num espaço assim. Tem dez metros de comprimento. Tem dois metros de largura. Aí anda a galinha toda a sua vida até que um dia alguém passa e diz: – “Coitada da galinha. Não deves estar tão presa.” Tira a gaiola e diz: – “Voa, és livre!” O que faz a galinha? Anda dez metros para a frente. Anda dois metros para os lados. Para ela a gaiola continua lá na sua consciência. Não consegue imaginar dar um passo ao lado e dizer: – “Uau, isto também existe? Ui, é perigoso. Tenho de ficar dentro da moldura.”

De certa forma, parecem-se com galinhas. Mas deram um golpe de xadrez. Colocaram duas portas neste espaço. Então dizem: – “Entrei – nasci. Saí – morri.” Não. Não entraram nem saíram. O vosso corpo fica aqui dentro independentemente do que façam. A vossa consciência foi criada lá. A vossa consciência continua lá. Continuam presos à vossa ideia, mesmo do meu lado.

Vamos avançar e olhar para isto. Temos as três dimensões. Temos ainda uma dimensão que é o movimento. O movimento é tempo. O movimento cria tempo. O movimento é fricção e também cria tempo. Pois, isso é interessante. Tão interessante como quando afirmam que ouvem a voz do Instrumento. Porque, vejam, não podem fazê-lo. O Instrumento não tem voz. Vocês também não têm voz. O pássaro que canta no ramo. Dizem: – “Que lindo canto!” Não é ele que canta em si mesmo. O pássaro. Se vocês não estivessem lá, não haveria ninguém que pudesse receber as ondas sonoras silenciosas ou os movimentos de ondas no éter. São vocês que as recebem. São vocês que as transformam em canto. Dizem: Que lindo canto. Cantam juntos! Ele é a causa de poderem experimentar o canto. Entre mim e vocês neste momento, ou digamos entre o corpo de que me sirvo, há um silêncio absoluto entre mim e vocês. Só quando recebem com os vossos ouvidos é que transformam isso em som. Não é fantástico?! Dizem: «Canta para mim», em vez de dizerem: «vamos cantar juntos». Eu crio o canto em mim, tu dás, por assim dizer, o movimento de onda ao “nosso” canto.

Vamos mais longe. Isto não pode existir. Nem a linha, nem a superfície, nem o espaço podem existir se não houver um observador. O observador seria então, se é que se pode falar de dimensões, a quinta dimensão. Tudo isto não pode existir. Vocês são o observador e são vocês que criam estas quatro dimensões. São mesmo vocês que as criam.

Quando a impressão ou condicionamento começa, então surge o tempo. Então começa o sonhar e o sonhar é tempo, cria tempo. No mundo da criança o espaço e o tempo são completamente diferentes do vosso espaço e do vosso tempo. A linha, a superfície e o espaço parecem completamente diferentes para elas do que o vosso mundo parece. No mundo da criança não existe linha. No mundo da criança não existe

espaço. No mundo da criança não existe tempo. Ou seja, a criança ainda não está presa no sonho do tempo. É-lhe impresso. É por isso que digo: cada um existe em pequenas ilhas no oceano do ser. Cada um no seu aspeto de tempo. Cada um no seu aspeto de espaço e na sua linha. Cada um de vós é completamente único no seu mundo. O que vos une numa experiência de vida aproximadamente semelhante é o sistema de raízes, a função dirigente. Há muitos sistemas de raízes que vigiam o movimento, o tempo, o espaço, a linha e o sonho.

A IMPRESSÃO/CONDICIONAMENTO

Chegam à vida sem sonhos. Chegam ao mundo sem sonhos subjetivos, mas já se encontram no mundo de sonho de outra pessoa. Já antes do vosso nascimento podiam existir como impressão nos desejos e sonhos dos pais. Ou seja, como eles gostariam de vos desenvolver. Não como vocês próprios quereriam desenvolver-se.

Disse que não existe tempo. Não existe, mas o pensamento surge, o pensamento surge. Quando surge o primeiro pensamento na criança, então começa o princípio do sonhar. Então ancora-se no sonho coletivo. Os pais ficam felicíssimos com isso. – “Ah, a criança começa a compreender o que digo. Posso começar a educá-la segundo os meus princípios.” Mas não questionam minimamente se os seus princípios são certos ou errados, naturalmente acham que são os certos. É a minha educação que transmito ao meu filho. São os meus valores que transmito. Exijo obediência.

A criança coloca pessoas num pedestal: pais, irmãos e outras pessoas que tem à sua volta. A criança recebe promessas, ou acha que recebe promessas, e fica muito entusiasmada: Agora vamos fazer isto e aquilo! Muitas vezes a criança é traída e a traição fica ali como uma sombra ao longo da vida. Criam-se quantidades de papéis. Juntos formam a vossa personalidade primária, o vosso eu central. Vocês são constituídos por uma quantidade de figuras de papel diferentes, desde a infância.

A experiência que a criança faz do mundo pode ser de muitas maneiras diferentes. Alguns viveram uma segurança fantástica, foram vistos, confirmados, foram tratados com amor durante a infância.

Surgiram quantidades de figuras de papel diferentes que foram seguras e se sentiram vistas, confirmadas e que sempre houve alguém que esteve lá por elas. Outros têm crianças interiores que ainda se escondem. Têm medo, estão carregadas de angústia. Medo de abusos psíquicos e físicos. Aí temos outra imagem de sonho. Mas desenvolve-se de instante para instante para uma nova figura e novos papéis são constantemente criados.

Muitas vezes a criança entra em conflito com o mundo exterior, mas o que tem para se defender? Ou é considerada "menos sabedora" ou é levada a um psicólogo infantil que avalia o seu estado mental. Isso deixa marcas. Ou alguém diz sobre a criança: Pensa de maneira tão estranha. Tem pensamentos completamente diferentes dos nossos. A criança absorve isso e a sensação fica ali como um "fermento" toda a vida: – Estou de fora. Ninguém me vê. Ninguém me ouve. Ninguém me confirma.

A criança está completamente aberta aos sentimentos. Problemas relacionais numa família, a criança sente-o. Perguntamo-nos então: porque reage a criança? Não sabemos, mas talvez reaja a ameaças. Reage a ameaças. Há uma atmosfera ameaçadora. Reage a atmosferas. Não precisa de haver nenhuma figura. Se perguntarmos à criança – "Porque tens tanto medo?" A criança não sabe. É como se fosse a atmosfera que as afeta. Durante o dia quando há uma atmosfera ameaçadora, a criança pode encolher-se e esconder-se. Mas à noite tornam-se completamente abertas e então vem tudo isso, mas não conseguem precisar o que é. As crianças são sensíveis. A criança é como uma esponja que absorve experiências e sentimentos.

Nesse processo, num estágio muito precoce do seu desenvolvimento de vida, desenvolvimento de tempo, desenvolvimento de sonho, a criança também recebe a insegurança de não chegar, de não servir. Isso cria exigências. As exigências não ditas são muito piores do que as ditas. As exigências não ditas do sistema de raízes ficam ali como um filtro e cria o que chamam a inveja institucionalizada (em traços de modéstia e igualdade): – "Não penses que és alguém, não penses que podes vir a ser alguém. Isso cria uma insegurança constante e um questionamento constante da sua capacidade. Muitas vezes as crianças cedem a força e

ficam numa posição em que tentam constantemente agradar. Prestar para servir. Ao mesmo tempo recebem constantemente reveses na sua prestação, porque esta é questionada.

As crianças têm cada qual uma figura paterna. Têm também uma figura materna. "Herda" o mundo dos pais. "Herda" as compreensões que os pais têm, com contradições e tudo o que comporta. Além disso trazem desde o nascimento algo muito único, nomeadamente o que chamo personalidade de base. É a herança que têm de encarnação, ou seja, talentos e características que a Essência adquiriu ao longo de todas as encarnações que fez. A personalidade de base está agora na criança como pressuposto para continuar a construir. Os pais também têm os seus sonhos sobre a criança que nasceu. Criam um mundo para ela.

A criança entra normalmente nos desejos e sonhos dos pais e torna-se prisioneira da pequeníssima esfera que eles constituem. Normalmente não podem desenvolver a sua personalidade de base, porque os pais ditam o caminho. Então acontece isto: recebem uma herança não biológica, mas impressa, condicionada. Todos vocês carregam uma herança impressa que talvez também transmitam aos vossos filhos, que por sua vez a transmitem. Têm heranças impressas. Então costuma dizer-se que é herança biológica. Bem, é e não é, não é isso, porque herdamos o sistema de raízes, herdamos a cultura, as tradições e tudo isso junto. Mas também herdamos ideias, ideias emocionais ou perturbações emocionais na família. Fala-se de pecado original. Sim, o sonho é a herança que recebem, o sonho pessoal. Essa herança transmite-se até à terceira ou quarta geração antes de a largarem.

Ouçõ por vezes esta expressão: O meu pai era duro e eu também sou duro com os meus filhos. Eles por sua vez serão duros com os seus filhos, muito exigentes. Pois, é uma herança? É, sim. É uma herança emocional. Sim, também, mas será uma herança biológica? Não, não é. É uma herança de impressão que receberam, mas que também é emocional. Isso governa a vossa vida. Ou seja: herdamos o vosso comportamento e a maneira como se expressam. O que herdamos pode muito bem ser o oposto daquilo que o vosso pai ou mãe queriam.

Se durante a vossa infância forem constantemente comparados com alguém, sentem inferioridade. – “Não presto, não consigo. Sou constantemente avaliado.” Isso também é uma herança que recebem. Irmãos numa família têm personalidades de base diferentes, mas também têm, num certo plano, pais diferentes, porque são educados de maneira diferente dependendo de como os pais se ligam a eles. Alguém pode ter um pai ou mãe muito generoso e chegado. A maior parte nega que exista sempre uma criança que tem lugar especial em todas as famílias. Muitas vezes é negado, mas é assim. As crianças são educadas da mesma maneira? Não, não são. Que é que faz com que sejam educadas de maneira diferente? Depende inteiramente da ligação emocional que se cria com a criança e da ligação emocional que a criança cria com os seus pais. Assim têm mundos de sonho diferentes dentro de uma mesma família. Quando os irmãos comparam os pais dentro do grupo de irmãos, olham uns para os outros algo espantados. Um deles diz: – Meu Deus, eu não vivi o pai de maneira diferente! O pai era gentil e cuidava de mim. Protegia-me! Então o outro pode dizer: – Para mim era um ditador. Não podia fazer nada. Só faltava o machado na mão dele... Para alguns dos irmãos ele era condescendente, para outros estava presente.

O primeiro período da vossa vida é o que “cimenta” o indivíduo que virá a ser. É como um núcleo que se constrói a partir da influência dos pais, da escola, do mundo dos amigos, que depois se constrói e cimenta como uma pedra sobre a qual tudo o resto cresce. É a primeira pedra angular da vossa casa de vida. Essa pedra é, pois, o ego impresso pelos pais. A segunda pedra angular que aí se coloca é o sistema de raízes, que o constrói com os seus valores para a vida, etc. Aqui temos a terceira pedra. É colocada tanto pelo sistema de raízes como pelos pais.

A quarta pedra é a expectativa que o sistema coloca sobre vós. Nenhuma dessas pedras é verdadeiramente vossa; é sobre essa base alheia que depois construíis a casa da vida que carregais convosco. Têm a influência dos pais e herdaram as suas compreensões, opiniões, etc. Esses, por sua vez, herdaram-nas dos seus pais numa, duas, três gerações. Até à terceira e quarta geração herda-se o passado dos pais. A pessoa torna-se

um produto desse passado. É esta a armadilha da impressão que carregam desde a infância.

Se conseguissem penetrar para além dessas pedras e perguntar o que realmente existe lá dentro, encontrariam as coisas mais estranhas. Encontrariam amarras maravilhosas. Quer a infância tenha sido vivida como amorosa, com pais presentes e confirmadores, quer tenha sido dogmática, com regras rígidas a cumprir, sobretudo havia sempre a ameaça, a ameaça não dita de não ser amado, de ficar de fora, de não ser visto se não fizer exatamente como eles dizem.

Há abusos físicos que são terríveis. Há também abusos psíquicos que, a longo prazo, podem ficar ainda mais enraizados do que os físicos. Situações de abuso na infância podem ser quase impossíveis de reconciliar. Diz-se à criança que tem de se reconciliar com a mãe, com o pai. Não se pode dizer à criança que tem de os compreender! A criança é vítima da sua impressão! A criança não compreende nada, porque para a criança os pais são ditadores que ditam o seu mundo. Sem saberem, ficam presos a uma figura materna forte e uma figura paterna fraca, ou o contrário, ou ambos muito fortes ou muito fracos. Seguem-se mutuamente e também têm medo de falhar. Os filhos têm de ser a sua felicidade na vida. A criança tem de representar que eles conseguiram na vida. Os pais pressionam a criança para o mundo adulto com as exigências penduradas na cabeça: prestar para mostrar que os pais conseguiram produzir algo que os faz subir de valor.

Tudo isso fica ali como um filtro, mas a criança glorifica. A criança tem aqueles “deuses-pais” que são infalíveis no seu mundo. Cada figura que surge nas diferentes fases da vida – aos trinta, quarenta, cinquenta anos – carrega isso consigo. Saem para a vida aos vinte anos. Serão então adultos? Não. Estão a treinar o mundo adulto, mas carregam sonhos de criança. Aos trinta anos podem estar bastante desiludidos e presos no sistema, com sonhos de como conseguir satisfazer os outros, mas continuam a ser conduzidos de dentro. É aí que têm a base da vossa competição maravilhosa e onde talvez sintam sempre: derrota, derrota. – “Faço, consigo, mas sinto-me sempre insuficiente. Fiz o que não queria

fazer, mas o que havia no meu sonho de vida que era tão importante? O que era?”

Se perguntarem se a vossa vida aos cinquenta/sessenta anos foi como desejavam: – Bem, não foi bem assim. Tinha sonhos sobre o que faria, o que devia fazer. Mas, sabes, Ambres, é preciso adaptar-se à realidade. Sim, fostes influenciados pelos vossos consultores lá fora. Não seguistes o que queríeis. – “Mas o que quero eu realmente?, perguntam-se então. O que querem é não ter de prestar para ninguém. Não precisam de prestar para ninguém. Nem sequer precisam de prestar para vós próprios. Não precisam de prestar para ser felizes e ricos. Não precisam de prestar para ter sucesso.

Foi como sonhastes que seria? – “Sim, exteriormente foi como sonhei, mas perdi-me a mim próprio no caminho. O que sonhei foi ser livre. Exteriormente sou livre, mas interiormente não sou.” – Para quem tentais provar o vosso valor? – Defendestes as exigências que havia na infância. “Tínhamos de ser bem-sucedidos. Tínhamos de ser alegres, gratos. Tínhamos de provar quem éramos e fomos rigorosamente educados para estudar. Não tinha vontade de estudar, mas fiz por causa deles. Os meus estudos trouxeram-me até aqui.” És feliz? – “Não, mas deveria sê-lo.”

Começam a olhar para trás, para os dois, três, quatro anos de idade e encontram o sentimento de exclusão, a angústia e aquele desejo de amor: – “Vê-me, vê-me! Pega-me ao colo. Cuida de mim.” Esse sentimento de exclusão está lá, a sensação de ter sido negligenciado. Isso permanece e influencia o elenco de papéis o resto da vida.

Agora, digamos aos quarenta, cinquenta, sessenta anos, quando olham para trás para a vida, dizem que há partes a que não querem voltar. – “Não quero ver isso, não quero pensar nisso porque dói.” Digo-vos: não é a superfície que dói. É o tempo de sonho da criança que carrega a angústia. A criança que viveu aquela parte. A superfície não a sente, mas vocês carregam-na convosco. Pertence ao vosso mundo de sonho e ao vosso mundo de sonho interior.

Esta coisa dos sonhos de vida é um mundo maravilhoso. Quando se pergunta: – Qual é a chave para me compreender a mim próprio no meu sonho de vida e no meu agir? Têm de voltar atrás e observar toda a sequência de sonho desde a infância, desde os chamados “tenho de”, a impressão, o condicionamento, a armadilha em que caíram e questionar-se: – “O que havia no início da minha vida que era a força motriz, aquilo que sentia que queria fazer, mas sobre o qual me tornei inseguro porque havia tantas vozes a gritar à minha volta? Afastei-me do meu canal principal e depois perdi-me na vida. É terrível! O que faço agora?”

A maior parte diz: – Agora já é tarde. Já me tranquei no meu sonho! Quando mais tarde começam a trabalhar os próprios sonhos, frequentemente entram em situações de conflito com o mundo de sonho dos pais. O mundo de sonho deles estará errado? Não, mas eles próprios estavam presos. Não precisa de ser por maldade, mas por amor. Queriam o vosso bem! Mas também não tiveram em conta a vossa personalidade de base. Essa vai expressar-se como um ruído de fundo, como um desejo. Também vai criar sonhos específicos que são vossos. As figuras de papel que surgem, que vão constituir o vosso ego, são produto dos pais através da impressão. Também surgiram como parte do vosso próprio sonhar.

Às vezes entra-se numa situação de conflito em que se quer satisfazer os pais. Pode ficar-se preso ao mundo de sonho dos pais se eles forem suficientemente fortes, ou entra-se em conflito com o mundo de sonho deles e procura-se desesperadamente uma plataforma própria no mundo do sonho. Se agora olharem para trás para a infância, para essa herança que têm, alguém dirá que é preciso honrar os pais. Não. Não têm de honrar ninguém! A única coisa que têm de fazer é respeitá-los! Eles estavam presos nos padrões em que se encontravam, por isso não podem nem honrá-los nem amaldiçoá-los. Só podem dizer que foi isso que vos aconteceu também. – “Fui governado.” Então alguém pergunta: – “Ambres, terei direito de acusar a minha mãe?” Não tendes direito de acusar a vossa mãe, porque ela não quis governar-vos por maldade. Ela está presa nos seus padrões.

Queridos, amados amigos! A chave passa por permitirem-se acordar! Se olharem para o sonho, para o mundo do sonho enquanto tal, vivem

num mundo muito fluido. Atraem informações que constroem o vosso mundo de insegurança ou segurança. Então alguém dirá: – “Sim, mas Ambres, falaste da personalidade de base.” Digo que a personalidade de base são os talentos e as características que tendes, que trazeis convosco. É a grandeza que ninguém lhes pode tirar. Conseguiram desenvolvê-la? Não. Fostes elogiados por ter talentos e características fantásticas? Não. Porque não? Porque outros decidiram pela vossa vida. Vão acusá-los por isso? Não, eles estão condicionados para isso!

Se um pai ou mãe disser: – “Quero que o meu filho estude. Quero que ele seja isto, aquilo e aqueloutro...” Isso é na verdade um abuso. O que deveis vós desenvolver enquanto pessoa? É preciso começar a trabalhar o equilíbrio interior entre a vossa mãe e o vosso pai. Mas há mais. Também têm de questionar: – O que será realmente meu? A vossa personalidade de base e as vossas experiências fora da influência dos pais. Isso é ouro que carregam. As vossas próprias experiências! Conseguir soltar-se da influência da terceira à quarta geração significa começarem a aceitar aquilo que realmente representam. Não têm de representar a mãe, não têm de representar a figura paterna. Têm de se representar a vós próprios! Têm de se abrir para aquilo que vós próprios criaram na vossa vida.

Se conseguissem tirar a primeira pedra angular e substituí-la por uma visão clara da armadilha da impressão, construiriam a vossa própria pedra. Se a deslocassem, também aconteceria algo às outras pedras da casa da vida. Já não estariam presos no sistema! Seriam livres! No sonho aqui e agora têm de recomeçar do zero. Do zero. Isso exige passar por grandes partes da vida. Passa-se pela infância e adolescência. Olha-se para o padrão, para os papéis. – “Como foi que agi em diferentes fases da minha vida? Quando foi que fugi? Quando foi que fui submisso? Quando foi que entreguei a minha força?”

Os filhos que têm são governados pelos vossos sonhos. Não devem educar os vossos filhos? Devem, é claro! Mas devem cuidar das características próprias que eles trazem desde o início. Devem observar os talentos e características que essa criança possui exatamente. Têm de ir contra o vosso próprio sonhar e permitir que a criança desenvolva o seu

sonhar! Assim dão liberdade aos filhos no sonho. É importante lembrarem-se disto quando entrarem na Natureza do Sonhar.

Papéis

O ego é constituído por uma quantidade de papéis que, regra geral, colaboram entre si. Então diz-se que se está em equilíbrio. Mas o ego não precisa de ser verdadeiro. Foram crianças com uma consciência e com muitos papéis de criança dentro de vós. Carregam papéis de adolescente e de adulto. Adaptaram-se a diferentes ambientes e novas figuras de papel surgiram em vós. Carregam-nos todos ao mesmo tempo. Também carregam convosco situações da infância. Pode-se ouvir as crianças interiores a chorar, solitárias, sem casa, lá no fundo. Pode-se ouvir o choro lá de dentro, onde estão as figuras de papel no quarto, sós, abandonadas, desejosas. Podem ser papéis de criança, de adolescente e até de adulto. Também vemos como se procuram mutuamente nos respetivos quartos. Como se agarram uns aos outros e tentam consolar-se enquanto a superfície se torna insensível ao seu mundo interior. Dizem: – “Não quero falar da infância. Foi tão terrível. Dói só de pensar nisso.” Deixaram-no para trás? Então não podem ter problemas agora? Carregam todas essas crianças convosco! Em cada situação da vida. Assim é a vossa vida!

Os papéis surgem como seres que não conseguem ver. Têm consciência de que os papéis que carregam não conseguem ver, mas conseguem ver como se expressam. Porque se expressam através de vós, mas os papéis em si não conseguem ver. Às vezes são tão evidentes que acham que veem a forma do rosto e a postura do corpo. É mais ou menos como quando eu passo pelo Instrumento. Não me conseguem ver, mas conseguem sentir-me através do Instrumento. O mesmo acontece com o Instrumento. Conseguem ver o corpo dele, mas não o conseguem ver a ele, os papéis que surgem. Só conseguem ver o resultado da existência deles: ele pode ficar alegre, triste, agressivo, por exemplo. São diferentes figuras de papel que se manifestam através dele.

Têm uma quantidade de figuras de papel convosco que vos veem e vos conhecem. Precisam do mundo limitado. Porque vêm daí, os vossos papéis pertencem ao mundo limitado.

O que é a vida em si? Um palco onde se representam diferentes papéis. Onde também se fica preso em diferentes papéis e não se tem visão livre. Por isso vos exorto: Conhecei-vos a vós mesmos! O que vos impede? Vede o que vos influencia. Observai o que vos prende. Olhai para as crianças que carregais! Carregam uma quantidade de papéis. Todos vós estais como numa arena, uma arena da vida. Quem vos observa são os vossos papéis sentados na plateia. Às vezes sobem ao palco e dizem: – Olá, agora quero falar um bocado. Também faço parte, não sou só parte do cenário, fomos nós que escrevemos a peça até agora. Agora tomaste tu o comando. Mas também tem um sentido. Talvez procures algo diferente do que nós?

Esta é a arena ou o palco em que estais. Escreveis a peça. Escolheis o elenco. Quem são os espectadores? São os vossos papéis que assistem. No início a sala pode estar bastante vazia. Estava. Aos poucos foi enchendo. Acreditem, há críticos bastante duros ali sentados a observar o palco. Dizem: – Assim não faria! Eu não faria assim em absoluto. Teria resolvido de maneira completamente diferente. Então entra-se em conflito consigo mesmo e diz-se: – Pois, sobe e toma tu o comando se achas que consegues fazer melhor! Entra-se em conflito com o interior. Chama-se a isso desenvolvimento. Novos papéis surgem. O palco muda.

Os ouvintes sentados na sala também são papéis que carregais. Também eles mudam. Chegam mais. Nenhum é expulsado, mas alguns calam-se, já não participam. Sentem-se atropelados. Há papéis especiais que têm outra vitalidade, talvez alegria de viver. Novos papéis dão uma palmada no ombro e dizem: – “Agora sai daí, só estorvas.” Todo o cenário muda. Quanto mais velhos ficam, mais compreensivos se tornam. Podem afirmar o contrário? Ou quanto mais presos ficam, mais difícil é convidar o elenco que está na plateia para o palco! Convidem-nos! Podem vitalizar de maneira completamente diferente. É aí que temos o que se chama juventude. Então diz-se que é patético quando um homem ou mulher de setenta, oitenta anos é tomado por uma figura de vinte anos. – “Que patético. Esse aí está a ficar criança. Acha que é novo!” É novo! Mas olha-se à idade. Olha-se ao corpo em vez de olhar para o que vitaliza. Forma-se a imagem da pessoa a subir uma escada da vida. Encontrei no banco

de memória do Instrumento um desenho em que se descreve o envelhecimento como subir até ao cume da vida. Depois desce-se do outro lado e lá está um caixão à espera. É essa a imagem que têm. Mas carregam toda a vida convosco! Carregam o palco! Carregam todas as figuras de papel. Carregam o sonho!

Os vossos papéis anteriores estão lá. Criam problemas na vida? Sim. Têm agora setenta, talvez oitenta anos e de repente acontece isto: um homem de talvez oitenta e cinco anos conduzia uma mota na juventude. De repente são papéis de juventude que tomam o comando e compra uma mota. O que se diz então é que o velhote “está a ficar criança”. De certa forma está. Foi tomado por papéis que não perceberam que o corpo dele está tão frágil que têm de ter cuidado porque o corpo não está no mesmo estado de quando estavam em primeiro plano. Então dizem: – “Que trágico! Que patético! Um homem de oitenta e cinco anos que acha que é adolescente!” É adolescente! Não tem oitenta e cinco anos nesse momento.

Depois o homem de oitenta e cinco anos pode voltar todo dorido e as pessoas dizem: – “Ainda bem. Finalmente está normal!” Sim, está normal segundo os outros que acham que deve adaptar-se à idade. É preciso aprender que no vosso interior inteiro estão cheios de contradições. Podem entrar em relações que normalmente não teriam, mas elas despertam, ativam a vossa juventude. Ativam algo lá dentro. O sonho é mutável. O sonho expressa-se de muitas maneiras diferentes. O que havia nos teus sonhos quando eras pequeno? O que querias? – “Não sei bem”. Não, porque os perdeste! Ou achas que os perdeste. Ficam apenas difusos algures muito longe. O teu desejo talvez permaneça, mas está escondido atrás de tantos “tenho de”, tantas diretivas, tantas leis não ditas. Vêm dos teus pais, dos teus próximos, mas também do sistema de raízes como tal.

Preso no sistema de raízes? É um mundo de sonho maravilhoso em que caem e interrogam-se: – “Quando acabará o sonho?” Não acaba, é o sonho que sustenta o universo. É o sonho que sustenta este mundo fantástico. Sem o sonho não existe “Fantasia”. Conhecem A História

Interminável? Enquanto houver pelo menos um grão de areia do país “Fantasia” pode voltar a ser construído e acho isso muito consolador.

Há sonhos que são terríveis, que são um pesadelo e quando olham à volta neste mundo, claro que gostariam de fazer uma mudança. Mas têm uma multidão de sonhos que tem de mudar. Chama-se “o mundo silencioso”, os não-engajados. Os que estão aí: centenas de milhar, milhões de pessoas, mas que na sua angústia e no seu medo não se comprometem a mudar o sonhar. A Voz Interior está incansavelmente aí, corrige, corrige, corrige. Alguém diz: Porque não pode Deus Mãe/Pai intervir, eles têm o poder para isso. Não podem entrar em luta com a sua própria criação. Não podem entrar em luta com o seu próprio sonho. Mas surgiu um sonho dentro do sonho, como um movimento que se tornou incontrolável. Quem o pode parar? Os sonhos. Vocês.

Não podem sonhar absolutamente nada se não tiverem substância de onde sonhar. Sonharam um passado, existe? Bem, existe na memória. Carregam-no convosco no sentimento. Carregam-no na memória, no pensamento, mas não está atrás de vós. Está aqui, no sonhar que vem a seguir. Se não tiverem este material com que construir o sonho seguinte, então não têm nada de onde sonhar. Por isso, para uma criança o sonho tem primeiro de ser construído. O problema é apenas que a criança fica presa no mundo do sonho coletivo. Depois, quando se fala com a criança já adulta e se pergunta: – De onde vieste? “Sempre estive aqui. Lembro-me do meu nascimento. Lembro-me de quando tinha um ano, cinco anos, dois meses. Tenho memórias claras disso.” Sabem o que mais? Muitas vezes somos vítimas de descrições. Todas as pessoas que existem neste planeta podem ser programadas com memórias que nunca existiram. Os vossos psicólogos descobriram isso. Os vossos psiquiatras descobriram isso. Quando se interroga crianças, o interrogador pode dar imagens à criança que elas podem aceitar e acreditar que são reais. São imagens falsas, como tudo o resto com que se rodeiam. Foste criança um dia. O que eras antes? Onde estavas então? – Bem, dizem, estava do outro lado a preparar-me. Digo-vos: nunca estiveste do outro lado. És uma construção de um sonho coletivo. És uma construção, querido amigo. És uma imagem de sonho, és um mundo de sonho. Quando a criança tem

um ano: o que havia antes? Não têm consciência de que algo existiu antes. Aquilo que dizem que existiu antes são reconstruções posteriores que se cementam na consciência para que se acredite que “eu existia antes”. São reconstruções posteriores.

– Então sou uma construção, um robô? Sou apenas uma imagem fantasma que na verdade não existe? Não é assim tão mau quanto isso. Vistas maravilhosas, árvores tão belas. Têm consciência de que tudo isto existe, mas ao mesmo tempo não existia um dia na vossa vida? Foram lentamente programados para o mundo físico. Com muito esforço aprenderam detalhes que depois juntaram numa imagem global que depois chamam realidade. A riqueza de pormenores que aprenderam é absolutamente incrível. Isso prendeu-vos num sistema, num sistema de raízes, num mundo de sonho. És ao mesmo tempo uma construção e uma imagem fantasma, mas és também algo mais.

O que mais?

Tens uma consciência que existia antes de teres adotado a construção. O mundo do sonho cognitivo, o mundo do sistema de raízes, tem uma função dirigente dentro do quadro que constitui: a religião, a cultura e as tradições. Há constantes contradições mesmo dentro de um único sistema de raízes. Só falei do sistema de raízes como função dirigente. Não disse que o sistema de raízes é bom; digo que é aprisionador e, se alguém se opõe contra ele, o sistema de raízes sente-o como uma ameaça.

Se não segues as intenções do sistema de raízes, és visto como uma ameaça e deves ser reconduzido aos sulcos certos, porque, caso contrário, és um elemento perturbador e o sistema de raízes não tolera isso. É errado dizer que o sistema de raízes se torna cada vez mais fechado, mas também é errado dizer que se torna cada vez mais aberto. É as duas coisas ao mesmo tempo. Há forças no sistema de raízes que querem soltar e que dizem que todos têm o mesmo valor. A força contrária diz que têm de se fechar contra ameaças externas. Que ameaça? As mudanças que o sistema de raízes não tolera! Mudanças na cultura, nas tradições e na religião.

Há muitos sistemas de raízes diferentes no nosso mundo, mundos de sonho diferentes. Formações religiosas, formações culturais, formações tradicionais. A única coisa comum a todos é que a Voz Interior (o que não está preso, sem tradição, sem religião, sem cultura) está sempre presente em todos os sistemas de raízes e tenta corrigir, corrigir, corrigir.

Confirmação

Existe uma necessidade de ser confirmado, sim. Mas raramente se pensa que isso também é um sonho. O motivo de querer ser confirmado tem a ver com pertença. Uma identidade. Uma pertença a um grupo, talvez. Não é preciso conhecer o grupo, basta ser confirmado por muitos para ganhar um certo valor subjetivo. A confirmação tem duas faces. É como uma espada de dois gumes.

Ser confirmado é a tua necessidade e, se é a tua necessidade, então encontras uma fraqueza em ti próprio. Repara bem que digo: «Quando se torna a tua necessidade, revela uma fraqueza em ti próprio.» Não queres aceitar aquilo que vês. Queres ser confirmado por algo diferente daquilo que achas que és. A confirmação é como o doce: – Que bom. Estou dentro. Tenho pertença. És confirmado como personalidade, mas isso não te dá compreensão de quem realmente és. No dia em que conseguires confirmar-te a ti próprio, já não precisarás de ser confirmado a partir do exterior. Então terás confirmação própria. Ou consegues equilibrar. Então tens equilíbrio na vida. Então não dependes deles. Também não dependes da tua confirmação própria.

És livre, mas podes passar pelos problemas sem ficar preso a nada. Então sentes que alcançaste um bom autoconhecimento. Então também se trata de autoaceitação. Aceitares aquilo de que tentas fugir. Muitas vezes também estás em fuga na tua necessidade de confirmação. Não precisa de ser assim, mas pode ser. Quem não quer ser confirmado? Todos queremos. Eu também quero! Porque se não confirmassem a minha existência, o que seria eu então? Poderia ser qualquer coisa. Mas agora confirmaram o meu papel. Esse papel vai desaparecer e quem me confirmará então?

Vocês confirmarão aquilo que vos dei. Vão confirmar isso, não a minha figura. Mas se eu me identificar com a figura do Instrumento, então não sou eu que confirmam, é o Instrumento que confirmam, embora ele não tenha consciência disso nesse momento. Quem deve ficar com a glória da confirmação, eu ou o Instrumento? Eu não estou lá. Vocês não me veem. É aquilo que dou.

Encontramos uma divisão maravilhosa. Há um mundo de sonho em que se vive na constante necessidade de ser confirmado. Muitíssimas pessoas não conseguem viver sem serem confirmadas até ao absurdo. Quem as criou assim? Esse maravilhoso mundo de sonho em que se criam mitos à volta de personalidades, ideais. Entra-se num mundo de imagens de estrelas de cinema, fixações no aspeto, fixações no corpo. Assim e assim alto, assim e assim baixo. Conseguir representar papéis, conseguir entrar noutros papéis, etc. Sabem o quê? São atores fantásticos, cada um de vós! Mas escolhem engrandecer. Quando ouvi o Instrumento dizer o seguinte, pensei que eu próprio devia ter pensado nisso: «Não engrandeças ninguém porque assim te diminuis a ti mesmo. Também não te diminuas perante ninguém porque assim engrandeces o outro.» Ou seja, são completamente únicos no vosso mundo de sonho tal como são. São únicos no vosso mundo de sonho! Não tentem imitar ninguém além daquilo que são! O importante é ver e compreender isso, mas assim é no mundo do sonho subjetivo. Engrandeceis e diminuis. Diminuís-vos a vós mesmos e engrandecem outro. Têm de encontrar um valor comum no vosso sonho. Que, independentemente do lugar, do patamar de vida, do nível de educação, têm duas coisas em comum, na verdade três: nascem, caminham por uma vida, sonham-na e morrem. São vocês que se devem conduzir a vós mesmos, não outra pessoa! Não devem ser conduzidos por mim.

A única coisa que vos posso dar é a iluminação de que podem conduzir-se a vós mesmos! Assim ficam livres de toda a influência. Assim podem sentir: – Sou algo, mas já encontrei a luz? Não, para que querem isso? Se procuram a luz é porque reprimiram a vossa própria luz! Procurem onde estão! Quem és tu? Quem expressas? Quem fala através de ti? Qual é o teu núcleo mais profundo?

É como se houvesse duas vozes que gritam constantemente lá dentro. Uma que segue a armadilha da impressão e faz o que não queres fazer. No dia em que ousares fazer o que queres fazer, terás alcançado uma vitória fantástica. Queridos, amados amigos! Escutai o vosso interior, não o exterior. É extremamente importante. Sede o vosso próprio canal! Sede a vossa própria grandeza! Vendem as vossas vidas. Vendem-nas a alguém que as governa, para não terem de o fazer vocês mesmos. E quando o fazem, de certa forma também venderam a vossa alma. Tornam-se muito cómodos.

Perdestes a vossa vida. São vocês que a devem governar. São vocês que a devem viver. São vocês que a devem ser. Quando saem para o mundo, sejam aquilo que absolutamente sentem que são. Recebem um “plano de construção» para viver, mas cada ser humano é totalmente único com o seu passado único. Cada criança é única. Vêm de passados diferentes. Conhecer-se mutuamente é uma viagem de descoberta que nunca acaba. Mas conhecer-se mutuamente não tem sentido se não se conhecer a si mesmo!

Os teares do sonho

Uma vida é um sonho! Toda a vossa vida é um tear de sonho. Quando caminham no tear do sonho podem deslocar-se em quase qualquer direção exceto para a frente, se é que se pode encontrar algo a que chamemos «para a frente». O tear expande-se, o seu limite exterior é apenas temporário; no instante seguinte já foi deslocado um pouco mais longe e podem dar mais um passo.

Temos três campos: o tear do sonho subjetivo, o coletivo e o universal.

tear do sonho subjetivo tear do sonho coletivo tear do sonho universal

O tear do sonho subjetivo O primeiro campo chama-se o sonho subjetivo. É o vosso tear de sonho individual. O vosso tear de sonho individual é o mundo de Maya. Para compreender o próprio tear, também têm de aprender a compreender Maya.

Quando olhamos para este sonho, ele parece um tear. Tecem ao longo da vida. Nesse tear que teceram, caminham para a frente e para trás, para aqui e para ali no que se chama tempo de sonho. O que é então o tempo de sonho? É isto: este tear. Este é o tempo de sonho. A tua vida que sonhada pertence ao tempo de sonho e ao sonhado. Encontras-te como se estivesses numa estrada e a estrada é construída a cada passo que dás. Atrás de ti a estrada permanece. É o sonhado. É o tempo de sonho em que podes voltar. Podes reviver fases anteriores da vida, situações, angústia, alegria, dor, tudo o que lá está, perda, etc. Podes entrar nos sentimentos da pessoa que eras então, lá.

Fala-se de povos naturais que caminham no tempo de sonho. Como o conseguem? Digo-vos que vocês fazem o mesmo sem saber! Mas quando tentam compreender isso como algo mecânico, torna-se muito difícil.

Têm um tear de sonho subjetivo em que caminham. Esse tear de sonho é criado quando o ego começa a construir-se. O tear de sonho começa aí e depois cresce com as experiências das vossas vidas. Cada parte, tudo o que veem, tudo o que tocam faz parte desse tear. Também tu, o teu corpo e o teu corpo não físico. Surgiste aqui e aqui surgiu o sonho. Quando deixaste a Casa de Mãe-Pai, então o teu próprio tear de sonho subjetivo começou a ativar-se. Aí estão as pessoas que encontraste no caminho da tua vida. Memórias que tens. Muitas são positivas, algumas negativas. Aí está aquilo de que tentas fugir e aquilo para que tentas fugir e aquilo que experimentas como “enchimento”, coisas que não notaste suficientemente.

Todos os dias introduzem uma pequena parte nova nesse tear e cementam-na em experiências. Assim que a fixaram no tear, já deram um passo em frente e estão a trabalhar na parte seguinte do tear. É aproximadamente como predadores insaciáveis que engolem e desaparece algures. Não “veem” o futuro, tecem-no! Alguém diz: – Sim, Ambres, algumas partes podem ver-se. Concordo, mas não totalmente. Vêem-se certas partes, mas é uma parte que se escolhe realizar no tear. Em cada instante têm possibilidades de escolha. Aquilo a que chamam futuro constrói-se a partir do passado.

O futuro que se escolhe entrar não traz uma possibilidade, traz várias. Se escolheres uma entre muitas possibilidades, independentemente da que escolheres, traz consigo consequências para o próximo passo que deres. É a explicação mais próxima que consigo dar de como o futuro pode estar em vários aspetos ao mesmo tempo. Escolhes um aspeto que realizas no teu sonho. Quando o realizas, criaste ao mesmo tempo talvez cinco, seis, sete, oito novas possibilidades das quais escolhes uma. Assim para o teu futuro. Assim que o escolheste, ele passa. Tens de escolher AGORA. O que acontece ao que rejeitas? Fica ao teu lado. Segue-te durante um tempo, mas quando não recebe alimento desaparece. Só um aspeto pode existir no tear. Quando comesças a perguntar-te: – Porque reajo assim? Começas a encontrar pistas. Pode ser algo da tua infância, da tua adolescência. Começas encontrar causas para o teu comportamento. De repente tens ferramentas para mudar. Tens ferramentas para encontrar essas figuras interiores que se sentem prejudicadas, que carregam ódio ou que querem marcar-se de alguma maneira.

Carregas figuras assim que surgem em situações diferentes, em ambientes diferentes, de maneiras diferentes. Quando comesças a encontrá-las e a perguntar-te porque reages assim, segues a pista até às idades. – Eu era tão pequeno, só tinha oito anos. Pode isso afetar-me hoje? Afeta-te no presente! – Sim, mas foi há tanto tempo. Sim, foi, mas tudo está aí, agora. Tens quatro anos ao mesmo tempo que tens quarenta. Tens oito anos mesmo que tenhas oitenta. És todas as idades reunidas numa tapeçaria colorida, fantástica que ainda estás a tecer. Todos os dias, a cada instante, estás sentado no tear. Teces e teces. A lançadeira vai. Teces e teces, compreensão atrás de compreensão, neste tear fantástico. Não o vês, mas quando és confrontado com que a vida é um tear de sonho é que podes começar a investigar.

– Meu Deus, é aí que tenho todas as causas das escolhas da vida! Aquilo que represento no presente está neste urdume. Não os podes separar, estão indissolivelmente ligados uns aos outros. Dependendo da tua vida, das tuas experiências, essa tapeçaria pode ser muito colorida. Há grandes partes da tua vida que estão bloqueadas. Então muitos pensam:

– Aí é que estão os nossos traumas. Não, nada disso! Não estiveste presente exatamente nessa parte. Estavas como que a dormir no meio da vida e permitiste que os hábitos te conduzissem. Não notaste o que passou. Também isso está lá.

Às vezes encontras partes da tapeçaria que têm praticamente uma só cor. Quando investigas o que aconteceu ali, descobre-se que são períodos em que praticamente podias ter posto um carimbo e carimbado alguns anos. É aí que entraste em pousio. Caminhaste como que a dormir na vida. Mataste tempo, mataste energia, mataste o teu próprio tempo. Pode fazer-se isso? Sim.

Quantos de vós não experimentaram oscilações na vida, de estados depressivos a quase maníacos? Imagino que a maior parte. O estado depressivo, podemos vê-lo no nosso tear de vida? Sim. Perguntamo-nos: porque surgiu? Encontram respostas quando começam a procurar as causas.

Noutros estados tudo é cor-de-rosa. Também o podes ver no tear? Claro que sim! Aí tens talvez outras cores mais fortes neste urdume e podes então seguir as causas. Os sonhos podem ser tanto depressivos como muito elevados.

Estão agora a entrar na Natureza do Sonhar e nesse sonho também importa ter cuidado no sonho. Como ages com o teu próximo no caminho? De que maneira queres ser tratado na tua vida? Claro que queres ser tratado com respeito! Queres ser confirmado? Visto? Confirmas as outras pessoas no teu caminho? Respeitas as necessidades e sentimentos dos outros? Não podes exigir de ninguém algo que não vejas em ti mesmo! Não podes impor-te a ninguém sem explicar a tua necessidade. É importante que vejas isso.

Que, no tear que teces, vejas que a lançadeira que tens na mão contém a cor certa e o fio certo. Quando teces o teu futuro, sê cuidadoso com o que fazes. Tens certos fios onde está escrito: «eu, eu, eu...» Fica muito escuro. A tapeçaria fica muito escura, sem cor, estranha se o ego estiver sempre lá a pisar outros egos: «Quero ter.» Tornas-te como uma gaivota que grita: «quero, quero, quero.» Esse «quero ter» tem de ser

enchido com outra coisa, a partilha. Que se partilhe entre si. Que se mostre respeito uns pelos outros e pelas necessidades dos outros.

Então alguém diz: – Mas Ambres, não percebeste. Algumas pessoas precisam de subir a um pedestal. São necessidades criadas! Não é a sua necessidade mais profunda. São necessidades moldadas. Uma obsessão que o sistema de raízes formou. Essas necessidades podem quase comparar-se ao fanatismo. Fanaticamente sobem, líderes religiosos fanáticos e pessoas fanáticas que os seguem. É uma loucura, porque se consideram a “pessoa perfeita”. Todos os outros estão errados. Perdem a compaixão pelos que andam por aí, pelos que agora não pertencem “ao meu clã”. Os que pertencem “ao meu clã” são os que pertencem à religião certa, à tradição certa, etc. Então não te importas com os outros. Podem ver isso em todo o mundo, na vossa cultura, no vosso tempo, como as pessoas se fazem explodir no seu fanatismo. São como partes escuras no tear.

Em algum lugar têm de começar a sonhar os vossos sonhos. Têm de entrar nos mundos de sonho uns dos outros e têm de os compreender. Os que caminham noutra cultura, noutra imagem religiosa, vão convencê-los do que está certo e errado? Então caíram na mesma situação que eles! Eles também tentam convencer-vos a partir do seu mundo, do seu tear, sobre o que está certo e errado. Sei que num grupo discutiram este dualismo. Se existe algo que é certo, também existe o oposto. Se existe algo que é bom, também existe o oposto. Às vezes aquilo que se experimenta como não bom pode ser justamente o bom. São interpretações sobre o que é bom ou não bom. Interpretamos no tear do sonho. Digo que nada é estático. Tudo está constantemente em movimento.

O tear do sonho coletivo O tear do sonho coletivo é constituído por quantidades de teares de sonho subjetivos. No tear coletivo estão ancorados todos os teares subjetivos. O teu pequeno tear de sonho está encerrado no tear do sonho coletivo. Esse coletivo tem um pensamento comum, tem um sentimento comum, que chamamos sistema de raízes. Quando o tear coletivo se desloca, o subjetivo desloca-se com ele. Estão presos a ele. São parte dele. No entanto, sentem-se separados dele. Estão

absorvidos pelo mesmo sonho? Sim, sonham de maneira muito semelhante nos níveis mais baixos de consciência. Porque estão presos nesse tear de sonho. No tear coletivo estão as pessoas que encontraram. Também elas têm os seus pequenos teares privados ao lado dos vossos, mas estão ancorados ao tear coletivo.

Há pouco tempo falei que talvez comecem a pensar num amigo que tinham há vinte, trinta anos. De repente o amigo liga e diz: – Que estranho, comecei a pensar em ti há dias e pergunto-me como estás. Nem sabia se ainda vivias. Como é que se encontram? Através do tear coletivo têm contacto com todos os que cruzaram o vosso caminho. E não só isso, têm contacto com todo este planeta.

Um pensador disse o seguinte: Se conhecem três pessoas, através delas conhecem todas as pessoas deste planeta! Porque essas três pessoas conhecem três pessoas, que por sua vez conhecem três pessoas cada uma. Espalha-se e no fim abraçaram todo o planeta. De certa forma é a mesma coisa, só que chamamos tear de sonho.

Se perguntarmos: – No sonho coletivo, onde estou eu? Estás como uma pequena parte da tapeçaria, tão pequena que quase não és visível. O tear coletivo contém todos os teares subjetivos. Há muitos desses teares, porque cada sistema de raízes tem o seu tear especial com os seus teares de sonho marcados.

Quando observamos o mundo do sonho subjetivo, ou o tear do sonho, o tear do sonho individual, descobrimos aos poucos, para nossa grande surpresa: – Não sabia que estava tão preso ao coletivo! Quanto mais olho para ele, mais irritado fico. Não consigo perceber o sonho coletivo. Digo-te: não podes livrar-te dele, porque também fazes parte dele. O sonho coletivo é constituído por quantidades de sonhadores individuais, tecelões de sonhos, que se unem, mas tornam-se como pequenos círculos esotéricos que se vigiam a si mesmos. “Nós e eles.”

Há muitos mundos de sonho coletivos? Sim, absolutamente. São tantos quantos os diferentes sistemas de raízes e encontramos sistemas de raízes em todo o lado. Encontramo-los na cultura, nas tradições. Não vamos falar apenas da religião. A religião pode ser a mesma. Um país tem

o seu sistema de raízes, mas então a religião é o que mantém tudo unido. Nesse país há vários pequenos sistemas de raízes em que a cultura é diferente, as tradições são diferentes. Pesquisei no banco de memória do Instrumento sobre o vosso país. Falam do norte. Falam do sul. Os do norte horrorizam-se com a cultura, as tradições que existem na parte sul e os do sul com o que existe no norte. Assim, num país com um sistema de raízes específico há vários menores que existem lado a lado no sonho maior.

O tear coletivo tem então uma noção de tempo? Não, cada sonhador individual tem uma noção de tempo. No tear coletivo há uma noção de tempo só quando um sonhador se ancora nele.

Temos de ver o acontecimento coletivo assim: sobre este planeta temos diferentes sonhos coletivos. A Natureza do Sonhar é diferente para cada um, dependendo do sistema de raízes em que se encontram e dependendo do passado que têm. Assim, quando falamos do mundo de Maya, do mundo do sonho, falamos agora, aqui, dos valores cristãos. Falamos da base, da base de valores que têm. Aquela em que se espelham e que consideram certa e correta. Noutra imagem religiosa, imagem cultural, imagem tradicional temos um tipo de sonhar completamente diferente.

Eles sonham: sim. A Voz Interior também está lá, mas guia-os talvez de maneira completamente diferente da vossa. Os seus sonhos diurnos, ou os sonhos que eles próprios carregam e com os quais a Voz Interior não trabalha, também são diferentes dos vossos. Pode muito facilmente surgir o que se chama fanatismo nesse sonhar. Há fanáticos dentro do mundo do sonho cristão, como no muçulmano, budista, taoista ou a que quer que pertençam.

O tear do sonho universal Os teares de sonho individuais estão entrelaçados com o tear do sonho coletivo que, por sua vez, está ancorado no tear do sonho universal. É o tear do sonho universal que chamo o grande armazém de Deus Mãe/Pai. Disse que no grande armazém de Deus Mãe/Pai nada se deita fora. Tudo é guardado desde o início dos tempos. É como um tear de sonho universal que contém todas

as eras, todos os sonhos subjetivos e todos os sonhos coletivos. É como uma consciência que só cresce e cresce e cresce. O tear do sonho universal não tem absolutamente nenhuma noção de tempo porque não tem tempo! Só tem expansão e só um observador pode falar de tempo.

Aí temos um mundo de sonho que não tem tempo, nem espaço, apenas está sempre presente como um único grande agora. Aí não existe o passado. Também não existe o futuro, apenas tudo existe num único agora vertiginoso. Esse mundo de sonho contém tudo desde o início da criação até agora. Reparem bem que esse mundo de sonho contém Maya das diferentes imagens religiosas, culturas que surgiram e desapareceram desde o início dos tempos.

Tudo é um sonho! Maya é um sonho. A vida é um tear de sonho. São necessários os sonhos? Sim, os sonhos são a fricção da vida, tanto os subjetivos como os coletivos. O tear do sonho universal é o armazém onde tudo se reúne. Poder-se-ia dizer que é como um enorme cérebro cósmico que reúne experiência atrás de experiência e a compreensão divina surge dele. São parte dele. Não podem colocar o sonho universal algures lá fora, vocês fazem parte dele. Assim cada ação subjetiva que fazem é armazenada no armazém. Cada ação coletiva que fazem é armazenada no armazém. O sonho universal e o tear do sonho são, por assim dizer, o lugar de armazenamento, a consciência ou como quer que o queiramos expressar, e vocês estão constantemente nele.

Onde está este “armazém” em algum lugar? Onde está o tear do sonho coletivo em algum lugar? O vosso tear de sonho subjetivo compreendem-no. Vêem-no na vossa vida. Vêem como caminharam na vossa frente no vosso sonho subjetivo e no vosso sonho subjetivo também estiveram ao mesmo tempo num sonho coletivo. Receberam informações, tendências, sentimentos e ideias. Desenvolveram-se em conjunto na religião, cultura e tradição e criaram sistema de raízes. Para compreender o tear universal têm de voltar ao ponto em que não compreendiam, em que o mundo ainda não estava criado. Há muitas filosofias e caminhos esotéricos diferentes. Um dos vossos profetas na Bíblia perguntou o seguinte: – Onde estavas tu antes de o mundo ser

criado para ti? Existias? Não. Existias? Sim. Existias como és agora? Não. Existias como o tu original de que surgiste? Sim. Estás lá agora? Sim.

Nunca se separaram do estado que existia antes! Esse é o armazém. No sonho universal nada se individualiza, apenas as experiências se acumulam. Se entrassem no sonho universal e procurassem no urdume, encontrariam traços, cores que pertencem a existências anteriores que o Condutor teve. As impressões delas estão lá, as experiências estão lá estão. Estão individualizadas? Não, não estão; apenas as experiências dessas vidas lá estão. Poder-se-ia chamar-lhe a consciência divina acumulada que cresce e cresce e cresce. E então vem a próxima coisa: Vocês são isso!

São vocês que sonham, ou é outra pessoa que sonha? Vocês sonham, mas a consciência universal também está lá e dá impulsos para que o sonhar não pare.

O sonhar, o sonhar subjetivo, o sonhar coletivo pode tomar direções totalmente inesperadas e criar consequências totalmente inesperadas. Obsessão, obsessão coletiva, obsessão religiosa também enchem o armazém. O armazém e o sonho universal não ficam contaminados por isso, apenas criam experiências. No mundo do sonho subjetivo pode contagiar-se muito, muito fortemente. É como uma obsessão coletiva. É uma espécie de hidra que tem mil e mais mil rostos que avança, que transborda e captura pessoas e o sonho coletivo cresce, cresce, cresce e engole tudo à sua volta. Até que algum impulso o faça mudar de direção outra vez. Ainda não chegámos lá.

Alguém pergunta: – O sonho universal existe de alguma forma antes de ser criado, como um modelo, ou...? Não, porque não o conseguem explicar! Assim que tentam explicá-lo... Meu Deus... Assim que tentam explicá-lo, tentam capturá-lo no vosso mundo do sonho subjetivo e isso não é possível! Quando passam por ele, pelo vosso mundo do sonho subjetivo, então estão nele. Então estão lá como estavam antes de o mundo ser criado.

Quando a impressão começa é que recebem a vossa identidade. Só então começaram a dividir esta totalidade fantástica em detalhes para

poderem orientar-se num mundo pensado, num mundo de sonho, em que as árvores ganham formas e cor e, além disso, ganham nomes. Depois são divididas em tronco, ramos e, sim, sabem, em quantidades de detalhes. Caminham como num mapa, orientam-se nele e chamam a isso vida. Quando esse mapa desaba, quando é queimado – deixem a chama cósmica queimá-lo –, em que se orientarão então? Então estão no lugar onde estavam antes de ele ser criado e então também vocês não existem, porque o mapa é o vosso mundo subjetivo e o vosso eu subjetivo, o vosso mundo do sonho subjetivo. Se ele – puf – acabar, então já não existe. Então estão no tear do sonho universal.

Só quando são impressos é que são governados, é que governam o sonho coletivo e o individual. O tear do sonho universal ninguém governa. Ele armazena os sonhos. É por isso que se chama tear do sonho universal. Armazena os sonhos.

Se dissessem: «Deus Mãe/Pai é inteligente.» Não quero afirmar que seja inteligente. Tem uma consciência, dizem vocês. Não quero afirmar que seja consciente, porque assim que tentam dizer que é inteligente fazem uma comparação. Comparam a partir do mundo limitado. Assim que dizem que é uma consciência e uma inteligência, comparam com o mundo limitado. Não temos nome, não temos palavra para o que é. Se disséssemos assim a Deus Mãe/Pai: – Vocês são os mais altos entre os mais altos, não é? Têm todo o universo na mão. São vocês que governam! Se pudessem falar, a resposta poderia ser: – Fazemos? Não sabíamos.

Mas não tem uma consciência como vocês conhecem, porque não podem aplicar Deus Mãe/Pai ao nível em que pensam ou sentem; é terreno desconhecido. Mas quando voltarem a estar lá, então são isso, mas não o chamamos consciência. Também não o chamamos inteligência. É uma experiência completamente diferente. Nem sequer quero chamar-lhe experiência! Vocês dissolvem-se em algo tão fantástico e de repente o eu já não existe. São parte de tudo: sou a mesa, sou tu, sou a cadeira, somos uns dos outros, mas não falamos em que somos uns dos outros, porque não há palavras que cubram isso.

Alguém pergunta: – É como se estivéssemos no cume da montanha e tivéssemos visão global? Não, nem sequer tens visão global. Nem sequer estás no cume da montanha, porque não tens montanha para subir. Não tens visão global. Pelo facto de seres tudo, não tens visão global sobre isso.

– Mas Ambres, há movimento nesse estado? – Não, não há movimento. As cinco dimensões desapareceram. Não tens movimento. Não tens superfície. Não tens linha. Tudo é agora. Nem sequer se pode tentar explicar o que é “agora” porque se falarmos do agora, segue-se que existe algo “antes” e “depois”. Aqui não há antes! Aqui não há depois, mas também não há agora! Deus Mãe/Pai está sem forma física e tem poder sobre tudo. Se disserem: Porque não entram num acontecimento e mudam? Têm poder sobre a matéria? Têm poder sobre o ser humano, poder sobre os sistemas de raízes. Porque não fazem nada? Não, porque isso seria ir contra a sua própria criação! Esperam pelo dia em que descobrirem quem são. Então passam pela parte coletiva e ficam diretamente ancorados no universal. Mudam então como pessoa? Exteriormente não mudam, mas interiormente sim. Ocorre uma mudança gigantesca porque de repente percebem que: Depende de mim!

Não é algo pesado ou opressivo, mas és tu que crias o mundo. És tu que crias o mundo em que te encontras. Quem te explora?

O sonho, Maya e a Voz Interior Quando falo de sonhos, vou falar um pouco sobre o mundo de Maya. Esquecem muito facilmente que vivem num mundo de sonho, que tudo é na verdade um sonho. Podem chamar-lhe ficção se quiserem. Um drama maravilhosamente encenado em que participam tanto como espectadores como atores. Estão no palco e sonham a ação. Também sonham o que vos rodeia como adereço. Olhem ali! Um adereço! Ou seja, pessoas, ambientes, lugares com que se rodeiam. Então dizem: – Ambres, os sonhos tratam de outra coisa. Não tratam da nossa realidade, pois não? Não faço distinção entre realidade e sonho! Sonho é realidade. Realidade é sonho. Mas no mundo físico fixo diz-se:

– Não pode ser possível que seja assim. O sonho é difícil de compreender. Assim que começam a aproximar-se do tear do sonho e do mundo do sonho, entram em conflito convosco mesmos porque não se veem como um sonho. São algo que experimenta com sentimentos. Reagem. Podem sentir dor, angústia, remorsos, fuga. Sim, quantidades de sentimentos diferentes sobem e descem dentro do ser humano. Depois venho eu e afirmo que tudo isso é um sonho! Sim, de facto, mas o sonho em si é uma realidade, é real. É algo. Tem substância. São o sonhado que foi sonhado a partir de experiências da vida. São o sonhado que se manifestou graças à fricção que criou alegria, angústia, medo, fuga – sim, tudo o que uma vida pode conter.

Contém defesa, suavidade, amor. É subjetivo, presente e podem expressá-lo uns perante os outros. No entanto é um sonho. Como é possível? Será que o sonho é talvez a forma mais elevada de consciência? Que no dia em que descobrirem que fazem parte de um sonho fantástico é que têm pela primeira vez a possibilidade de ousar encontrar-se a vós mesmos e mudar algo. No dia em que já não estiverem em fuga, mas ousarem ficar firmes e ver-vos a vós mesmos e dizer: – A imagem de sonho que vejo à minha frente também a posso mudar. Não é a minha imagem que vejo. É uma imagem que outros me deram, na qual entrei e aceitei como a minha realidade. Então têm de perguntar-se: Vivo a vida que eu próprio quero viver ou vivo uma vida que os outros esperam que eu viva?

Se olharem para o último, encontram uma quantidade enorme de lastros da infância e adolescência. Carregam a influência dos pais, amigos, irmãos e familiares. Isso moldou as vossas vidas para o bem e para o mal, como vocês próprios o vivem. Começam a perguntar: O que é realmente meu, se tudo isto é a herança que carrego?

Se têm filhos, vão continuar com a vossa angústia e educar os vossos filhos a partir da angústia que carregam? O vosso sonho, o vosso mundo de sonho, vão transmitir as mesmas cargas à criança? Vão deixar que herdem a herança das vossas gerações?

Quando se começa a fazer as perguntas, dizem: – Claro que não quero fazer isso! No mundo de Maya estão tão enganchados uns nos outros. Estão tão enganchados em relações familiares. Dizem: – Eu amo a minha mãe. Amo o meu pai. Amo o meu parceiro. Amo os meus filhos. Sim, claro que amam! O amor pode tornar-se tão mal dirigido que começam a vigiar os vossos filhos dentro de vós mesmos. Não me entendam mal agora. Quando digo que “vigiam os vossos filhos dentro de vós mesmos”, quero dizer o seguinte: mantêm vivo o antigo tear do sonho que herdaram e colocam-no sobre os vossos filhos.

Deixam que continuem na Maya que criaram para eles. Se eu disser assim: Podem terminar esse sonho e a partir daqui sonhar a partir de vós mesmos? Não, não é possível. Não podem colocar-se fora de toda a criação. Não podem colocar-se fora do sistema. Podem estar no sistema, mas mesmo assim ser livres nele, porque criam o vosso próprio tear de sonho sem influência do sistema de raízes. Mas mesmo assim. Apesar de serem livres em vós mesmos, permitem-se acompanhar sem ser capturados por ele. Maya vigia. Maya vigia e diz que tudo o que está fora, que se desvia no nosso sonho, constitui uma ameaça ao nosso mundo de sonho. Mas não o chama de religião, cultura e tradição. Mas na verdade é o mundo de sonho do sistema de raízes. Há muitos desses sistemas de raízes em todo o mundo. Muitos valores que fazem com que vigiem e defendam. É completamente louco.

Um sonho constrói um novo sonho que por sua vez constrói um novo sonho. Ou seja, são acontecimentos encadeados que chamo símbolos de sonho. Constroem o próximo símbolo. Assim que planeiam algo estático têm sonhos fechados. Ou seja, criaram uma moldura à volta deles e então normalmente ficam muito irritados se a moldura não se mantiver. Porque o sonho quer constantemente libertar-se. O sonhar não quer ficar fechado, quer estar completamente aberto porque assim recebe quantidades enormes de experiências. Mas assim que começam a trancar um sonho, ele tenta libertar-se. Ao longo de toda a vossa vida os vossos sonhos estão trancados, coletivamente. Dentro do mundo coletivo dizem: – Sim, sou livre. Não, estão presos dentro do sistema de raízes: cultura, tradição e religião. Aí se movem e aí também há uma angústia,

porque o sonhar subjetivo tenta constantemente adaptar-se à massa. Porque o sonhar subjetivo encontra na sua estrutura que tem de ser constantemente confirmado. Se não for confirmado, sente-se de fora, abandonado.

No sonhar subjetivo pode surgir uma dinâmica de grupo. Se virem em grande escala, pode ser grupos inteiros que, por exemplo, se consideram os eleitos de Deus e que então têm, não só um mundo de sonho subjetivo, mas também prendem os Condutores. Prendem carmicamente um padrão em que não ficam livres, simplesmente têm uma dinâmica de grupo que se torna extremamente forte. Consideram-se livres, mas estão totalmente presos na sua representação de sonho, tanto subjetivamente no seu próprio mundo de sonho como carmicamente também, através dos Condutores.

Havia mais uma coisa que queria apontar. Quem não participa num sonhar ativo juntamente com outros pode muitas vezes sentir-se de fora porque o mundo do sonho pode tornar-se muito, muito distante. Não convida. É "nós" e "eles". Somos nós que sonhamos assim, que achamos que somos fortes no nosso mundo de sonho. Não queremos convidar "esses aí" para o nosso mundo. Ou seja. Então separam-se de outros mundos de sonho. É aí que têm um problema na Natureza do Sonhar, que têm as diferentes religiões, têm opiniões políticas diferentes, têm valores sobre o que é belo e certo e feio, etc. Num sonhar ativo é-se livre. Aí não se deixa o tempo parar, deixa-se o movimento criar tempo. Se se é apenas passivamente parte de um "clã de sonho", então já não se sonha de forma independente.

Quais são os teus motivos nos sonhos? No teu mundo de sonho? A Voz Interior é quem vos dá os sonhos: os sonhos noturnos e os sonhos diurnos. Também vos deu a capacidade de um sonhar ativo, próprio e ativo e é isso que cria Maya. Foi a Voz Interior que criou Maya no início. Porque? Para que o ser humano pudesse ter uma consciência. Pudessem sentir, pensar, guardar e cuidar. Maya é o sonhado para a frente. Aí se vai de e se vai para. Sonha-se o futuro a partir de acontecimentos em Maya, para acontecimentos em Maya. O que acontece se excluíssemos Maya completamente? O que aconteceria então? Digamos que já não existe?

Sim, vocês não existiriam. Não haveria fricção. Não haveria consciência. Não haveria discernimento. Haveria algo bom ou mau? Não. O Condutor não receberia nenhuma informação, nenhuma informação subjetiva.

Podem mudar Maya? Sim, absolutamente que podem! Como a mudam? Mudando o vosso sonho! Têm de perguntar-se: – Qual é o meu propósito com o sonho que tenho? É o meu propósito ter um lugar no mundo? Tornar-me rico como um troll? Prolongar a minha vida à custa dos outros? É o meu propósito ter controlo sobre o mundo? Ter controlo sobre os meus semelhantes? Ter controlo sobre os meus filhos, o meu parceiro, os meus familiares?

Não é isso que devem almejar, têm de se conduzir para um mundo de sonho completamente diferente se quiserem obter uma mudança neste planeta.

Digo que estão rodeados pelos vossos teares de sonho individuais. Os vossos teares de sonho individuais são aquilo que criam a partir do passado para o futuro. Os teares de sonho individuais estão entrelaçados com os teares de sonho coletivos que por sua vez estão ancorados no tear do sonho universal. Quem sonha no tear do sonho universal? Digo: Deus Mãe/Pai e então caímos numa abstração. Porque não se pode colocar Deus Mãe/Pai.

Olá, estão no céu em algum lado? Onde se sentam? Têm de ter um trono, não é? São, por assim dizer, os chefes de toda a criação. São a criação!

Então digo que eles não estão em nenhum lugar. No entanto, estão em todos os lugares. Governam o desenvolvimento? Bem, sim e não. Esboçam-no em traços largos, muito amplos. Independentemente de como olhem agora, para fora ou para dentro, muitos dizem que tudo o que veem, tudo o que podem experimentar, parece construído por um pensamento infinito, fantástico, que se manifesta. De certa forma, vocês são parte desse pensamento divino, o manifestado, mas aquele que começou a sonhar de forma independente, fora do Sonho Divino.

Sonho diurno

Sabem que o mais importante de todo o sonhar são os sonhos diurnos! Na verdade, são os sonhos diurnos que iniciam o sonhar. São os “pequenos ovos” dos sonhos diurnos que desencadeiam um movimento, um movimento exterior e um movimento interior para a libertação de muitas das representações que carregam. Sem sonhos diurnos vocês não seriam nada!

No início não havia sonhar. Os dois elementos básicos repousavam sem qualquer conflito. Quando não há conflito, nem qualquer forma de movimento para alguém, eles fundem-se um no outro e partilham a esfera do outro. Então, na verdade, não há movimento. Já mencionei a quietude antes de o eu, o ego, ser criado. É uma dissolução em algo muito, muito maior. Estamos aí num ritmo de vibração muito baixo, próximo do zero. Aí não há problemas com ego, porque o ego ainda não existe.

A criança recém-nascida é “nada”, mas é “tudo” na frequência especial em que se encontra. A criança tem um corpo físico, mas existe na verdade fora dele. A criança tem acesso a toda a criação, a toda a sua consciência, mas falta-lhe aquilo que poderia expressá-la. O sonho ainda não começou. O sonhar ainda não começou. A criança não tem mundo de sonho subjetivo. Para ter um mundo de sonho subjetivo é preciso, antes de mais, ter um ego que receba símbolos e os consiga interpretar. A criança vive num aspeto completamente diferente do sonho. Uma criança pequena vive num mundo mágico. Depois começa a impressão. Então surge o tempo. Então começa o sonhar e o sonhar é tempo, cria tempo. Quando surge o primeiro pensamento na criança, então começa o princípio do sonhar. Então a criança ancora-se no sonho coletivo. O ego começa a surgir. A criança pode começar a contar o que sente. Entra num forte conflito com o mundo exterior, o mundo subjetivo, o chamado mundo sábio. Os que sabem. Os que dizem: – Para de fantasiar. Isso não existe. Ouve-me, é assim.

Lentamente a criança desloca-se de uma experiência total do cosmos para uma experiência subjetiva de si mesma e da sua existência. O mundo encolhe. Divide-se, dissecar-se. A riqueza de pormenores flui e torna-se prisioneira dessa riqueza de pormenores. De experimentador, a

criança torna-se observador através da impressão. E como observador o foco muda. O experimentador é quem te enche totalmente, enquanto o observador é quem valoriza. Quando olham para uma criança, o que veem? Sim, talvez vejam uma criança de quatro, cinco, seis anos que anda por aí. Algo foi plantado: "Eu, eu, eu". O eu egoísta. "Quero ter. Eu venho em primeiro lugar, depois vem outra pessoa."

O sonhar diurno surge através da impressão. É então, na primeira impressão, quando surge o primeiro pensamento na criança. Dá informação. É isso que vos liga nas vossas experiências da vida, que a vida consiste em diferentes fases. Primeiro o movimento é lento, depois mais rápido, mais rápido e mais rápido. Quanto mais rápido o movimento, mais densa se torna a matéria. Quanto mais o mundo encolhe.

Então alguém diz: – Ambres, estás errado. O mundo abriu-se. Num plano: sim. Mas noutro plano encolheu. Têm liberdade para se deslocar por este planeta, mas não é disso que falo. Falo do vosso ego. O ego encolheu. O ego defende-se. O ego está preso. O ego não é livre. Mas o movimento é muito rápido. É quando podes voltar à base, próximo dela, onde o movimento é lento, que tens controlo sobre o teu sonhar. Quanto mais rápido o movimento, menos controlo tens sobre o teu próprio sonhar. Então sonhas num sonho coletivo que te governa e então não és livre.

Nos teus sonhos diurnos sonhas-te na verdade noutras situações diferentes daquelas em que te encontras, porque há um desejo de sair do teu cativeiro. Estás preso num padrão que gostarias de quebrar, mas não tens força para sair dele, porque o tempo todo te desvalorizas a ti mesmo. Há um desejo no sonhar diurno e todo o desejo pode manifestar-se. O que fazem do vosso desejo? O que é o desejo? O que é?

Têm de descer muito na idade, até um estado em que o eu quase não existe. Aí experimenta-se uma consciência, ser um com toda a vida que existe à volta. Experimentar um tempo total, ou seja, onde quase não há movimento. Expande, expande. Nessa expansão não há lugar, não há subjetividade, não há humanização, não há observador. Estás em algo que te enche totalmente. Nem sequer o podes valorizar. Apenas estás

nele. Mas sais dele. Então fica um desejo de voltar a estar naquele estágio em que tudo era inteiro. Esse desejo fica como um ruído de fundo ao longo de toda a tua vida. Desejo de harmonia. Liga-se esse desejo a diferentes coisas ao longo do tempo. Então desloca-o para outra coisa.

Pode-se desejar amor. Pode-se desejar ser confirmado. Pode-se desejar ser rico. Pode-se desejar um veículo. Pode-se desejar uma criança. De repente fragmentou-se esse desejo em sulcos subjetivos. O desejo torna-se terreno fértil para sentimentos. Do desejo enchem-se de sentimentos que vos fragmentam ainda mais, que por sua vez vos fazem “andar atrás do touro”. Porque os sentimentos vos cegam e então tentam colocar o desejo de maneira a que se realize através da paixão e da cegueira subjetiva. Deixa-se seduzir pelo desejo de amor, proximidade, felicidade, em que o próprio desejo é mal utilizado.

Quando “vão à frente do touro”, o desejo é força motriz de outra maneira. Então o sentimento é uma força. Não algo que apenas se segue. Pode-se ter visão global do que se é. Vai-se do sono para a vigília. Mas a vigília não significa tornar-se mais produtivo para o sistema de raízes. Torna-se produtivo para si mesmo! Ganha-se valor. Do modo antigo, se agora “forem atrás do touro”, então a produtividade é outra coisa. Quando se “vai atrás do touro” procura-se o valor em relação a algo. Quando se “vai atrás do touro”, diz-se: – Vou provar que consigo. Porque ninguém me vê? A minha capacidade? Gostaria de ser isso, gostaria de ser aquilo, gostaria de ser aqueloutro. Torna-se prisioneiro do próprio desejo. Quando se consegue largar o desejo subjetivo é que se pode confirmar a si mesmo. Caso contrário sofre derrota atrás de derrota.

Não devem confundir sonhos diurnos com remoer, matutar. Sonhos diurnos não são matutar, nem remoer; talvez se sentem e mergulhem numa espécie de silêncio interior. Pensam: – Quem dera estar ali ou ali, por exemplo numa praia onde faça calor e seja agradável. Então sonham-se longe nessa sensação fantástica. É como se vissem as palmeiras, a praia e tudo o que seria tão maravilhoso. Depois acordam e pensam: Foi só um sonho diurno que me pregou uma partida. E voltam às chamadas tarefas quotidianas.

Os sonhos diurnos fazem parte do sonhar. Os sonhos diurnos são importantes, mas não se podem encomendar. Os sonhos diurnos surgem de alguma forma a partir de um desejo interior de mudança que não conseguem bem precisar. O sonhar diurno – lembrem-se que não se podem encomendar sonhos diurnos. Não se pode sentar e pensar: Agora vou sonhar diurno um bocado para “pôr uns ovos no quintal dos sonhos diurnos”. É um processo que se inicia dentro de vós. É uma espécie de desejo que não conseguem bem precisar, que simplesmente flui como de profundidades insuspeitas dentro de vós.

Os sonhos diurnos põem pequenos ovos no quintal dos sonhos diurnos. Então alguém diz: Porque não os põem à frente, na entrada, em vez de no quintal? É no quintal que se acumulam até ao dia em que os sonhos diurnos começam a manifestar os vossos sonhos diurnos. Os sonhos diurnos manifestam os sonhos diurnos, mas não imediatamente. Pode levar muitos anos até se manifestarem. Mas são trabalhados num plano em que não têm consciência. Os vossos sonhos diurnos governam-vos para um padrão que pode realizar o vosso sonho diurno.

Quando sonham diurno é como se plantassem uma semente na terra. O tempo dá-lhe adubo. Um dia começa a brotar. A Voz Interior também pode estar presente nisso e cria condições para que se tornem mais ativos nos vossos sonhos diurnos. Aqui realizam, ou uma parte de vós manifesta, o vosso sonho diurno numa realidade futura. Ou num novo tipo de sonho.

O sonho diurno é o primeiro sinal do sonhar e o sonho diurno é aquilo que têm absolutamente mais próximo de vós. “Deu-se o feitiço” nisto quando se diz: Não deves ficar a sonhar diurno, tens de te ativar. Ora, quando se sonha diurno também se está ativo nesse sonho. São governados por um desejo de harmonia. São governados por um desejo de experiência de totalidade. Os sonhos diurnos são a força motriz, mas depois acontece muita coisa no caminho. Os ovos dos sonhos diurnos podem desenvolver-se, mas são influenciados pelo mundo do sonho exterior, pela vossa educação, pelas partes que foram surgindo ao longo dos anos e pela vossa luta. A vossa luta está muito longe. Aquilo que acham que são sonhos diurnos são sonhos planeados que têm hoje.

Os sonhos diurnos podem experimentar na zona crepuscular em que a escuridão cai. A lâmpada está apagada. Sentam-se. Está silêncio e calma à vossa volta. É como se o tempo deixasse de existir. Pode ser inverno. Olham pela janela e veem como a neve cai e como as sombras ganham cor. Isso também acontece em paisagens desérticas. Surge como uma paisagem azul mesclada. É calmante e de repente flui como uma visão interior. Ficam cheios de desejo e proximidade.

Pensam: – Cheguei perto de mim mesmo. Cheguei perto de algo tão grande que quer desenvolver-me e abrir-me. Só me sinto mmm... As imagens que fluem, governam-nas vocês? Não. Mostram o vosso desejo? Sim. Indicam aquilo por que desejam? Sim. Dizem como devem realizar-se? Não. Mostram apenas que em algum lugar no interior são inteiros. Também mostram caminhos que na verdade podem abrir. Mas mostram apenas o caminho. Então diz-se que “só estás a sonhar diurno”. Exato, é isso que fazes. E nunca estiveste tão perto de ti mesmo como agora! Depois acordas como de um sono, o mundo do sonho subjetivo precipita-se sobre ti. Deveres. – Meu Deus, já é tão tarde? Tenho de fazer isto, aquilo e aqueloutro. Tenho de chegar a tempo. O que foi que experimentei que era tão agradável e tão bom? Desaparece, mas carrega a sensação contigo.

De onde vem o teu desejo? O teu desejo vem do desejo de te realizar a ti mesmo, realizar aquilo por que realmente desejas. Quando, por exemplo, sonhas diurno em matar o vizinho de quem estás zangado... Isso não é sonho diurno! O sonho diurno trata de se realizar a si mesmo! Se sonhas diurno em viajar, sentir um vento suave e quente na cara. Sim, sonha isso! Deixa que os teus sonhos diurnos cuidem disso. Deixa que os teus sonhos noturnos continuem a trabalhar nisso. Acredita nisso! Sente-o! Nos teus sonhos diurnos podes muito facilmente perder-te porque podes ficar extremamente preso ao teu sonhar diurno e achar que os sonhos diurnos são diretamente realizáveis.

Assim entras em situações de conflito porque o sonho não teve tempo de amadurecer. Não tiveste tempo de pôr ovos. Apenas “ficaste grávida” de um ovo, mas ainda não o puseste. Quando finalmente o pões, tens de esperar e ver como se desenvolve. Porque quando o pões, entram

influências externas que são afetadas pelo teu sonhar e que fazem com que o ovo seja ou rejeitado ou desenvolvido. Não penses: Agora vou ter um sonho diurno que vai moldar o sonho diurno.

Sê apenas consciente de que tudo o que fazes cria sonhos diurnos. Se olharem para trás, estão lá ovos atrás de ovos atrás de ovos. Os sonhos diurnos põem ovos no quintal dos sonhos diurnos e de repente algo sonhado manifesta-se como um mundo de sonho ativo à vossa volta. Os ovos não têm prazo fixo de maneira que venham em sequência; alguns ovos precisam de um tempo de incubação mais longo.

Pode haver conflito quando uma antiga decisão, ou um antigo sonho, flutua à superfície e tu agora estás muito longe dele. Então tens de o largar. É aí que têm de analisar e separar: – Em que sonho me encontro agora? O que diferencia do sonho em que estás agora? Simplesmente: já passou. Desenvolveu-se e agora esse pedaço de sonho é perturbador. Portanto tens de o deixar para trás. Tens de continuar no sonho em que agora te encontras.

Todas as escolhas que tomam trazem consigo consequências. Normalmente não veem as consequências das escolhas, ou fecham os olhos a elas. Ou acham que a fada do conto de fadas vai estar algures com a sua varinha de condão e resolver todos os problemas que possam surgir nas vossas escolhas. Nas escolhas é preciso ser emocionalmente realista, ou seja, ousar ver para onde podem levar. Então sei que muitos dizem: – Isso tira a alegria. Não, não precisa de tirar a alegria. Não precisa de tirar a paixão; pelo contrário, faz com que na tua alegria possas ficar livre de um padrão ou das consequências, porque agora as vês de antemão e sabes o que vai acontecer. Então ficas seguro, ficas cheio de inspiração. Então testaste e viste que vale a pena seguir e podes continuar a caminhar.

Disse que os sonhos diurnos vêm de profundidades dentro de vós que carregam um forte desejo de alguma forma de mudança. Pode ser de diferentes maneiras. Pode ser mudança de lugar, pode ser vida amorosa, pode ser trabalho, tudo é possível. Os sonhos diurnos são na verdade o

arquiteto, enquanto os sonhos diurnos são os que manifestam aquilo que o arquiteto apresenta. São como artesãos que realizam.

Agora falo dos sonhos diurnos, os vossos sonhos diurnos numa certa direção. Pode expressar-se da seguinte maneira: de repente tomas consciência de que isto pensaste há tanto tempo que tinhas de fazer, mas sempre o reprimiste. Agora fazes! Realizas agora algo que estava nos teus sonhos diurnos. Simplesmente: colhes o fruto da semente ou ovo que foi posto no quintal dos sonhos diurnos.

Mas voltando ao que pode confundir. O sonho diurno é o vosso próprio indicador do caminho. Pode ser subjetivo, vir de ti mesmo, da força acumulada que todos carregam. Os sonhos diurnos também podem ser indicadores do caminho. Talvez até seja a Voz Interior que entra aí. Não sabes. Imagina que estás sentado a sonhar diurno. Então a Voz Interior entra no sonho diurno e cria cenários. Então há uma pequena diferença nos sonhos diurnos. Quando a Voz Interior cria cenários, é como uma viagem maravilhosa que tens em estado de vigília. Mas mesmo assim uma posição calma, maravilhosa. É como se fosses um explorador que observa. Ficas encantado, às vezes quase assustado com os cenários que se constroem. Então são sonhos diurnos indicadores do caminho. Também põem ovos nos sonhos diurnos. Continuam a ser o arquiteto que cria uma visão, enquanto os sonhos diurnos realizam a visão. Ou seja, os sonhos diurnos são captados pelas vossas figuras de papel, pelo vosso ego, e tu próprio realizas através do teu sonhar.

É-se consciente desse sonhar? Normalmente não; parece inconsciente. Mas de repente começam a acontecer coisas à tua volta no dia a dia que te levam numa certa direção para realizar o sonho diurno. Então dizes: Que viagem fantástica! Claro que sonhei com isto, mas quem diria que se manifestaria! Sem saberes, foste tu próprio que participaste e criaste a possibilidade. Esteve lá a Voz Interior? Talvez. Às vezes tens consciência de que a Voz Interior esteve lá. Não diretamente, mas talvez indiretamente. É importante saber se a Voz Interior esteve lá? Não. Não é.

Sobre os sonhos diurnos, a maior parte das pessoas diz: Estás passivo. Não, nos sonhos diurnos está-se na verdade muito ativo; cria-se

esboços como numa tela interior. São sonhos, desejos, esperanças. Alguém diz que é fuga. Não, não vejo como fuga, mas como um auxiliar para criar. Estás insatisfeito com algo. Isso cria um processo que faz com que algo dentro de ti comece a realizar. Talvez não imediatamente, mas a longo prazo. Por isso o sonhar diurno não é apenas fuga; são pedras de construção para outra coisa. Por isso digo que se põem pequenos ovos, desejos e sonhos não manifestados no quintal dos sonhos diurnos. De repente um dia acontece algo no dia a dia. É como se um sonho diurno tivesse amadurecido, o ovo eclodiu. De repente recebes uma oferta ou algo acontece na tua proximidade que mostra que estás a caminho de entrar naquilo que antes era um sonho diurno. Torna-se agora manifestado e entras um pouco maravilhado, surpreendido: – Uau, não imaginava que isto fosse acontecer. Mas na verdade sonhei com isso, que acontecesse.

Então alguém grita: – Sou um sonhador de sonhos verdadeiros, Ambres. Sonho sonhos verdadeiros! Digo-te que influenciaste isso. Tu próprio influenciaste através do teu sonhar. Agora manifesta-se. É como uma experiência de déjà vu. Já viveste isto antes algures e agora manifesta-se. Então entras nisso, um pouco ofegante, espantado. Depois ficas ali à espera do próximo passo. O que será? Não vem – porque só entraste numa nova fase de sonho! Agora tens tu próprio de continuar a construir em cima disso, neste novo mundo de sonho. É como se a vida tivesse tomado uma nova direção. Isso acontece todos os dias, todos os meses, todos os anos. Se formos a cada dia, dizem: – Não vejo diferença entre este dia e ontem ou anteontem. Pelo facto de teres estado no fluxo e teres estado cego às informações que estão aí tão afinadas, com voz tão baixa e fantástica, perdes aquilo que te é dito. Claro que alguém diz: – Ambres, agora apanhámos-te. É outra pessoa que sonha por nós?

Não, ninguém sonha por vós, mas alguém vos vê, alguém vos ouve, alguém tenta fazer-vos ver uma direção na vossa vida. Alguém corrige, mas não sonha por vós; corrige-vos para que possam continuar o sonhar noutra direção. Essa força chamo-lhe a Voz Interior. Há uma função orientadora na vida do ser humano. Alguém que tem visão global. Alguém que vê os vossos sonhos, mas também vê o que não foi sonhado,

a fase em que deveriam estar, mas em que gastaram as possibilidades de chegar. Então a Voz Interior intervém e indica uma nova direção que tomam se estiverem atentos. Recebem então um sonho noturno que é como um despertar, em que de repente veem possibilidades a partir do sonho. Às vezes o sonho é tão evidente que quase não precisam de o interpretar. Mas muitas vezes têm de interpretar o sonho para compreender o seu significado. Seguem então os rastos para trás. E descobrem: – Sim, foi exatamente disto que sonhei diurno!

Criaram um movimento no mundo do sonho. Um movimento que constantemente muda e muda, interfere nos sonhos de outras pessoas e de repente manifesta-se como realidade. Ou recebem um sonho noturno da Voz Interior. Pode ser orientador sobre que direção devem tomar para realizar o vosso sonho diurno. Os ovos que põem são subjetivos, mas o sonho afeta a matéria. Tudo é afetado! O que pensam agora afetará o tempo que vem a seguir. O que pensam sobre outra pessoa afeta essa pessoa. Ou seja: fazem parte desta criação. Então não se pode dizer que a criação está lá fora e eu estou aqui sentado! Quando reformulam, afetam o sonho, os sonhos. Então pensas: Então vou sentar-me e sonhar diurno. Esquece! Os sonhos diurnos vêm de profundidades dentro de vós que carregam um forte desejo de mudança. Os sonhos são atividade. Os sonhos não podem ficar parados. Os sonhos estão constantemente em movimento. Se um sonho não recebe alimento em ação, esquece-o. Se tens um sonho e não o transformas em ação a partir daquilo que o sonho diz, nada acontece. Se, pelo contrário, começares a agir, talvez venham novos sonhos que te empurrem para a frente. Se não te deixares afetar pelo sonho, ele pode voltar de novo, mas de outra maneira, para se tornar visível.

Os sonhos diurnos dão energia, dão mesmo. Os sonhos diurnos põem pequenos ovos no quintal dos sonhos diurnos. O que contêm esses pequenos ovos? Esperanças e desejo. São como ovos que têm de ser aquecidos, ficar debaixo de algo quente e bom e depois eclodem.

Se dissermos que a vossa vida é uma vida de sonho, primeiro são sonhados para a frente, ou seja, impressos no sonho. Herdam o sonhar. Um dia começam a sonhar de forma independente. A criança começa a

sonhar de forma independente. Chega à adolescência. Haverá tensões. As crianças não querem carregar o antigo sonhar. Constroem novos sonhos a partir de si mesmas. A identidade delas tem uma base nos pais, ou noutra coisa qualquer, que por sua vez as imprimiu no sistema, religião, cultura e tradição. E então estão presas no sonho. Começam a sonhar de forma independente, mas ainda dentro do sistema de raízes. Exatamente.

Então surge esta coisa maravilhosa: falamos de sonhos diurnos em que, na verdade, nos vossos sonhos diurnos procuram mudanças. É como se houvesse um desejo inato no ser humano por outro tipo de harmonia. É como se houvesse um resto, uma impressão, daquilo que existia antes de ser criado. Uma sensação de uma harmonia total, penetrante, que vos abre para imagens interiores de como poderia ser. É como se deslizassem para longe do mundo exterior e ficassem num estado maravilhoso de calma, intemporal. Então o ego alcança-vos e acordam.

Esses estados são de certa forma "centrais" a que chegam e que dão força para continuar. Mas são puxados de volta para o vosso padrão e dizem que foi só fantasia. Não foi fantasia! Agora puseram ovos! Agora puseram ovos. O que quero dizer agora é que têm uma capacidade. Por um instante foram buscar força àquilo que está fora do vosso círculo. Se conseguissem usar essa força em cada instante da vossa vida... mas então teriam também de baixar a vossa frequência. Ou o contrário: elevar a vossa frequência para alcançar fora da matéria pesada que deixaram. Encontram-se num estado em que tudo é unidade.

Quem sonha diurno? O ego. Então perguntamo-nos também: quem realiza? O ego. Quem é que "põe os ovos"? O ego. Quem ajuda o ego a realizar? Se a Voz Interior vir que esse caminho está bem, pode ajudar a realizar o sonho diurno, se a Voz Interior vir que isso vos desenvolve.

Sonhos diurnos negativos e positivos

Dizes que não tens sonhos diurnos. Então fica sabendo que te isolaste do mundo. – Mas eu sinto-me bem aí. Claro, acredito, sentes-te bem aí. Escondes o teu ego! Queres criar um pequeno nicho para ti onde não das as boas-vindas a mais ninguém!

Podem existir sonhos diurnos negativos? Absolutamente! Destrutivos, negativos. Nos sonhos diurnos negativos fustigam as próprias costas até sangrar. Atacam-se a vós mesmos. Se têm sonhos diurnos negativos estão a “andar atrás do touro”. Os sonhos diurnos negativos são quando se colocam na vossa gruta interior e choram pela vossa solidão e se afundam em rumações. Há também um certo prazer nisso. Afundando-se em rumações sobre todas as injustiças, conseguem fugir de si mesmos. Não precisam de cuidar disso. – Porque hei de cuidar disso, foi ele ou ela que me fez a injustiça.

Queres dizer que sou eu que a carrego? E digo-vos: Absolutamente, és tu que a carregas. Uma vez alguém disse: – Ambres, estou tão deprimido. Disse-lhe: – Imaginemos um poço. Até onde no poço estás? – Estou no fundo. – Que bom, que maravilhosamente bom! Não podes ir mais fundo. Só há um caminho para sair! Olhou para mim como se eu não fosse normal, o que talvez não fosse. Depois começou a rir. – Tens razão, tens mesmo razão. A minha resposta foi talvez um pouco negativa. Disse: Eu sei, sei que tenho razão.

No meio de uma depressão, por exemplo, podem receber quantidades de inspiração da Voz Interior que deitam fora. Não têm força para a receber, porque estão tão afundados nesse estado, quase como se tivessem necessidade da depressão. É quase como um período de descanso para não terem de enfrentar o que está lá fora. Encolhem-se na vossa pequena gruta e quando depois olham para o tear, só veem um tremeluzir cinzento, porque se esconderam e se lamentam. Contaminam o vosso sistema de papéis interior. Param o vosso sonhar ativo exterior.

Nos vossos sonhos diurnos discursam de forma completa. Mergulham na depressão e então a depressão torna-se o sonho diurno! Um sonho diurno negativo! Escuridão, escuridão e miséria. Nesses sonhos diurnos subjetivos afundam-se nas vossas depressões. Sentam-se aí e dizem: – Meu Deus, que pena de mim. Como hei de sair desta gruta? Já não tenho amigos, a economia está no fundo. Só há um caminho para sair e é tentar tirar a vida a mim mesmo o mais indolor possível. Ao mesmo tempo sentes que não tens coragem para isso, porque há uma força dentro de ti que diz: Não estás bom da cabeça, o que estás a fazer?

Há algo no fundo que é luminoso ou será a Voz Interior que tenta fazer-te parar e ver a tua depressão? Aquela que colocas lá fora, longe de ti. Dizes que é isto, aquilo e aqueloutro que te deixa tão deprimido. A causa pode estar lá, mas a depressão está aqui, dentro de ti. Não é ninguém que te lança a depressão. Não é um vírus que te contagia. Não passas ao lado de alguém deprimido e ficas contaminado pela depressão que a pessoa carrega. Não podes ser contaminado por ela! És tu que a carregas!

Cada papel interior tem um lado positivo e um lado negativo. Cada papel questiona a si mesmo, o seu valor, a sua força. É preciso ver o outro lado do papel e construí-lo. Têm de ver o lado positivo em vós mesmos e construí-lo. O que acontece então? O mundo lá fora começa a acusar-vos de como são egoístas! – Só te serves da vida. Não pensas em mim, coitado, que ando na zona cinzenta aqui em baixo com uma miséria miserável.

Dizem: Tens razão. Vou baixar-me ao teu nível para podermos apoiar-nos mutuamente. Se eu tropeçar, apoias-me então? – Não, não penso apoiar-te. Já tenho que chegue a apoiar-me a mim mesmo, mas tu podes apoiar-me a mim. Reconhecem isto? Está lá, mas negam-no. Têm de aprender a cultivar aquilo que vos constrói, que vos torna autónomos. No vosso “egoísmo” tornam-se compassivos. No vosso “egoísmo” veem as pessoas. Com o vosso “egoísmo” também tentam elevar as pessoas. Na vossa depressão nem sequer se elevam a vós mesmos!

Então o que é um sonho diurno positivo? Alguém diz: – É quando sonho em viajar para outros lugares, férias num país quente. Morar num país quente e ter ganho há precisamente uma semana 265 milhões na lotaria. E já contei aos meus inimigos só para gozar o momento. Pelo menos foi um sonho diurno positivo! Então espalharam sonhos diurnos negativos à vossa volta, nas outras pessoas.

Se, pelo contrário, conseguirem sentir que se sentem bem no sonho diurno, então “vão à frente do touro”. Têm controlo sem vigiar. Então é um sonho diurno positivo.

Mas tanto os sonhos diurnos negativos como os positivos, o que se pode dizer deles? Põem ovos no quintal dos sonhos diurnos. Por isso vos

afetam. Afetam o acontecer nos sonhos diurnos. Ou se tornam sonhos diurnos subjetivos negativos em que se acusam a vós mesmos, ou se exaltam a vós mesmos. Os sonhos orientadores são então varridos. Não os recebem, mas mesmo assim estão lá.

Carregam os sonhos de outros? Claro que sim. Carregam sonhos de outros nos vossos sonhos diurnos? Não, não fazem isso. Nos teus sonhos diurnos só estás em contacto contigo mesmo. Entras no teu desejo, naquilo que flui do fundo. Alguém sonha com paisagens abertas, com vastidões à sua volta. Só querias estar lá, sozinho, sentir tudo centrado à tua volta. És o centro da vida, ninguém te perturba lá. Porque não o fazes? Não, estás tão cheio de deveres e compromissos! O que isso faz contigo e com o teu sonho? Prende-te. Mantém-te preso. Não ficas livre. Então está na hora de realizar o teu sonho diurno! Deixa que essa sensação dentro de ti ganhe apoio e permite que se desenvolva, sem a governares! Então um dia estarás lá. Puseste ovos que estão a desenvolver-se.

O sonho diurno e a visão

Como se relaciona o sonho diurno com a visão? Muitas vezes, quando as pessoas falam de visão, sinto que se torna um objetivo. A visão, para mim, é um movimento que se desenvolve constantemente a si mesmo. Começa com o sonhar que depois vai para instâncias cada vez mais altas, tanto no nosso sonhar diurno como no sonhar noturno e no sonhar orientador. Assim a visão realiza-se a si mesma, mas a visão não tem um objetivo fixo. Tem um crescimento. Se disséssemos que tínhamos um objetivo na nossa visão, então ficaríamos numa linha: daqui vamos para ali. Na visão expandimo-nos e o sonhar expande o ser humano. Sim, a partir do nosso desejo cria-se o sonhar.

Sonho diurno não é o mesmo que planear ou ter uma visão. Sonhos diurnos são um desejo.

Sonho diurno

Em cada instante estão no sonho diurno! Há partes, picos no sonho diurno, que vos dão mensagens. Muitos acham que são os grandes

acontecimentos revolucionários que são sonhos diurnos. Não, mas também são pequenos acontecimentos, irritações. Irrita-se com "isto e aquilo". Procura-se algo ou ouve-se algo. Experimenta-se crítica de alguém e reage-se: Que estranho! Porque me ataca ela, faço o melhor que posso! Ou seja: é um sonho diurno que está aí. Pergunta-te porque reages!

Então o que são sonhos diurnos? São acontecimentos que vos afetam de uma ou outra maneira e que querem criar mudança. Os sonhos diurnos podem ser avisos e vir diretamente da Voz Interior. Então a Voz Interior cria um cenário que faz com que se confrontar com algo que estava aí como "fermento". A Voz Interior tenta fazer-vos ver o que devem resolver. Têm de agarrar isso!

Os sonhos diurnos também podem ser sonhos subjetivos ancorados no vosso sistema de papéis. Como podem ser sonhar subjetivo? Pelo facto de serem as vossas emoções que veem e experimentam e que se fixam. Reações subjetivas que se manifestam no tear no presente talvez tenham na verdade estado vinte anos atrás no tempo. Assim se manifestam no presente, mas afetaram-vos todo o caminho até agora. Quando começam a fazer as perguntas a vós mesmos: "Porque ajo assim? Porque reajo como reajo?" talvez recebam lembretes dolorosos sobre o que desenvolveu o vosso sonho diurno, a vossa defesa, os vossos bloqueios. Se virem os sonhos diurnos nessa perspetiva, são o caminho para a vossa própria libertação. É preciso empenho para libertar isso em vós mesmos.

Digamos que têm um sonho orientador numa noite. A Voz Interior vê que não recebem o sonho ou que o interpretam de maneira conveniente. Se não agarrarem o sonho noturno, talvez encontrem o vosso problema no sonho diurno e então normalmente em afeto. Um sonho diurno, já disse, são acontecimentos que vos tocam durante o dia. Acontecimentos que fazem reagir com tristeza, agressão ou melancolia, ou com qualquer sentimento. Lembram-vos de algo no vosso sonho de vida. Aprendam a observar tudo o que acontece à vossa volta!

O sonho diurno não precisa de ser negativo! Um sonho diurno também pode ser extremamente positivo e então surge outro tipo de afeto, nomeadamente alegria e maravilha: – Uau, pensa só, manifestou-se aquilo que sentia tão fortemente! Os sonhos diurnos podem ser muito positivos também noutro aspeto. Dão promessa de libertação. Mas então têm de lhes prestar atenção e tornam-se positivos quando conseguem libertar e redimir os papéis interiores que estão presos no seu próprio cativeiro que eles mesmos criaram. Então a Voz Interior esteve lá, talvez, e trabalhou isso, ou vocês influenciaram o vosso próprio mundo de sonho de tal maneira que as possibilidades manifestaram aquilo com que sonhavam. Assim os sonhos diurnos não precisam de ser afeto negativo.

Qual é o propósito dos sonhos diurnos? Realizar o teu sonho diurno! Os sonhos diurnos continuam a ser o arquiteto que cria uma visão, enquanto os sonhos diurnos realizam a visão. Ou seja, os sonhos diurnos são captados pelos vossos papéis, pelo vosso ego e vocês próprios realizam através do vosso sonhar. Os sonhos diurnos manifestam os sonhos diurnos, mas não imediatamente. Pode levar tempo até se manifestarem. Mas são trabalhados num plano em que não têm consciência. Os vossos sonhos diurnos governam-vos para um padrão que pode realizar o vosso sonho diurno. Assim o sonho diurno leva na verdade ao mesmo objetivo: realizar o sonho diurno.

Estar aqui agora é um sonho diurno. Ouvir-me é parte desse sonho. As compreensões que talvez tirem daquilo que tento transmitir-vos afetam os vossos sonhos diurnos numa certa direção.

A Sombra

Se os vossos sonhos diurnos ou sonhos subjetivos forem negativos, encontrarão os vossos inimigos interiores como sombras nos vossos sonhos. A sombra, as sombras, são as vossas cargas interiores, aquilo de que tentam fugir. Aquilo que não querem ver.

A sombra aparece tanto no sonho noturno como no sonho diurno. É a mesma experiência forte no sonho noturno e no sonho diurno. A sombra no sonho não precisa de ser representada por um dinossauro ou uma figura terrível que vos persegue. A sombra é representada por todos

os medos, inseguranças, angústias em situações de vida, situações brutais, aprisionamento, sentimento de exclusão que experimentaram ao longo da vida. Tomam o seu lugar no sonho.

Podem experimentar uma forte insegurança num sonho, uma forte angústia num sonho. Isso também representa a Sombra. A Sombra representa aquilo que carregam e têm medo de ver, medo de trazer à luz do dia. Não há nenhum de vós que não carregue algo que não deseje que venha à luz! Por isso se escondem. Também estão cheios de angústia e medo de ser desmascarados. Isso torna-se sombras no sonhar e o sonhar é implacável. Não toma qualquer nota da vossa angústia! O sonhar mostra quem são! Dessa maneira obtêm acesso a descascar-se através do sonhar.

Quando observam a Sombra, que muitas vezes vos persegue no sonhar noturno, têm de aprender a acordar no sonho e ir ao encontro da Sombra. Não para a combater, mas para lhe perguntar: – Quem és tu? O que me queres? Mas nos sonhos fogem e fogem delas até que um dia já não aguentam mais, param, viram-se e dizem: – Tira-me a vida se quiseres. Já não aguento fugir mais. – Ótimo, diz a Sombra, então podemos ter uma conversa. E de repente a Sombra já não é um inimigo que vos persegue, mas como se mudasse de rosto e se tornasse vosso aliado. Quer ajudar-vos a compreender uma carga que carregam.

Como entrar em contacto com a Sombra? Se não aparecer no sonho noturno, existe no sonho diurno. É a mesma experiência forte no sonho noturno e no sonho diurno: sentem-se acusados. É então que quero dizer que têm de perguntar-se: – Porque sinto isto assim? Quando começam a observar porque, normalmente encontram a cadeia de causas que explica porque sentem assim. O sentimento no sonho diurno é a Sombra. A Sombra cria o sentimento à vossa volta. Quando compreendem a causa do vosso sentimento, então podem virar-se para a vossa sombra. Não é uma pessoa com quem fazem as pazes lá fora! É um ou vários papéis que estão aqui, dentro de vós.

Podem aprender a observar tudo o que acontece à vossa volta, problemas relacionais que têm numa parceria, por exemplo. Também são

sonhos diurnos que têm. Não devem combatê-los, mas tratá-los de maneira a obter compreensão do que essas sombras vos querem dizer. Devem encontrá-las.

Se não receberem a Sombra no sonho diurno, ela virá como figura no sonho noturno e serão confrontados com a vossa sombra interior. Ela não consegue manifestar-se sozinha; aí tem a ajuda da Voz Interior. Quando encontram a Sombra no sonho é o dedo indicador da Voz Interior que encontram. Quer fazer-vos reagir, porque tem o desejo de que obtenham saúde mental, um restabelecimento psíquico.

O Sabotador

Na vida também carregam algo a que chamei o Sabotador. É uma figura maravilhosa que vos persegue da mesma maneira que a Sombra no sonho. O Sabotador é a soma do vosso medo, angústia e receio.

Carregam quantidades de papéis. Juntos formam a vossa personalidade primária. Cada papel que têm também tem dois lados. Têm dois aspetos. Quase se pode ver como Yin e Yang ou masculino e feminino. Cada papel é constituído por um lado masculino e um lado feminino. Há sempre dualismo. Podemos desenhar como pode parecer.

Aqui está o círculo que vamos dividir. Um lado representa o lado masculino, o outro o feminino. Vemos que aqui está a parede divisória entre o lado masculino e o feminino. Aí fica como um campo de insegurança, angústia, medo. Não é grande, como veem, mas a quantidade de papéis que têm reforça esse campo em multiplicidade. Surge uma figura que na verdade não é um papel, mas a soma dos medos, angústias e falhas de todos os papéis. Manifesta-se como um Sabotador que sabota a própria vida! Trouxe inúmeros exemplos de como um Sabotador pode aparecer. Pode deixar-vos muito inseguros e receosos.

O Sabotador pode fazer-vos sair da vossa relação porque têm medo dele, do Sabotador. Têm medo de não conseguir lidar com ele. Não ousam ir contra ele. Como exemplo, disse que um Sabotador pode até levar-vos a tirar a própria vida. Pode fazer-vos duvidar da vossa

capacidade de lidar com as coisas. O Sabotador pode estar por trás de muita compulsão alimentar. Os anoréticos são muitas vezes atingidos pelo Sabotador, que distorce a sua autoimagem e a sua imagem corporal. Também distorce a imagem exterior.

O Sabotador entra e transforma-vos na pessoa mais insegura que já existiu. Tomei como exemplo um jovem a quem tudo correu bem na vida. Tem um emprego bem pago, um bom apartamento, um bom carro, bons amigos. Vive sozinho, vive a vida corre-lhe bem. Muito cuidadoso com a aparência, sempre impecavelmente vestido. Uma manhã, ao estar no quarto de banho, julga ver uma sombra ao lado do nariz. Nunca tinha reparado nisso antes. Observa, não fica especialmente preocupado. Pensa que tem de fazer algo a respeito.

Mas é mesmo uma sombra. O que será?

Vai para o trabalho, volta à noite. A noite passa, a manhã chega. Quando se olha outra vez ao espelho, a sombra parece ter crescido. Parece que o nariz começou a torcer-se para o lado. Fica horrorizado e pensa que tem de ir ao médico. Volta ao trabalho. Tenta não mostrar o nariz quando fala cara a cara com as pessoas. Na manhã seguinte, quando se olha ao espelho, o nariz parece apontar para o lado. Tem uma imagem distorcida de si mesmo! Na realidade o nariz continua tão direito como antes. Mas agora põe um adesivo no nariz contra a bochecha e tenta puxá-lo para onde acha que deve estar. Fica com um aspeto muito estranho. Isto agrava-se cada vez mais. Acaba por deixar o emprego. Já nem ousa ir ao médico. Isola-se do mundo.

O Sabotador não compreende que está a fazer mal a essa pessoa? O Sabotador não tem sentimento. Não pensa assim. A sua única tarefa é criar insegurança. Cada papel, a quantidade de papéis, fá-lo sobreviver. Todos o carregam. Às vezes ele surge em situações e torna-vos inseguros. Isso faz com que tenham dificuldade em tomar decisões. – Por um lado... por outro lado... Meu Deus, o que hei de fazer? É melhor deixar para lá. E o Sabotador conseguiu o que queria. Ele quer isso (não é nem ele nem ela). É assexuado. De certa forma é. Não é masculino? Não. Feminino? Não. Alterna entre os dois.

Pergunta-se então se o Sabotador é a Sombra na vossa vida? Não, não se pode dizer que seja a Sombra. Se encontrarem o Sabotador cara a cara, ele não muda de rosto como a Sombra faz. A Sombra quer apontar e corrigir. Quer ajudar-vos a pôr ordem na vossa vida, a poder agir livremente. Escutem agora: a Sombra pode apontar o papel do Sabotador, apontar que é por isso que são conduzidos. A Sombra pode ajudar-vos a sair do domínio do Sabotador, a obter uma recuperação psíquica, a sair da dependência do Sabotador. Não deem energia ao Sabotador.

Sonho noturno

O sonho diurno começa contigo. Falo de um movimento pessoal. Quando paras de sonhar diurno, o teu mundo para, não há mudança. Só quando sonhas diurno é que podes tornar-te ativo nos teus sonhos diurnos. Quando és ativo nos teus sonhos diurnos também se inicia o outro sonhar, nomeadamente o sonho noturno, em que durante a noite te encontras num espaço-tempo completamente diferente, em que não estás preso à forma física. Aí os teus sonhos podem criar diferentes formas de relações de vida, não só entre homens e mulheres, mas com a vida. Criam-se diferentes formas de relações de vida e é muito rápido, porque no sonhar noturno podes, em poucos minutos, sonhar um período de tempo que talvez corresponda a dois dias, uma semana até, porque o espaço-tempo é completamente diferente.

No teu sonho noturno subjetivo inicia-se um processo ainda mais elevado, nomeadamente o sonhar orientador. A voz de Deus Mãe/Pai pode, através da Voz Interior, alcançar-te no sonhar. Aí vê a tua aspiração e dá-te direções, dá inspiração para poderes continuar no teu sonhar e realizar aquilo que um dia começaste no teu sonho diurno. Talvez não exatamente como pensavas que seria, mas foi o sonho diurno que iniciou e criou isso.

Todos os sonhos expressam uma situação. Todos os sonhos tocam acontecimentos do dia. Desencadeiam o sonhar. Os sonhos são mercadoria fresca. Falam-te do que é válido hoje.

Quando falamos de sonhos noturnos, falamos de que os sonhos estão cheios de símbolos. No sonho noturno têm de interpretar o caminho.

Os sonhos que são fortes, que afetam durante dias ou anos, são os sonhos mais importantes?

Alguns sonhos “ficam lá”. Fixam-se de outra maneira no banco de memória. Não precisam de ser sonhos mais importantes do que outros; simplesmente conseguiram cravar melhor as garras no vosso banco de memória subjetivo do que outros sonhos.

O conselho que tenho para lembrarem os vossos sonhos é que, ao deitar, falem convosco mesmos dizendo que querem lembrar os vossos sonhos. Ponham de preferência caneta e papel na mesa de cabeceira.

Não vão para a cama à noite e dizem: Agora vou ter um bom sonho. Podem ter um bom sonho e podem ter o que experimentam como um mau sonho. Sonham e tentam interpretar o sonhar segundo formas simbólicas que pertencem ao mundo exterior. Normalmente interpretam-nos para se satisfazerem a vós mesmos. Na verdade, não querem ver o que o sonho aponta, por isso interpretam-no de maneira conveniente.

Só há dois tipos diferentes de sonhar no sonho noturno: sonhos subjetivos e sonhos orientadores. Há sonhos orientadores em diferentes planos: sonho subjetivo orientador e sonho da Voz Interior.

Sonho noturno subjetivo Setenta a oitenta por cento de todos os sonhos que têm estão relacionados com os sonhos e desejos do ego. Também estão relacionados com a idade. É o vosso sonhar subjetivo. É o sonhar ativo durante a noite. Aí também têm uma orientação. Não é a Voz Interior que vo-la dá. São vocês que são o vosso próprio indicador do caminho. Tem-se um mundo de sonho subjetivo próprio que nada tem a ver com a Voz Interior. Os sonhos subjetivos são processos de limpeza interior, processos de purificação.

– Mas Ambres, não pode ser verdade que oitenta por cento dos sonhos surjam de mim!? Sim, é mesmo. Como pode ser? No vosso sonho coletivo têm outras partes em vós que trabalham. Mesmo que sejam os

vossos próprios papéis que durante a noite trabalham febrilmente para ancorar um caminho para sair da situação de vida, o sonho é orientador. Quando acordam de manhã dizem: – Meu Deus, que sonho tive! Não precisa de ser a Voz Interior que vos deu esse sonho. Podem ser os vossos próprios papéis! Todos os sonhos são orientadores sem que a Voz Interior precise de estar presente. Compreendam-me bem agora: todos os sonhos, independentemente de serem pessoais, são orientadores!

Uma criança recém-nascida cujo ego ainda não cresceu não tem experiência da vida. A criança não tem mundo de sonho subjetivo. Para ter um mundo de sonho subjetivo é preciso, antes de mais, ter um ego que receba símbolos e os consiga interpretar. A criança vive num aspeto completamente diferente do sonho. Sonha a criança? Sim, de certa forma, mas não tem sonhos subjetivos. A criança faz parte de um mundo de sonho gigantesco, universal, cósmico, fantástico em que não valoriza nada, porque não tem ego a partir do qual valorizar. Apenas flutua em tudo isso fantástico.

As árvores não são árvores. Nem sequer consegue ver cores. Não consegue dizer o que é bom ou mau. Não consegue dizer: – Aquilo é um pinheiro. Aquilo é uma árvore de folha caduca. Aquilo é um alce ou aquilo é um rato. Tudo é uma totalidade de que a criança faz parte. Depois vem a impressão e então começam a erguer-se as muralhas. Só quando são moldados num ego é que o sonhar começa. Os sonhos da criança em fase precoce são completamente diferentes dos sonhos do adolescente. Os sonhos do adolescente são diferentes dos sonhos da meia-idade. O sonhar muda de caráter à medida que avançam na idade. Ganham experiência e “produtos de desperdício” que carregam até que enchem completamente o vosso mundo de símbolos de sonho.

A impressão faz com que se perca o contacto com as energias básicas e com Deus Mãe/Pai. O que surge em vez disso são os princípios Adão/Eva que têm a ver com o sonhar subjetivo e o coletivo. Durante toda a minha mediação falei do princípio Adão/Eva, o processo masculino/feminino no ser humano. Está impresso. Segue o sistema de raízes. A vossa religião, a vossa cultura, as vossas tradições criam um lado

masculino e um lado feminino a que se adaptam. Não têm nada a ver com os sonhos das duas energias básicas.

Quando se fala do sonho noturno subjetivo, lembrem-se de que a vossa vida é um tear de sonho. Têm um tear na vossa vida, o tear de sonho pessoal que teceram. Tiveram encontros com pessoas de que gostaram, amigos e inimigos de que gostaram menos, amigos que vos atacaram, abusaram de vós, mas têm um tear de sonho que teceram vocês mesmos. Este é o tear de sonho subjetivo que cada um de vós tem e que está ancorado num tear de sonho coletivo.

O tear de sonho coletivo é constituído por quantidades de teares de sonho subjetivos. É como se tudo se juntasse. No grande armazém de Deus Mãe/Pai nada se deita fora. Tudo está lá, queiram ou não. Não podem apagar nada. O vosso caminho, o vosso sonho de vida está reunido num sonho de vida coletivo. O tear coletivo tem de estar ancorado num sistema de raízes. O sistema de raízes é religião, tradição, cultura. Têm de lembrar que também há outros sistemas de raízes. Partilham o sistema de raízes cristão. Têm quantidades de tradições cristãs ancoradas no tear coletivo. Os símbolos coletivos ficam dentro do sistema que têm.

Depois temos o terceiro tear de sonho, que chamamos tear de sonho universal e que chamamos o grande armazém de Deus Mãe/Pai. Os teares de sonho coletivos estão ancorados no tear de sonho universal. Tudo é um sonho. Maya é um sonho. A vida é um tear de sonho onde têm um sonhar subjetivo e um sonhar coletivo. Um mundo de sonho. A própria vida é um sonho! Na filosofia esotérica chama-se mundo de Maya, o mundo da ilusão. Um mundo cheio de ódio, guerra, pobreza, fome, epidemias de todos os tipos é um sonho! As pessoas sonham com riquezas, com felicidade, com tornarem-se profeta e sentar-se num pedestal a ser admiradas. É um mundo de sonho que tecem.

No teu mundo de sonho subjetivo formas sonhos durante a noite. Se és fraco na constituição do teu corpo, podes sonhar que és um Hércules. Tens músculos inchados. Podes sentir-te como um Tarzan que se baloiça nos ramos. Lutas contra leões. És um Deus em ti mesmo – o que também

é verdade – no teu mundo de sonho pessoal. No teu sonho podes ser muito bem-sucedido. Tens empresas, carros, dinheiro. Fazes viagens e tens tudo nas tuas mãos. São sonhos pessoais. Alguém diz: Isso não contradiz o que a Voz Interior diz? Sim, de facto contradiz, porque a Voz Interior não cria sonhos desses. Não exalta nada. Apenas indica calma e tranquilamente as questões que devem tratar.

No sonhar subjetivo também podem surgir sonhos sobre outros ambientes, civilizações estranhas. Muitas vezes acontece quando se está em fuga de algo. O dia a dia é pesado, sonha-se. É como um mundo de sonho interior a que se vai para satisfazer algo que falta na vida. Talvez sonhes uma noite que tens uma relação com alguém de fora, um conhecido. Dizes: – Meu Deus, como pude sonhar assim! E interpretas mal toda a sequência de sonho. Pode ter diferentes significados. Pode ser que aquele de quem sonhas tenha algo que tu próprio gostarias de ter. Algo que te falta, que deverias ter absorvido e desenvolvido em ti mesmo. Ou pode ser que numa relação tenhas caído num padrão e tentes sair desse padrão e então crias situações com tensão na Natureza do Sonhar. Está nos níveis mais baixos de consciência, mas mesmo assim tem uma mensagem para ti: Conhece-te a ti mesmo!

Começa a olhar para os teus sonhos interiores pessoais que se manifestam à noite e pergunta-te: – Porque sonho que sou um Hércules? Porque te desprezas a ti mesmo. Desprezas a tua própria força interior.

Tens uma parte predominante de sonhar subjetivo onde a Voz Interior não está manifestada. Talvez tenhas oitenta por cento de sonhar subjetivo e quando tentas interpretá-lo normalmente misturas a Voz Interior na tua interpretação de sonho. Mesmo os sonhos subjetivos trazem mensagens para ti. Trazem mensagens sobre mudança interior e exterior. Tens conhecimento subjetivo que empurras para o lado e dizes: Não preciso disso agora. Não preciso desse conhecimento; faço o que sinto, o que penso. Sigo esse caminho. Mas nos teus sonhos podes encontrar papéis que carregas que dizem: – Espera um pouco! Não fujas de ti mesmo agora. Também estamos aqui. Podem tomar muitas formas diferentes. Podem ter diferentes figuras. Tanto homens como mulheres podem surgir no sonhar. Também eles têm uma mensagem para te dar: –

Para. Acalma-te. Se também nos escutares, avançamos melhor na vida. Trancas-te nas tuas posições. Muitas vezes não escutas o teu sonhar subjetivo. Mas é importante! Tens de começar a aprender a olhar para o teu sonhar subjetivo com grande respeito, porque o teu sonhar subjetivo pode guiar-te de maneira fantástica na tua vida.

Todos os sonhos noturnos subjetivos são de certa forma orientadores sem que a Voz Interior esteja presente. Porque os sonhos que têm no ego, no vosso elenco de papéis, conversam e dão imagens interiores durante a noite. Têm conversas interiores e criam cenários para que a superfície possa compreender. Também isso é orientador. As falhas que carregam. Também isso é orientador, embora a Voz Interior não esteja presente. Na maior parte das vezes são os vossos próprios papéis que conversam no sonho e tentam encontrar soluções para diferentes problemas subjetivos ou em alegria.

Quero afirmar que os vossos papéis interiores falam. Nunca estão em silêncio. Quando vão dormir, vão descansar. O corpo recupera, mas têm uma vida interior extremamente rica. Os vossos investigadores podem naturalmente medir as ondas cerebrais e descobrir que surge uma certa calma, mas há movimento. É como se a consciência não desaparecesse, mas se afundasse para dentro. Os papéis têm uma vida muito ativa. Não desaparece pelo facto de se deitarem. Podem acordar com compreensões e soluções para problemas que eles resolveram durante a noite. Podem acordar com ideias fantásticas, etc., que surgiram durante a noite. Também podem acordar meio a dormir e quase gritar-lhes:

– Não podem estar calados um bocado para eu dormir um pouco! Então pode ficar silêncio ou podem ouvir fragmentos de vozes, meias frases, etc. É tão fácil então interpretar que é alguém do meu lado. Não é. São na verdade do vosso próprio horizonte, da vossa própria consciência, que está ativa. Está sempre ativa. O interessante é que quase todas as invenções que tiveram valor para a humanidade surgem muitas vezes exatamente neste estado. Acorda-se com uma solução e pergunta-se a si mesmo: – Como raio me lembrei disto? Durante a noite estão libertos de

muita coisa que lá fora vos tolda a atenção. Mas durante a noite não têm atenção exterior.

O problema agora, quando olham para os sonhos noturnos e os interpretam, é que muitas vezes acreditam que o sonho não vos pertence pessoalmente, mas que é uma mensagem que recebem de algum lado, que devem interpretar como se fosse vossa! Os sonhos tratam de vós, não de algo que está fora de vós! Todos os dias agem num mundo de sonho. Aprenderam a orientar-se, mais ou menos. Mas nesse mundo de sonho também têm diferentes pontos de referência, diferentes valorizações, no círculo de amigos, nas áreas de interesse. Procuram o caminho. Provam. Valorizam a partir do que veem. Comecem a compreender que têm a capacidade de influenciar o vosso sonhar! Surge então esse ego maravilhoso que diz: Então vou mesmo cuidar do meu sonhar. Então vou mesmo mudar a minha vida como quero vê-la, como a quero ter. E fecham-se no vosso mundo de sonho.

Existem sonhos noturnos maus? Não, não existem, mas alguns sonhos doem ao serem recebidos porque talvez exijam grandes mudanças na vida. Talvez não estejamos preparados para isso nesse momento. Mas então têm de aceitar as consequências. Não há sonhos destrutivos, mas experimentam-nos como tal. Porque todos os sonhos que têm exigem mudanças, mesmo quando são os vossos papéis interiores que conversam lá dentro. É uma cacofonia de vozes. Às vezes conseguem ouvi-las nos vossos pensamentos. Não estão sempre de acordo. Muitas vezes discordam, essas figuras de papel. Mas lançam diferentes resultados em sequências de sonho, ou seja, os seus pensamentos. Também podem indicar caminhos: – Se fizeres assim, satisfazeste-nos. Então ajudamos a construir algo novo.

Os vossos papéis interiores subjetivos observam o mundo através dos olhos do agora e às vezes veem mais do que pensam! Então tentam avisar à sua maneira na Natureza do Sonhar. A maior parte dos sonhos noturnos subjetivos – até noventa por cento – são na verdade criados a partir dos vossos próprios papéis que apontam problemas que carregam durante o dia, durante a vida. Pode ser problemas relacionais. Pode ser problemas de trabalho. Pode ser problemas físicos, etc., porque quem

conhece melhor o vosso corpo? Podem ter uma lesão, algo errado com o vosso corpo. As figuras interiores podem ter maior acesso ao porque carregam isso.

Então muitas vezes surgem no sonhar e avisam que está na hora de fazerem esse e esse exame. Está na hora de começarem a olhar para isso. A superfície, os papéis que estão na superfície, não veem isso e protestam: – Não é perigoso, desisto. E tentam esconder, porque a superfície tem medo. Tomem só uma coisa tão simples como homens com problemas de próstata. Acordam à noite com um sonho ou uma sensação de que alguém disse que deveriam controlar isso controlar. Quando acordam, dizem: Não é problema. É normal ter este problema. Apesar de tudo, houve figuras de papel no sonho que apontaram que têm de fazer algo a respeito.

Procurar um médico ou algo semelhante. Normalmente fazem-no tarde de mais e dizem: – Quem havia de imaginar? Vem como num sonho, mas quando se acorda afasta-se. Normalmente têm uma certa certeza disso. Apenas afastam a certeza porque têm medo de saber. Têm medo de saber e por isso não vão ao médico. O que quero dizer com isto é que recebem constantemente avisos e sinais de aviso e ajuda dos vossos papéis interiores. São papéis que são mais jovens em idade do que vocês agora, porque surgiram de situações de vida anteriores. Não é de todo certo que todos esses papéis colaborem.

Se tens sonhos subjetivos, eles apontam algo para ti, algo que precisas de preencher, algo que deves fazer. Porque tens um diálogo interior que está constantemente presente. Se o diálogo interior não chega à superfície durante o dia, então durante a noite, no sonho, também se manifesta de diferentes maneiras e recebes sonhos que são construídos a partir do teu próprio interior, não da Voz Interior. São diferentes? Sim, são mesmo. É preciso um olho treinado e um ouvido treinado para descobrir a diferença entre sonhos noturnos subjetivos e sonhos da Voz Interior. Normalmente misturam-se. Deixem lá! Vejam todos os sonhos como sonhos que devem ser interpretados! Não importa se é a Voz Interior que os dá nesse momento ou não!

Sonho da Voz Interior e sonho noturno orientador Cerca de vinte a trinta por cento de todos os sonhos são sonhos da Voz Interior, mas como já disse, todos os sonhos são orientadores mesmo que a Voz Interior não esteja presente. Aquilo a que chamo sonhos da Voz Interior está ligado a uma consciência mais elevada. O que é então a consciência mais elevada? Chama-se Deus, Deus Mãe/Pai.

Aprende-se bastante rapidamente a distinguir o que é um sonho da Voz Interior. Há outra intensidade no sonho do que quando se sonha a partir de si mesmo. Quando olham para um sonho que a Voz Interior vos dá, descobrirão que nos vossos sonhos orientadores há uma força que vos impele a ver. Há uma força que vos impele a descobrir. Não é uma força que abate. Vocês fazem isso tão bem sozinhos. Há uma força que sustenta e que encoraja, que dá inspiração. Nunca acusa ninguém. Não cria separação para com outras pessoas, mas usa o adereço que tem à disposição. Usa o adereço que existe. Consola. Consola de todas as maneiras. Dá-vos possibilidade no canto dos pássaros, no sol, num perfume, numa boa memória que vem à superfície. Dá-vos possibilidade de poderem continuar nas vossas vidas.

No sonho noturno orientador existe a Voz Interior que quer apontar algo. Se for o sonho da Voz Interior, esse sonho enche-se de símbolos que também têm ancoragem no mundo exterior. Nos sonhos orientadores tendes uma visão mais ampla da vossa própria vida do que aquilo que vós próprios sabeis. Todos vos encontrais na posição orientadora, mas não a vedes, não a ouvis, não a compreendeis porque tentais humanizar essa parte, baixá-la, puxá-la para o vosso nível subjetivo para poderdes controlá-la com o vosso mundo emocional e com aquilo a que chamais a vossa consciência. Se tentardes controlá-la com a vossa consciência, então colocais-vos em rota de colisão nas vossas vidas.

Existe uma causa subjacente ao nosso sonhar. Onde se encontra essa causa subjacente? Falámos sobre como os sonhos podem ser dirigidos, como estais prisioneiros da Natureza do Sonhar. Eu digo que a Voz Interior, a voz de Deus Mãe/Pai até aos seres humanos, se manifesta através do sonhar. Por isso digo que os sonhos da Voz Interior talvez

sejam apenas vinte a trinta por cento de todo o sonhar. Sois vós que sonhais, mas a Voz Interior insere partes que tendes de atravessar. Sois vós que manifestais, mas a Voz Interior coloca partes nos sonhos.

Ao começardes a observar o sonho noturno, obtendes uma sensação de se ele é indicativo ou retrospectivo. É visionário? É curador, ou o que é que a Voz Interior quer dizer?

O sonho talvez se dirija a acontecimentos exatamente agora, no dia. Então é indicativo. É algo que vos preocupa na situação do dia ou é uma iluminação sobre a situação do dia que ele indica. O sonho também pode contar uma pré-história da qual talvez tenhais fugido e afastado. Existe um fundo para o teu comportamento hoje que a Voz Interior quer que olhes e talvez libertes. Então também é indicativo, mas igualmente retrospectivo. Ou seja, vê-se para além do dia. Vai-se até ontem, talvez até ao ano passado, talvez ainda mais fundo. O sonho pode até indicar a infância, que trazes uma carga que afastas, mas que te afeta na tua vida em geral. Ela cria um padrão no dia que tens de enfrentar, porque te impede de te desenvolver plenamente. Tornas-te parcialmente cego por carregares algo como uma carga. Isso faz com que o teu padrão de ação te impeça de ver, de viver, de poder criar contactos. Sim, simplesmente ficas encerrado.

A Voz Interior quer fazer-te ver isso. Assim chegam estes sonhos noturnos que indicam a tua situação de vida atual. Há sonhos que mostram caminhos no presente para sair da tua situação. Há sonhos que mostram a tua angústia com economia, doença ou o que quer que seja. És constantemente lembrado da tua posição no sonho, mas ignora-la, porque na maior parte das vezes te adaptas ao sonhar coletivo e esqueces que és tu quem deve ter o controlo. É uma palavra estranha, porque a sentis como um aprisionamento. Vede "controlo" como liberdade! Isso torna-se as vossas vidas. Depende de como se interpreta! Se interpretas o sonho noturno, ele fala se é visionário ou indicativo. Também fala às vezes em texto claro o que precisas de fazer.

O risco é que, quanto mais bem-sucedida é uma pessoa na vida, menos escuta a Voz Interior. Os papéis impedem. São os papéis que

escutam a Voz Interior. Mas acontece também que um papel diga: «Isto resolvo eu sozinho. Não preciso de ajuda.» Então a Voz Interior diz: «Está bem, escolheste.» Nunca se impõe assim. Mas está lá o tempo todo com o seu dedo e tendes de aprender a receber as mensagens que dá. Mas há quem não escute de todo. Aqueles que se perdem na própria excelência. Isso é um problema.

Difere de pessoa para pessoa. Alguns podem ter uma comunicação muito boa com a Voz Interior e sentem imediatamente que se trata de uma força que está fora de mim mesmo. Outros têm uma comunicação fraca. O ego deles toma conta e o elenco de papéis toma conta e inspira e dá sonhos de muitas maneiras diferentes, mas então os sonhos estão ligados às necessidades das figuras dos papéis, ao ego. Quando a Voz Interior intervém, normalmente não é o ego que alimenta. Antes dá indicações que o ego não pensou, não viu ou não viveu. Pode dar novas indicações: «Vai por este caminho em vez daquele que pensavas fazer.» Então acontece algo muito positivo. Pode acontecer que, ao acordar do sonho, se questione a Voz Interior e se diga: «Não, isso não penso fazer de todo. Não penso seguir esse caminho de todo. Quero seguir as minhas necessidades em vez de seguir uma indicação de que não sei bem para onde leva.»

O que a Voz Interior faz é que não aponta nenhum objetivo, mas indica uma direção que leva a novos objetivos que não tentaste construir tu mesmo. É diferente de pessoa para pessoa. A Voz Interior talvez se tenha colocado dez vezes em cem sonhos de alguém. Noutro talvez vinte vezes. Ou cinco vezes. Depende da força do elenco de papéis e de quanto ele se vigia a si mesmo.

Independentemente de como agora te comportas e de se segues ou não os conselhos que a Voz Interior dá, no final de contas tens de ir ao sonho da vida, porque se não houver mudança aí, não haverá mudança interior. Ou seja, o sonho noturno deve influenciar o próprio sonho da vida. Se não estás preparado para mudar nada, preparado para avançar, então a Voz Interior falhou. Então o sonho volta outra vez ou segue em frente para eventualmente regressar mais tarde à mesma problemática,

mas de outra maneira. Estás rodeado desta força diariamente e a toda a hora e deves aprender a senti-la.

A Voz Interior pode criar um sonho indicativo: «É assim agora.» Depois também pode mostrar de forma visionária: como pode ser se fizeres apenas esta mudança. Em sonhos sequenciais a Voz Interior pode então mostrar: é assim, se fizeres isto, será assim. Se não fizeres nenhuma das duas coisas, a Voz Interior cria um novo sonho em que tens de entrar.

Olhamos para um sonho orientador, sim, o sonho da Voz Interior. Ele fala mais ou menos assim: tens um problema na tua vida. Podes estar doente. Podes ter uma doença mortal. Foi-te dado um espaço de tempo. Se nada acontecer no próximo ano, não há caminho de volta. Ou podemos reduzir aos próximos meses. Então alguém diz: «Mas Ambres, um sonho que a Voz Interior dá, como é ele então? A Voz Interior não dá sinal de que caminho devo tomar?» «Sim, dá.» «Então a Voz Interior deveria recomendar a que hospital devo ir.» Esquece isso. Não é simplesmente o campo da Voz Interior. O que faz então a Voz Interior? Consola. Dá-te energia. Dá-te força vital. Dá-te força para ir contra a tua imagem de doença, para poder resistir-lhe, e vive contigo. Porque também te dá outra imagem, outro mundo, outra suavidade. Porque algures ainda vale isto: se fores com a morte ao teu lado esquerdo, cada ação será exatamente a certa. A morte também é uma aliada, se a vires assim. A Voz Interior não diz nada sobre a morte. Fala da vida! Mas não vê nenhuma diferença entre vida e morte.

Quando olhamos para sonhos de aviso contra sonhos visionários, ou seja, aquilo que se pode pensar que acontecerá num tempo futuro, afinal são as mesmas formas simbólicas. É o sentimento no sonho que decide se é um sonho de aviso ou se é um sonho visionário, ou se pertence apenas ao presente, aquilo que fazes exatamente agora.

Podeis ter um sonhar extremamente ativo, mas mesmo assim não vos lembrais dos sonhos. Quando começa a acalmar e vos encontrais numa boa harmonia, melhor harmonia, então lembrais-vos dos sonhos de maneira completamente diferente. Agora falo de sonhos orientadores que a Voz Interior dá. O vosso sistema de papéis pode efetivamente bloquear

os sonhos orientadores porque os papéis estão tão cheios de preocupações. Pode ser de natureza económica, pode ser a nossa casa, filhos, doenças. Pode ser o que for. Os sonhos orientadores existem lá, mas não são deixados passar. Eu disse “geralmente”. Mas não é exatamente verdade para todas as pessoas que sonham. Alguns podem ter um sonho extremamente ativo no meio de uma situação preocupante.

Um sonho ativo pode surgir da seguinte maneira: numa situação de pressão pode-se ter sonhos de compensação muito fortes que tornam o dia a dia muito leve. Flutua-se num tipo de estado paralelo na vida, e vive-se de certa forma com um pé aqui e o outro noutra forma de realidade. É uma existência de sonho? Sim, é uma existência de sonho. Uma existência de sonho perigosa, porque é muito fácil deslizar e existir apenas naquela realidade que é muito ativa e que na verdade é uma fuga da crua realidade quotidiana. Tentaís “suavizar” o facto de vos encontrardes em fortes ondas emocionais e períodos pesados da vida.

Símbolos

Quando falamos de sonhos noturnos, falamos de que os sonhos estão cheios de símbolos. Se for o sonho da Voz Interior, a Voz Interior enche o sonho de símbolos que também têm ancoragem no mundo exterior. É uma coisa que deveis lembrar. Quando interpretaís um sonho e entraís no tecido do sonho, tendes de deixar de lado a cabeça e ouvir com outra coisa, outra parte. Tendes de ouvir com a vossa barriga. Ou seja: o sentimento no plexo solar está aqui. Então talvez comeceis a compreender os símbolos.

Como aprendeis a lidar com os diferentes símbolos nos diferentes tipos de sonhar? Interpretar sonhos é difícil. É preciso saber algo sobre o passado de uma pessoa. É preciso saber o valor dos símbolos pessoais. Cada ser humano é único e tem a sua vida onírica única com os seus símbolos oníricos pessoais. Não existem os chamados símbolos básicos que sejam iguais em todo este planeta. Sei que alguém quis chamar símbolos que valeriam para todos os seres humanos de arquétipos. Mencionam então o céu, estrelas, sol, lua, água e assim por diante. Eu

digo que esses símbolos não valem para todos! Não existem arquétipos comuns a todo este planeta. Os símbolos dependem de cada um, de como os percebe, e de onde se encontra neste planeta. Não existem símbolos exatos, porque os símbolos podem mudar, tudo é dualista. Portanto, deitai fora os vossos livros de sonhos!

Um símbolo tem na verdade vários valores. Vê-se uma flor bonita, maravilhosa. No sonho vedes como ela se abre em flor e dizeis: «Oh, que lindo.» No sonho ela deixa cair de repente as pétalas, murcha. Ou seja: é tanto vida como morte. É um despertar e é um apagar-se. A flor que morre no sonho também é um símbolo subjetivo que trazeis convosco.

O que é no sonho que te descreve, a tua identidade? Eu digo que os teus símbolos pessoais os encontras no teu carro, no teu apartamento, nas tuas roupas, por exemplo. São os teus símbolos pessoais. Há muitos mais... Ou seja: aquilo que possuis mostra o que és. Quando falamos do ambiente subjetivo individual, olhamos para o que existe na nossa casa. Vedes parceiro, filhos, pais. Como os interpretais? É coletivo ou sois vós mesmos que vedes? Sim, tudo o que de alguma forma tem um valor pessoal para vós tendes de ver como símbolos subjetivos. Podem prender. Alguns prendem, outros dão liberdade. Há inúmeros símbolos que podeis observar.

Como se aprende a distinguir todos estes tipos de sonhar? Se falardes com duas pessoas com exatamente o mesmo sonho, descobrireis que têm passados diferentes e então descobrireis também que os símbolos oníricos que cada um traz têm na verdade significados diferentes. Não podeis excluir o mundo dos símbolos. Também sois parte do mundo simbólico a partir do qual interpretais os sonhos.

Sonhos de idade Todos os sonhos estão relacionados com a idade, porque os devaneios diurnos mudaram conforme a idade. Os devaneios diurnos e o sonhar subjetivo durante a noite também mudam conforme a idade. Todo o sonhar é o nosso perscrutar de quem somos. Os sonhos de idade são, como todos os sonhos, orientadores para quem és e como deves sair do teu próprio cativeiro. O sonhar é mutável e cada sonho que tens aponta para a tua situação AGORA.

Setenta a oitenta por cento de todos os sonhos que tendes estão relacionados com a idade e relacionados com os sonhos e desejos do eu. Vinte a trinta por cento de todos os sonhos são sonhos da Voz Interior.

O sonho de idade vejo-o como um processo que existe ao longo de toda a vossa vida, que vem do mundo do sistema de raízes. Agora falo de sonhos de idade. São desde o ano zero até aos últimos anos da vida. É a massa que existe entre o momento em que o ego foi criado até o ego se ir embora. Aí encontramos o mundo manifestado onde o sonhar é subjetivo. Aí temos as perspetivas das diferentes idades sobre os sonhos, dos zero aos dez anos, dos dez aos vinte anos. Temos dos trinta aos quarenta anos e assim por diante. Os sonhos da criança em fase inicial são completamente diferentes dos sonhos do adolescente. Os sonhos do adolescente são diferentes dos sonhos de uma pessoa de meia-idade. Assim o sonhar muda de carácter à medida que vos moveis em idade e experiência.

Quando começa o sonhar subjetivo? Começa quando o ego se constrói. A criança tem um sonhar? Não podemos chamar-lhe sonhar subjetivo nos primeiros anos, porque então eles flutuam no mundo cósmico dos sonhos ou no mundo divino dos sonhos onde não existem as mesmas formas simbólicas que aqui. Mas quando o ego começa a formar-se, então vêm os primeiros símbolos e então começa também o sonhar subjetivo. Mas o sonhar subjetivo também é tão maravilhoso, porque aí não há superfície, extensão nem espaço. Aí cavalgais a baleia. Estais nas profundezas do oceano. É como se o mundo dos contos de fadas se combinasse com a própria estrutura da vida. A distância não existe, as estrelas lá em cima. «Sim, vamos lá? Sim, vamos!» Pensai como é simples! Na lua, quantos não caminharam na lua? E até lá estiveram sem deixar quaisquer marcas!

De onde vem o adereço no sonho? Tendes uma criança pequena de um ano que ainda não foi moldada, nem sequer consciente de que é menino ou menina, e dizeis: «Olha, está a sonhar.» A criança faz isso? Ou onde se encontra ela? O que é que a criança expressa? Aquilo que a criança expressa são na verdade expressões de vida? Ou algo mais? Só quando vos tornais moldados num ego é que o sonhar chega.

Quando falamos de sonhos de idade olhamos para os sonhos da criança. Os sonhos da criança não têm os mesmos obstáculos que o sonho do adulto. Uma criança pode encontrar-se num lugar completamente diferente no seu mundo onírico, conviver com animais, com a floresta e vivem muitas vezes num mundo de aventuras maravilhoso.

Os sonhos das crianças são fantásticos! Existem num mundo completamente diferente. Num mundo de fantasia com gnomos e trolls. A criança pode nos seus sonhos estar onde quiser, na verdade. Não estão limitadas nem no espaço nem no tempo, mas são móveis. A criança tem alguma substância que possais tocar e dizer: «Sim, isto é realidade, amiguinho. Mas aquilo com que sonhas, que és tudo, que és uma mesa que corre por aí, ou um peixe na água ou uma árvore que baloiça ao vento, isso são só fantasias, querido amigo.» Mas nos sonhos da criança não são fantasias. Então perguntais: É um sonho, ou o que é? Existia antes da criança sonhar, ou é a criança que o cria, ou é como se o sonho fora da criança desse informações que fazem a criança vivenciá-lo como um mundo onírico?

Uma criança está tão aberta. No mundo da criança os pais são os seus deuses que de certa forma lhes dão tarefas sobre como assim e assim é. A criança confia neles. Isso “é introduzido com o leite materno”. Pouco a pouco a criança começa a associar nas suas próprias vias a partir da sua impressão básica e então consolida-se a sua situação, a sua imagem. Tudo é primeiro ilimitado. Assim acontece esta limitação pouco a pouco e o sonhar subjetivo começa. O ego ancora-se para fora e o sistema de raízes toma conta. Pode acontecer aos seis, sete anos de idade.

As crianças começam a escola e por volta dos dez anos, algures, o sonhar muda. Então começa a transitar para o sonhar adolescente. O corpo começa a mudar. Têm outros interesses. Os rapazes começam a descobrir as raparigas. Descubrem que as raparigas são muito mais interessantes do que alguém só para puxar o cabelo. Então começam a despertar coisas completamente diferentes nos rapazes. O mesmo acontece com as raparigas. É um processo hormonal completamente

diferente que cria sonhos confusos. O adolescente, que está a ser construído, vive no seu mundo.

No sonhar adolescente os sonhos noturnos são tão intensos como os devaneios diurnos. A figura de Adão cresce muito claramente no rapaz e o mesmo com a figura de Eva na rapariga. Adão começa a tentar dominar a rapariga, onde antes existia equilíbrio. Durante a infância e antes da adolescência podia existir um equilíbrio relativamente bom entre Adão e Eva, os princípios impressos. Mas quando as crianças chegam à adolescência, então Adão começa a tomar conta. Adão pode tornar-se muito brutal. Eva também pode fugir e pode lutar pela sua vida para conseguir equilíbrio com o masculino, mas infelizmente muitas vezes torna-se submissa. Aí tendes toda a vossa sociedade, todo o vosso sistema de raízes que toma conta do equilíbrio.

Diz-se que no ambiente da criança se é mais livre. À medida que o ego se constrói, entra a próxima etapa, entra a próxima sequência de sonhos. Então também começa o devaneio diurno. Então começam os devaneios diurnos. A Voz Interior, que tem acesso a tudo o que existia antes de vós terdes sido criados como pessoa, começa a tentar guiar-vos na vida. Como corre? Na maior parte das vezes nada bem, antes teimosamente, vai-se contra as indicações da Voz Interior. Depois tem-se de lutar de lugar para lugar, de ambiente para ambiente. Sente-se bem, sente-se mal. Assim é o desenvolvimento. Sem fricção – nenhum desenvolvimento.

Descobrimos que o sonhar se desenvolve no tempo, segundo informação. Os sonhos de uma criança de sete anos não são o sonho de uma pessoa de vinte anos. O que aconteceu? Recebeu-se uma quantidade de informação. Num mundo sonhado recebestes uma quantidade de informações que mudaram o vosso psiquismo, mudaram o vosso ego, de modo que entraís em sonhos completamente diferentes modificados que vós próprios não participastes em criar, mas o mundo onírico em que viveis moldou-vos na personalidade que sois agora. Assim acreditais que vos moldastes a vós mesmos. Moldastes-vos uns aos outros. Chama-se a isso desenvolvimento. Entraís num processo que consiste nas vossas tradições e na vossa cultura. Aí vos trancaís. Pouco a

pouco trancais-vos no vosso ambiente, no vosso sistema de raízes especial. Quanto mais o tempo passa, mais difícil tendes de vos libertar dele, porque os sonhos trancam. Não só libertam, mas também vos trancam na falta de liberdade. Segue-se a massa porque "unidos venceremos, divididos cairemos". Se não se segue, fica-se de fora e então o sonho cria uma angústia de não chegar. De não estar no lugar. Tem-se de estar lá, para estar com. Então o sonho cria uma insegurança. Mas lembrai-vos agora que eu falo o tempo todo do sonhar subjetivo e do sonhar de idade, porque o sonhar subjetivo enche cada segundo das vossas vidas. Se o excluirdes, também excluístes uma parte e um material enormemente grande que podeis usar para a vossa mudança.

Mas para compreender o seu sonhar é preciso tornar-se observador dele! Porque se não se tem a capacidade de se tornar observador do seu sonhar, também não se tem a capacidade de o mudar. Já disse muitas vezes isto. Colocai-vos sempre a pergunta: Por que faço eu isto? Por que sinto eu isto assim? Só ao fazer a pergunta vêm sonhos defensivos: «Sim, porque. Ou: fui ameaçado, senti-me atacado.» É como se fossem as vossas próprias imagens oníricas que criam as ameaças. Também é preciso lembrar que a parte contrária sente o mesmo e então tendes inimizade no mundo onírico. O sonhar subjetivo é terrível e cria separação entre as pessoas.

Olhamos para os sonhos da criança e dizemos que a criança tem um efeito de ligação enorme entre si até certa idade. Tomemos os catorze anos, a entrada na puberdade. Aí podem ir de mãos dadas, discutir diferentes sentimentos e os seus pais. Existe camaradagem. Depois muda lentamente até aos vinte anos. Então vem a distância. Então vem o trancar no ego. Trancar em grupos. Trancar em religião, cultura e tradição, política. É como se o traçar de fronteiras se tornasse muito importante à volta deles.

O sonho subjetivo de idade aponta então certas regras. O sonho subjetivo de idade é o sistema de papéis que cria, para depois diminuir quanto mais avançais na vossa idade. Assim cai e no fim está ao nível dos catorze anos ou dos sete anos. Aí se encontra de novo uns aos outros. Aí se encontra de novo a proximidade. Então fala-se de regressão, que se

volta à infância. Perdeu-se a vida. Não há memórias. Nem sempre é assim, mas muitas vezes é. Fala-se de sonhos de idade de diferentes maneiras.

Uma criança tem mais facilidade para a mudança, mais facilidade para a compreensão, mais facilidade para transpor certos valores-limite que os sonhos nos dão. O ego estagna-se pouco a pouco ao longo da vida. Os sonhos também estagnam. Os sonhos subjetivos estagnam. Então trancais-vos em posições, para mais tarde, mais adiante, conseguirdes libertar-vos. Então chama-se a isso envelhecer. Muitos dizem que se entra em senilidade, que se fica demente e assim por diante. Aí o sonhar começa a "soltar-se". Já não é assim tão importante. Já não se está tão preso ao sonhar. Torna-se mais criança. E de repente está lá outro mundo. Aquele que um dia abandonastes surge na fase final da vida. No processo de decomposição é isso que acontece. Quero tomar o Instrumento como exemplo. O Instrumento sonha que perde a sua companheira num enorme centro comercial. Está perdido e procura com grande angústia. Por fim encontram-se. Este é um sonho de velho que expressa grande desorientação.

Os sonhos de velho são quando o ego está a desfazer-se. A angústia de não conseguir agarrar a matéria ou manter a vida em trilhos que se reconhecem, que se podem controlar. É um tipo de sonho de idade. Depois existem também sonhos de velho em que se sonha regressar, digamos, dos setenta, oitenta anos aos trinta, quarenta anos. Passeia-se na melhor idade. Está-se à caça ou o que quer que seja. Sente-se forte e presente, sensual e belo e "em forma". Também é um tipo de sonho de velho. Procura-se regressar à juventude, aquilo que um dia se foi e é-se correspondido pelas figuras, pelos papéis que se carregam. Quando elas são despertadas para a vida e dizem: «Ainda estou aqui. Sou tão forte como te lembras de mim.»

Se se despertou um papel assim para a vida, acorda-se com um saborzinho agridoce na boca. Para onde foi? Começa-se a perguntar: «Para onde foi o meu trintão? Está morto? Mas eu acabei de o viver. Porque é que não pode ficar?»

Tudo na natureza tem um processo de construção e um processo de decomposição e o ser humano pertence à natureza! Mas as experiências que carregais, as figuras que carregais, têm mundos oníricos próprios no ambiente em que se encontram. É maravilhoso como isto acontece: o adolescente quer ser adulto sem compreender o adulto. O adulto, que começa a caminhar para a outra parte da sua vida, quer muito ser adolescente. O chamado adulto traz o adolescente consigo, mas o adolescente não traz consigo a parte que procura.

Temos diferentes tipos de envelhecimento. Temos um envelhecimento que segue o processo natural. Ou seja, tudo o que é construído será decomposto. Chama-se a isso nascimento, vida e deixar a vida. Em toda a natureza decorre este processo, independentemente de onde nos encontremos. Alguns têm processo mais longo, outros mais curto. Sim, tendes por um lado uma mudança corporal e por outro lado outro tipo de mudança. Isso chamo eu o ser humano, corpo astral e mental, segue a mudança do corpo. Fica-se preso nesse tempo. Mas depois entra-se num conflito na vida. Vai-se contra o processo de envelhecimento e procura-se meios para manter uma certa idade. Tem-se medo do processo de envelhecimento, em vez de ver que é uma calma que entra. A atividade muda, o que não significa que deixais a vida, mas que mudais a vida que se adapta ao vosso novo estado de consciência, que talvez então tenha setenta, oitenta anos. Mas a resistência a isso pode criar processos maravilhosos, em que se diz que o exterior tem uma idade, mas o interior tem outra idade.

O meu corpo tem oitenta anos mas lá dentro tenho quarenta anos.

Está-se onde se está, mas na sua angústia talvez se queira contrariar a idade exterior. Então fica um pouco patético. De repente temos um homem ou uma mulher que entra numa fase mais calma da sua vida mas tenta febrilmente agarrar o seu vinte e poucos anos. Aí está-se em conflito consigo mesmo. Alguém disse: «É como se acendesse uma fogueira, Ambres.»

Quando a fogueira se acende, vem a consciência. Depois põe-se mais e mais lenha na fogueira à medida que a vida avança e ela flameja

enormemente. É turbulência. Tudo o que se põe na fogueira queima. Depois escurece ao entardecer e o fogo esmorece mas as brasas estão lá. De repente descobris: o que é que aquece tanto? Não é a chama. Dela fugis. É assustadora porque consome. Agora estão lá as brasas. As que aquecem.

Naquilo a que chamais processo de envelhecimento começais a resumir a vossa vida. Onde podeis sentir-vos satisfeitos convosco mesmos. Mas quem luta contra este processo tem um problema. E vai perder-se, infelizmente, no seu mundo onírico. Não é algo único, isto, antes toda a vossa conduta de vida seguiu consigo. Quando olho, através do Instrumento, para os vossos media, lá está um "furor juvenil". Ou seja, com todos os meios se tem de manter o estilo juvenil, a sensação juvenil e tem de se preservar o corpo na aparência que sempre teve durante o melhor período da vida. Independentemente de como vos comporteis, o processo de envelhecimento virá. Então vivesse-lo como uma ameaça. Foge-se em vez de entrar na aceitação e sentir satisfação nisso.

Pode ser difícil aceitar o sonhar que pertence à vossa idade, quando vos tornastes mais velhos. O setentão quer muito voltar a ser adolescente. Mas quando se aceita verdadeiramente o envelhecimento, só então também podeis fazer mudanças, o que não significa que tireis o adolescente, mas podeis combiná-lo com o setentão.

Quando se cria resistência ao seu sonho de idade, então isola-se nele e vê-se como um inimigo. Então tenta-se ir contra o seu sonhar em vez de ir com ele. Quando se vai com o envelhecimento, então pode-se trazer também o sonhar mais jovem. Então não há resistência à situação em que se está hoje. Então obtém-se uma totalidade maior, uma estabilidade maior.

Ao aceitar-se o envelhecimento, ele perde o foco e então pode-se absorver isso e então a vitalidade também se transforma.

Se vos permitísseis, como a Voz Interior diz, reunir todas as idades num AGORA, isso enriqueceria algo absolutamente imenso! Teríeis uma fonte de energia completamente diferente. Mas estais presos à vossa impressão. Tende-lo tão bem expresso com os chamados ditados

populares: «Sapateiro, à tua sapataria» e assim por diante, que não deveis mudar. Tendes de seguir o regulamento: «Isto sou eu.»

O sonho não é estático, ou seja, imutável. O sonhar muda-se constantemente conforme a idade. A inquietação que se pode sentir pela perda, não do sonho, trata da perda da vida. Perda de atividade. Perda de presença.

Se tivésseis sonhado um sonho em que viveis que tendes vinte anos no sonho, talvez olhásseis para ele admirados e dissésseis: «Isto não combina com o que sou hoje.»

Mas não deixastes nada para trás. Continuais a ter vinte anos! Continuais a ter quinze anos! Tendes papéis que pertencem a esse período. Aí pode haver uma forte saudade de expressar as suas necessidades e então isso também vem ao de cima no vosso sonhar. Dizeis então: «Aquilo não é o meu sonho, mas um sonho que poderia ter sonhado há vinte anos.» Eu digo que há vinte anos é AGORA. Podeis acordar corados uma manhã, depois de um sonho sexual intenso. Dizeis: «Meu Deus, como posso ter um sonho assim!»

Eu digo: Claro! Sois também dessa idade. Na maior parte das vezes já se largou a ancoragem ao mundo onírico anterior. Devem essas idades estar presentes?

Sim, claro que devem, mas devem desafiar-te ou és tu que as deves desafiar? Não, devem colaborar, cooperar. Elas dizem: «Entra numa relação!» «Mas eu não aguento isso.» «Nós vemos, mas podemos estimular-te a ter a experiência disso.»

Então a Voz Interior diz: «Sim, estamos dentro!»

A maior parte das pessoas morre aos quarenta anos, mas só é enterrada aos oitenta anos. Porquê? Porque os sonhos desapareceram! Entrais em padrões. Permitis-vos entrar nas vossas próprias maravilhosas “bolhas” de sonhar. Então a Voz Interior diz: «Tira isso daí. Olha para isso. Tens adereços fantásticos ao teu dispor. Tens papéis fantásticos! Pedes-lhes conselho! Mantém a tua juventude! Mantém as tuas crianças! Sê o brincar!» O sonhar constrói-se e constrói-se. A visão constrói-se e

constrói-se. Aquilo a que chamo visão é expansão. O sonho expansivo nunca acaba, está lá ao longo de toda a vossa vida. Nunca diminui.

O Elétrico da Vida Encontrei uma pequena história no banco de memórias do Instrumento: O Elétrico da Vida. Subis ao elétrico uma vez na vossa juventude. Depois ouvem de repente alguém que grita: «Paragem final!»

O revisor põe-vos fora do veículo. «Já estou na paragem final? Mas não era para aí que ia. Perdi imensas estações! Apanho o próximo de volta.» «Não, diz o revisor, isso não é possível. Não há carris de volta porque à medida que avançáveis, os carris desapareciam. Não podeis voltar!»

Portanto, não o façais! Estai presentes em cada instante! Lembrai-vos que os carris desaparecem. Não percais nenhuma estação! Não estejais a dormir mas vivos, presentes, experienciando!

Sonhos de Encarnação

Lembrai-vos: os sonhos não têm nada a ver com encarnações anteriores! Não podeis ter sonhos de encarnação. Não podeis ter isso. És tu que sonhas. Um sonho de encarnação, como seria ele, pensas? Que sonhas com outra existência, outros mundos? Escutai agora! Falo de Akasha e de encarnações anteriores. O único que segue o Cavaleiro são talentos e características que estão na tua personalidade de base.

Temos dois tipos de memórias. Temos o que se chama memória corporal e o que se chama memória celular. A memória corporal traz consigo tudo o que viveste nesta vida, o bom e o mau, dor, alegria, tudo. A memória celular é a memória que pertence a encarnações anteriores. A memória celular traz consigo diferentes tipos de acontecimentos, como traumas. Também não precisa de ser isso, antes a memória celular ativa também a tua personalidade de base, que por sua vez pode significar que trazes talentos e características que pertencem a encarnações anteriores. Isso é uma coisa. Talentos e características não têm imagens, são apenas talentos que se desenvolvem em vós. A memória celular é a herança de encarnação. Não é uma sequência onírica mas são neuroses de angústia

que se trazem de existências anteriores, mas são de um indivíduo completamente diferente.

Posso dar um exemplo. Há mil anos um caçador está em caçada e anda numa zona muito pedregosa. Desencadeia um deslizamento de pedras e de repente vê-se preso debaixo de uma quantidade de pedras, mas ainda vivo. Morre uma morte lenta, dolorosa, em que até os animais selvagens começam a comer-lhe enquanto ainda está vivo. Isso coloca uma angústia nele. Essa angústia pode ser transportada adiante, transformada adiante para a incarnação seguinte e seguinte.

Pode saltar dez a quinze incarnações, mas de repente surge como memória celular e no teu mundo vives de repente aos trinta anos um medo de espaços apertados. Sentes que estás a sufocar. Tens medo de animais com dentes afiados e talvez não tenhas tido medo antes. É quase como se fosse limitado no tempo, mas ainda assim não é um sonho mas está na memória celular. Podes libertar esse trauma, libertar aquilo que trazes na memória celular. Descobres que na verdade não é o teu trauma. Está na tua memória celular porque o trazes daquela época. Não é teu! Pertence àquele indivíduo. Quando compreendes onde está ancorado, muitas vezes solta-se e ficas livre. Mas ainda assim não é uma sequência onírica. As incarnações anteriores estão lá.

No sonhar noturno só há dois caminhos: o sonho subjetivo e o sonho orientador. No sonhar subjetivo pode surgir outros ambientes, civilizações estranhas e muitas vezes acontece então porque se está em fuga de algo. O dia a dia é pesado, sonha-se. É como um mundo onírico interior a que se vai para satisfazer algo que falta na vida.

No sonhar orientador está a Voz Interior, que quer apontar algo. Se ela por sua vez quer encenar um cenário de tempo passado noutros ambientes e surgem emoções fortes, isso não significa que seja outra incarnação que se vive.

Assim, quando nos perguntamos: pode uma incarnação que está armazenada em Akasha sonhar? Não, não pode sonhar. Não tem movimento. Não está acordada. A testemunha precisa de movimento. A testemunha precisa de alguém que lhe dê movimento para que se desça

até ela. Isso não se faz no sonho. A Voz Interior não dá esse caminho. Interferem outras encarnações na vida atual? És tu que sonhas. As existências anteriores que estão em Akasha estão em repouso. Não estão conscientes. Os sonhos que elas tiveram estão naquela vida. Não interferem na tua vida. 99,9 % são acontecimentos, traumas, fobias criados aqui e agora, nesta vida.

O tempo acordado do sonho.

Acordar no sonho

Pode-se perguntar se existe de facto alguma forma de tempo acordado? Sim, existe: o tempo acordado do sonho é tanto o sonho noturno como o devaneio diurno. É o tempo acordado do sonho. Quando não vives em tempo de sonho? Sim, é durante os momentos em que não tens nenhum envolvimento. Então o sonho para. O fluxo para. Quando não tens envolvimento? O que quero dizer com envolvimento? Ação, presença, mobilidade, "a viagem de descoberta".

Vê-se isto muitas vezes em pessoas que se retiram do mundo. Não têm vida interior. Não têm vida exterior. Deixaram de se envolver. Não têm tempo de sonho. Desenvolvem-se? Não. Deixaram de sonhar. São alcançadas pela Voz Interior? Não. A Voz Interior não as alcança, porque o ego ficou quieto e não recebe nada nem dá nada. Pode-se dizer que essa pessoa não dorme. Também não está acordada. Encontra-se num estado "entre". Não é alcançada por nenhuma fonte de inspiração exterior. Pode flutuar até à superfície, mas afunda-se bastante rápido outra vez.

Alguém diz: «Ambres, dizes que sonhamos as nossas vidas. Queres então dizer que não existe nenhum período acordado? Que tudo é apenas um sonho que sonhamos?»

Eu digo: Exatamente, o sonho é o vosso período acordado. É no sonho que estais mais acordados. É o sonho que contém exatamente aquilo que deveis interpretar e a partir do qual trabalhar. O preenchimento entre isso é o dormir. Se estais a passear um dia e ides por um caminho, então andais a arrastar-vos pelo caminho. Depois vedes,

ao lado, um acontecimento que vos faz parar e dizeis: «Nossa, que interessante.»

Então ficais presos aí uma hora, depois continuais pelo caminho. Depois acontece algo ao lado, parais outra vez. Assim ides um dia por este caminho e à noitinha acampais e começais a resumir. Do que tendes memórias deste dia? Foram certos acontecimentos que vos prenderam. O que vos deram? Deram-vos compreensão, foram como mensagens. Não precisam de ser desgraças. Podia ter sido o que fosse que vos prendeu. Era algo que se dirigia a vós. Porque se não fosse assim, nunca teríeis parado. Assim de um dia de oito horas, talvez sejam só três horas que vos lembrais. Essa é a sequência onírica! É o sonhar! O que aconteceu entre isso é apenas um preenchimento em que estáveis a dormir. Andais por um mundo em que vos são dados incrivelmente muitos mensagens e sois cegos. Só quando parais é que podeis ter a proximidade delas.

Quando se acorda no sonho, essa é a forma mais elevada de sonhar. Quando acordas no sonho então podes fazer mudanças e isso vale para todos os tipos de sonho: sonhos noturnos, devaneio diurno e sonho da vida. Só então podes começar a fazer mudanças na tua vida, o que não significa que devas deitar fora algo, mas que deves criar outra relação com isso. Como deves interpretar este sonhar? Deves interpretá-lo exatamente da mesma maneira que interpretas outros sonhos.

Na maior parte das vezes quando acordas num sonho noturno, acordas num sonho subjetivo. Os teus sonhos subjetivos consistem nos teus sistemas de papéis que têm problemas. Querem apresentar-te os problemas, dentro de ti. Então é como se uma parte maior de ti acordasse no sonho e observasse o sonho. É uma forma elevada de sonhar. Mas ainda é sonhar subjetivo.

Podes acordar a meio do sonho noturno e descobrir que estás a sonhar. Quando já estás acordado no sonho podes começar a manipular também no sonho. Podes criar novas figuras e “isto e aquilo”. Aí podes até participar em raciocínios com os símbolos oníricos que lá estão. Podes falar com as figuras que lá estão, porque te vives ou como um observador, um observador invisível, ou como uma figura presente. Ainda

estás no sonhar subjetivo. Pode ser bastante divertido e muitas vezes esqueces do que tratava o sonho quando acordas.

Portanto interpretais esse sonho como um sonho noturno. Não o podes descrever até começares a interpretar os sonhos. Só então vives: «Oh, é assim que se interpretam estes sonhos, estes símbolos oníricos!»

Ainda procuras o pulso, o ritmo. Que tu próprio estejas presente também mostrará que podes influenciar “o sonho dentro do sonho”. No teu raciocínio no sonho obténs uma compreensão de: «Oh, é isto que é o meu problema! Porque não vi isso antes?!»

Quando entras no sonho também podes ser preso pelos acontecimentos, pelo que acontece entre os símbolos que surgem. Podes ficar muito envolvido nisso. No teu raciocínio com os diferentes símbolos que lá estão, podes chegar à compreensão de: «O que é em mim que eu devia trabalhar?»

Trata-se de ver, de descobrir, porque quando tu próprio comesças a transformar o sonho, tens de estar presente em estado acordado e ver: «O que foi que fez com que mudasse o sonho nessa direção? O que foi que quis construir? O que foi que quis ver? O que foi que quis viver?»

Podes através disso ver o que é em ti que procuras. O que é que queres construir? O que é que queres tirar? Foi a Voz Interior que criou esta possibilidade? Talvez, talvez não. Não sabemos. E para ti não faz diferença se foi a Voz Interior que criou o teu despertar, para que sejas confrontado com o teu próprio sonho, ou se a Voz Interior não esteve presente de todo. Ainda assim é uma mensagem de que és participante. Quando acordas pode ser mais difícil lembrar-te do que combinaste, mas algo no dia está mudado porque participaste ativamente no teu trabalho interior.

Acordar no sonho é um nível bastante elevado no sonhar. Se se vai ao terceiro nível de consciência, está-se acordado no seu sonhar. Quando se está nos dois primeiros níveis de consciência é de facto a Voz Interior que nos faz acordar no nosso próprio sonho. Depois depende de como se recebe o que se faz. Se se interpreta, também se pode ver o que é que se

procura no seu sonho. Acontece-te isso? Então debes olhar: O que diz isso? Isso é o mais importante.

Às vezes acorda-se no sonho e assegura-se de que "isto é só um sonho" e então pode-se continuar a sonhar, tranquilo, consciente de que "é só um sonho". Mas o sonho exterior pode ser muito mais perigoso do que o sonho interior, porque só se muda a consciência. O sonho interior também é uma forma de realidade, tal como isto é uma forma de realidade.

Intuição

Deves pensar com a tua cabeça. Deves sentir com o teu coração. Deves afinar com a tua barriga. É completamente correto. Deve-se fazer isso. A intuição está na barriga, no plexo solar, no pâncreas, que é a sede do chakra.

Falamos de intuição. Às vezes acontece isto: alguém está a caminho de uma viagem de avião com um grupo de pessoas. De repente há um homem que diz:

«Não, não entro neste avião. Não o faço, simplesmente. Sinto que algo vai acontecer com ele. Sinto que algo vai acontecer.»

Apesar de todas as tentativas de persuasão, recusa-se a viajar. Meia hora depois o avião despenha-se e todos morrem. Aquele que ficou, ou os que morreram, talvez até metade dos que morreram, tinham uma sensação semelhante mas afastaram-na como imaginação, parvoíce. Foram convencidos pela pressão dos companheiros de que era apenas imaginação. Quando já estavam no avião, talvez falassem do coitado que ficou e perdeu a viagem. Foram eles próprios que perderam a viagem!

Isto tem a ver com o sonho antecipatório. De certa forma liga-se ao sonhar verdadeiro. Porque estais à frente de vós mesmos no tempo. Assim, fisicamente, entraís de certa maneira no já vivido. No já criado. Tem também a ver com aquilo a que chamais experiências de déjà-vu. Também se liga aqui. Viveis que: «Isto já passei por isto antes. Estranho, até noutra época. Tudo é assustadoramente igual.»

Então a ilusão seria que já passastes por isso. Já vistes o futuro. Observastes o que está à frente antes de entrar nele. Se é assim, que já vivestes num plano, porque não o sabeis nos vossos sentidos? Ou seja: porque não o sabeis na vossa consciência diurna? No agora, aqui, fisicamente agora? Porque a comunicação não vem desse lado para cá, mas a comunicação vai do físico para o não físico. Falamos da Testemunha. Sim, a comunicação está no intervalo do estado físico para o não físico, mas ainda assim está adiantada no tempo.

Isto é algo que os vossos físicos “têm na secretária”. Que o tempo, o tempo físico, é uma repetição do já vivido. Mas não tendes memória disso, porém quando vos aproximais, quando vos ligais ao que está à frente, sois avisados do que vai acontecer.

Este homem que saiu do avião e se recusou a viajar só sentiu que algo ia acontecer. Não sabia que o avião ia despenhar-se. Talvez seja outra coisa a que reage. Mas havia um aviso. Se formos muito exigentes e perguntarmos: «Quem avisa?» Então falamos da Voz Interior. É a Voz Interior que está à nossa frente ou connosco no tempo e avisa? Nesse exato momento não chega. Talvez tenhais tido um sonho, um sonhar subjetivo, em que a Voz Interior foi orientadora e apontou um acidente que ia acontecer, mas não o ligastes a isso. A Voz Interior é individual, universal e coletiva, por isso digo que é uma força. Costumo chamar-lhe a voz de Deus Mãe/Pai. É uma força que existe em todo o lado, que está constantemente presente em vós, à vossa volta. Em tudo está. É uma força coesiva no universo. Poder-se-ia chamar a consciência de Deus Mãe/Pai.

«A Voz Interior e a intuição, estão ligadas? É a Voz Interior que dá o sinal de que não devo seguir o mesmo caminho hoje?»

Pode ser a Voz Interior, mas na verdade também podes ser tu mesmo! Ou seja, aquela parte de ti que normalmente funciona fora do teu ego subjetivo já viveu isso e agora alcança o teu tempo. Então sentes aquela sensação no estômago de não, evito isso. É então a Voz Interior que me deu essa intuição? Não, aí não é a Voz Interior. És tu. Tu sentes. Quando a Voz Interior dá direções nas vossas vidas, manifestam-se em

sonhos noturnos ou devaneios diurnos ou de muitas outras maneiras diferentes. No devaneio diurno pode estar lá como um consolo ou uma consciência que está presente em vós, num livro ou nas pessoas que encontrais na rua que proferem palavras que viveis como dirigidas a mim.

Diz-se: «Fantástico! Era exatamente do que precisava agora.» Depois não se pensa mais nisso, mas é a Voz Interior que o dá. O problema é que viveis a vossa vida sem a vigiar. O risco é que quando começais a procurar estas informações vos torneis demasiado atentos. No fim ficais apenas parados e não ousais mexer-vos porque esperais pela voz da Voz Interior. Tendes de ter movimento. Tendes de viver.

Quero afirmar que isto é intuição. Idos à frente de vós mesmos no tempo. Tendes o corpo físico. Tendes o corpo etérico, o fluido etérico que na verdade é o ser humano. Aqui está o pensar, aqui está o sentir, ou seja, mental e astral. É aqui que realmente viveis. Mas mencionei que vos fixais a uma certa idade com fios de raiz etéricos ao corpo físico. Ou seja, começais a viver o vosso corpo como "eu". Perdeis a totalidade. O corpo físico é de alta frequência. O corpo etérico é de baixa frequência. Tem outro tempo. Este tempo, que o vosso corpo astral vive, está à frente do vosso tempo. Se medíssemos isto e disséssemos que talvez sejam cinco dias de tempo físico, aqui seriam quinze dias de tempo não físico.

É só um número, porque não é mensurável. Aqui decorre atividade de pensamento, atividade emocional, mas onde pensais que existis é aqui, no eu. Partis daí, do eu. No planeamento futuro tendes uma imagem maior, uma visão mais ampla, porque a existência de baixa frequência preenche uma área maior, um alcance maior. A de alta frequência encolhe como uma visão em túnel. Na existência de baixa frequência estais em contacto com uma vida e um mundo muito mais amplos. Assim, de certa forma, o vivido já está vivido. Se eu deslocar o Instrumento pelo chão assim, já passou e eu deslocar o seu corpo nos rastros do já vivido.

Então acontece isto: um dia uma mulher vai para o trabalho. Seguiu o mesmo caminho vezes e vezes sem fim e tudo foi paz e alegria. Hoje escolhe outro caminho. Sente que não é seguro seguir o caminho habitual hoje. Segue a sensação e descobre que aconteceu algo naquele

caminho. Um deslizamento de terras ou algo parecido. Se tivesse seguido aquele caminho teria ficado no deslizamento e talvez se tivesse magoado muito. Aqui é avisada. Já aconteceu. Lá. Quando já aconteceu, ela está aqui, mas o acontecimento está lá. Então vem ela a arrastar-se e segue o mesmo caminho do costume e então acontece este acontecimento. Mas isto já continuou.

Assim entra-se e vive-se. Se olharmos para isto pode-se dizer que a experiência vivida é uma repetição do que já aconteceu. Onde aconteceu? Aconteceu agora fisicamente, mas isto é tempo não físico. O que se segue então? É criado aqui? Não, não é criado lá, é criado aqui, mas vives que isto vai acontecer lá, por isso se pode ser avisado e então chama-se intuição. Sois todos intuitivos. Todos vós já vivestes isto alguma vez na vida. Seguistes os conselhos. Quando não seguistes os conselhos foi quando correu mal. De repente estais num curso de acontecimentos em que pensais: «Porque não segui o que senti? Porque não fiz o que senti que devia fazer.»

Ficastes na situação, e não se trata apenas de situações físicas mas também situações emocionais, problemas de relação que surgem. Entrais numa relação em que não devíeis ter entrado. Sentis que isto é loucura, mas mesmo assim entrais. Então surgem os “problemas de coração” e dizeis: «Eu sabia!»

Se sabíeis, porque entrastes então? «Não sei explicar. Fui conduzido.» Porquê? Foste conduzido por ti mesmo! Não escutaste os sinais de aviso que estavam no caminho, que a Voz Interior lá tinha colocado. Então agora tens as consequências do teu comportamento.

«Como se pode distinguir o medo/angústia de algo das sensações de intuição? Num curso de sonhos tinha inquietação no estômago e era um medo que a criava. Como se podem distinguir?»

Quando estavas no curso de sonhos sentiste: «O Ambres vai “pôr-me na ordem”. Vai acusar-me. Vai dissecar-me. Vai cortar-me completamente.»

Tens angústia. Também é uma sensação no estômago. Não é intuição. O vosso plexo solar está ancorado numa grande área à volta do pâncreas. Também é uma divisão para o vosso corpo no sistema de chakras, porque é equilibrador entre as dádivas inferiores e os superiores. O plexo solar dá-vos constantemente informação sobre o vosso estado psíquico. Como te sentes? Pode-se sentir que rola no plexo solar. Estás inquieto. Porquê? Não sabes. Suspeitas que há algo lá.

Pode ser algo que está no teu tempo que não consegues agarrar, ou também estás perante um desafio na tua vida em que tens de prestar algo. Muitos que fazem exames que significam muito para eles na vida sentem esta pressão. Muitas vezes a pressão leva a que criem pequenas cábulas e tentem simplificar um pouco. Têm angústia: e se for descoberto etc. A angústia está na verdade em perder. Pode estar em doenças, economia, problemas de relação, problemas de amor. Assim o plexo solar trabalha constantemente. Exatamente esta sensação, a intuição, é tão especial. Nota-se a diferença nela. É como se se dirigisse de outra maneira. Vem espontaneamente.

«Se numa nova relação há pressentimentos. Não podem ter a sua base em memórias de relações anteriores que, por exemplo, se refletem nesta pessoa. Um reconhecer que tem a ver com o cérebro? Da infância, relação com a mãe, ter sido abandonado?»

Falamos de duas coisas. Aquilo de que falo é o não físico. Aquilo de que falas é o vivido, o presente na tua vida, aquilo que trazes. Pode-se dizer que é uma certa forma de intuição. Mas são experiências que tomaste pela vida que se refletem em relações futuras e que também avisam, que te fazem estar extra atento e cuidadoso até. Acontecimentos na infância, tempo de crescimento e assim por diante. Estão lá e fazem um “tapete” de acontecimentos que também vos dirigem. Apesar de tudo a maior parte de vós está à frente no tempo. Em grande parte, entraís em rastos que já existem.

O outro lado, a morte e a graça

O outro lado e a realidade

Tudo o que viveis como físico encontra-se numa certa frequência, num comprimento de onda. A nossa frequência, a minha frequência está no mesmo comprimento de onda, mas noutra frequência. O paradoxal é que vós e eu na verdade temos a mesma frequência, mas vós a prendestes em forma física. Então surge uma rigidez, porque a forma etérica tem uma frequência mais rápida do que a vossa. Quando deixais o vosso corpo, ou vos lançardes em viagens astrais, então estais do nosso lado e viveis-vos como um eu, como um ego, mas com uma leveza e um aspeto temporal completamente diferente. Podeis deslocar-vos com a força do pensamento como quiserdes, para onde quiserdes.

A vida física é finita enquanto o não físico é infinito! Quando falámos do ser humano e da chamada realidade, partis naturalmente do princípio de que isto é real, não é? Ao mesmo tempo digo que isto é uma ilusão. Isto é não existente. Então dizeis: «Sim, mas eu deslocar-me no espaço. Deslocar-me no tempo. Deslocar-me em idade.»

Sim, digo eu, fazeis isso, mas ainda assim é uma ilusão. Não é real, mas também é real. É tanto uma ilusão como algo que é fixo. Talvez vos lembreis quando falámos da vossa infância. Falámos da criança. Aquela que acabou de nascer. Aí não há ego. Só vos lembrais de partes rudimentares onde o vosso ego começou a construir-se a partir da infância. Mas antes disso, o que existia então?

Enquanto tiverdes tempo, criardes tempo, tendes um início e um fim. Temos um crescer e temos um processo de decomposição. É algo que começa e cresce. É como um pulso: vida, morte, vida, morte... É como um pulso que é constantemente passado adiante. Por quem então? Por vós. Vós o passais à próxima geração, que por sua vez o muda um pouco e o dá à sua geração, à próxima geração, que o constroem a partir das suas experiências. Sois construídos a partir das experiências da geração anterior. Herdastes. Herdais as vossas vidas. Fostes criados e moldados a partir de experiências que construíram o vosso ego. Ano após ano acrescentam-se informações e valores. Sois recriados, recriados de novo, reformados o tempo todo. Reviseis o conhecimento. Avaliais o que é certo, o que é errado. Entrais em diferentes tipos de organizações. Entrais

em comunidades. Criam-se sistemas de raízes à vossa volta e aglomerai-vos e dizeis: «Isto é a nossa realidade.»

Quando digo que vos encontrais em ilhas flutuantes no mar do Ser, de facto estais, mas viveis isto como uma realidade incrível.

Podemos desenhar esta figura. Então dizemos: é vida, morte, vida, morte...

Então dizemos que aqui está uma linha onde vida e morte passam de e para, onde vida passa a morte que passa a vida...

Vida Morte

Aqui herdamos o sonho, a impressão. Aquele que está morto é não existente lá em cima, dizeis, porque aí nascem. Mas o interessante é se olharmos para esta curva, a parte inferior segue um pouco para cima na vida, porque é só aí que sois criados. É só aí que herdais o sonho, o sistema de raízes. Aí está a "realidade". É uma realidade criada. É uma realidade moldada. Sois moldados a partir de uma descrição. Herdais a descrição dos pais e do sistema de raízes.

Na "vida" tendes uma fricção. Sim, claro. Porque é uma frequência forte. Na "morte" também tendes uma certa fricção, mas é uma frequência fraca. Se olharmos para a parte superior da imagem temos aqui em cima, acima da linha, um tempo que é ligado, ligado ao tempo. A vossa vida decorre em setenta, oitenta, cem anos. Portanto tendes um início e um fim. Tendes uma frequência. Lá em baixo, abaixo da linha, tendes outra frequência. Aí não se está preso ao tempo. Quando alguém me pergunta: «Ambres, já lá vão três mil anos desde que estiveste na carne?!» Sim, e então? É outra frequência. Temos tempo? Sim, existe um tempo que não é de todo comparável com a vossa vivência do tempo. Aquele que tem setenta, oitenta anos aqui talvez sejam apenas algumas horas do nosso lado. Assim este espaço temporal não pode ser medido no tempo físico.

Se olharmos para a imagem, lá em baixo, abaixo da linha, saís desse sonho. Agora seguis para o reino da morte. Mas o reino da morte muitos veem como uma cópia do reino da vida. Mas o reino da morte talvez não

seja de todo o que pensais! O que está lá em baixo também é uma realidade. Talvez seja o real! O sempre existente!

O nosso lado, é real? É? Vós vindes para o nosso lado. Estais mortos? Não. Mas está lá escrito "morte". Será talvez que descobris que é um crescer que antes não compreendíeis? Onde viveis o crescer? Na "vida" tendes um grande crescer. Absolutamente, em relação à "morte". Devemos então dizer que devemos excluir um crescer do outro? Não, na verdade pertencem juntos. Porque para cada parte, para cada incarnação que o Cavaleiro toma, cresce por assim dizer o volume da massa de conhecimento, consciência. Toda esta área é o total. O que sempre existiu.

Vida Morte O que viveis na fase atual é um pequeno, pequeno espetro de uma consciência muito maior. Paralelamente a tudo isto flui uma existência que espera, espera, espera.

Assim fala o tecido do sonho... Tudo é um tecido onírico fantástico e então falo do subjetivo, do coletivo e do tecido onírico universal. Mas então olhamos apenas para uma pequena, pequena parte do tecido universal. Dizemos que é construído pelos tecidos oníricos coletivos e subjetivos. O tecido universal não tem tempo. Não tem início. Também não tem fim. Porque tudo o que não tem início não tem fim. Também não tem lugar. Também não é mensurável. Não se pode ancorar em lado nenhum.

«Onde estás tu então, Ambres, quando estás do outro lado?» Aqui. Onde pensas que estou? Tendes uma visão tão estranha da vida depois da morte! Tentais baixá-la para outro nível, que tem um modelo de explicação completamente diferente. Assim há sempre os que vos querem impingir: Em que nível te encontras, Ambres? Sétimo nível de desenvolvimento, ou?

Não existem esses níveis. Não existem.

«Estás só o tempo todo à nossa volta?» Sim, e vós estais o tempo todo à nossa volta. Foi o Jona-Li que deu a imagem do rádio e dos diferentes comprimentos de onda e frequências. Digamos agora que

estais num comprimento de onda, onda longa. Numa onda longa há muitas estações diferentes que estão em frequências diferentes. Mas é o mesmo comprimento de onda. Estamos no mesmo comprimento de onda, mas com outra frequência. Sim, agora estou "em emissão". Mas preciso da vossa frequência para poder manifestar-me, mas não em corpo, mas em consciência. Às vezes acontece isto, que apareceis do nosso lado, não fisicamente mas em forma não física. O que vos vemos então? Vemo-los como fantasmas? É só que as frequências deslizam uma na outra.

Dizemos que isto é um comprimento de onda, então estais aqui. Nós estamos lá. Entre nós na verdade não há distância. Mas encontramos-nos noutra frequência. Quando morreis "vindes a caminhar", dizeis. Não, não fazeis isso! Na verdade já estais aqui! O que vos mantém afastados do nosso lado é que vos identificais com a carne, a cabeça, o corpo, a consciência. Já estais aqui! Agora. Estais comigo agora. O problema é que agora estais presos na vossa consciência diurna. Há alguma formação lá, ou?

Do nosso lado? Bem, vai um pouco devagar. Temos pouca fricção. Vindes de visita. Saudais os vossos queridos que passaram para o outro lado. Pode ser mãe e pai. Pode ser irmãos, alguém que amastes. O mais interessante é que já estais do meu lado. Já estais do meu lado. Eu vejo-vos. Eu ouço-vos. Mas aquele que fala não vive isso, porque está ancorado no seu corpo físico e vive o mundo a partir dele, diz: «Sou o centro do mundo. Tudo o que tenho, irradio à minha volta. Esta é a minha realidade!»

Os vossos corpos físicos pertencem à frequência em que se encontram, enquanto os vossos corpos não físicos, ou seja, o fluido etérico que rodeia o corpo físico, estão do nosso lado. Nunca podereis ter uma prova. Não pode ser provado cientificamente, a não ser que passeis para o outro lado vezes e vezes sem conta. O maravilhoso é que já estais aqui. Mas estais presos na vossa consciência diurna. Estais presos naquilo que construístes à vossa volta. Sim, sois bem-vindos para uma visita! «A consciência que está aqui, pode existir do vosso lado?»

Sim, claro, naturalmente! O Jona-Li está lá. O do Instrumento também está mas normalmente não tem consciência disso, exceto em certas ocasiões em que diz: «Sonhei com o Jona-Li.» Sim, estiveram juntos durante a noite. E depois regressa com saudade à sua cama.

«Se tivermos consciência de que estamos nesse estado, podemos então lembrar-nos de que estivemos do vosso lado?»

Não é certo. Ainda são duas áreas de frequência diferentes. Ainda é o mesmo comprimento de onda, mas são duas áreas de frequência diferentes no mesmo comprimento de onda. Se pudésseis combinar isso, aproximar-vos tanto que pudésseis andar entre elas, estar em ambos os lados... é possível. É possível! Mas aqueles que conseguiram ter essa capacidade chamais "mediúnicos". Aqueles que vivem o chamado mundo espiritual. Todos vós sois médiuns! Todos vós vedes! Uma vez não o punham em causa. Vivíeis em ambos os mundos. Depois o ego tomou conta e construiu a ilusão que chamais fixa e nesse sonho andais por aí. Estais tanto do nosso lado como do vosso lado. Ou seja, na vossa frequência, como na nossa frequência. Com quem falo eu agora?

Falo com uma pessoa que está presa no seu corpo, que se identificou com o corpo. Mas aquele com quem falo na verdade é o fluido que rodeia o corpo físico. Essa frequência é a mesma que a minha frequência. Mas tudo o que falo é filtrado pelo vosso ego. O ego surge quando nos identificamos com o nosso corpo físico. Então começa o mundo onírico subjetivo e então esquece-se o que realmente se representa. Representa-se algo completamente diferente do que se mostra. Quando se torna ativo no sonho exterior ativo, torna-se vítima de tendências, de opiniões políticas, da religião e assim por diante. Então surge a luta, o pensamento de pedestal. Todos vós sois médiuns. Não é nada para se gabar.

«Porque estamos tão bloqueados? É porque o ego é tão forte?»
Porque estais tão impressos com a ideia de que sois algo diferente daquilo que realmente representais. Então olhais para o vosso corpo e dizeis: «É impossível que exista algo mais aí que eu não veja.»

Sabeis quando escapais à vigilância do ego? É quando vos chegam estes lampejos: «Exatamente, é assim!» Depois sentis aquela sensação incrível de que sempre soubestes. «Porque não compreendi isso antes? Eu já sabia.»

O que faço então? Desperto-vos para o conhecimento que já tendes. Aí não existe ego. Aí passastes para além do vosso ego que quer solidez, regras.

Eu vivo o mundo espiritual aqui e agora convosco! Sois também espíritos, nesse caso. Já tendes essa capacidade. Acontece apenas que excluís a capacidade porque o peso da vida é tão forte. O vosso mundo de representações sobre o que é real, o que não é real é tão forte. O que é físico é tão forte. Árvores são árvores para vós e nada mais. Flores são flores. Casas são casas e ficarão aí por toda a eternidade. Esta casa em que vos encontrais agora também é uma ilusão! Surgiu de uma descrição. Será demolida, desaparecerá.

Daqui a, digamos, quinhentos anos restarão algumas pedras dela. Os vossos corpos desaparecem, renascem noutras plantas e animais. As vossas consciências nunca desaparecerão. Estareis sempre presentes. O mundo etérico está lá. É real? SIM! Absolutamente. Sou eu real ou não sou? De certa forma sou real porque posso manifestar-me através do Instrumento. Empréstou-lhe a voz. Mas quando me vou, sou real então? Ou sou uma memória que tendes de uma voz? Sou real noutra dimensão ao vosso lado. Vejo-vos? Às vezes. Às vezes não.

«Mas, meu Deus, Ambres, se trago tudo isso comigo, porque não consigo alcançar?» Porque tendes uma representação do que quereis alcançar. É quando conseguis abandonar essa representação... não podeis controlá-lo. Abandonar o controlo, como faço isso? Dizeis: «Mas então morro.» Não, não morreis. Podeis ter a garantia de que não morreis? Não, também não podeis ter essa garantia, porque é idiota garantir algo que não existe! A morte não existe!

«Sim», dizeis vós, «existe, sim. Estive em enterros! Alguém é baleado. Está morto.» Está vivíssimo, mas não na carne! Então alguém diz: «Então,

Ambres, não é triste se se matar uma pessoa?» Aí já fostes longe demais. Não tens direito de terminar o carma do Cavaleiro.

«É a mesma coisa se alguém se suicida?» Não. Ninguém te pode julgar. Ninguém pode julgar isso. O Cavaleiro também pode entrar e travar-te. Se decides tirar a própria vida, também passaste por uma mudança de espírito. Passaste pelo teu próprio plano. Tiveste um curso de acontecimentos que te assustou, que te fartou e queres terminar a vida.

A morte

Perdeis-vos na vossa técnica no mundo exterior e esqueceis tão facilmente a pergunta: De onde vim? Quem me criou? Quem me construiu? Quem me deu a minha consciência? É minha? Não, não é tua! Herdaste-a. Quando vindes para o nosso lado, o que acontece então à tua consciência herdada? Sim, leva-la contigo, mas também estás livre nesse sentido: da idade, do espaço, da distância. Continuarás a ter os teus desejos? Sim. Mas os teus desejos não serão tão egoístas como no mundo físico. A morte foi representada como o Ceifeiro, aquele que corta toda a consciência. Se não corta toda a consciência, ficais aterrorizados com céu e inferno. É a imagem do clero.

Há muitos desses maravilhosos seres que procuram poder através das formas religiosas. Não só através das religiões, mas também através de sociedades esotéricas de ordens. Através de táticas de medo criam mitos de que se vai para o Inferno ou para o Reino dos Céus. Tudo isso é um mito. Já estais no Reino dos Céus! Onde está o Inferno? O Inferno é um mundo de representações. Podeis criá-lo se vivestes uma vida de brutalidade e avidez, desejo de posse e assim por diante, ou se tendes medo de cair no chamado Inferno onde vos espetam um tridente no corpo? Sim, de facto. Alguns podem cair num estado assim, sim. Até que vivam e compreendam que: «Isto crio eu mesmo. Na verdade, crio eu mesmo. Não existe exceto no meu mundo que construí. Na minha angústia construí isso.»

O que acontece então quando se passa para o nosso lado? Quando morreis o corpo físico desaparece. Regressa ao planeta de onde surgiu.

Apodrece, é queimado ou outra coisa. O ser humano não morre. Quando digo “o ser humano não morre”, refiro-me de facto àquela parte do ego que não está ancorada ao corpo físico. O Cavaleiro transfere características e talentos para a nova personalidade de base que surge. Cria-se uma nova Testemunha que se adapta ao ser humano que se vai desenvolver. Deixais apenas um corpo físico e estais do nosso lado. Na verdade, estais o tempo todo do nosso lado, mas não o viveis assim porque vos identificastes com o vosso corpo!

Se vindes para o nosso lado como idosos, em breve descobrireis que podeis tomar, a partir da vossa memória, o corpo com que mais vos sentistes bem durante a vida. Se vindes com noventa, cem anos, podeis assumir o corpo que tínheis aos nove, trinta ou quarenta anos. Para que servirá isso! Para o vosso parceiro que depois vem encontrar um homem jovem ou uma mulher jovem que o/a acolhe e descobre, estupefacto, que é o parceiro. Mas tão jovem! Durante muito tempo deste lado pode-se desfrutar disso. A proximidade, o amor. De novo estais juntos.

Outra coisa. Se pensais que do nosso lado não se pode sentir toque, estais completamente enganados. Claro que podemos sentir toque. Obviamente! Mas quando descemos à vossa frequência, viveis que não podeis sentir o nosso toque, a não ser que tentemos condensar-nos na matéria. Então podeis viver-nos, ver-nos e às vezes sentir-nos fisicamente presentes, mas não da mesma maneira que se estivéssemos na carne. Por isso é mágico! Tanto a morte como a vida!

Quando vindes para o nosso lado, o processo de reciclagem recomeça num plano completamente diferente. Trazeis convosco a memória de quem fostes no mundo físico através da Testemunha. A Testemunha é a cópia do disco rígido, do cérebro. É o Cavaleiro que transporta o fluido onde a Testemunha se manifesta. O Cavaleiro ainda lá está, porque é o Cavaleiro que transporta o fluido que deposita na próxima incarnação, à volta do novo corpo que se vai desenvolver para ser humano. O fluido que vos rodeia e que constitui a vossa personalidade é reutilizado.

Depois de algum tempo do nosso lado acontece um descascar. Torna-se uma saturação, ou seja, o que quer que apontem se manifesta. Se quiserem um castelo, têm-no. Se quiserem criados, um par de milhares, têm-nos. Assim que largam o pensamento, desaparece. É um pouco mais pesado na vossa matéria. Construís uma casa com o vosso pensamento. Cria-se um projeto. Conseguem-se artesãos e o pensamento manifesta-se e a casa está lá. Se ninguém cuidar dessa casa ou a mantiver, o que acontece? O pensamento desmorona-se lentamente outra vez. Daqui a duzentos anos só resta o alicerce. Daqui a quinhentos anos talvez nem o alicerce se veja. O pensamento apaga-se, embora demore mais tempo na vossa frequência. É assim.

Aqui está agora o aspeto astral, o aspeto mental que se pode ver quando o ser humano vem para o nosso lado. Tem o seu corpo, traz consigo as suas doenças imaginadas. Não está doente mas o corpo pode estar doente. A psique não está no corpo mas fora do corpo. Pode a psique estar perturbada? Sim, claro! Mas é fácil remediar quando está liberta do corpo físico. Agora vindes e de repente descobris que tudo o que quereis podeis ter. O que costuma acontecer é criar-se um corpo fantástico: Ele é um homem, com bigode, cheio de entusiasmo. Cheio de vitalidade. Agora vai à caça. A presa não foge exatamente e pouco a pouco surge o tédio. Aqui começamos a ver que começa a haver uma mudança. Do nosso lado a atenção diminui porque entra o que se pode chamar tédio.

Tendes tudo, ficais cheios de tudo. É como se a reflexão diminuísse. Assim desaparece também a intensidade e a saudade da vida. Aborrecido? Não, depende de como o vês, mas aqui do nosso lado não é assim. É como se desaparecesse cada vez mais movimento na aura. Fala-se de que cresce para dentro. Desvanecem-se. No fim desapareceu. Não há nada que se reflita nela. Quando cresce para dentro vem a compreensão de que tudo o que foi criado durante a vida é na verdade uma ilusão. Algo mais começa a crescer: o ego divino. Podemos ver assim e podemos viver que há um Cavaleiro que em breve reencarnará na carne, porque o ego que antes lá estava já não existe.

Não importa se é a fé cristã, se é a fé muçulmana, budista, ateia ou o que for. Este processo é igual para todos. Na sua simplicidade é fantástico!

O ego que tínheis é reformado e colocado em Akasha. O invólucro astral/mental, a forma etérica do ser humano etérico, o Cavaleiro leva-o consigo. A próxima consciência também aí se forma. O Cavaleiro transfere características e talentos para a nova personalidade de base que surge. Surgiu uma personalidade de base de uma quantidade de Testemunhas, uma quantidade de existências que o Cavaleiro transfere. Cria-se uma nova Testemunha que se adapta ao ser humano que se vai desenvolver. Assim temos uma reciclagem. O ser humano esotérico segue em frente em nova forma e nova forma, nova forma. Aí temos o sonho cósmico imenso, fantástico. Então diz-se: Mas em Akasha não estão lá uma data de corpos diferentes? Tu próprio o disseste.

Não, o que está em Akasha é a Testemunha. Aqui tendes vós agora, o corpo em que vos ancorastes nesta vida. Na filosofia esotérica também podemos ver que na aura, à altura da orelha esquerda vista de frente, podemos ver um ponto luminoso na própria aura. No mago dos contos vemos do lado esquerdo que está uma coruja. É assim que se descreve a Testemunha no mundo dos contos, mas também na filosofia esotérica. Surpreende-me e irrita-me um pouco que professores esotéricos ignorem isso. Muitas vezes não compreendem o que é. O que é a Testemunha? É uma cópia do disco rígido. Que disco rígido? O cérebro. Tudo o que vivestes durante a vossa vida de informações e conhecimento está armazenado aqui, no disco rígido. A Testemunha é uma cópia do disco rígido. Cada pequeno detalhe, tudo o que vivestes na vossa vida física está na Testemunha. A Testemunha substitui o que chamais cérebro. Pode a Testemunha ser preenchida de novo com novas experiências? Não, a fricção é fraca do outro lado. Ou seja, é através da fricção que obtendes novas experiências.

Sois uma impressão no cosmos. Surgistes de uma descrição, como uma imagem onírica, e desaparecereis como uma imagem onírica. O que sobrevive, por assim dizer, é um aspeto do eu, a memória da vossa vida, que o Cavaleiro deposita como uma disquete, um disco no banco de

memória cósmico. Em Akasha. Aí não há movimento. Aí não há tempo. Aí é repouso. Na próxima incarnação que o Cavaleiro toma, a vossa vida atual repousa como um pequeno livro interior em Akasha e o indivíduo vindouro trá-lo então consigo. É como uma memória cósmica que repousa. Traz-se consigo todas as imagens de incarnações anteriores que o Cavaleiro teve. Trazeis toda esta fantástica sabedoria! Cada incarnação ficará como um novo disco na vida seguinte, talvez noutra cultura completamente diferente, talvez noutra imagem religiosa e tradição completamente diferente. Em 99,9 % os acontecimentos, traumas, fobias são criados aqui e agora, nesta vida.

«A minha mãe e o meu pai estão do outro lado. Podem ver o que fazemos ou deixaram a Terra?» Não. Deixai que os mortos enterrem os seus mortos. Não podemos ver cada instante do que fazeis. Tento explicar-vos isto, mas não quereis acreditar em mim. Quando desço, vejo como um círculo no meio do templo. É muito nítido. Vejo-o muito bem, mas não vejo os cantos. Sois vós que existis neste estado. Porque não podeis vós ver tão exatamente do nosso lado? Só podemos inverter. O que vedes? Muitas vezes vedes uma imagem distorcida, porque tendes expectativas sobre o que se deve ver. Recebestes imagens, imagens interiores, através da impressão sobre o que existe do outro lado.

Agora digamos que uma criança de cerca de dois anos vem para o outro lado. O ego é quase impercetível. Reconhece a mãe. Reconhece o pai. Não tem distância. Não tem tempo. Não tem espaço. Não está impressa neste mundo. Quando passa para o nosso lado, isso desaparece muito rapidamente. Se a criança tem cinco anos, o ego começou a ser influenciado. Então o Cavaleiro pode durante um curto período estar do nosso lado enquanto o ego da criança se dissolve. O Cavaleiro toma depois uma nova incarnação. Desce e cria uma nova incarnação geralmente no mesmo ambiente, na mesma família. O fluido etérico é reutilizado. Cria um novo e um novo e um novo... Incarnação após incarnação. É limpo. O Cavaleiro que está ancorado ao fluido etérico especial deposita de novo um novo corpo que fará a sua caminhada neste planeta. Um novo ego começa a emergir nele e assim acontece vezes e vezes sem conta.

Às vezes dou por mim a rir a bandeiras despregadas porque há tantos quartos na grande casa de Nosso Senhor. Ou seja, na grande casa de Deus Mãe/Pai. Há lugar para muçulmanos, budistas, ateus, taoístas, cristãos, todas as fações que existem do outro lado, todos os sectários que existem. Cada um tem o seu pequeno "reino dos céus", onde andam a cantarolar e talvez continuem a lutar contra outras imagens religiosas e assim por diante. Estão extremamente irritados por não conseguirem matar os outros. Já estão mortos! É tanto caos como harmonia. Os que vêm criam muitas vezes caos, mas nós não nos importamos, porque não podem criar nada duradouro. Pouco a pouco descobrem que é inútil. Também começam a discutir uns com os outros, talvez até além-fronteiras. Muitas armas são depostas, muitas opiniões trocadas. De certa forma é até melhor do nosso lado.

Acontece que as pessoas vêm com uma doença que tinham fisicamente. Estão tão agarradas a elas que exigem cuidados também aqui. Temos hospitais, sem dúvida. Enquanto as mantiverem no seu mundo de pensamento, elas existem.

Quanto tempo estais deste lado, do meu lado? Alguém diz que a cada duzentos anos se reencarna. Não se pode saber. Depende de quão fortemente ancorados ao vosso ego estais. Simplesmente quanto tempo demora até o abandonardes. Do nosso lado não temos a mesma frequência e contagem de tempo. Quando digo que já lá vão três mil anos desde que "estive na carne", dizeis que foi há muito tempo, Ambres. Para mim é muito pouco tempo. Estais num estado mais lento, mais vagaroso. É uma frequência pesada.

Isso não significa que seja pesada e penosa, psicologicamente penosa, mas que tendes o tempo com que vos medis. Não podemos aplicar o vosso tempo à nossa frequência porque não coincide. É mais ou menos como no sonho ou quando estais numa viagem astral para o nosso lado. Todos o fazem. Todos estão em algum momento do nosso lado e às vezes vive-se como se fosse um sonho. Durante esses breves instantes, talvez apenas cinco, dez minutos, é como se tivésseis vivido dias, semanas, meses. O aspeto temporal é diferente.

A Graça Não há ninguém que vos julgue quando vindes. Há algo a que se chama a Grande Graça. Não há juiz que esteja lá e diga: «A tua vida foi uma miséria. Criaste problemas a uma data de pessoas. Desce um andar.»

Não há juiz. Ninguém julga. Julgais-vos a vós mesmos e isso pode ser suficientemente penoso por si só, mas descobris que não há Geena ardente. Não há ninguém que vos castigue. Castigais-vos a vós mesmos por ações na vida. Alguns aceitam-no e mudam naturalmente também na sua consciência, mas tantos outros não mudam nada.

Os que mataram muita gente, o que acontece com eles? Um ditador, por exemplo?

Tendes de lembrar uma coisa. Não há ditador que surja por si mesmo. Um ditador é criado e mantido pela fome de poder de todos. Mantêm o ditador que encontra uma boa posição e lhe dão o poder. Hitler talvez fosse parte da ideia, mas também foi conduzido pelo seu próprio movimento. O poder fez com que se permitisse seguir esse movimento. Há muitíssimos ditadores, tanto homens como mulheres. Há ditadores nos lares. Aí talvez encontreis os maiores, na verdade. São em grande número. São castigados? Não, não são. A sua angústia é suficientemente forte. Se pudésseis participar dessa angústia, e ver o seu horror, ver os seus medos, vê-los na zona cinzenta, tão assustados com a luz. Fogem e fogem.

Passam pelo seu próprio fogo purificador, se é que se deve usar essa palavra. O seu próprio inferno criado. A sua angústia de serem castigados. Quando finalmente os apanhamos estão aterrorizados connosco. Têm medo do nosso castigo e têm dificuldade em confiar que só lhes queremos bem. Não há ninguém do nosso lado que dê castigo mas há outra coisa. Já mencionei antes, aquilo a que chamo a Grande Graça. Ou seja, não há ninguém que julgue ninguém. Porque não se pode julgar ninguém pois todos agiram a partir da sua impressão e da construção da sua vida. Nenhuma pessoa nasce má. Nenhuma pessoa nasce para matar alguém, mas são as circunstâncias que o fazem.

Chamei-lhe graça. Acho que tendes de a viver para a compreender. É uma vivência de amor. Um abraço tão total, que não tem nenhum desejo, mas que é tão avassalador. Toca a natureza mais íntima do ser humano. Tornais-vos seres de amor. Não podeis lutar. Não podeis sentir ódio. Não podeis sentir agressão. Sois parte deste fluxo imenso de amor e tendes também a capacidade de o dar. Não há julgamento nem condenação. Não existe.

A Consciência Estais sempre conscientes! Estais sempre conscientes e presentes e nunca estais a dormir. Se ides para a vossa cama e dizeis: «Agora vou relaxar e dormir bem esta noite», o vosso corpo vai descansar e precisais disso. Mas se olhardes para o que se passa no vosso cérebro independentemente dos elétrodos que lá enfiem, vivereis: nunca dorme. Há um diálogo constante algures lá dentro. É assim que durante o sonhar noturno tens contacto com uma parte superior de ti mesmo? Algo que poderias chamar a tua origem, ou seja, o embrião daquilo que talvez se pudesse chamar a tua "consciência"?

Durante muitos anos no Instrumento procurei palavras, construções que pudessem iluminar o que quero transmitir. No banco de memórias do Instrumento havia um diálogo entre diferentes investigadores que dizia: «Não sabemos o que é a consciência. Não sabemos de onde vem. Não sabemos como foi criada. Sabemos que as pessoas pensam, sentem e isso mostra-se como se tivessem uma consciência, mas ainda não sabemos o que é.»

É interessante. Quero concordar com eles que a consciência de que falam é a vossa consciência diurna. Ou seja, o nível de consciência mais baixo. É uma construção coletiva. Imaginai que pegamos numa criança e a pomos num tanque. De alguma forma recebe alimento e líquido e tudo isso e fica dentro do tanque vinte anos. Depois abrimos o tanque, tiramos a criança e perguntamos: «O que é isso? É um ser humano consciente que pensa, que sente e que vive?»

Não, continua no mesmo nível em que a pusemos. Perguntamo-nos: «O que é então uma "consciência"? É coletiva?»

Sim, é coletiva. Está adaptada ao sistema de raízes em que se encontra.

Existe outra parte da consciência que não é aprendida e instalada, por assim dizer? Existem diferentes graus de estado onírico? Sim, digo eu. Sim, dizem os investigadores, mas falam de diferentes graus de consciência. Num certo nível está-se constantemente ligado a uma consciência cósmica. A algo que é muito, muito maior, mas que se suspeita que existe.

A consciência é um estado onírico. Dizeis que a vossa consciência se baseia no vosso intelecto. Ou seja, não no sentimento, mas que analisais cuidadosamente cada parte da vossa vida. Então digo que estais errados! São os sentimentos que vos fazem analisar e querer cada coisa no seu lugar. Porquê? Porque são sentimentos que vos obrigam a ter controlo. Há uma certa angústia nisso. Se não tendes controlo estais perdidos. Não vedes que nesse controlo vos isolais a vós mesmos. Os sentimentos têm de existir, mas quando os sentimentos correm descontrolados, também ficais presos por eles e perdeis o controlo sobre vós mesmos. Capturastes a "consciência" no pensamento, no sentimento.

Então dizeis que se não tendes sentimento e não tendes pensamento, não estais conscientes. Se se liga consciência ao pensamento, se se liga consciência ao sentimento, são vivências subjetivas. São construções. A consciência subjetiva é uma construção que vos mantém afastados da vivência da presença de todas as coisas. Estou tão consciente de que isto é difícil, porque toda a vossa vida, toda a vossa consciência construístes sobre sentimentos. O intangível, ou o incompreensível, não se pode explicar porque tendes os vossos próprios quadros de referência para isso.

Se se vai ao Zen, fala-se aí de estar constantemente atento à própria vida. Querem dizer com isso que se está consciente de cada pequeno processo. Mas quando vós próprios começais a tentar estar conscientes em cada processo, descobris que tendes cinco sentidos que vos devem dar informações e tendes de estar presentes em cada sentido para poder estar presente. Descobre-se que é quase impossível. Tendes de prestar

atenção ao sabor que tendes agora na boca. O que vedes? O que ouvem? Tentais ter tato. O olfato, o que diz? Só o facto de terdes de manter conta destes cinco sentidos e fazê-los cooperar como uma unidade – não é possível. Podeis usar três sentidos. Os outros dois andam algures e estão em repouso. Podem envolver os outros dois em estar presentes, mas estais então conscientes? Não. Chamais a isso consciente.

Estais conscientes? Podeis pensar. Podeis sentir. De onde vem isso? De onde vêm os vossos pensamentos? Existiam ao nascer? Não. Quem criou os vossos pensamentos? O sistema de raízes. Quem criou o vosso mundo emocional? O sistema de raízes. Quem foi que moldou a vossa consciência no início? Os vossos pais que teimosamente repetiam, repetiam até que vos separásseis da vivência total de que tudo estava lá. Mas vós não existíeis. Não podíeis distinguir o que era árvore, o que era chão. A distância não existia. A felicidade não existia. A tristeza não existia. Éreis parte de toda esta fantástica presença. Existíeis noutra forma de consciência que, por sua vez, não tem nenhuma forma de divisão. Agora viveis num mundo dividido e trazeis convosco aquilo que procurais! O problema é muitas vezes que no vosso sonho, no vosso mundo onírico, quereis encontrar a totalidade nas vossas condições. Quereis sonhá-la vós mesmos segundo os vossos desejos. É interessante quando falamos do pensamento. Então dizeis: «O pensamento está aqui. O sentimento está aqui, à minha volta.»

Quem dirige o vosso corpo? Então dizeis: «O meu cérebro.»

Eu digo: Disparate! O cérebro não pode dirigir nada. É um banco de experiências. Um disco rígido, nada mais. Quem programa o cérebro? O ego! Mas o ego não está no corpo. Se fôsseis tão longe a ponto de dizer que alguma parte de vós pode ter uma forma-pensamento, uma forma-sentimento, então não deveis ir ao vosso cérebro. Então tendes de ir ao vosso coração! O coração pensa! O coração sente! O coração é uma das grandes sedes do Cavaleiro que está fortemente ancorado ao vosso ego.

Trazeis convosco uma massa de conhecimento tão formidável, mas para poder alcançá-la tendes de compreender com o que trabalhais. O

ego não pode compreender, antes o ego tem de se perscrutar a si mesmo para se ancorar na sua consciência maior.

Num plano sois participantes e estais presentes em cada acontecimento de todo este fantástico movimento que é o cosmos. Num plano estais ancorados aí. Noutro plano estais separados. Num plano tendes uma visão total. No plano subjetivo deslocastes essa compreensão e trancastes-vos no conceito "ser humano". Trancastes-vos no conceito "ser humano". Também vos trancastes num conceito exterior do que é a consciência. Só para complicar ainda mais, tendes de vos tornar conscientes de que quando falamos aqui agora, representais vós mesmos. E o que sois? Sois não apenas uma pessoa, mas representais várias centenas de papéis que trazeis convosco. Representam-nos.

Quando tentais alcançar a compreensão superior que trazeis, o eu torna-se o vosso inimigo. No eu é que sentis, aí é que pensais e aí é que estais "conscientes". Tendes medo de perder o vosso pensar, medo de perder o vosso sentir, medo de perder a proximidade que tendes. Tendes amigos. Tendes parceiros de amor, fortuna, casa e tudo o mais a que estais presos. Não quereis perder nada disso. Por isso tendes medo de procurar o contacto com a vossa própria plenitude de compreensão. Mas aquela parte de que tendes medo procura descer até vós! A Voz Interior procura descer. Segue-vos. Mãe/Pai, de que falámos como instância superior, segue-nos. É. Nós somos. Vós sois. Vê, é consciente, presente.

Através da Natureza do Sonhar procura guiar-vos à compreensão de que podeis soltar o vosso dia a dia, soltar as vossas vidas e conduzir-vos a sulcos que vos levam a uma plenitude de compreensão superior. Consciência superior não existe fora de vós. No mundo limitado criais uma imagem superprotetora, ou superabraçante, de que tem de haver alguém que vos vê e vos ouve. Quem te vê? Quem te ouve? Tu ouves-te. Mas que parte de ti te ouve? Pode ver-se como nesta pirâmide abaixo.

setor orientador aqui tendes a parte orientadora impressão aqui tendes a limitação

Aqui em baixo tendes a impressão com "eu, eu, eu". Tendes sentimentos, tendes pensamentos. Este é o setor que é aprendido,

impresso. O que está acima desse setor é a parte orientadora que está constantemente lá. Também penetra o mundo limitado. Em forma simbólica tenta fazer-vos deslocar da limitação para a parte orientadora.

Então digo que tendes sonhos orientadores. Sim, tendes, vinte a trinta por cento do sonhar. Os sonhos orientadores significam que tendes uma visão maior dos vossos próprios vidas do que vós próprios sabeis. Todos também se encontram na posição orientadora, mas não a veem, não a ouvem, não a compreendem, porque tentais humanizar essa parte, baixá-la, puxá-la para o vosso nível subjetivo para poderdes dirigi-la com o vosso mundo emocional e com aquilo a que chamais a vossa "consciência"! Se tentais dirigi-la com aquilo a que chamais a vossa "consciência", então colocais-vos em rota de colisão nas vossas vidas.

Fala-se de um homem que vivia sozinho numa pequena cabana numa floresta. Verão e inverno. Um dia uns ladrões conseguiram encontrar a cabana. Roubaram tudo o que ele tinha. A última coisa que fizeram foi tentar derrubar a cabana. Lá estava ele agora no chão a olhar através do telhado partido e viu a lua deslizar pelo céu. Exclamou jubiloso: «Que linda és! Que sorte terem arrancado o telhado, agora finalmente te posso ver!»

Vede então a cabana como a vossa consciência subjetiva que vos impede de ver a lua cheia. O que vos impede de viver.

Níveis de consciência

Falamos dos diferentes aspetos do ser humano: o ser humano limitado, o ilimitado e o divino, bem como os quatro níveis de consciência. Começamos a olhar do fundo desta pirâmide de consciência. Foi o Instrumento que a fez segundo as minhas diretivas e não fui eu que lá pus aquele olho. Foi o Instrumento, mas assenta bem.

Nível 4 divino Nível 3 ilimitado Nível 2 limitado Nível 1 limitado O olho da Voz Interior vela Os nossos quatro níveis de consciência

O ser humano limitado

Temos o ser humano limitado que vive a sua vida num mundo onírico sem o ver e que não influencia nada, antes vive na sua avaliação lógica da vida.

Primeiro nível

No primeiro nível é, portanto, a consciência do ser humano limitado. Ou seja, seguis a lei de Maya e estais completamente presos em Maya. Seguis tendências, seguis sonhos. Não tendes vontade própria. Aqui muitos protestam: «Eu tenho, sim, vontade própria!»

Não, não tendes. Acreditais que tendes. Podeis discutir isso e defendê-lo. Podeis desmontá-lo, mas no fim de contas mostra-se: não tendes vontade própria. Seguis padrões que são estabelecidos pelo mundo coletivo, nomeadamente o sistema de raízes. Todo o sistema de raízes limita-se a si mesmo. Vigia-se a si mesmo e assim que alguém se vigia a si mesmo, limita-se a si mesmo. Acontece no grande como no pequeno. Na forma do ego limita-se a si mesmo. Seguis os vossos padrões interiores e isso limita as vossas vidas. Seguis os padrões que absorvestes da infância, do crescimento e do ambiente e isso limita-vos. De onde tirastes esses padrões? Dos pais, claro, dos amigos, das escolas. Tudo vos influencia. Então dizeis: «Mas eu sou livre.»

Não sois. Estais presos na vossa consciência diurna. Este é o nível onírico um. No nível onírico um devaneais durante o dia. Disse que os devaneios diurnos põem ovos no quintal dos devaneios diurnos. Quando devaneais criais diferentes tipos de tendências de fuga. Mas não só tendências de fuga, também criais uma base para a mudança.

No nível um o ser humano luta pela vida. Procura comunidade. Rejeita o mundo onírico e diz: «Só existe uma realidade. Só existe uma realidade. Não existe mais nada além dela. Não existe nada para lá dela. O único que está presente é o que sou eu. Eu, eu, eu.»

O eu, o ego, é o que lava pela vida fora. O eu, o ego, está preso no sistema de raízes, identifica-se através do sistema de raízes e é o ego que com outros vai com a bandeira à frente no cortejo de tochas e grita: «Viva o Rei e a pátria.»

O ser humano limitado identifica-se com o sistema de raízes. É parte dele. Isso limita-o.

Deixai-me perguntar assim: Viveis a vossa própria vida? Não. Não, viveis uma vida que os outros esperam que vivais! Criastes um nicho, um patamar, onde o mundo onírico coletivo está habituado a ver-vos. Se quebrásseis esse padrão, ao qual estão habituados a ver-vos, ou sérieis uma ameaça ou tornar-vos-íeis invisíveis. Seríeis acusados, os vossos amigos desapareceriam. Outras pessoas naturalmente entrariam agora no lugar deles. No sonho coletivo nenhum desvio é tolerado. Se houver um desvio, deve ser corrigida.

No sonho coletivo há sempre uma luta entre diferentes vontades, diferentes pontos de vista, diferentes formas de vivência, diferentes mundos oníricos que se tenta impor uns aos outros. Não tendes vontade própria. Ou seja, seguis a lei de Maya. Seguis tendências, seguis sonhos. Estais presos na vossa consciência diurna com comida, roupa e trabalho. "Segue-se com" e torna-se um na multidão. Adapta-se às massas e aos amigos. Este é um estado onírico. Sonhais as vossas vidas.

Alguém diz: «Ambres, isso não pode ser possível. Não pode ser um estado onírico. Eu estou acordado!»

Enquanto fordes dirigidos por algo, encontrais-vos num estado onírico. Sonhais as vossas vidas. Cada parte do vosso dia sonhais. É importante saber se a Voz Interior esteve lá? No primeiro nível de consciência quereis muito saber se a Voz Interior esteve lá. Quereis ter controlo.

Até isto que fazemos agora é um sonho. Também é um estado onírico. Qual é o meu papel nisso? Neste momento guio-vos nesse estado onírico. Para quê? Tento fazer-vos compreender. Fazer-vos ver que é um estado onírico. Quero guiar-vos para o nível seguinte.

Segundo nível

No segundo nível não é muito melhor. Continuais presos em Maya. E continuais a "ir atrás do touro". O que quero dizer com "ir atrás do touro"? Escondeis-vos atrás do touro. Aí escapais a assumir

responsabilidade pela vossa vida emocional. Tendes de ver como a vossa vida emocional vos puxa para aqui e para ali, e como estais presos por ele. Vede como criais uma realidade que viveis. Como ficais presos em padrões. Como construíis os padrões, escudos à vossa volta. E "lá ao fundo" tendes os vilões que vos fizeram ser quem sois! Mas na verdade sois vós mesmos o maior vilão que vos trancou lá dentro! Aquele que não quer ver, não ouvir, aquele que põe a culpa fora de si mesmo.

Portanto estais presos em Maya. Sois vulneráveis, propensos a catástrofes, tendes pensamento-desejo, sentis ondas emocionais. Sim, todos os ingredientes estão lá. Mas ao contrário do primeiro nível, começais a compreender que estais presos e assim podeis começar a libertar-vos de estar totalmente trancados. É aí que estais. Oscilais para a frente e para trás entre o nível um e o nível dois. Assim, algures nisso, conseguis o golpe de mestre de "puxar-vos a vós mesmos pelos cabelos" e dizer: «Agora sou livre. Agora sou ilimitado. Perscrutei tudo! Sim, não sou eu que erro. É culpa dos outros por ter sido posto de lado na vida. Com certeza vem dos deuses! Sou impecável. Sou totalmente impecável. Agora vou viver a vida, viver a pulga, porque sou ilimitado, sim senhor. Perscrutei. Sou livre. Estou iluminado!»

Porque te escondes então? Porque precisas de inventar causas para o teu comportamento? Porque precisas de inventar as causas para o teu comportamento lá fora? Quando trazes as causas aqui dentro?

Dizes: «Sou eu que faço. Sou eu que vivo. Sou eu que crio. Sou eu que moldo a minha vida.»

Mas também és como uma esponja. Pela tua vulnerabilidade, absorves o que achas que tens de ter. O que é que tens de ter? Dizes que queres amor. Oh, quanto amor queres. Transborda mesmo à tua volta. Andas por nuvens cor-de-rosa e dizes: «Amai-me! Amai-me! Vinde aos meus braços! Abraçai-me! Dizei-me que significo tudo para vós!»

Então alguém diz: «Sim, sim, gosto de ti.»

É simples, não é? Diz-se isso até a um cão. Respondes: «Eu bem sabia que me ignoras. O cão significa mais do que eu.»

Assim vos tornais vítimas. Fazeis-vos vítimas.

Quando dizes: «Agora sou ilimitado», acontecem as coisas mais estranhas. Sais e és ainda mais vulnerável do que alguma vez foste, ainda mais vigilante do que alguma vez foste antes. Também no segundo nível queres ter controlo.

Se olharmos para o campo mais baixo da pirâmide de consciência, descobris que escrevi “Limitado” e é limitado em dois níveis. O nível dois é uma fase entre o ser humano limitado e o ilimitado. A segunda fase é quando se começa o perscrutar. Assim o um e o dois são na verdade um e o mesmo. Mas flutua-se entre diferentes níveis na sua limitação. No nível dois há um nível de clarividência. Há um nível em que se começa a ver para lá do “rabo do touro”. Ainda não estais perto da Voz Interior, mas começais a compreender que encontrastes uma voz que vos falou, mas não escutastes. Quando procurais por ela, é como se desaparecesse e fugisse e pondes os vossos próprios sonhos e desejos no lugar dela e acreditais que agora tendes o apoio da Voz Interior no vosso caminho.

O primeiro e o segundo nível de consciência seguem o caminho de Maya. O caminho de Maya é o mapa em que vos orientais nas vossas vidas diárias desde que acordais de manhã até que vos deitais à noite. No próprio sonhar da vida limitais-vos aos dois primeiros níveis. É aí que existis. É aí que estais ao longo de toda a vossa vida, na verdade. Até quando dizeis assim: «Agora tornei-me iluminado para isto e aquilo. Aprendi muito, recebi conhecimentos. Posso transmiti-los a outros. Tenho a força para o fazer. Faço as pessoas escutar-me.»

«Ah, que interessante. Se agora tirarmos isso e dissermos que as pessoas não te escutam, o que acontece então contigo?» «Sim, ficaria surpreendido, admirado. Ficar-me-ia mal.»

Digo que aprendes a partir dos dois primeiros níveis. Enquanto reages subjetivamente a partir dos dois primeiros níveis, aí estás. Dizes: «Sim, mas eu tenho tanto conhecimento para dar!»

Sim, então estás nos dois primeiros níveis. Não foste mais longe. Aí estás.

Se olharmos para os níveis mais baixos está escrito: "Completamente preso em Maya. Nenhuma vontade própria." Isto é algo com que tendes de lutar. A maior parte diz: «Eu tenho, sim, vontade própria.»

Não, não tendes. Estais tão presos neste sistema que é quase vergonhoso! Se dizeis: «Vou libertar-me disso.»

Digo: Tentai! Saltitareis entre os níveis mais baixos e no nível mais baixo direis: «Olha, eu bem sei. Tenho a minha vontade livre. Faço exatamente o que quero.»

Não, não fazeis. Agora estais presos numa oposição! Por estardes nisso, estais presos no primeiro nível. Assim conseguis um pequeno golpe de mestre, dar um pequeno salto e caís no segundo nível. Continuais presos em Maya. Sois vulneráveis, propensos a catástrofes, tendes pensamento-desejo, ondas emocionais e "continuais a ir atrás do touro". Já pensastes nas vossas reações quando estais em casa, estais no trabalho, conviveis com amigos? Onde estais? Para onde ides? Sim, "atrás do touro".

Nos dois níveis mais baixos há algo que se manifesta, que através do sonhar tenta fazer-vos ver como podeis elevar-vos dos dois níveis dirigidos de pensamento e sentimento. É a Voz Interior. Mas ligastes a Voz Interior "lá longe", a uma força cósmica, em vez de ver que tendes de ligar a Voz Interior aqui, ao chakra da testa ou ao chakra do coração, porque sois parte da força cósmica.

No nível dois é-se vítima dos próprios sonhos, dos próprios desejos e acredita-se que é a Voz Interior que dá impulsos. Claro que dá. Para alcançar a Voz Interior, tem-se de deslizar para o nível três. Todos vós já estivestes aí em algum momento. Exatamente nesses momentos recebestes impulsos que depois se revelaram certos. No nível dois talvez tenhais recebido impulsos que dizem: "Faz assim". Então dizeis: «Faço como quero. Isso não me parece certo. Tenho os meus próprios sonhos e desejos.»

Depois, quando olhais para trás, dizeis: «Porque não segui o primeiro impulso? Revelou-se certo!»

Mas então começou o vosso planeamento, os vossos próprios sonhos e deslocastes o impulso, porque o impulso que recebestes não vos levou ao que desejáveis que acontecesse. Assim ficais cegos nos dois primeiros níveis.

O sonho limitado limita-vos em Maya. O sonho que fala de medo, traçar fronteiras, imagens religiosas. Aquele que cria "tens de", por exemplo tradições.

Temos de manter as nossas tradições. Senão o que será de nós? Ficamos dispersos ao vento.

Trazeis esse sonho para os vossos filhos, netos e assim por diante. Dizeis que tendes de o fazer. Sem o saber, estais firmemente ancorados em Maya e não ousais perscrutá-la. O que vos limita é o medo de Maya, o medo de Maya do pensamento diferente. Tendes de ser iguais.

Se te desvias, o que acontece então contigo? Segues as tendências. Tens de estar dentro, senão estás fora da comunidade. Tens de "crer certo". Tens de te mexer certo e vestir-te certo. Tens de comer certo. Tens de pensar certo. Não só tens de pensar certo, mas tens de pensar coletivamente certo. E o que é certo? Se olharmos para o mundo de Maya, és apanhado no pathos do direito de Maya: «Se fizeres apenas o que nós dizemos, tudo te correrá bem na vida e terás o que exigimos que tenhas. Mas nem mais nem menos. Terás um trabalho bem pago. Serás bem-sucedido na vida. Terás estudos. De preferência deves graduar os estudos. Porque através da hierarquia classificamos-te como ser humano. Tens um valor mais alto lá em cima do que tens lá em baixo.»

Digo: Que loucura! Cada ser humano é diferente na sua personalidade de base, na sua nota de base. Cada ser humano é totalmente único em si mesmo! Traz consigo talentos e características que são absolutamente formidáveis mas é muitas vezes impedido pelo mundo de Maya de os poder desenvolver. Em vez disso é copiado para se tornar um reflexo dos pais, familiares. Do passado até à terceira e quarta geração está o coletivo fechado, tão firme. O mundo onírico subjetivo é tão firme. Porque existis nos dois níveis de consciência mais baixos. Mas. Suspeitais que o terceiro existe! Há momentos em que constatais,

admirados, que não estais afetados! Apesar de deverdes estar, não estais. Tendes uma visão que não acreditáveis que poderíeis ter e então estais “à frente do touro”.

O ser humano ilimitado

Se seguirmos nesta lista vemos o terceiro nível a que chamo “o ilimitado”. É aí que tanto quereis estar! No mundo limitado quer-se tanto ser ilimitado. Quando se olha para este “ser humano ilimitado”, é um pouco louco usar essa palavra. Cria associações erradas. Porque o que é um ser humano ilimitado? O que se pode associar é que se faz exatamente o que se quer, porque: “Sou ilimitado.”

Não, na palavra “ilimitado” eu coloco certos valores: torna-se compassivo. Tem compaixão. Para fora. Para dentro. O que eu poderia dizer é que deslocas o teu foco. Reconheces-te a ti mesmo. Passaste por ti mesmo. Encontraste as tuas fraquezas e reparaste-as. Encontraste mal-entendidos. Encontraste crianças interiores feridas e trouxeste-as para ti e deste-lhes um lar seguro. Já não acusas as tuas crianças interiores, porque nesse caso criarias um duplo fardo, pois elas já foram maltratadas num plano. Vai o eu central também maltratá-las? É como dizer: «A culpa é tua por eu ter o que tenho!»

São as tuas crianças feridas que agora trabalham dentro de ti. Mas elas querem apoio. Querem ser vistas e cuidadas. Querem ser erguidas, embaladas e finalmente dormir em segurança convosco.

«Mas eu tenho tantas.»

E então? Claro! Deixa-as trepar por ti. A fungar, a chorar nos teus ouvidos. E diz: «Vinde. Vinde só! Eu estou aqui. Finalmente percebi a minha fuga de vós. Agora estou aberto. Vinde só. Sentai-vos no meu colo. Deixai-me cuidar de vós para que possais sentir que eu vos defendo, pelo menos uma vez!»

Se alguém se gaba de ser ilimitado, apenas mostra a sua limitação. Quando um ser humano limitado faz de conta que é ilimitado, torna-se extremamente vulnerável e irritado quando eu aponto: «Porque te limitas a ti mesmo?»

Então fica irritado e zangado e diz: «Eu não me limito de todo. És tu que me atacas!»

«Mas porque reages assim então?»

«Porque me atacas.»

Ou se dizes: «Eu nunca fico zangado. Tenho controlo sobre mim mesmo!»

Isso não é ser ilimitado! Enquanto tiveres de controlar os sentimentos e jogar o jogo para fora, estás nos dois primeiros níveis. No terceiro nível: precisas de saber? Precisas de ter controlo? Não! Tornar-se um ser humano ilimitado não é poder dizer “agora sou”, mas em todo o teu envolvimento “vais à frente do touro”, inabalado por sentimentos subjetivos. Se falas que “essa pessoa me ataca” estás limitado. Mas se isso não te toca, se vês algo diferente nas pessoas – porque descobriste algo em ti mesmo – então és ilimitado. Então deslocaste o foco. Sim, tens uma visão maior no nível ilimitado. Vês as consequências do teu comportamento de outra maneira. Quando vês consequências, tens de lembrar que as ações não têm apenas uma consequência. Podes realizar uma boa ação que vives como boa.

Fazes algo que agrada a Deus por uma pessoa. Ou não só isso, pode ser por uma organização, ou o que for. Mas tens de prolongar o olhar. No mundo ilimitado vês de outra forma. Compreendes as reações de todos os lados, como serás percebido. Porque na tua ajuda a uma pessoa pode ser visto como se tivesses focado apenas nessa pessoa e esquecido todos os outros à volta que também têm dificuldades iguais. Por isso a tua ajuda tem de ser distribuída por todos. A tua ajuda não precisa de ser em moedas, mas em ação. É importante que vos lembreis disso, que ajuda à autoajuda não precisa de ser em moeda sonante, mas em ação. Trata-se de veres as consequências das tuas ações. Então deslocaste-te “à frente do touro”.

Quando te encontras neste nível de consciência, passaste aquilo a que no sonhar chamo “sonhos orientadores”. Então és a tua própria Voz Interior. O sonho deslocou-se dos sonhos interiores orientadores para

sequências oníricas exteriores que deves observar. Na deslocação da visão humana limitada não acontece nada mais do que poderes respirar. Fizeste as pazes contigo mesmo. Mudaste de posição. “Vais à frente do touro”. Os teus sentimentos já não te dirigem. Descobriste quem é o teu maior inimigo. És tu mesmo. E tens de te tornar amigo de ti mesmo. Como te tornas amigo de ti mesmo? Aprendendo a conhecer-te. Em cada reação subjetiva que tens, tens de procurar a fonte da tua reação. Quem traz a fonte? Tu trazes. Se encontrares a fonte das tuas reações, verás que na verdade foi alguém que causou uma reação dentro de ti. Talvez tenha sido um instrumento para que vivesses e te conhecesses a ti mesmo! Há uma quantidade de papéis que apontam e que querem, e querem ver, que te envolvas na tua própria libertação. Para isso também é preciso uma certa forma de coragem.

Aquilo que procurais e começais a pressentir é que no mundo ilimitado tendes um contacto com algo muito maior do que pensáveis. Nos níveis de consciência mais baixos tem-se medo quando se entra em contacto com o nível superior. Sente-se aniquilado. Fica-se de joelhos e começa-se a adorar em vez de compreender: Eu também sou isso! O ser humano ilimitado, aquele que perscrutou isto sabe que: A vida é mais! A vida está cheia de mensagens, de presença. Existe uma fonte de força abrangente que na verdade vos dá informações sobre como vos podeis separar da prisão que o sistema constitui. Que podeis ser livres mas ainda assim viver nele.

Quando tens a tua própria chave onírica podes interpretar e decifrar o teu próprio sonho e observá-lo com a tua própria chave onírica que é adaptada a ti. A chave onírica exige honestidade, abertura e uma mente aberta. A chave onírica é simplesmente que passaste para lá da tua própria armadilha de impressão. És tu que te vês a ti mesmo! Diriges o teu sonho. Moldas o teu sonho. És absolutamente honesto contigo mesmo. Vês a tua fuga. Vês a tua prisão. Vês as tuas insuficiências. Podes agir e trabalhar com elas sem sentir que és um perdedor. Pelo contrário, és um vencedor, mas não te vives como vencedor, porque se te vivesses como vencedor também estarias em luta com algo mais. Encontras harmonia.

«Alguma vez pensei um pensamento próprio?»

A pessoa que perguntou isso ficou consternada, porque de repente percebeu: «Eu não penso por mim. Penso a partir do mundo do pensamento coletivo. Ou seja, até aí não sou eu mesmo. Penso, sinto mas não são os meus pensamentos. É o mundo coletivo que reflito através de mim porque penso o seu pensamento.»

Existem os que pensam diferente, que pensam por si mesmos? Sim, existem. Os que pensam por si mesmos têm outra visão. Os que pensam por si mesmos têm outra compaixão. Veem o estado do mundo. Veem como o equilíbrio é frágil no mundo. Por pensarem de forma independente também estão preparados para trabalhar por ele. São iluminados? Bem, não são, mas podem vir a sê-lo. O iluminado desliza para dentro e para fora desse estado. É extremamente raro poder dizer-se que alguém fica aí para sempre. Muitas vezes deslizastes para o mundo da iluminação e realizastes coisas fantásticas aí. Depois deslizais para fora. Depois, quando olhais para trás, dizeis admirados: «Não compreendo como aguentei. Não compreendo como consegui. Deve ter sido porque tive ajuda.»

Não tiveste ajuda além de ti mesmo! Passaste para lá do teu eu limitado. Quando passas para lá do teu eu limitado, aí estás, no ilimitado. A partir daí está perto do mundo da iluminação.

Quando vos encontrais no terceiro nível, começais a aproximar-vos daquilo de que falei durante muitos, muitos anos: a existência visionária, onde estais constantemente no mesmo lugar, mas expandis-vos. Expandis-vos no espaço, mas não no tempo. Como pode ser possível que pessoas que têm oitenta, noventa, cem anos no seu movimento, no seu psiquismo, na sua presença ainda pareçam ter trinta anos? Porque não vivem no tempo linear! Vivem na existência visionária, que não tem tempo mas apenas é uma expansão. Talvez seja algo que devíeis absorver! Estais presos no tempo linear. Assim contaís a idade e dizeis: «Tenho filhos que têm trinta, quarenta anos. Tenho de me adaptar algum dia. Sou reformado. Tenho de me adaptar à vida de reformado.»

Do que estais a falar, na verdade? A Voz Interior não se reforma! A Voz Interior não diz: «Agora vais reformar-te!»

A Voz Interior tenta fazer-vos ver a vida lá fora. A vida dentro de vós, que sois ilimitados no tempo, ilimitados no espaço. Mas enquanto viverdes no mundo de Maya, permitis-vos limitar-vos nos dois primeiros níveis.

O que vos impede de viver plenamente? O que vos impede de o fazer?

Angústia e medo que vos seguram e essa necessidade de segurança cria insegurança. De facto, é um mundo estranho! O que deveríeis fazer então? Deveríeis começar a rever as vossas necessidades de segurança? De onde vêm elas? Vêm da vossa impressão? Do sistema de raízes? Da religião, da tradição e da cultura que criou o Maya especial em que estais? A necessidade de segurança parece um pouco diferente de sistema de raízes para sistema de raízes, mas está lá. Se fizésseis explodir estas necessidades de segurança, encontraríeis uma comunidade maravilhosa. A necessidade de segurança aqui em baixo nos dois primeiros níveis é ser cuidado na velhice? Que alguém mude as vossas fraldas como quando tínheis um, dois anos? Que alguém vos ajude e vos leve à casa de banho? Vos alimente? Ou deveis deslocar-vos para lá desse nível? Porque acreditai-me, isto também segue padrões.

Quem não participa na vida, perde a vida! Quem participa nela ganha-a. Quem participa nela não olha para a sua idade, antes é um com o acontecer que cria à sua volta. No mundo linear, onde se vai de algo para algo, aí pôs-se um limite. O sistema de raízes põe limites. Já falei disto antes e falei então de "nutritivo e consumidor". Dos zero até aos trinta anos sois consumidores da sociedade. Dos zero aos vinte anos tendes um tempo de educação. Então sois consumidores da sociedade.

Dos talvez vinte até aos trinta anos segue-se um "tempo de entrada" na vida profissional. Dos trinta aos cinquenta e cinco anos podeis produzir, podeis dar. Sois considerados. Sois nutritivos para a sociedade. Durante o tempo nutritivo deveis devolver com juros àqueles que vos ajudaram. Pressupõe-se que durante esse tempo, na vossa angústia,

também criastes um bom colchão para o tempo que virá depois dos sessenta anos. Mas a partir dos cinquenta e cinco, sessenta torna-se difícil. Então volta-se a ser consumidor.

Então dizeis: «Meu Deus, tenho sessenta anos! Talvez tenha dez, quinze anos de vida. Como vai o meu dinheiro chegar? Como vai a minha pensão chegar?»

Assim as pessoas morrem antes do tempo, no nível um e dois, em vez de ver que recurso são na sua própria vida! Que recurso têm, que condições têm na sua própria vida se apenas fizeram uma deslocação do linear para o expansivo no que fazem durante esse tempo. O que acontece então? Porque vos tornastes velhos e velhas? Sim, diz alguém: Meu Deus, agora já não posso quebrar padrões!

O que vos segura? Criastes uma imagem de vós que tem de se manter para fora. Tendes amigos, tendes conhecidos. Talvez tenhais entrado para alguma loja de algum tipo? Talvez pertençais a alguma associação maravilhosa. Se agora vierdes e mostrardes outro lado de vós, sereis excluídos da comunidade, da comunidade cativante, "maravilhosa": «Trancai as portas para que ele não fuja.»

Quando tendes cinquenta, sessenta, setenta anos, não tendes também quinze anos! Não tendes vinte, vinte e cinco anos? Não tendes também isso? Libertai-os para o terceiro nível! Trazei-os para a frente! Escutai: o que quer a Voz Interior com a vossa vida? Quer que encontreis isso! Quer que volteis a encontrar isso!

Mas, Ambres, estás a falar da doutrina esotérica, aquela que fala do que está para lá da vida!

Exatamente! Estais a começar a compreender-me agora? Falo exatamente do que está para lá do nível um e nível dois! Do que está para lá da vida isolada, do sonhar pessoal, coletivo. Aí podeis encontrar libertação. Aí podeis encontrar proximidade e alegria. Aí podeis encontrar toda a substância que vivestes que desapareceu durante a vossa vida: a curiosidade, o amor, a loucura. Então vem um octogenário e diz: «Ambres, comprei uma Harley Davidson!»

«Quantos cavalos tem?»

«Trezentos e cinquenta!»

«Parabéns! Não é maravilhoso!» «Oh, sim. Se tu soubesses!»

Parabéns! Ide! Ide para o mundo! Ide para a vida! Então vem alguém do nível um e nível dois e diz: «Não faças isso, vais matar-te! Não consegues lidar com uma mota assim.»

Talvez se mate, talvez se mate, mas viveram! Estiveram presentes em vez de definhar lentamente num lar. Tomaram conta das suas vidas e morreram, mas que vida! Talvez até tenha dado um excedente em relação àquele definhar lento.

Adoro aquele livro sobre o Centenário. Porque não fazeis vós também, abris a janela e fugis! É isso que desejais! Enquanto estiverdes aqui em baixo, no nível um, nem sequer pensastes que é possível abrir a janela. Só quando estais aqui é que descobris que é possível abrir. Vamos sair! Vamos viver plenamente! No mundo ilimitado ele contagia os outros que de repente sobem para esse nível, o nível ilimitado. Seria difícil para vós estar aí?

Não compreendeis que podeis largar porque estais presos a padrões em Maya. Nesse mundo não existe o nível três. Nos sonhos pode haver uma saudade: «Oh, se eu pudesse fazer isto e aquilo que fazia de vez em quando.»

Quando agora falo dos quatro níveis, na verdade é da Voz Interior que falo. Onde vos alcança ela? Alcança-vos quando por momentos deslizais para lá da fronteira para o terceiro nível, para o nível do ser humano ilimitado. Ou seja: quando largastes. Exatamente nesses momentos pode-se receber inspirações. Podem ser rapidíssimas como um segundo. Pode-se ignorá-las, mas quando se ouviu uma vez a voz da Voz Interior, aprende-se a reconhecê-la. É especial. Dá uma sensação de que não se livra e o momento em que vos deveis expressar está exatamente certo. Já vos aconteceu às vezes sem saberdes. É uma sensação maravilhosa que se sente. Não se pode confundir com os próprios sonhos.

É importante ver que tudo isto está ligado. Que se se está no nível três em momentos da vida também se inclui o nível dois e um. Tudo é uma totalidade. Então tendes de subir ao quarto nível. Só quando subis ao quarto nível é que vedes que tanto o primeiro como o segundo nível estão incluídos no Olho Divino da Voz Interior. Nessa esfera estão tanto o um como o dois, até o três. O interessante também é que mesmo quando estais no primeiro nível, aqui em baixo, também o quarto nível existe lado a lado. Mas isolastes-vos, quase como uma poluição, no primeiro nível. Quando vos elevais dele, é como se ele crescesse. Tornais-vos o Olho que Tudo Vê e tudo é perfeito.

É importante ver que no nível três as escolhas e consequências têm um significado completamente diferente e uma sensação completamente diferente. Trazem consigo uma visão fantástica no três. Quando estais aqui "atrás do touro", não vedes as consequências das vossas escolhas. Ou não quereis ver as consequências. Tendes um ponto cego na vossa visão da existência. Quando então deslizais do um e dois, começais a observar um pouco de lado: O que há aí na verdade? No terceiro nível deslocastes-vos para aqui. Então estais à frente do touro. Então tendes o apoio do touro. Então ele também se transforma na voz da Voz Interior. Ou seja, leva-vos para a frente, a força está nas vossas costas. Leva-vos para a frente na vossa vida. Se estais atrás dele, então ele engana-vos. Aí no nível dois, se se tenta ver para a frente, muitas vezes age-se completamente errado devido ao pensamento-desejo. Deseja-se sem ver o que se faz. Não há visão geral.

O ser humano ilimitado é aquele que começa a ousar questionar o mundo de Maya. Aquele que quebra padrões. No nível três alcançais outra superfície de contacto, ou seja, sois mais recetivos a impulsos do nível quatro, que é o quê? O que se chama o nível do ser humano divino. Aí a Voz Interior se manifesta, dá as suas instruções, dá as suas mensagens que não se captam nos dois primeiros níveis.

O que se espera então do sonhador individual? Que consiga deslocar-se, perscrutar o mundo onírico. Não penseis agora que isto é assim tão fácil. Mas também não penseis que é assim tão difícil. Antes vejamos que ides por este caminho. De repente, em lampejos, encontrais-

vos aqui, no mundo do ser humano ilimitado. O que acontece então? Tornais-vos cada vez mais livres, até vos encontrardes no mundo ilimitado. Como vos comportais então? Como antes. Conheceis bem a história: O mestre que antes carregava lenha e água. Como iluminado carrega lenha e água. A diferença não existe exceto na vossa consciência. Já aí estais. Já estais nessa consciência. O que fazeis agora é que agora cuidadosamente, lentamente, descascam. Entrais no sonhar, continuais nele. Cuidadosa, cuidadosamente. Sem pressa. Tentais não perder nada. Não forçais nada. Para chegar aí tendes de ficar nus. Não se trata de tirar o vosso ego.

«É assustador. Ser uma gota no oceano significa que sou parte de tudo, mas não posso abarcar isso com o meu ego ou com o meu entendimento ou com nada do que tenho agora. É assustador.»

Quando passas para lá de ser assustador... É o ego que tem tanto medo de se perder a si mesmo! Porque o ego está construído e defende-se a si mesmo. O ego defende-se a si mesmo e tem pavor de ser aniquilado. Porque se não és o que representas, o que és então?

«É um grande medo, o medo do ego. Se eu alcançar o estado de que já sou parte, uma voz dentro de mim diz que então desapareço.»

Não, isso não fazes! Entras em simbiose com isso! Tu és isso e isso está aqui. Mas não estás preso no teu ego. O medo da vida desaparece. O medo da morte desaparece. Vês-te como realmente és. Como se tivesses saído da pupa que te prendeu durante toda uma vida. De repente estás numa parte maior. Não, não se pode medir em tamanho. És cada planta, cada flor, cada mamífero. És também cada ser humano. És tudo o criado, mas não tens distância.

«O que se pode fazer praticamente para se ancorar na parte que não desaparece?»

Não podes fazer nada. Já estás ancorado. Esse é o grande problema. Já estás ancorado nisso, mas é como se o ego tivesse criado uma parede de separação que se vigia a si mesma. O ego tem pavor de se render a si mesmo, porque fala da vida como a única existente e dá à vida diferentes

“sensações de sabor” que se procuram. É o ego que te engana. O ego procura sensação. O ego procura experiências. O ego também é muito inseguro de si mesmo. O ego segue tendências. O ego segue especialistas que se fazem passar por especialistas. Aqueles que acreditam saber mais e querem fazer as pessoas acreditar que sabem mais. Assim seguem-nos. Seguis formações religiosas, ditadores. Dizeis que sempre foi assim: «Seguimos as tendências. Seguimos o poder. Escolhemos isto nós mesmos.»

Sois enganados! Mentalmente enganados. Emocionalmente enganados. Inseguros. Com medo.

«O paradoxal que é difícil de absorver é que é o nosso ego criado que se vigia a si mesmo, através do qual observamos o mundo – e que tem de se render a si mesmo.»

É um paradoxo.

Quando agora falamos do ego, o ego é na verdade o nosso grande inimigo. Porque o ego trava. O que assusta o ego é que não recebe nenhuma garantia. Por isso o ego recusa-se a render-se. Se tivesses uma garantia de que nada aconteceria ao teu ego, que continuarias aí como pessoa, a pensar e sentir como antes mas que tudo se abriria para ti, então não terias nada contra isso. Mas o ego procura muitas vezes garantias. Por isso se empurra para o lado o próprio caminho.

«Não quero entrar aí porque quero uma garantia de que saio.»

Queres entrar e sentir esta fantástica proximidade ao cosmos ou como quer que o queirais chamar. Tens uma saudade de lá chegar mas queres ter controlo no caminho. Enquanto procura andares à procura de controlo no caminho, é o ego que procura controlo. Quando estiveres preparado para te renderes a ti mesmo também toda a tua imagem de ti mesmo, da tua vida, do que procuras mudará. Talvez largues o que tens. Talvez te tornes um eremita algures. Sofres? Não. Vives que perdeste algo? Não, talvez vivas que ganhaste algo. Encontraste-te a ti mesmo! Se vos tornardes iluminados perdeis a vossa angústia, perdeis desejos subjetivos. Podeis ver porque reagi como reagis. Cada vez que tendes

uma reação podeis seguir o rasto do porquê de a terdes e assim livrais-vos dela. Fareis as pazes com ela. Tornar-vos-eis cada vez mais livres e mais livres, o que significa que já não trazeis lenha e água como um método, mas fazem-no com alegria!

O ser humano divino

Assim temos o ser humano divino. O que é então? É quando saís do teu mundo onírico subjetivo e começais a perceber que existe uma fonte de força consciente que na verdade trazes contigo. Uma que não dirige a tua vida mas que recolhe experiências através da tua vida.

O quarto nível, o divino, é o mais difícil de falar. Quase nem se pode falar dele, porque não o compreendeis. Não podeis compreender o aspeto divino com os vossos meios limitados. Encontrais-vos constantemente no aspeto divino, mas escolheis existir no nível um e dois. Todos os seres humanos também estão aqui, no nível quatro.

O nível divino é a visão oculta que cobre a totalidade. Traz consigo as outras formas de consciência. É desconhecido para o nível um e dois. Mas o ilimitado suspeita da sua existência. É o terceiro nível que suspeita que trazeis uma consciência que não vos dirige, não tenta fazer-vos andar, mas simplesmente quer fazer-vos ver. Não tem direção para lado nenhum, quer apenas que vejais quem sois. No nível um e dois falais da sua existência, mas não a sentis. No nível três sentis a sua existência. No nível quatro, quando aí estais, também vivereis que trazeis os três primeiros níveis convosco. Quando estais nos dois primeiros níveis, gostais de falar do quarto e também do terceiro. O autoengano faz-vos acreditar que estais no terceiro nível, enquanto ainda estais no primeiro!

A Natureza do Sonhar exige autoconhecimento. Todos os dias, em cada instante, estais nessa essência maravilhosa de uma consciência que flui constantemente à vossa volta. Como a alcançais? Através da contemplação? Meditação? Através de diferentes maneiras de desligar o mundo à vossa volta para alcançar para dentro um sossego pessoal? Se assim, através da meditação, contemplação, entras no teu sossego pessoal interior, mas saís e ages a partir do nível um, então só encontraste a força para agir no nível um e dois. Não te encontras no nível três. Ou

seja, tens fontes de força que podes usar para te expressares. Sim, é uma maneira de obter energia, para aguentar, ou como se queira dizer. Portanto medita à vontade, fazei-o, procurai as fontes de força e levai a força convosco. Mas se continuardes a usá-la no nível um e dois, não estais no nível três. Não ides à frente do touro!

Todos os três níveis mais baixos estão dentro do quarto nível. São vividos como poluições no quarto nível? Não. São vividos como forte fricção. Apesar de tudo, os dois níveis mais baixos têm de existir, porque dão fricção. Desenvolvimento. Se não tirardes partido dessa fricção no vosso desenvolvimento, estagnais! Tendes de vos tornar sonhadores ativos. Sonhadores presentes. Porque sonhais instante a instante a instante.

A vivência da totalidade no quarto nível – o que acontece aí? Sois a visão oculta que cobre a totalidade. O que significa isto em grande? Que tudo o que tocas é parte do teu aspeto feminino e masculino! Tudo o que tocas é parte de ti mesmo. É uma maravilha de beleza, mas nesse aspeto não existe belo nem feio. Existe apenas um fluxo que enche e enche e enche... Alguém perguntou-me então: Queres dizer que isto seria como um orgasmo?

Não, não vamos baixar a esse nível. É algo que é muito mais do que isso. É uma proximidade que te enche em cada instante, cada segundo, cada minuto, cada dia, cada semana e ano. Então dizeis: Queres dizer que a sexualidade, a proximidade física, desaparece? Que não nos podemos dedicar a ela?

Claro que deveis fazê-lo! Mas ganha outro significado. Aí não existe prostituta. Aí não existe prostituição. Aí não existe quem subjuguie outro.

Então alguém diz: Aha Ambres, queres dizer que é só “servir-se” então?

Compreendeis totalmente mal! Não se trata de modo algum de “servir-se”. Aí voltastes aos dois níveis mais baixos. Trata-se de partilhar. Partilhar uma vivência que pode tornar-se total, mas que também exige que estejais completamente, completamente nus.

O quê? O que queres dizer com nu? Não hei de ter roupa?

Não se trata de roupa, mas de que estejas nu perante o teu parceiro. Mas a nudez significa que ousas mostrar o que escondes. Se não ousas mostrar o que escondes, se não ousas mostrar as tuas fraquezas, se também não ousas mostrar a tua força, ou se preferes mostrar a tua força do que as tuas fraquezas, então ainda estás no primeiro nível.

É quando ousas abrir-te totalmente e dizer: «Aqui estou eu, aqui está a minha angústia. Aqui está a minha fuga, aqui está tudo o que trago. Aqui tens a minha saudade. Isto é o que eu sou.»

Chamas o teu parceiro interior. Ela responde, porque é a tua metade. Traz a mesma saudade que tu. Traz a mesma angústia que tu. É como dois gémeos, com genes iguais. Cresceram no mesmo "útero" mas deslocaste-a. Tens medo de ver o teu próprio rosto nela, porque tens medo de ver a tua própria fraqueza. Também tens medo de ver a tua própria força. Quando vós dois conseguirdes aproximar-vos um do outro, o que sentes então? Harmonia. Não só isso, mas sentis-vos como parte um do outro, de modo que é como se tudo explodisse numa vivência de amor incrivelmente forte. Não tem nada a ver com sexualidade.

Quando te cortejas no teu interior, podes sentir: Mm, que fantástico é!

Dás-te a possibilidade de te cortejar e ambos cantais juntos o vosso canto de amor. Sois uma unidade, mas ainda em duas partes que são uma unidade.

Quando chegas ao quarto nível e o combinas com o terceiro, não serás agitador. Não estarás em nenhuma barricada. Não terás nenhuma arma. És o sonho manifestado! Quando sonhas manifestando, não recebes resistência. Não vês resistência. Também não vês que deves criar diferentes níveis para como encontrar as pessoas. Não existem esses níveis! Tu apenas ESTÁS aí. Como podes então influenciar o mundo? Pelo facto de ESTARES o que és. És o sonhador ativo. És o sonhador subjetivo nos dois níveis de consciência mais baixos. Agora és um companheiro

humano ativo e participante num acontecer e tens consciência de que estás a ajudar a moldar e a criar.

Há inúmeros exemplos de como pessoas entraram como indivíduo adulto nesse processo e vivem esta unidade total. O que me vem imediatamente à mente é um livro de uma neurocientista, uma mulher. Provavelmente conheceis. Teve um AVC, um AVC muito forte. Se não tivesse sido uma neurocientista, o mundo não teria querido acreditar. Mas a sua profissão dava-lhe um certo peso. O que ela viveu é exatamente o que tento descrever. Era tão atraente, diz ela, era tão fascinante. Havia um sossego, uma consciência tão palpavelmente presente e que enchia tudo.

Ela era parte dessa consciência. Era como se tivesse deixado um caos e se encontrasse em harmonia total. Não havia tempo, tudo era um AGORA. No seu livro conta que surgiu como uma luta interior nela. O seu ego também estava lá. Procurava regressar ao mundo exterior e lutava para voltar ao mundo físico. De certa forma porque tinha uma mensagem. Tinha algo para contar que era tão grande, abrangente e avassalador. Sobreviveu. Demorou muitos anos até recuperar. Continua a ser neurocientista, mas que conhecimento tem!

O passado, o presente e o futuro

Isto é um sonho. É um sonho. É um sonho em curso que rola para a frente. É um sonho planeado em curso. Olhai para ele.

tempo passado futuro A superfície com os anéis de crescimento. A expansão.

Aqui temos o passado. Tendes de lembrar uma coisa. Tudo o que manifestastes teve sempre uma certa direção, até à Natureza do Sonhar, que é o “saco” que contém toda a transmissão. Isto é o sonhado. Isto é tempo passado, ou seja, o tempo em que estivestes manifestados na carne. Depois temos aqui o que se chama futuro. Tempo passado, o sonhado, não existe no lugar onde pensais que está. No sonhar descobrimos que o devaneio diurno é o arquiteto do tempo vindouro. Se então não tendes um tempo passado também não tendes futuro. Não podeis moldar, criar nada lá à frente sem o passado. Assim posso dizer: O

futuro não existe e o passado também não existe como pensais que é. A única coisa que existe é este vertiginoso AGORA! Este instante! Transformais, transformais, transformais. Sonhais, sonhais, sonhais.

Então chegamos ao passo seguinte. Digo que o mundo é louco. Acredita que vai de algo para algo! Celebram a passagem de ano e veem como o ano velho cambaleia para fora apoiado na bengala. É sempre um velho! O ano novo vem com as suas pequenas asas de querubim e uma pequena auréola. Um menino pequeno que depois vai cambalear como um velhote. Esse acontecer é maravilhoso! Também não existe! Estais presos. Pensais. Estais no presente o tempo todo mas o presente expande-se. Expandis a superfície no vosso sonhar. Então digo o seguinte: sois como uma árvore com anéis de crescimento.

As árvores não têm extensão. A árvore não tem consciência do espaço, também não tem consciência do tempo. A árvore encontra-se num ponto, aí. Depois expande-se, ano após ano, anel após anel deslizam uns sobre os outros. O crescimento acontece à volta de um ponto central, um eixo poder-se-ia chamar, ou uma semente. Este anel exterior limita para fora. O ponto mais interior limita para dentro, ou seja, começou aí. Do mesmo modo é o ser humano. Isto chama-se uma existência expansiva que não é linear. Aqui expande-se constantemente e tem-se acesso a tudo o que é anterior como parte de uma expansão.

Ou seja, cada parte da vossa vida está presente agora. Assim no último anel lá fora tendes contacto com todos os anéis anteriores na árvore. Aqui tendes uma direção para todo o lado, não numa fase determinada, apenas tendes uma expansão. Naquilo a que chamais vida linear, então criais um ponto e seguem-no. Em vez de expandir, criais um deslocamento imaginado numa extensão. Então tomais uma direção imaginada de um estado, um estado inicial, um deslocamento que vai da infância, adolescência, idade adulta, meia-idade e depois morte. Depois colocais-vos em diferentes lugares nesta extensão e presumis que andais neste tempo linear.

As pessoas falam muitas vezes de tempo onírico. Fala-se dos povos da natureza que podem andar em tempo onírico e que podem visitar os

seus antepassados, entrar nos sonhos dos antepassados, conviver com eles quase como em lugar físico. Sem o saber fazeis a mesma coisa. Também vós andais em tempo onírico, mas quando se aponta isso dizeis que não pode ser assim tão simples. É assim tão simples, mas gosta-se de pôr o místico, o mágico, como um filtro por cima. Quando olhais para trás para a vossa vida andais em tempo onírico. Se voltardes dez anos na vossa vida, andastes dez anos para trás em tempo onírico. Podeis ouvir vozes, sentir cheiros. Podeis sentir a proximidade das pessoas. Podeis quase sentir os apertos de mão e então estais aí – e aqui. Andais em tempo onírico. Estais presentes no presente mas também estais presentes aí, porque o tempo não existe. Andais apenas no sonho. A tua vida não está atrás de ti. A tua vida está aqui. Expandes na tua visão, no teu sonho. Mas estás sempre presente como a aranha no meio da teia. À tua volta expande-se aquilo a que chamais tempo, mas que na verdade não existe exceto na vossa consciência, porque sois vós que criais o tempo. Sois vós que criais a extensão. Sois vós que criais o espaço e sois vós que criais as muralhas que excluem o fantástico presente abrangente agora!

Entrais numa manhã. O dia está intocado mas construí-lo a partir das experiências de ontem. De certa forma repetis o dia vindouro a partir das experiências de ontem. Assim é verdade o que se diz, que o passado constrói o vosso futuro, porque se constrói futuro a partir das experiências passadas. Os sonhos passam para lá disto. Os sonhos passam para lá, não o passado que está lá, mas os sonhos estão um passo à frente. Porque quando se está preso na consciência diurna e se olha para o passado é muito difícil sair dos acontecimentos porque estão tão firmemente ancorados no vosso psiquismo. Independentemente de então decidirdes fazer uma mudança, a decisão pode estar lá, mas o passado segura-vos. Então vem o sonho que aponta: Aí tens a causa! Aí tens a causa da tua prisão agora. Faz algo. Tens toda a ajuda de que precisas, mas tens agora de começar a agir.

A partir desse sonho, então, tens adereços que são completamente enormes. Os devaneios diurnos mudam. O devanear diurno muda. Os ovos que pões nos devaneios diurnos têm agora de repente símbolos completamente diferentes. Os dias moldam-se de maneira

completamente nova. Recursos libertam-se no éter, que criam novos movimentos destes, mas agora não é ninguém fora de ti que os causa. És tu mesmo. Não é ninguém que está agarrado ao teu velho passado que cria miséria, mas agora moldas tu mesmo. Nesse movimento tomas novos contactos. Recebes novas compreensões. Recebes vida completamente nova que de repente está aí. Estás seguro em ti mesmo. Diriges o teu dia. Diriges o teu sonho e crias problemas a muitos que antes ajudavam a dirigir os teus sonhos. Assim a liberdade também tem um preço. Muitos no teu círculo de amigos desaparecerão através da tua mudança. Na nova perspectiva onírica desaparecem as velhas figuras. Algumas talvez fiquem.

Sonhais o vindouro, mas não poderíeis sonhar um segundo sem o vosso passado. É graças ao vosso tempo passado que podeis sonhar o vindouro. Se então observardes o passado e virdes o que sonhais para a frente, quase poderíeis seguir o rasto do que será o passo seguinte. Então tomaste um passo à frente do sonho. Então encontraste uma chave e então podes começar a dirigir o sonhar a partir das experiências passadas. Manifestar-se-á então aquilo que esperavas que viesse até ti? Talvez, mas depende do mundo onírico que vos rodeia, onde talvez tenhas de deslocar um pouco a tua posição em relação a ele. Então também mudam as condições para o vindouro.

Mas em grande podeis dirigir o tempo vindouro. Mas não de modo a que um dia possais decidir: «Agora vou ficar rico. Agora vou ter cento e cinquenta mil milhões e tornar-me o mais rico dos ricos.» Não é assim que acontece. Pode-se seguir o rasto do vindouro observando o sonho anterior. Observando o passado pode-se ver o que o passado trouxe consigo e como pode influenciar o sonhar vindouro, em que direção irá.

Esta expansão, a espiral, contém TUDO. Aqui temos o sonhar. O sonhar faz-nos expandir.

Expansão

A espiral

Onde está então o que trazes contigo? Então invertemos este “funil”, a espiral.

Aqui em cima temos os nossos níveis oníricos: Níveis oníricos o desconhecido: a nossa verdade e o nosso conhecimento nível 4: divino nível 3: ilimitado nível 2: limitado nível 1: limitado

Aqui em baixo está o desconhecido – mas na verdade o que é conhecido. O que é então? Na verdade, o que é a nossa verdade, a nossa proximidade, a nossa plenitude de compreensão. O que nos dá o conhecimento e que É o conhecimento. O que é a construção e que são as forças a que demos nome: Deus Mãe/Pai. Mãe/Pai. O Cavaleiro está ancorado a essa força, também vós estais ancorados a ela. Cada célula no vosso corpo está ancorada ao planeta. Cada célula no vosso corpo está ancorada a cada planta, a cada animal, a tudo o que vedes.

A vossa consciência surgiu quase como uma “poluição” de sonhos. Antes dos vossos sonhos surgirem, repousáveis nesta consciência, que é palavra errada, nesta compreensão, que também é palavra errada! Nesta totalidade, que também é palavra errada! Porque não podemos pôr nenhum nome nela! A única coisa de que os mestres falaram durante milhares de anos... o mais próximo a que podemos chegar é: um eterno ser, estar. Há aí sonhos? Sim, mas já não podemos chamar sonho. Chamo-lhe a visão. Tem um mundo onírico ativo? Não nesses níveis. Não aí.

Gostaria de vos pedir uma coisa: não tenteis compreender. Se tentais compreender, tentais fazer como uma criação mecânica disto. Não há mecânica! Não há solução! Tendes realmente de passar para lá do pensar e apenas deixar fluir. Trazeis a fonte convosco! Todos o fazem. Sei que suspeitais e podeis sentir o grande em vós! Como usais o grande? Quereis tê-lo para o vosso crescimento? Seria bonito se pudésseis usá-lo para o vosso crescimento. Deveis usá-lo para capturar pessoas? Nem isso. A iluminação que recebeis dá-vos segurança. Dá-vos alimento de uma fonte completamente diferente daquela de que pensáveis que beberíeis. Essa “água” tem uma frescura completamente diferente de todas as outras fontes de que haveis bebido antes. É tão verdadeiro como diz o hino:

Aqui corre uma fonte. Feliz quem a encontra. É profunda e clara. Oculta mas manifesta.

Quem desenhou esse hino deve ter tocado na fonte. É tão verdadeiro, está aqui. No dia em que conseguirdes convidar todo o eu, vereis que riqueza imensa tendes, quão fantástico o mundo pode ser!

Quando procurais as respostas descobris que existe uma sabedoria, existe uma sapiência quanto mais para baixo nas idades ides. Descobris, para vossa surpresa: «Como podia eu saber isto quando tinha quatro anos? Como podia eu compreender quando tinha quatro anos, quando mal podia pensar?»

Quando tinhas três anos e dois anos, quando o ego começou a reunir-se à tua volta... De repente desaparece o pensamento, de repente desaparecem os sentimentos e percebes outra consciência: uma força, uma essência que te enche e que está em todo o lado à tua volta. É abençoadora, preservadora e vives uma sensação de amor que não se pode descrever com palavras, porque pertence a outro mundo. Não ao mundo exterior, mas pertence ao interior.

Se é assim que todos nós trazemos esta maravilhosa proximidade, então todos os seres humanos a trazem independentemente de onde agora se encontrem na vida, independentemente do sistema de raízes em que se tenham encontrado e estão, independentemente de serem um guerreiro ou um padre ou um monge, todos nós trazemos isto connosco. Deveis esforçar-vos por lá chegar? Não, não deveis esforçar-vos de modo a perder o contacto com o mundo exterior.

Já o mencionei vezes e vezes sem conta: a iluminação obtém-se através da fricção. Iluminação consciente obtém-se via fricção. Só na fricção é que podeis perscrutar-vos a vós mesmos. Não há ninguém que tenha ficado iluminado do nosso lado.

Só do vosso lado. É a fricção que faz com que fiques iluminado. Quando tinhas três, dois anos de idade não tinhas consciência de que isto era uma iluminação, de que a trazias. É uma fonte de conhecimento formidável que não se pode aplicar nem compreender com palavras, apenas está aí como um campo à tua volta. Cria harmonia, sossego, proximidade.

No meio do dia, agora, isto pode acontecer. No meio do passo, quando estás a caminho de desistir da tua vida, quando estás tão perto do limiar do chamado “outro lado”, estás a caminho. Dizes: Desisto. Não quero mais existir nos dois níveis mais baixos. Se tiver de ficar aí morro.

Desistes de alguma forma. De repente instala-se esta maravilhosa, divina proximidade. De repente já não és alcoólico! De repente já não és dependente de estimulantes. Chama-se “salvação”. Chama-se “proximidade a Deus”, que ascendeste a algo muito maior. Segundo a filosofia esotérica, no mundo onírico esotérico, trazemos constantemente isto. Trata-se de o redescobrir. Não se trata de regressar, mas de redescobrir. Se “regressardes” significa que o deixastes algures. Trazem-no convosco. Como o redescobris? Aí tendes a luta. Sois dirigidos pelo vosso sonhar. Sois dirigidos pelo vosso sonhar subjetivo que exclui este maravilhoso mundo interior.

Na verdade, é o mundo onírico subjetivo, tanto coletivo como subjetivo individual, que exclui aquilo que trazeis convosco diariamente e a toda a hora. Muitos descreveram isto como uma luta. Acho que eu próprio o descrevi como uma luta. Os meus companheiros não concordam comigo e compreendo-os, mas na falta de palavras tomei algo que achei que assentava e assim criei problemas. Assim vê-se como uma forte luta, tens de lutar com alguém lá fora. Não é contra alguém que deves lutar, mas contra a tua representação de quem és!

Podeis ter uma posição fantástica na vida. Podeis ter um passado muito bom com escolas. Podeis ser professores, podeis ser tudo o que quiserdes no mundo exterior. Criastes posições fantásticas na vida. Ainda assim podeis sentir-vos tristes, de fora. Pergunta-se: O que falta? Tens economia, família, filhos. Tens tudo de bom da vida. O que te falta, querido amigo? Dizes: «É muito vazio. Estou muito sozinho. Procuro algo que não encontro. Procuro sossego, harmonia, poder retirar-me e repousar num berço maravilhoso que sinto que existe.»

Eu digo que existe!

«Como o alcanço então?»

Tens de começar a olhar para ti mesmo. O que queres perder? O que queres deixar para ganhar o que procuras?

«Não quero deixar nada. Lutei para ter tudo isto de bom da vida. Se agora o deixar, o que acontece?»

Digo que tens de estar preparado para o fazer, mas não precisas de o fazer.

Perguntas: «Como? Como faço isso então?»

Tens de reavaliar o teu lugar. Tens de reavaliar-te a ti mesmo. Tens de perguntar a ti mesmo o que te impede de alcançar a tua liberdade e harmonia interiores. O eu é de certa forma o teu inimigo. Papéis que tens, vais acusá-los? Vais entrar em luta contra eles? Não, não podes fazer isso, porque nesse caso criarias caos na tua consciência. Se conseguires fazer todo o eu compreender que tudo é um mundo onírico maravilhoso que te prende... Se conseguires usar esse mundo onírico para encontrar a tua liberdade interior, tens de reprogramar a tua visão e mudar a tua posição. Suspiro. Que difícil isto é! Às vezes quando fica difícil costumo chamar os meus companheiros: «Venham ajudar-me! Substituí-me.»

Eles dizem: «Não sabemos o que deves dizer.»

Antes falei dos sentimentos do ser humano. Falei dos pensamentos do ser humano. Mostrei-vos que tanto os pensamentos como os sentimentos são construções. São construções que se imprimem no ser humano. Mas por trás dos sentimentos subjetivos, por trás dos pensamentos subjetivos, existe também outra proximidade que não podemos chamar pensamento ou sentimento subjetivo. Esse pensamento não pensa para si mesmo! Esse sentimento não sente para si mesmo! Esse sentimento é um com toda a vida. Esse pensamento enche toda a vida. Mas está errado chamar-lhe pensamento.

Também está errado chamar-lhe consciência. É uma fonte de força abrangente que está constantemente em movimento mas que num plano cria um instrumento que é o seu pensamento, que traz consigo o seu pensamento, que pode realizar o seu pensamento, pode realizar a sua consciência em sentimento. Quando esse instrumento perde o fio, fica

apenas como um ruído de fundo. Então o instrumento começa a criar pensamentos próprios que são subjetivos. Então o instrumento começa a criar sentimentos que são subjetivos. Talvez comeceis a compreender que sois os instrumentos! Sois parte do mundo onírico cósmico.

Observámos os diferentes sonhos: o sonho subjetivo, o sonho coletivo, o mundo onírico universal que estão entrelaçados uns nos outros e que trazeis convosco todos os dias. Às vezes alguém diz: «Suspeito que isto é maior do que compreendo!»

Mm. É maior do que isso até. Digo que o círculo está fechado e é isso que os vossos investigadores um dia descobrirão e, na sua surpresa, exclamarão, ou talvez não ousem dizer quando alguém perguntar: «Quem é o originador do universo?»

Então talvez digam timidamente: «Sim, do ponto de vista atual parece que somos nós. Sem nós não existe.»

É interessante. Assim começa-se a perguntar quando se olha para a criação. Olhamos para esta taça. Dizemos que no início estava imóvel. Nenhum movimento existia. Havia uma consciência que não estava manifestada. Esta taça continha a consciência, que era tanto polo positivo como negativo, mas não havia movimento nela. Por uma cadeia de causas que não conhecemos bem, esta reflexo divide-se em duas metades e surge o primeiro movimento, surge a primeira consciência. Assim chama-se ao Olho de Deus Mãe/Pai, através do qual toda a criação se expandiu. Na filosofia esotérica chegamos muito perto daquilo a que chamais física, astrofísica, onde se pode viver que o movimento que é criado é uma consciência que desperta. Um impulso de algum lado criou a divisão, criou o primeiro movimento. O movimento em si mesmo também é consciência e um mundo onírico. Dizemos que aí surgiu este símbolo do Olho Divino que Tudo Vê, onnipresente. Mas quem deu o impulso?

Todos vós tendes de estar conscientes de que vos limitais na vossa relação com Deus Mãe/Pai. Limitais-vos àquilo que vos deu o impulso ou ao impulso. Continuamos e encontraremos uma cadeia de infinito. O interessante é, e já toquei nisto, e disse em algumas ocasiões que a resposta é tão surpreendente que temos dificuldade em acreditar nela.

Quando a observamos, vemos que começamos a aproximar-nos de uma verdade e de uma não-verdade. Parece que sois vós o impulso para todo o movimento, para toda a consciência e que sois também vós o impulso para a existência de Deus Mãe/Pai. Que Deus Mãe/Pai não pode existir sem vós. Vós não podeis existir sem eles. É um sonho. Portanto. Prolongamos, o círculo fecha-se. Sois vós que sonhais. Os deuses não podem sonhar. Sois vós que criais o movimento. É o próprio ser humano que é a origem da criação.

O que é então o ser humano? O próprio ser humano, o que é então? O que sois vós na verdade? Dizeis que tendes necessidades nas vossas vidas. Tendes angústia. Tendes medos, dor, vivências de amor, vivências de luto. Tendes angústia por tudo o possível. Mas o ser humano nem sempre foi assim. Herdastes tudo isto de algo. Não fostes moldados para este mundo como uma criança pequena que saiu do ventre da mãe e já aí sentiu: «Oh, que angústia tenho! Oh, agora estou tão feliz! Oh, estou tão preocupado com a economia!»

Não tendes então consciência? Claro que tendes, dizeis vós. Então digo que nesse caso a minhoca também tem consciência! A mosca tem consciência nesse caso. Como pode uma mosca saber o que fazer? Como pode a minhoca saber o que fazer? Um ratinho que corre, como sabe o que fazer? Estão impressos? A minhoca está impressa para ser minhoca? Ou há de alguma forma uma massa coletiva que está constantemente presente para que cada um que está em movimento tenha uma parte da consciência coletiva, mas que não podemos chamar assim!

Procuró uma palavra que não esteja ligada a "consciência" mas a outra coisa. Programação? Nem isso. A programação está no sistema de raízes. Aí sois programados. Uma minhoca não está programada. É o que é. Uma mosca é o que é. Uma árvore é o que é. É consciência? Não sei. Capturastes a "consciência" no pensamento, no sentimento. Então dizeis que se não tendes sentimento e não tendes pensamento, não estais conscientes.

Tudo o que está em movimento está ligado uns aos outros. Tudo o que está em movimento está ligado a algo comum. Tudo o que não

pensa, não sente está ligado a esta unidade. A única coisa na criação que não está ligada é o ser humano! Não escolheu isso por força própria mas foi-lhe tirada a possibilidade dessa ligação. O que é o obstáculo para sentir esta proximidade, para sentir: «Sou a árvore e ao mesmo tempo sou a mosca. Também sou a minhoca.»

O único mamífero que liga a sua consciência ao seu corpo e diz eu penso, eu sinto, isto sou eu, é o ser humano! Onde estáveis antes do mundo ser criado? Há vários milhares de anos, no meu tempo, surgiu a pergunta: «Onde estavas antes do mundo ser criado?» Se sois honestos dizeis: «Nem sei se existia, mas fui moldado para ser quem sou, mas onde estava antes, não sei agora.»

Ainda assim tendes o conhecimento convosco sobre onde estáveis, sobre o que sois. Esta esfera comum, onde não podes separar-te da árvore, da minhoca, da mosca ou do pássaro. Porque tudo o que é formado és parte de ti. Suspiro. Que difícil isto é. Fica tão difícil, porque quando tenho de explicar algo tenho de usar instrumentos que não pertencem à totalidade mas à divisão. A divisão não podeis compreender, porque o que vos impede é o que chamais a vossa "consciência". O que vos impede é o vosso mundo de pensamento e de sentimento. Diz que não podeis compreender que existe algo que está fora do vosso mundo de pensamento, do vosso mundo de sentimento. Essa é a vossa prisão: o que construístes à vossa volta, as vossas ideias sobre vós mesmos, as vossas ideias sobre os vossos semelhantes, as vossas ideias sobre o sistema de raízes e sobre estardes no lugar certo dentro do sistema.

O não impresso

Assim o primeiro dia torna-se o último dia e o último dia torna-se o primeiro dia, assim é. Quando as extremidades se encontram então o último é o primeiro e o primeiro vem por último. Onde começa o círculo e quando acaba o círculo? O que o círculo inclui e o que exclui o círculo? O que o círculo exclui é o mesmo que inclui? Há mais espaço do lado de fora do que do lado de dentro? Ou é o mesmo espaço? Comprime o círculo algo? Não sabemos. Demorou alguns milhares de anos para formular as perguntas e compreender o que é um círculo e onde começa

e onde acaba. Então alguém diz que só quem cria o círculo sabe. Sim, sabe onde começa e acaba até o círculo estar fechado. Então perdeu o início mas também perdeu o fim. Não é estranho? O seu interior é o mesmo que o seu exterior? Não, não é, mas se o virarmos meio volta ainda vemos um círculo mas então o seu exterior é o mesmo que o seu interior. É assim.

O círculo tem duas propriedades: inclui algo e exclui algo. O próprio círculo, se o virmos como símbolo, o que simboliza? Se pensarmos que encerra e exclui. O que representa então o círculo? Se olharmos para as vossas vidas individuais? É o ser humano! Sim. O círculo em si mesmo, existia antes de tu existires? Não! Assim o círculo na verdade não existe exceto na vossa consciência subjetiva. Assim o seu interior é o que viveis como extensão, espaço, tempo, sentimentos, subjetividade, agressão, alegria, amor e tristeza. Todos os ingredientes. O seu interior contém na verdade a mesma coisa que o seu exterior. Porque o círculo que desenhei representa a esfera de vida de cada um. Mas vocês construíram-no. É uma ilusão. É algo que é não existente. Na verdade, não existe mas mantêm-no através do vosso ego. Ou seja: éreis ilimitados mas escolhestes tornar-vos limitados. Escolhestes construir a vossa própria limitação, a vossa própria prisão. Escolhestes vós mesmos? Não, não escolhestes. Quem escolheu por vós? Aqueles que vos educaram. Tinham consciência disso? Não. Também vós educastes os vossos filhos. Também não tínheis consciência disso e como vos teríeis comportado para não o fazer?

O problema é apenas que na maior parte das vezes se escolhe a limitação e não se vai mais longe. Mas quando se toma consciência disso, parte-se da limitação e pergunta-se: «Como perscruto a minha limitação? O que me limita de viver a proximidade total?»

É o teu mundo de representações sobre ti mesmo! É o teu ego que se limita a si mesmo. Diz-se: o ego cresce. O ego tem fricção. Sim, é verdade. Dá conhecimento, absolutamente. Dá conhecimento contínuo ao Cavaleiro, sim. Tendes todas as encarnações reunidas mas ainda é um sonho. As experiências deste sonho enriquecem o seu exterior?

O paradoxo é que já estais no ilimitado mas escolheis tornar-vos limitados porque o ego é tão forte. A minha pergunta ao meu mestre Andore também foi: «Como podemos ficar tão presos?»

Então ele perguntou-me o seguinte: «O que achas tu?»

Assim andei semanas e meses a calcorrear atrás das suas costas e a perguntar e perguntar. No fim fui obrigado a entrar eu mesmo no seu mundo. No silêncio recebi a resposta: Alguém tentou excluir-nos. Alguém tentou limitar. Alguém tem medo que passemos para lá. Tem de haver algo que criou uma distância à massa de conhecimento que não se pode traduzir no mundo subjetivo. Tenta ocultar algo que é maior do que suspeitamos. Que tem medo. Que têm medo. Então voltamos ao que existe em todas as doutrinas de desenvolvimento: os deuses, aqueles que um dia foram formados para ajudar na criação. Foram eles que criaram essa consciência.

Foram eles que separaram o bem e o mal, ou como quiserdes ver. Foram eles que criaram este maravilhoso dualismo que está em oposição a si mesmo, o princípio Adão e Eva. Mas nunca conseguiram tirar completamente o conhecimento. Os dois elementos de base movem-se sem impedimento. Aí não há luta. Se os vivêsseis como uma proximidade física, teríeis equilíbrio total. Nunca surgiria uma luta. Nem uma luta mental. Nem uma luta física de todo. Assim veríeis que sois iguais independentemente de onde agora vos encontreis. Teríeis acesso consciente ao que está fora. Agora o ego cria uma película que exclui esta vivência da totalidade. Digo que podeis ter ambos. Quando vos perscrutardes a vós mesmos. Não é uma luta. Não deveis bater-vos contra o ego! Deveis amá-lo! Absolutamente. Deveis afirmá-lo. Absolutamente. Mas tendes de ver: O que estou a afirmar? Tento crescer no meu ego à custa de algo? Para onde quer o meu ego levar-me?

O teu ego quer levar-te a ter um certo controlo sobre a existência: economia, doenças, viagens, alegria, relações e assim por diante. Mas o teu ego também cria distância. O ego entra em formações de clãs maravilhosas. Fala-se de família, fala-se de amigos. Fala-se de religiões, sistemas de raízes. Cria sistemas de castas. Para perscrutar o teu ego

também tens de começar a desmontar, não tirar, mas desmontar e começar a observar os teus valores no teu ego. Se não consegues tirar os teus valores no teu ego, ainda tens a película. Ou seja: então apenas te refletes a ti mesmo em relação a algo mais.

Não tenteis compreender-me agora, aqui, mas senti antes. Estais rodeados de um mundo que é tão dividido, que é tão fixado no ego, que é tão fixado no poder e que se lixa para o mundo como tal. Cada um vê do seu. Mas no outro aspeto não existe cada um, mas sois uma unidade, mas ainda sois também indivíduos. Indivíduos são como células num enorme corpo cósmico, onde cada célula colabora mas ainda tem uma identidade. Se vos deslocásseis daqui para esse estado, viveríeis quase uma euforia... não, também não se pode dizer isso, porque seria o ego subjetivo que o viveria assim. Digamos que vindes de visita para lá. Então valorizaríeis o sentimento, valorizaríeis a vivência e diríeis: «Que fantástico! Que maravilhoso!»

Não há valores! Não há bem, não há mal. Existe apenas uma enorme vivência de amor universal! Todos temos um lugar nela. Quando voltais então, tentais explicar a partir do vosso ego. Então coxeia. Como explicais algo que o vosso ego tenta capturar e criar um modelo de explicação para? Não se pode criar modelo de explicação! Então tentais baixá-lo para a vossa própria limitação. Mas quando aí estais, ainda sois um eu mas o eu não tem limitação.

Esse círculo temos de o soltar. Quero que tenhais acesso ao que já tendes. Então não se trata de voltardes à infância, mas a partir de onde agora estais, da posição em que agora estais, desejaria que começásseis a questionar tanto os vossos valores como o vosso comportamento e a fazer a pergunta: «Porque? Por que razão ajo como ajo?»

E quando virdes as razões ficareis admirados, porque não são as vossas razões! É uma herança que recebestes, que está cimentada como uma verdade. Essas razões, que estão cimentadas como uma verdade nas vossas vidas, excluem a liberdade, o que quer que isso signifique. Ou o sentimento. Ou poder desmontar, não o ego porque ainda precisais dele, mas um ego sem luta.

Lembraís-vos quando falámos das dimensões e eu disse que nada pode existir se não houver um observador para isso? Pelo facto de o observador existir, então existe. Mas enquanto o observador não for parte do observado, também não pode analisar o que vê. Enquanto não fordes parte do que observais, também não podeis explicar o que vedes. Porque já não o vedes. Só quando podeis analisar, catalogar, pôr em caixas é que dizeis: «Ah, exatamente, agora sei o que é aquilo.»

Mas têm-no aprendido e antes de o terdes aprendido não existia como aquilo que vedes. Tento apenas dar-vos um pouco do sabor do eu não impresso, onde sois desafiados, onde tendes de passar para lá do vosso pensamento, onde tendes de passar para lá do estágio onírico para algo completamente diferente. Onde sois observados em vez de vós mesmos serdes o observador, ao mesmo tempo que o sois. Não é maravilhoso?

Tudo o que vedes constrói-se, decompõe-se, constrói-se, decompõe-se, constrói-se e decompõe-se. Existe algo que seja permanente sem ser construído ou decomposto. Sim, existe. Então diz-se: «Diz-me, o que é?»

Então chegamos ao paradoxo: tudo o que se constrói decompõe-se, tudo o que se decompõe constrói-se... É eterno. Assim, o que diz isso? Que está congelado na sua forma.

Por enquanto dizemos que é fixo, nunca mudará. Sim, decompõe-se e ressurgue de novo, mas talvez não na mesma forma, mas noutra forma. O corpo de um ser humano decompõe-se e ressurgue noutras formas, que por sua vez se decompõem mas também podem ressurgir noutro corpo humano que partilha parte dele. Tudo está em mudança! Não existe nada que seja fixo! Não existem verdades. Também não existem não-verdades. Existe apenas mudança! Cada mudança que acontece, é falsa? O observador que vê pode dizer que é falsa para mim, mas é verdadeira onde está. Até vós mudais de verdade para não-verdade, de não-verdade para verdade. Mas é apenas temporário. É por enquanto. O que dizeis hoje está provado. Digo: De todo. Está apenas provado por enquanto. No

instante seguinte já não está provado porque descobrireis que as teses não se mantiveram.

Aconteceu algo imprevisível, diz-se então. Maravilhoso fantástico acho eu, enquanto outros dizem: Fala agora de sonhos Ambres, para irmos a algum lado porque isto não me dá nada.

É uma pena, porque isto na verdade vos daria tudo! Também explicaria a origem dos sonhos. «Mas isto último que disseste, tem algo a ver com esse círculo?»

Sim, de certa forma tem a ver com o círculo. Parece diferente se o virarmos.

Porque o círculo está no olho do observador, exclui e inclui. Diz-se que o círculo é eterno. Sim, para quem criou o círculo não tinha consciência de que o criava. Só quando está formado como um círculo é que se diz: «Agora tornou-se eterno.» Mas quando se tornou eterno descobrimos que o círculo é um obstáculo. O que está fora não pode penetrar no que está dentro. O que está dentro não pode penetrar no que está fora. Se então se pergunta: «É a mesma coisa que está dentro e fora?»

Uma vez era, mas enquanto algo for impedido de expandir, comprimimo-lo. Continua a expandir-se, mas não tendes a certeza, porque se o círculo já não limitar tendes de pôr outro obstáculo para saber se expande ou não.

Há tanto que faz cócegas na fantasia e aí estão as palavras proibidas, as que não se pode dizer porque então caímos no mundo dos contos! Mas estamos no meio do mundo do conto e o Livro de Contas da Bruxa é de repente o único que bate certo! Porque um e dois são sete, três menos três são oito, quando o sábio se torna louco e o louco se torna sábio então encontrámos a solução no livro de contas da bruxa. Bem-vindos à loucura, ao mundo da iluminação. Começamos a falar do eu não impresso, do eu não impresso. Trata-se do que existia antes e será o último que daremos, antes de deixarmos o Instrumento.

Este que existia antes. Pode compreender-se? Não, não aqui. Não podeis compreendê-lo, porque não podeis compreender o não impresso. Só podeis compreender os sonhos que existem na vossa cultura, na vossa tradição e na vossa imagem religiosa. Naquilo que representais no dia. Aquilo a que chamais o vosso ego. O vindouro não existe, sonham-no. A manhã chega e como é criada? É criada a partir do vosso sonhar. E quando vos encontrais aqui tendes sonhar coletivo. O que sou eu então? Também sou um aspeto onírico.

«Ambres, existes? Existes, Ambres?»

«Bem, tanto quanto sim. Sim, estou aqui, tomo conta do Instrumento. Existes vós? Sim, por enquanto existis. Quando ides para a vossa cama, ides para um torpor ou como se queira chamar, sono, se então se perguntar ao corpo que aí está deitado: «Olá, existes? Olá, estás em casa?»

Nenhuma resposta. Portanto estais ausentes. Saístes para algum lado, portanto não existis aí. Onde estais então? Podeis encher o quarto. Podeis encher o éter. Talvez estejais aqui? Disse talvez, mas é exatamente isso que perdeis. Porque não estais presentes! Tomais o que quereis ouvir, o resto excluís como uma névoa.

Agora voltamos à pergunta: A visão, está aí? Aí está o ponto, é expansão. Não vos deslocais para lado nenhum. Nunca ides de algo para algo. Trazeis o início convosco, à volta desta criança. No primeiro consciência rudimentar que surge, o ser humano é construído. Aqui temos a criança, aqui temos a adolescência, a idade adulta como se chama, expandis em anéis de crescimento como uma árvore. Não deixais nada para trás, apenas expandis na vossa consciência. Estais preparados para mudar o vosso mundo onírico ou estais preparados para controlar o vosso mundo onírico? Estais preparados para estar como um ditador sobre o vosso mundo onírico ou quereis acompanhar e fazer as mudanças que precisais para poder existir sem resistência, sem luta e ainda assim estar presente tanto na mudança interior como exterior no sonhar coletivo? Sim?

Existe um estado fora de Maya que é tão cheio de proximidade e calor, mas que não podemos descrever. Ainda assim lanço-me numa viagem para que de alguma forma possais sentir o que aí está. Digo que é uma totalidade onde tudo existe num incrível, expansivo AGORA. Não há amanhã. Não há ontem. Não há tempo. Há movimento? Depende de como o vemos, porque o observador diria que há movimento, mas aquele que aí está não sabe o que é movimento, por isso não pode descrever o movimento. Tudo é um grande acontecer, presença. Se nos perguntarmos como é essa presença, não a podemos descrever. É UM com toda a vida. Como sabe aquele que aí está que é toda a vida? Não o sabe, apenas ESTÁ aí, num instante vertiginoso cobre todo o universo. É o passado, o presente e o vindouro. Não tem tempo de todo. Existe apenas um único pulsar, absoluto AGORA.

Tudo isto está cheio de consciência de presença. Tudo isto está cheio de algo que é abraçante, presente, indivisível, que não tem exigências, mas apenas existe como um grande pensamento cósmico de amor. Encontrais-vos exatamente agora nesse estágio. Ao mesmo tempo que existis no mundo de Maya, também existis nesse acontecer. Não falo do outro lado, para onde ides quando deixais o corpo físico. Não é disso que falo, porque aí ainda tendes uma consciência. Aí ainda tendes ego: «Sou humano». Mas aqui, neste estado, não sois humanos. O que sois então?

Não o podemos descrever, porque «sou tudo». Sou todos os seres humanos. Sou todas as plantas, animais, de todo tudo o que está manifestado sou parte... e não podemos dizer "mim". "Eu" não existe, mas "eu" é parte desta grande, incompreensível, fluida presença. A harmonia absoluta. O sossego absoluto. O amor total. Só o facto de eu tentar descrevê-lo, ficamos presos em palavras.

Gostaria de tirar a palavra amor e pôr outra palavra. Não sei se é tão correta também. É "suavidade". A grande suavidade. Deixar que ela inclua tudo o que vive. Permitir que expanda. Se dissermos a grande suavidade, vivemos que tudo está vivo. Tudo participa nesta grande, cósmica, fantástica manifestação, que não faz distinção por ninguém. Somos autorizados a participar em toda a criação, a ascender nesta fantástica orgia cósmica que decorre constantemente, constantemente,

constantemente. Minuto a minuto, dia a dia, ano a ano. Nada está excluído.

Quando descemos, digamos, ao mundo do silêncio, chama-se um retiro. O retiro que vejo as pessoas rodearem-se de: «Agora vamos meditar, agora vamos separar-nos do mundo. Vamos ouvir música. Vamos ler um bom livro. Vamos desenvolver outros talentos.»

É um retiro? Não. O mundo do silêncio é excluir Maya. Então o eu entra em revolta. O eu, o ego, tem de repente de conviver com aquele de quem tenta fugir! O ego tem muita dificuldade em conviver consigo mesmo. O ego começa a criar mundos interiores e exteriores maravilhosos. O ego pode tornar-se muito agressivo, impaciente. Tenta quebrar padrões para fazer o tempo passar. No fim o ego rende-se e o silêncio começa a instalar-se. O que acontece para aquele que o observa, nesse mundo onírico? O que acontece é que o tempo começa a soltar-se. O acontecer, os movimentos tornam-se lentos, mas não se tem consciência disso. No fim toca-se noutra tipo de consciência que faz com que seja como se tudo expandisse, explodisse dentro de nós. Uma sensação que é tão revolucionária e tão profunda, tão presente e tão amorosa, tão profundamente vivida: Tocou-se no estado em que um dia repousámos.

Depois sempre se querera regressar a esse estado. Torna-se o próprio obstáculo. Porque agora entra a saudade e a expectativa. Assim entra a exigência. Maya começa a ter um assento em nós e então começa-se ativamente a lutar para alcançar esse estado. Enquanto se lutar nunca se alcançará. Tem-se de desistir do seu sonho para repousar nele. Quando se desiste verdadeiramente do seu sonho, aí se está.

O silêncio é ativo! O silêncio tem uma voz. Andore falava constantemente disso. Dizia que: «Quando parares de pensar, Rameno, Ambres, então também ouvirás. Quando fazes as perguntas, prendes-te.»

Nunca respondia às minhas perguntas. A única coisa que dizia era: «Quando virares a tua pergunta, se escutares a tua pergunta, podes ver que ela traz a resposta oculta em si mesma.»

Tinha razão, mas no meu mundo vivia isso terrivelmente frustrante. Queria resposta à minha pergunta. Mas se escutarmos exatamente o que eu disse agora: «Queria resposta à minha pergunta – de um exterior.» Mas era a minha pergunta! Não era dele. Assim quem tem a resposta à minha pergunta sou eu. Mas eu coloquei-a fora de mim! No fim calei-me. Nesse silêncio estavam as respostas. Não com palavras, mas como compreensões que cresciam. De repente descobri que ele me falava, mas não com palavras. Partilhávamos o mesmo quarto e o silêncio não existia, mas ainda assim existia. Surgiu o silêncio exterior, enquanto o interior se expandia. Então ele podia sem obstáculo de palavras dar o seu ensino.

Assim acontece nesta maravilhosa vazia, silêncio, que as respostas de repente fluem como de uma fonte interior. E depois descobre-se que a resposta não pode ser manifestada em palavras! A resposta só pode ser manifestada em ação. Em ação! Por isso temos este problema em toda a filosofia esotérica: o problema da “iluminação”. A iluminação não está em poder repetir quinhentos mil milhões de palavras, mas a iluminação está no silêncio, na ação. Por isso também se diz: «O iluminado nunca fala de quão iluminado é.»

Compreendeis do que falo? Já aí estais. São apenas as palavras que vos separam disso. Detestais o silêncio. Fostes ensinados que o silêncio de certa forma é perigoso. Ou é desagradável. Tendes de ter comunicação. Às vezes também ensino em silêncio. Às vezes quando passais para lá das minhas palavras estamos juntos, mas quando escutais as minhas palavras, então não estamos juntos. Então somos um professor e aluno. De repente, quando passais para lá das palavras já não sou professor, não sois alunos, mas partilhamos algo que é tão imensamente valioso. Partilhamos as compreensões e de repente não temos distância.

Já ouvistes falar dos Sinos do Templo? É igual aí. Enquanto vos esforçardes por compreender, não compreendeis. Quereis ter alinhado: ponto um, ponto dois, ponto três e ligações entre eles. Agora compreendi o ponto um e então passo ao ponto dois e assim por diante.

Também não tentais silenciar a informação que vem de fora.

Os Sinos do Templo

Era uma vez um templo numa ilha no mar que tinha mil sinos. Sinos grandes e pequenos, fundidos pelos maiores fundidores de sinos do mundo. Quando soprava vento ou fazia tempestade todos os sinos tocavam numa sinfonia que fazia todos os corações dançar de alegria.

Mas ao longo dos séculos a ilha com os seus sinos afundara-se no mar. Uma velha lenda contava, porém, que os sinos continuavam constantemente a tocar e podiam ser ouvidos por aqueles que se davam tempo para escutar.

Um jovem homem deixou-se inspirar por esta lenda e partiu na longa viagem para o mar, firmemente decidido a ouvir os sinos. Dias a fio sentou-se na praia em frente ao lugar onde a ilha com o templo desaparecera. Escutava com toda a sua alma, mas tudo o que ouvia era o ruído do mar. Esforçava-se ao máximo por excluir o som das ondas, mas em vão. O ruído do mar parecia abafar tudo.

Semana após semana sentou-se assim. Cada vez que estava prestes a desistir ia ter com o padre da aldeia e deixava que este contasse de novo a misteriosa lenda. Então ganhava novo ânimo, só para o perder de novo quando as semanas passavam sem resultado.

No fim desistiu. Talvez não lhe fosse destinado ouvir os sinos? Talvez a lenda não fosse verdadeira? Desceu à praia uma última vez para se despedir do mar e do céu, do vento e das palmeiras de coco. Deitou-se na praia, olhou para o céu e escutou o ruído do mar.

Nesse dia não resistiu ao ruído do mar. Pelo contrário, entregou-se a ele e descobriu que era um som agradável e calmante, este estrondo das ondas. Em breve tinha-se entregado tanto ao som que mal tinha consciência de si mesmo. E então surgiu um silêncio profundo no seu coração. E na profundidade deste silêncio ouviu-o! Primeiro tilintou um sininho pequeno, depois entrou outro, e mais um e ainda outro... Até cada um dos mil sinos do templo tocar em harmonia maravilhosa, e o seu coração se encheu de alegria e admiração indescritíveis.

O que lhe disseram os sinos? Não sabeis. Disseram-lhe algo. Para vós é apenas uma descrição. Para ele é uma vivência que mudou a vida. Mas se se descreve isso, dizeis: Então vou fazer exatamente o mesmo.

Assim deitais-vos na areia, esforçais-vos por excluir tudo. Na melhor das hipóteses tentais convencer outros de que ouvistes os sinos, embora ainda não o tenhais feito. Não quereis viver que sofrestes uma derrota, por isso inventais uma pequena mentira transparente para não ser pior. Falhastes? Não, não falhastes. Todos tendes a possibilidade mesmo que agora o tenhais testado cinquenta, cem, cento e cinquenta vezes, tendes a possibilidade.

Lembraís-vos do que contei, que andais nesta escada de desenvolvimento. Subis os degraus até ao lugar da Compreensão. Subis penosamente degrau a degrau e depois sentais-vos. Quase chegastes ao topo. Falta o último degrau e pensais: «Não aguento subir mais. Volto para trás.»

Mas quando olhais para trás a escada desapareceu. Através de cada degrau que tomaste o degrau anterior desapareceu. Tendes de continuar. Assim a escada acaba. Então tendes de dar o passo para o desconhecido. Exatamente nesta hesitação está a angústia. Quando dais o passo, então surge isto, então sentis: «É isto, é isto que é o meu lar! É isto que é a minha existência certa. É isto por que ansiava, mas que também temi porque dependia da escada, da minha vida!»

Quando dás o passo para fora da escada então estás no nível da criança, no não impresso mas omnipresente. A liberdade está aí. O que acontece então? Duas coisas: És a Voz Interior e humano.

Trazeis uma saudade indeterminável de regresso àquilo que um dia representastes. É só medo ou o que é que vos segura? O ego. O ego segura. O ego diz: Dá-me iluminação! O ego não pode receber a iluminação. Deve ser dirigido pela iluminação. A criança tem a iluminação, mas à criança falta aquilo através do qual se pode manifestar. Quando a criança é impressa então surge esta película do ego que exclui o mundo da iluminação. O ego deve ser dirigido pela Voz Interior. Tu és a tua própria voz interior! Tu és o dedo divino.

A criança é o dedo divino. Podeis sentir esta maravilhosa, fantástica harmonia da proximidade, do sossego na criança, através da criança. Mas quando a criança começa a ser impressa, então é excluído este maravilhoso, divino que existe na criança. O ego toma conta. O interessante é que quando se dá o passo, então o sossego está aí, então sente-se: «Isto reconheço! É tão conhecido! Pensar como era conhecido! Reconheço isto! Talvez tenha sido daqui que vim!»

O medo desaparece. Antes de dardes o passo, é então que tendes medo do aniquilamento do ego. O caminho até aí é tão curto, e infinitamente longo, a película subjetiva é tão incrivelmente forte. Pode passar-se através dela, mas se a atacardes ela defende-se. Tendes de ter confiança de que sereis enriquecidos. Tendes de ter confiança para que useis dar o passo do último degrau para fora e saber, exatamente quando dais o passo, sentir: «Finalmente estou em casa, mas o caminho até aí foi longo, cheio de angústia, cheio de estranhas representações sobre o que a iluminação devia ser e ser, cheio de estranhas representações sobre o que o reino que procuro deve conter.»

Mas a própria vida vela pela vida. O sonho, o sonho da vida vela por si mesmo. Não se trata de perder algo. Não, ganhais. Ganhais-vos a vós mesmos! Já não estais em conflito convosco mesmos. Perdeis algo da vossa vida? Não de todo, pelo contrário. A própria procura de si mesmo, ou aquilo que tentais prestar, não se trata de modo algum de renunciardes à matéria! De modo nenhum. Mas de terdes uma boa relação com ela, para que não vos prenda.

Um dia desistis e então tudo está aí. Desistis então do sonhar? Não, não o fazeis, mas sois colocados noutra nível. De repente o sonhar já não é subjetivo, mas o sonhar torna-se de alguma forma universal. Já não se chama sonhar. Quando o observais do nível mais baixo, chamais-lhe sonhar. Mas pouco a pouco vivereis um ascender a algo que é muito, muito maior. Então desaparece a própria palavra sonhar e tornais-vos viventes como uma enorme fonte de força que constantemente dá e dá e dá. Sois participantes nisso. Então desaparece o vosso ego mas ainda aí estais.

É como se o vosso ego ficasse repousante, observador, mas ainda presente. Então estais em duas zonas que se pensa serem impossíveis de alcançar. Então encontrais-vos tanto fora como dentro do círculo! Agis com as pessoas, mas estais ancorados também fora. Podeis conviver, conversar, alegrar-vos, mas no meio da turbulência sois livres. Não estais presos a ninguém. Não tendes opiniões sobre ninguém. Não vos irritais com ninguém. Se alguém vos perguntar: «A que partido político pertences?»

Não existem! Não os vedes. São para os presos, para aqueles que seguem as massas. Aqueles que seguem o sonho subjetivo e nesse sonho dizem: «Temos uma luta pela paz. Não queres juntar-te?» «Não.»

«Aha, és demasiado covarde.»

Mas não tendes luta! Não existe aqui. Aqui é paz, é liberdade, é presença. Não se faz distinção entre as pessoas: «É feio, é bom, é uma pessoa bonita» mas aqui é uma unidade. Fora do círculo todos são iguais. Dentro do círculo temos diferenças. Aí temos tensões, guerras, luta. Aí temos as religiões. Aí temos diferentes tipos de matizes. Esse mundo onírico – já pensastes alguma vez que existe uma infinidade de sonhos que todos se arrogam ser o sonho certo? Na Natureza do Sonhar existe luta. Estais presos pelos vossos sonhos, os subjetivos e os coletivos. Só quando deixais o mundo onírico é que podeis agir livremente.

Então tendes o mensageiro que tenta fazer-vos perscrutar as vossas tensões, aquilo que vos impede de ser o que estais destinados a ser. Aquele que tenta fazer-vos ver toda a armadilha da impressão, ver a prisão, o agir, a reação: A Voz Interior que penetra exatamente toda a vida. Para a Voz Interior não existe moldura, algo interior ou exterior. Para Deus Mãe/Pai também não existe algo interior ou exterior. Só o ser humano o vê assim.

Existe algum plano na orientação ou o propósito é apenas expansão para cada ser humano? Existe um plano em toda a orientação. Existe um plano nisto de eu, Ambres, estar aqui. Pensais que vim aqui por força própria? Que nós do nosso lado, eu e os meus companheiros, Simeno, eu mais os companheiros que tenho, apenas combinámos agora vamos

descer e guiar? Não, de modo nenhum! Existe um plano. Seguimos esse plano. Somos conduzidos, tínhamos escolha? Sim, tínhamos escolha. Podíamos ter recusado e dito que escolhemos outro sonhar em vez disso, mas no nosso sonho é fazer-vos ver que existe uma libertação, que se pode sonhar com a sua vida, não do zero, mas de agora.

Simplesmente tomar conta de si mesmo, tomar conta de si mesmo e do seu próprio sonho. Sou parte de toda a criação. Sou parte de todos os que estão aqui no templo. Representamos algo maior em comum. Enchemos, tomamos para nós os nossos filhos, tomamos para nós os nossos adolescentes. Escutai agora: o sonho quer levar-nos à compreensão. Olhai à vossa volta no mundo. Há situações de abuso por todo o lado. As pessoas esqueceram o seu sonhar, o que sonham então? Há abusos em nome da religião. As pessoas estão dirigidas. Estão dirigidas pelo sonhar coletivo por isso perdem-se a si mesmas no caminho. Lá bem no fundo existe um sonhador que talvez grite mais alto: «Meu Deus, o que estou a fazer, o que estou a fazer?»

Mas a pressão no sonho exterior torna-se tão forte que se perdem a si mesmos. Andam como zombies, como robôs sem vontade própria. Sonham o sonho de outro.

Existe um plano em toda a orientação. Às vezes fico um pouco comovido ou quase a rir a bandeiras despregadas quando vejo os vossos físicos e os vossos chamados cientistas que tentam seguir o rasto e alguém diz: «Parece que existe uma espécie de plano por trás da criação.»

Aquilo que místicos, escolas de mistérios, esotéricos e escolas esotéricas souberam durante milénios tentam agora aproximar-se, fazendo com que cada aspeto da criação possa recriar-se mecanicamente, para que se possa medir e catalogar que: «Sim, parece que existe uma forma-pensamento formidável por trás de todo o processo de criação.»

Irritam-se porque esta forma-pensamento não vai pelo seu caminho e repete, repete exatamente a mesma coisa vez após vez para que possam dizer: «Agora está provado.»

A consciência não se repete nesse plano. Está constantemente em movimento e desenvolvimento. No plano físico, ou seja, onde a matéria está condensada e existe forma-pensamento coagulada condensada, um Maya, aí podeis medir a forma-pensamento coagulada porque podeis repetir, recriar, recriar vez após vez. Os vossos cientistas ficam satisfeitos com isso e podem dizer: «É assim.»

Mas os vossos físicos medem apenas o que é influenciável a partir de Maya! Os vossos físicos não estão de todo de acordo sobre a construção do universo, antes têm suposições. Uma dessas suposições é que o universo é um holograma imensamente grande e que cada pequena parte desse holograma, o ser humano, animal, árvore e assim por diante, é de certa forma dirigido pelo pensamento, construído pelo pensamento. Que todo este universo é uma enorme consciência que sonha sonhos que são libertos, que por sua vez criam sonhos próprios e sonham mundos próprios, mas que fazem parte de um conceito enorme, de um grande cérebro comum que sonha o universo que vedes.

Nesse caso faz cócegas. Nesse caso sois parte desse sonho! Também aí sois participantes nesse sonho. Participantes em manifestar o que vedes como imagens oníricas, que são físicas à primeira vista, porque o sonhador sonha fisicamente no mundo do sonhador. Enquanto o sonhador se vive como observador, também é o criador.

É um pensamento interessante e na doutrina esotérica não nos é de todo estranho: que vivemos como num enorme cérebro cósmico, como pensamentos que recolhem experiências daquilo a que se chama uma vida física. Aquilo a que se chama vida física, tudo o que vedes e viveis, as mudanças das estações, o envelhecimento, as diferentes formas religiosas e tudo isso, podem ser processos que decorrem numa enorme consciência cósmica que não compreendeis mas da qual ainda assim sois parte. Pode ser assim. Também nós procuramos e a resposta é tão surpreendente que temos dificuldade em acreditar nela. Procuramos. Se for como acreditamos, é fantástico!

Tendes de deixar a vossa lógica! Tendes de deixar as vossas suposições e ser nus como crianças, ser totalmente "inconscientes". Ou

seja, que não tenteis dirigir ou compreender. Porque se tentais compreender o que vedes, o que viveis, então tentais adaptar o incomensurável a algo mensurável. Então tentais adaptá-lo ao mundo de Maya em vez de ver que o mundo de Maya é uma parte onde o que vedes está em forma condensada, em forma rígida. Sois vós que o criais em forma rígida para poder controlá-lo. Se a vida fosse de modo a ser absolutamente fixa, não vos desenvolveríeis, apenas ficaríeis parados. Mudais lentamente em Maya e então dizeis que as experiências fazem com que mudeis. Sim, mas o que é que muda? Então dizeis: Os pensamentos, os sentimentos. Eu mudo o tempo todo. Sim, mas trazes a forma de origem contigo! Aquilo que um dia trouxeste onde Maya não tinha assento nem fixação, onde o sistema de raízes ainda não se estabelecera, onde os teus sonhos não existiam.

Onde eras como um pequeno floco, parte deste pensamento incompreensível que constantemente se manifestava a si mesmo e que é uma vivência de amor em si mesmo, sem valorização. A forma-pensamento divina não podeis capturá-la e torná-la palpável e compreensível no mundo de Maya. Quando o tentais, então caís nos pântanos da mística e acreditais compreender o que existe e como funciona, mas tentais constantemente capturá-la e torná-la manejável e adaptada ao vosso Maya, ao vosso sistema de raízes e isso não é possível.

Falámos há pouco tempo que se vê o mundo, o criado na sua forma de origem como energia pura, uma energia inteligente. Que existe uma fonte de energia que está constantemente presente. Não funciona aleatoriamente, antes existe uma ordem que desafia todo o entendimento. O que aconteceu depois da minha vivência daquilo que contei, quando vi o mundo, o criado, na sua forma de origem como energia pura, uma energia inteligente. O que aconteceu depois? Mencionei que fiquei com medo. Entrei em conflito com esta fantástica maravilhosa vivência de apenas fluir com todo este maravilhoso fluxo de amor e ser participante em toda a criação, onde de certa forma era toda a vida, era toda a consciência, onde não existia distância, onde não existia espaço, mas eu era tudo.

Ainda assim existia uma parte de mim que era observadora que pertencia a Maya e foi essa parte que teve medo de perder o apego, que o eu não sobreviveria. Ou seja, aquilo que foi criado e moldado no mundo de Maya pelo sistema de raízes teve medo da sua própria grandeza e teve medo de ser aniquilado. O tempo depois, quando lentamente regressei a mim mesmo, fui extremamente vigilante e cuidadoso com a forma como lidava com o meu mundo à volta.

Durante muito tempo tive medo de “pisar através” de certa forma, de que perderia a minha identidade, de que Rameno Sharafez perderia o controlo sobre o seu ego e eu desapareceria na outra dimensão se assim se pode chamar, ou estado de origem. Ao mesmo tempo existia uma saudade incompreensível de regresso para lá. De alguma forma queria ter o bolo e comê-lo! Não se pode ter o bolo e comê-lo ao mesmo tempo, diz-se. Sim, pode-se! Pode-se tanto comer o bolo como tê-lo ao mesmo tempo! Pode-se equilibrar isso! O que se faz é reconstruir Maya de novo. Aprende-se a encontrar-se nesse estado no mundo de Maya e ainda assim estar completamente aberto na outra estrutura que existia no início.

Em Maya é extremamente atraente que vejais o vosso futuro, que vejais imagens de doença, que sigais o rasto, sigais o rasto e sigais o rasto e quereis muito ter a imortalidade como uma das vossas premissas. Quereis muito ser desenvolvidos e ter o conhecimento, mas nas vossas premissas. Quereis conhecimento, mas não quereis perder nada. Para encher um recipiente tendes de o esvaziar, se já está cheio! É uma velha verdade, mas tendes dificuldade em esvaziar o recipiente, porque tendes medo do que então o encherá! As vossas valorizações sobre o que é desenvolvimento, não valem nada? Sim, valem tanto que vos permitis ser presos por elas! Porque vos permitistes ter um mundo de ideias subjetivo próprio sobre como o desenvolvimento deve ser! Subis alto num pedestal cósmico qualquer e aí acreditais que a iluminação estará.

O caminho para a iluminação não existe! Não vos prenda em representações sobre o que é iluminação, como deve ser e o que significa. Trata-se de segurança interior. A iluminação alcança-se sendo participante, passando por si mesmo, procurando regressar e procurando reconciliação com os seus papéis interiores. Não te permitas pôr a culpa

em alguém que te criou como és. No meio da vida podes alcançar esta compreensão: és a pessoa absolutamente mais valiosa na tua vida! Se desistires de ti mesmo, perdes a tua vida.

Se te permitires participar contigo mesmo, então encontras a tua vida. Se te permitires conhecer cada parte de ti então lentamente, lentamente deslizarás mais perto de uma compreensão total do que o mundo representa. Então não entras em luta contra quem pensa diferente. Não entras em luta contra outros sistemas de raízes. Compreendem-nos, porque tu mesmo aí estiveste. Tu mesmo estiveste preso nessas posições. Alguém diz: «Olha aí. Como podem comportar-se assim? Mulheres e crianças são maltratadas. Tem sido assim durante milhares de anos.»

Digo: Sim. Não compreendem melhor. Estão impressos nesse padrão. Deveis agora entrar e dizer: «Tens de repensar. Tens de compreender que tudo isto está errado.»

Não os podeis encontrar em ira e tentar forçar neles outra imagem, outra visão. Tem de vir de dentro. Tem de ser despertado com suavidade, calor. Que a mulher tem o mesmo mundo para viver. Há muitos, muitos sistemas de raízes que tendes de observar. Mas a iluminação primeiro. Se me perguntares: «Estás iluminado, Ambres?»

Então diria: Não, ainda não, porque tenho as minhas valorizações. Enquanto tiver valorizações do que é bom e mau e feio e belo, ainda tenho um bocado de caminho para andar. Mas vi-o e quando me perguntam: É atraente, Ambres, apenas desistir e ir para lá? Sim, é atraente, mas ainda tenho algo para descascar. Sei que lá chegarei. Vejo o caminho aí. Um dia aí estarei.

Alguém diz: «Não é maravilhoso. Então encontras-te na luz.»

Não, não consigo ver nenhuma luz aí, mas pelo contrário harmonia, sossego, compreensão. Mas harmonia e sossego não significa que eu esteja sentado de pernas cruzadas a meditar dias e noites, antes o iluminado está em ação. O iluminado não fica parado. O iluminado não é nenhum asceta que anda em saco e cinza. O iluminado não fala de quão

iluminado é, mas vedes-o nos rastos por onde passou. Alguém disse sobre isto que “o iluminado vem como um ladrão de noite e passa sem que o vejamos”. Completamente correto. O iluminado sonha ativamente, presente no sonho.

Todos vós e nós somos iluminados num plano. Exatamente agora estais iluminados a um nível no mundo exterior. Os níveis são diferentes para cada um de vós. Mas não valorizo que alguém seja mais alto ou mais baixo. Basta que estejais no caminho. Andais. Procurais o vosso caminho. Alguns andam mais depressa. Outros mais devagar, mas pouco a pouco chegam ao que fará o tecido coletivo e o subjetivo fazer parte do cósmico e aí ficais. Então a expiração está confirmada por si mesma. O conhecimento que Deus Mãe/Pai aí recebe passará então para outros planos ou como se queira ver. Se agora houver alguma pergunta sobre para onde vai o conhecimento, é impossível responder ao que então acontece.

É presunçoso falar de iluminação? Sim, pode ser às vezes. Tornar-se um iluminado – já o sois, por isso porque não o poderíeis reconhecer para vós mesmos? Sois num plano iluminados mas noutro plano permitis-vos ser limitados. Poder afirmar a sua alegria, poder afirmar o seu envolvimento, poder mudar, poder ver que cada mudança que fazes no teu mundo contigo mesmo traz consequências... Independentemente do que faças, traz consigo consequências na vida. Assim padrões de ação trazem consigo algo. O que não sabes ainda. Alguém tentou planejar as suas ações, padrões, mas descobre que muitas vezes o planeamento é roído na borda porque o presente, o sonho, não é rígido. Molda-se constantemente e a nossa consciência nunca está parada. Assim quando crias decisões, pode às vezes trazer consigo consequências com que não contavas. Dizes: «Não podia eu contar com que isto pudesse acontecer!»

Não, porque não sabes quais são as consequências. Mas o principal é que tomes decisões. Depois entras nas consequências com curiosidade e dizes: «Oh, aconteceu isto! Que interessante!»

Se então for completamente ao contrário do que sonhaste que seria, não é uma perda. É apenas que o sonho tomou outro sulco. Tomou outro

caminho. Nenhum de vós é perdedor, mas pode viver-se como tal, porque os vossos planeamentos não se mantiveram à altura, como o vivestes. Tivestes expectativa e se tendes expectativa num planeamento, então tentais dirigir a consequência.

O sonhar para a iluminação é portanto: Esquece o caminho! Esquece o tempo! Apenas está! Já sois iluminados mas esta película, o eu, o sonho subjetivo impede-vos. Alguém diz: «É presunçoso, eu não posso estar iluminado!»

É porque vos criastes uma imagem de como o iluminado deve parecer e ser, comportar-se. Sentar-se numa gruta algures. Conheceis bem a história dos Sete Irmãos Sagrados.

Os Sete Irmãos Sagrados

Um homem perdera a sua fortuna, a sua família, os seus filhos, tudo. Começou a beber cada vez mais. Encontrava-se agora num bar algures e lamentava-se da sua situação a um dos seus últimos amigos que restavam. O seu amigo escutou-o atentamente. O amigo deu-lhe uma dica de uma pessoa que seguramente o poderia ajudar: um homem sábio nas montanhas dos Himalaias. O homem trabalhou com grande esforço até à gruta do Sábio lá no alto entre as montanhas. Contou ao Sábio os seus problemas. O Sábio quis dar-lhe Sete Palavras Sagradas que resolveriam tudo. Cada vez que o homem se encontrasse em apuros devia pronunciá-las. Devia dizer: «Há algo no que dizes.» O homem ficou zangado e insultou o Sábio, que respondeu: «Há algo no que dizes.»

Isto da iluminação parece ser algo que se encontra “lá ao fundo algures”. Quando se tenta descrevê-lo, não existem palavras que o cubram. É como tentar descrever “a eternidade”. Então usa-se limitações para tentar explicar o ilimitado. Não é possível. A iluminação é um processo interior. Trazeis convosco uma massa de conhecimento que é completamente formidável! É a iluminação que se traz consigo. É tua? Sim, partilham-na com outra parte dentro de ti, nomeadamente o Sétimo Deus. Partilham-na com o Cavaleiro, porque é o Cavaleiro que aí colocou o conhecimento. É o Cavaleiro que o traz consigo. Não valoriza nada para lado nenhum e nem sequer o chama iluminação. São experiências.

Quando agora te aproximas desta fonte de conhecimento podes sentir-te pequeno, mas sentes que cresces. Cresce algo dentro de ti. Estás grato. Estás presente.

Sentes-te forte e inteiro. Não sentes necessidade de contar a ninguém, dizer: «Agora estou aqui na minha iluminação!»

O que acontece no início é que entras na fantástica sensação de proximidade. Encontras-te aí, mas saís. Oscilas durante um tempo relativamente longo entre o total e o limitado. Tens necessidade do mundo limitado, porque vens daí. Os teus papéis pertencem ao mundo limitado. Todo o eu pertence ao sonho limitado e tens de te habituar a encontrar-te numa existência ilimitada onde és ação, onde és presença, onde sentes que aqui é o lugar por que sempre ansiavas. Porque é harmonia.

Para fora as pessoas talvez perguntassem: «O que aconteceu contigo? Pareces andar constantemente com uma frequência fantástica à tua volta!»

São tocadas pelo teu sossego, a tua harmonia, a tua alegria, o teu riso, a tua loucura, tudo. Não é maravilhoso? Perguntas: «Sente-se bem?»

«Sim, enriquece-nos. Dá-nos mais disso!»

Ou seja: influencias o mundo que existe à tua volta. Quando aí estás bem. Assim saís disso, tornas-te fraco, ansioso. Com medo de doenças, economia, pelos filhos, pelo parceiro, amigos tudo. A vida é perigosa. Assim estás de volta aí e tudo é perfeito. Oscilas, antes de um dia bem estares aí. Para poder explicar isto usam muitíssimos as palavras: «Então estou na luz entendeis!»

Olho e olho e não consigo ver nenhuma luz aí! Vejo apenas personalidade mudada. Um iluminado vê-se nos rastros por onde passou.

O que encontrei na minha própria vivência foi o seguinte: não existe ninguém, ninguém de todo, nem árvore, mamífero, seres humanos pensantes ou mamíferos pensantes que vós também sois, que esteja fora da iluminação. Todas as crianças que nascem já estão iluminadas ao nascer. Todos os seres humanos que andam na superfície deste planeta

trazem a iluminação na mão, mas têm uma valorização completamente louca do que é iluminação.

Quando se viu uma vez este enorme, fantástico interjogo que o pensamento divino tem, como é um com toda a vida, como molda o presente... Mas não lhe podeis dar propriedades humanas. É o que é. Não tem valorização do que é bom ou mau. Não tem linha de separação. Se a linha de separação existisse, e comesse a valorizar o que é bom ou mau, então teria começado a valorizar-se a si mesmo como uma consciência que tem dois lados e então estaria preso. Quando não tem isso, também não tem valorização do que o ser humano cria e molda.

Se alguém diz: «Como pode Deus permitir que tudo isto aconteça?»

Não é Deus que criou isso! É o ser humano no seu mundo onírico confuso, no seu mundo onírico subjetivo, no seu Maya, nos seus sistemas de raízes que criou a separação. e se pôs fora da criação e diz: «Não sou participante nisto. Sou uma vítima, sou uma vítima de um engano.»

Não é culpa vossa. Não fostes vós que o moldastes ou criastes no início. Sois vítimas de algo completamente diferente. Aqueles que puseram um assento, uma fixação no céu, como ouvistes falar, eles criaram e moldaram o medo, a separação no ser humano... falamos dos deuses. Aqueles que ainda procuram poder sobre Maya, o sistema de raízes, o ser humano e a criação, mas que são totalmente incapazes de poder atacar o ato de amor que decorre constantemente no início da vossa vida, no mundo da criança. Só quando a impressão acontece é que os deuses ganham uma fixação no ser humano e depois "a dança é criada" de novo. Onde sois participantes sim, mas não sois vós que deveis ter a culpa de tudo isto. Sois totalmente livres! Nenhum de vós tem de modo nenhum um papel na criação. Entrastes conscientemente nela para tentar travar este desenvolvimento!

Podeis ter uma representação de que vos encontrais num plano, num estado coletivo, quando saís para lá da moldura onírica que é a vossa vida, o vosso mundo de representações? O interessante é que em muitíssimas comunidades esotéricas isto está no fundo: estamos conscientes de que o criado, o moldado, o que nos inclui e exclui é o

nosso obstáculo. É o véu fino, fino que nos mantém afastados da verdade cósmica que é tão simples, que é tão presente. Complicais, porque tentais constantemente dar-lhe a vossa verdade, o vosso sonho.

Quando tentais interpretar o aspeto divino dentro de vós, dais-lhe um rosto humano, pensamentos humanos, padrões de pensamento impressos e então nunca o encontrais. É a correção que recebeis na vida que tenta facilitar-vos, ou seja aquela a que chamo Voz Interior. Sim, está aí. Tenta facilitar o vosso sonhar subjetivo para que possais aproximar-vos da vossa totalidade interior. Resistis. Dizeis: «Mas então traio, não posso abandonar.»

Não percebeis que vos abandonais a vós mesmos! Prendais-vos em padrões. Falais de política. Falais de religião. Falais de sectarismo. Falais de tudo o possível. É "nós e eles". É como se o mundo estivesse cheio de inimigos e vos unis para vos proteger da sua influência.

Num estado onde não vedes, onde não ouvis, mas onde apenas estais, estais então sem sonho? Não, entraís noutro mundo onírico! De repente sois um com tudo. Encontrais-vos na consciência que constantemente existiu à vossa volta, mas com que perdestes o contacto. Retomais o vosso lugar à grande mesa longa de Deus Mãe/Pai e sois participantes nos seus padrões oníricos, que diferem totalmente do subjetivo. Procuram eles pessoas que construam igrejas com pináculos e torres e as encham com as chamadas relíquias sagradas?

Que estejais de joelhos e tomais a comunhão e Deus sabe o quê? Não exigem nada disso! Não estão aí, antes a religião é para prender as pessoas em padrões, em sonhos que as trancam e que criam posições de poder, que vos dirigem. Quando alguém menciona Cristo que diz a mesma coisa a mulheres, homens e crianças: Deixai vir a nós as vossas crianças, deixai-as vir a nós! Então vede-las como estas crianças pequenas. Vós mesmos as trazeis! Deixai as vossas crianças interiores chegar à compreensão! Deixai-as ser ouvidas. Deixai-as ser visíveis. São elas que têm a sabedoria e o conhecimento. O conhecimento exterior, esse não têm, mas têm outro conhecimento. Se dizeis: «Vem até mim conta.»

Mas não pode ser assim tão simples, não pode ser assim, não é assim tão simples...

Não compreendes o que a vida realmente é, é uma luta, é resistência, temos de nos defender. Temos de criar posições onde haja luta, para podermos agir contra o nosso inimigo.

Então o seu conhecimento está excluído. Mas as suas vozes nunca se calam. São meninas pequenas, meninos pequenos. Nem sequer têm consciência dos seus sexos, ainda assim trazem a verdade nas suas mãos, nos seus sonhos.

Quando tentais alcançar o ser humano não impresso ou entrar na essência mais interior do sonho, então caís neste maravilhoso estado de que a proximidade de todas as coisas está onde estais: «Sou a soma de tudo, sou aquilo que procuro.»

A vivência de ser isso dá uma segurança e proximidade incompreensível a tudo, ao mesmo tempo que a podeis aplicar na vossa vida atual. Cria uma mudança transversal em vós. Perderás a tua alegria de viver? Não. Perderás a tua vida? Não. Encontrarás a tua vida? Já a tens, mas não existe angústia, não existe medo, não existe fuga. "Eu sou". Quando podes combinar este estado com o teu mundo atual então na verdade não existem obstáculos. Mas não aspiras a tornar-te algo, antes é uma colaboração coletiva onde ninguém está num pedestal.

Muitos estão muito frustrados porque perguntam às vezes pelo caminho: «Como vou para lá chegar?»

Quando então tento explicar o inexplicável, não existem palavras que o cubram. Já estais na meta, mas não o vedes.

O sentido mais elevado da Natureza do Sonhar é passar para lá do sonhar e poder estar neste fluxo onde não existe nenhum pensamento, nenhum sentimento subjetivo. Existe apenas proximidade de uma consciência imensa da qual sois participantes. Sois participantes na criação, mas ao mesmo tempo estais presentes no mundo de Maya. Então sois livres, mas ainda presentes como um observador, espetador, vivente. Tendes força de ação, podeis trabalhar. Podeis transformar através

daquilo que representais, não daquilo que missionais. Há uma quantidade de missionários que não viveram isto, mas que falam como se aí tivessem estado e o podem descrever com palavras de Maya. Não os escuteis! Aqueles que um dia aí estiveram não têm palavras para o descrever, mas podem traduzir em ação! É uma diferença essencial! Aqueles que o traduzem em ação, elevam as pessoas. Veem-nas, confirmam-nas. Veem cada um que encontram no seu caminho. Também veem que por trás do véu de Maya, trazem esta santidade. Teem-no em comum, universalmente, coletivamente. Todo este planeta o traz. Nada está excetuado. Cada árvore, cada planta, cada animal, tudo o que está criado traz esta vivência da totalidade.

Estou feliz por estes momentos que agora temos juntos. Seguistes comigo no caminho e o último bocado ides sempre sozinhos. Acredito que muitos de vós chegarão aí onde um dia vivereis que tudo se iluminou à vossa volta e perguntais: «Onde estive eu? Iluminou-se.»

Talvez pela primeira vez sintas amor por ti mesmo. Não subjetivamente, mas não é apenas amor por ti mesmo mas pela vida, pelo mundo, por tudo o que vive que existe. Que uma parte do teu grande sonho é que podes influenciar e tu mesmo és influenciado. Podes ver como a verdade flui para diferentes lados e muda de carácter para não-verdade, para verdade de novo. Que é como um mundo onírico subjetivo que prende as pessoas em atividade de clã, exclui, inclui, vigia e defende. O mundo está cheio de inquietação, de verdades e não-verdades.

Quando poderás passar para lá disso? Sim, é quando acordas. Podes dizer que compreendes, mas de compreender a saber é um grande passo. É de crer a saber. Podes acreditar que sabes, mas quando a crença desaparece, o que fica? Aqui fica aí. Já aí estás. Acreditas que o sabes, mas no dia em que tirares “acredito” aí estás. Então dizes: «É assim tão simples? Mas então posso fazer isso hoje, amanhã.»

Essa “crença” é uma das tuas maiores inimigas. Mantém-te preso no ego. É o ego que diz: “Acredito que sei” e na verdade também desaparece o saber. Apenas se está onde se está.

Sabeis, o bom para o vosso corpo, sabeis o que é? Podeis chorar! O Instrumento cunhou uma expressão que adotei. Chamava-lhe choro de amor. É um bom choro. O bom choro. O choro que cura. O que sara. Sim.

O planeta, o caminho de regresso e o Príncipe da Paz

Se olharmos para este planeta, diz-se: É um planeta fantástico. Alimenta o que existe no seu corpo, quase disse. O planeta está vivo. É um ser vivo. Tem um sentimento, um pensamento? Sim, também tem. Quando olhais para o planeta dizeis: «Aí há uma data de árvores. Não têm sentimento nenhum. Aí há uma data de arbustos. Aí andam animais selvagens. Aí anda gado e tudo o possível.»

Tudo o que vive são manifestações de vida do planeta. Quando o ser humano está e observa tudo isto diz: «Oh, aí está a natureza e eu estou e observo-a.» É completamente louco. Tendes vós mesmos de vos pôr no contexto e ser parte do que observais.

Sois parte da natureza! O ser humano afastou-se disso. Na sua ignorância devasta o planeta para seu próprio ganho. Tendes uma parte comum na criação. O poder faz com que muitos procurem riquezas e não se importem com o que o planeta consegue prestar. A única coisa que poderia ajudar o planeta à autocura é que o ser humano aprendesse a regressar no seu desenvolvimento e seguir padrões que se chamam que os povos “não desenvolvidos” têm.

No banco de memórias do Instrumento encontrei que seriam precisos um ou dois planetas a mais para satisfazer a necessidade de comida. Digo: Este planeta poderia alimentar talvez oito vezes a população atual, só a distribuição fosse diferente. Só a distribuição se tornar diferente ninguém neste planeta precisaria de passar fome. Há algo que precisais aprender. Tem de haver uma mudança mental, emocional total. Na verdade, é disso que toda a minha transmissão trata. Isto torna-se pesado, não é? É isso que é um problema. Assim que começamos a falar que tem de haver uma mudança mental, subjetiva, o ser humano vive: Oh, meu Deus! Acreditava que íamos viver o Reino dos Céus amanhã! Temos de começar a trabalhar para o encontrar? Temos de

começar a fazer mudanças nas nossas vidas? Temos de mudar as nossas valorizações?

Claro que tendes! Sois mestres na criação! Conseguistes moldar este mundo incrível. Quem o vai então mudar? Vós! Quem mais? Estamos aqui em baixo agora e “damos pontapés”. Não estou sozinho. Somos vários que trabalhamos. Também não estou sozinho aqui. Tentamos fazer o que podemos, mas não podemos entrar em luta contra a criação. A única coisa que tentamos fazer é fazer-vos conscientes de que capacidade na verdade tendes. Agora estais aqui e isso alegra-me! Porque apesar do vosso cansaço, cresce algo dentro de vós: uma vontade, uma proximidade à vida e à vossa própria grandeza. Onde deveis começar? Tendes de começar onde cada um está. Nenhuma mudança acontece de fora. Acontece de baixo.

Sempre foi assim, ao longo dos milénios. Digo: Existe um caminho de regresso. No meio do caos aconteceu algo. Ao mesmo tempo que se diz: «É desesperante, Ambres, que precise de ser assim!» Digo: Sim, é desesperante. Em todo o lado neste planeta algo começou a acontecer. É como se as pessoas de todas as idades tivessem começado a acordar como de um sono cósmico profundo. Estais a caminho: O Uno. O Uno são muitas pessoas que acordam para a compreensão da sua capacidade interior. Vem. Não é apenas um. São muitos: milhares, centenas de milhares que independentemente de religião ou origem étnica começam a andar juntos. Não em luta mas em proximidade, amor, paz e harmonia. Compreenderam que o princípio de distribuição tem de mudar. Não pregam, mas pelo facto de ser, sentir e pensar mudam o mundo e o mundo à volta. Não se lhes pode opor porque tudo o que enviais regressa. Amor regressa bem como ódio e agressão. O mundo torna-se o que dele fazeis através do vosso comportamento. O Uno são muitas pessoas que colaboram.

O planeta está vivo. Sois um povo. Tendes uma comunidade em dois planos: os vossos corpos dependem do planeta e tendes uma ancoragem divina que suspeitais que está perto de vós. Começa a mexer-se e na verdade existiu durante muito tempo. Lentamente cresce para a frente. Falo então do mundo do novo pensamento. O novo tecido onírico do

pensamento. Assim temos o velho tecido onírico do pensamento que segura e que tenta consolidar o seu poder. Tem controlo sobre o mundo. Tem controlo sobre os media, sobre jornais, televisão e rádio. Tem controlo sobre as pessoas. Pode subornar. Pode mudar uma verdade numa não-verdade. Pode mudar o psiquismo das pessoas através do poder.

As pessoas que agora encontraram a liberdade interior vêm a andar em centenas de milhares. Entre elas enviam aqueles que controlam os seus "capangas" que perturbam, que criam caos. Têm poder sobre os media. Andam com as suas informações falsas e dizem: «Olhai, como se comportam. Isso chamam paz. Criam caos onde quer que estejam.»

São aqueles que têm o controlo que enviaram os seus tentáculos para criar caos. Apesar disso, a caminhada continua. Daqui a digamos cem anos, duzentos anos, trezentos anos, formarão o seu mundo onde o Príncipe da Paz existe.

Lentamente o mundo muda. A vossa técnica tem de entrar em trilhos completamente diferentes dos atuais. O psiquismo do ser humano mudará lentamente de eu para nós. Armas, quando se combate uns aos outros através de diferentes formadores de religião por causa do poder, também desaparecerão. Mas antes de tudo isto acontecer, haverá um caos económico que também vedes. Tornar-se-á muito, muito pior. Neste caos, surgirão três a quatro blocos, que no seu tecido onírico tentam tomar controlo sobre o planeta para seu próprio ganho. Será uma luta entre estas grandes associações. Chama-se Armagedão, ou seja a última batalha pelo domínio do mundo. Dela erguer-se-á como uma nova fénix das cinzas da velha era. Queres dizer que haverá uma guerra nuclear? Não digo nem isso nem outra coisa, mas o risco existe que possa ser assim.

Como será depois, quando o novo ser humano vier? Então surge o que também está mencionado nos escritos esotéricos. Surge o que se chama que o Príncipe da Paz toma o seu assento. O Príncipe da Paz na verdade não é nenhuma figura, mas uma consciência. É quando os dois princípios que estão em oposição um ao outro batem em retirada. Ou seja o princípio Adão e Eva que surge da armadilha da impressão. Não

estão aí desde o início da vossa vida. Aquilo a que chamo Príncipe da Paz é na verdade o seguinte: os dois elementos de base que trazeis desde o nascimento são os que então se expressam através do ser humano. É a energia divina masculina, é a energia divina feminina que não estão em oposição um ao outro, não contra ninguém na sua proximidade. Mas colaboram, cooperam e constroem um mundo novo das cinzas, do velho sonho.

Bênção

Assim, Mãe/Pai!

Não é fácil, Mãe/Pai, rezar uma oração ou dar uma bênção. Vivem numa esfera de consciência que é vossa. Cada passo que dão no seu caminho de vida – aí já estais Vós. Estendais o seu caminho na vida? Não, mas seguem-nos. Independentemente de onde agora andem, aí está a vossa voz suave, a vossa mão quente e podem sentir o vosso hálito na sua face. A própria vida, Mãe/Pai, é o vosso hálito. Seguem-nos no caminho, na vereda, em todo o lado onde andam. Seguem-Vos eles? Sim, seguem. Bem fundo nos seus corações tendes os mesmos passos, o mesmo ser, o mesmo pensamento, o mesmo corpo. Sois uma unidade e eles andam como Deuses sem o saber! Mãe/Pai, despertai-os para a compreensão de que Vós e eles estão unidos uns aos outros! Despertai-os para a compreensão para que possam mudar este mundo para aquilo para que estavam destinados: ser jardineiros. Cuidar das suas flores, outros seres humanos, poder dar do seu conhecimento, do seu calor, do seu amor e da sua suavidade. Ajudai-os a encontrar-se a si mesmos!

Quero abençoá-los em Vosso nome, no nome dos Vossos filhos e no nome do Espírito Santo.

Amém